

PROLOGO

13/02/2000 - 04/01/2009

Kim Chung Lee sorriu para a sua mãe, e ela sorriu de volta, tentando se levantar da cama. Kim a fez deitar-se de novo, com uma mão, e falou:

— Comprei aquela boneca que Mina queria.— comentou.

O sorriso apagou-se do rosto da anciã:

— Meu filho, você não...

— Eu fiz o que tinha que fazer.

— Eu lhe disse que você não deveria seguir os passos de seu pai. Foram esses mesmos erros que tomaram a vida de Jun. Eu não quero que você arrisque sua vida desse modo!

— É apenas a minha vida, mãe. O que ela vale frente à vida de vocês? Você precisa de um médico, e não está em condições de trabalhar. Não está há muito tempo. Mina precisa de uma infância decente, não de lembrar-se apenas de passar fome. A casa precisa ser mantida. E é necessário dinheiro para isso. Dinheiro que não conseguirei de outro modo. E você não está em condições de consegui-lo, mãe. Não se preocupe, eu vou tentar me manter longe das piores encrencas. Lembra o amigo do papai, Tio Jinx? Aquele de cabelos raspados, que sempre se vestia de branco como um médico? Ele está doente, e não tem filhos, acho que não tem nem mesmo família. Ele me aceitou como seu aprendiz.

— Você vai ser aprendiz de um homem cujo ofício é ministrar dor às pessoas?

— Eu vou ser o único aprendiz jamais aceito pelo maior mestre torturador da Coréia. E Jinx prometeu-me ensinar alguns truques também. Já vem ensinando.

— Há quanto tempo?

— Seis meses. Hoje foi o meu primeiro serviço. Ele falou em duas horas. O chefe me aprovou. Vou começar a aliviar a carga do Jinx, ele já está com alguns problemas para suportar o serviço hoje em dia.

— Mesmo os demônios morrem. Mas você quer aprender como ser um demônio, filho? Uma vez que tenha vendido sua alma, não haverá como consegui-la de volta.

— Eu não vejo muitas escolhas, mãe. Mas não se preocupe. Irei apenas fazer o que for necessário.

APENAS NECESSÁRIO

Steve ponderou sobre a oferta. O salário que estavam oferecendo era realmente tentador. Aquilo tudo apenas por fazer parte de uma organização? Já ouvira falar da Shadaloo, não fazia muito tempo. Financiada pelo governo de uma pequena ilha-país ao sul da Tailândia, Mriganka. Deixaria de ser um pirata para ser um corsário.

Mas a oferta parecia boa demais.

No entanto, se recusasse, o que eles fariam? Qualquer um que oferecesse tanto na aproximação amigável estaria disposto a ser três vezes mais efetivo na aproximação forçada. No mínimo o matariam. Poderia ser pior.

— Claro. Eu aceito. — ele sorriu.

— Ahmn? Você não quer um tempo para pensar? — o garoto de recados surpreendeu-se. O outro aceitara assim que ele terminara de falar.

— Já pensei. — Steve sorriu. — Oras, é uma ótima oferta. Por que a surpresa?

— Eu... — o garoto de recados, que não era realmente um garoto mas um homem, com quase o dobro do tamanho do franzino Steve, este sim um garoto, em seus dezesseis anos, pensou em todas as instruções que tinha para o caso dele não aceitar. Se entristeceu, pois não poderia testá-las. — ... está bem. É essa a sua resposta?

— Sim. Estou às ordens da grande Shadaloo a partir deste instante. No entanto, se for possível, eu gostaria de informar isso ao meu antigo chefe. — Steve sentia que devia isso a Huang. Seu antigo patrão sempre fora correto com ele. Pior, ele confiava em Steve, e Kim Chung Lee se sentiria muito mal se tivesse que traí-lo. Além disso, a pergunta lhe permitiria avaliar melhor a situação em que estava.

— Ele provavelmente continuará a ser seu chefe. — o homem de recados riu. — Meu primo foi falar com ele. Queremos a organização de vocês a nosso serviço, Steve. Você não é uma peça importante, é apenas mais um dos peões que devemos convencer.

— Nunca adivinharia isso pela sua oferta. — sorriu. — Mesmo assim, eu gostaria de poder falar com Huang. Eu poderia ter esta permissão, ou vocês planejam tomar a organização por baixo caso ele não ceda?

— Não é óbvio?

— Claro. — Steve ponderou sobre suas escolhas, e decidiu-se. — Creio que continuarei a insistir. O velho Huang pode ser tolo por vezes, no entanto, a voz de um amigo pode fazê-lo ouvir a razão.

— Nesse caso você seria inútil para nós. Se Huang for teimoso, mas souber que você é um dos nossos, que valor você terá?

— Nenhum. E ou Huang me matará, ou vocês. Estou disposto a correr esse risco. No entanto, estou sob as ordens da Shadaloo agora. Tenho permissão para tentar convencer meu antigo patrão a vir para o seu lado?

O homem parou. O rapaz franzino à sua frente o encarava sem o mínimo medo, e falava sobre a própria morte sem que a mínima emoção transparecesse em sua voz. Estava disposto a apostar a própria vida para evitar trair seu chefe. Ele podia admirar isso. Se aquele moleque não estivesse mentindo. Talvez fosse melhor matá-lo de uma vez.

— Espere. Eu não posso decidir isso. Mas basta um telefonema.

Foi até o telefone da sala, o rapaz obedientemente ao seu lado. Ele não tentou nada, apenas esperou que ele falasse. De propósito, perguntou ao seu chefe se devia terminar o caso ali mesmo ou...

O chefe estava irritado. Huang tinha, como as previsões haviam dito, recusado a oferta. O primo tinha sido espancado, mas estava vivo. O chefe já estava preparando as retaliações, mas praguejava, pois elas podiam sair pela culatra, e a organização de Huang era forte o suficiente para que a guerra durasse meses. Mas, quando ouviu a oferta de Steve, seu humor mudou. Disse que iria manter as retaliações suspensas por três horas. Que dessem ao torturadorzinho a oportunidade de falar com seu chefe. Caso não desse certo, matariam os dois.

— Okay, chefe. — Steve ouviu o homem dizer, ao desligar o telefone. — Você tem três horas.

— Obrigado. — fez uma vênia. — Sendo assim, irei imediatamente.

Steve decidiu andar ao invés de tomar algum outro meio de transporte. Para a distância que iria percorrer, e com o trânsito que estava, iria mais rápido. Encontrou seu antigo QG numa balbúrdia. O velho Huang gritava ordens e ordens, espezinhado pelo desafio que fora feito à sua autoridade. Steve parou na sua frente, e ficou a esperar que ele lhe notasse. Demorou alguns minutos.

— E você, mexa-se! Aliás, o que está fazendo aqui?

— Preciso falar com o senhor.

— Claro, claro, não precisam todos?

— Um agente de outra organização veio contatar-me hoje.

— Claro que vieram contatá-lo! Todos os malditos! Vieram fazer-me propostas também os bastardos! Chutou as bundas desses filhos de uma égua devidamente, Steve?

— Não. Na verdade eu aceitei a proposta.

Huang estava desarmado. Se não estivesse, Steve teria morrido naquele mesmo instante. Mas Kim tinha reparado nisso antes de falar. Assim como estava preparado para receber o soco que veio.

— Então você é um maldito traidor. E veio anunciar isso, traíra?

Steve sorriu, limpando o sangue do canto da boca e levantando-se:

— Claro. Eu traí a organização, com medo do que fariam comigo e tentado pelo ouro que ofereceram. E vim aqui anunciar isso, para que o senhor me mate de um modo pior do que eles matariam e antes de poder aproveitar o ouro. Sim, senhor, é exatamente isso.

Huang parou:

— O que você quer dizer?

— Preciso falar com você, chefe. E preciso que você me ouça.

Huang fitou-o, o ódio ainda lhe queimando o olhar. Steve enfrentou-o. Por fim, o velho chefe sorriu, e logo o sorriso se tornou numa gargalhada:

— Está bem, Kim, vamos para a sala. Eu vou te ouvir.

Saíram da multidão de capangas, a maioria dos quais espantado pelo nome que o chefe usara. Afinal, não era de conhecimento público que Steve era um codinome.

— Ok, chefe, a parte do “querem nos comprar” você já ouviu. Mas... você já parou para pensar nas alternativas?

— Que alternativas? Você sabe que tipo de organização é a Shadaloo, Kim?

— Não, na verdade não.

— Kim, imagine isso: eles são um pessoal que me deixa enojado, tal o ponto a que chegam. Agora, pense bem. Sou eu, o velho Feng Huang. Você é o sucessor de Jinx. Executa alguns dos serviços mais sujos que peço, e sabe que eles são realmente sujos. Agora imagine, essa Shadaloo me mete medo. Eles são mais baixos que o pior que eu já tenha pensado algum dia em ser. E um pouco mais. Entende por que eu não posso me vender a eles?

— Isso é exatamente o porquê você deve se vender a eles.

— Como assim?

— Chefe, você tem família. Aiko. As crianças. E você acabou de dizer como eles são baixos.

— Aiko e as crianças estão bem. Mande Larry e Tom cuidarem deles.

— Imagino que eles não devam estar mais na cidade, agora. Um pequeno bunker no interior?

— Não me lembro de ter alguma vez falado nesse assunto com você.

— Você está muito confiante para ser alguma coisa menor. Um bunker, não? Inexpugnável? Com sua mulher e suas crianças cuidadas por seu braço direito e seu sobrinho. Acredito que a família de Tom esteja indo junto também, não?

— Não.

— Por que não? A família dele deve estar em tanto perigo quanto a sua. Todos sabem que ele é seu braço direito. Ele não lhe pediu para levar a família também?

— Não, ele não pediu, Steve. Aonde você quer chegar?

— Desculpe, chefe, mas você manda a sua família para um lugar seguro, junto com seu braço direito, e ele não pede para levar a família dele, que também vai estar em perigo, e pior, longe dele, que, estando com a sua família, não vai poder proteger a própria? Chefe, o Tom é louco pela esposa. E pelo pequenino que nasceu agora. Ele não iria esquecer-se deles. Nunca.

— Talvez ele tenha levado sem me...

— Não, chefe, ele não levou. Ele não teria esquecido de lhe falar. É que ele não está preocupado. A família dele está segura. Lembra que o pequeno Jim estava no hospital? Internado? E lembra como Tom estava perturbado esses últimos dias pela doença dele?

— Acha que...

— Eu não acho. Eu sei. As coisas se encaixam com lógica demais para não ser assim. Você é a última pessoa com quem falaram, chefe. E só falaram com você depois de terem certeza de que todos que precisariam ceder já tinham cedido. Seu bunker pode ser inexpugnável. Mas Aiko e seus filhos nunca vão chegar lá.

— Eu... eles não ousariam, são... eu só iria com mais raiva atrás deles!!!

— E de que adianta a vingança sobre os corpos mortos? Você vai mesmo arriscar? Eu não vou. Eu não dou tanto valor assim para o ouro deles, nem para a minha vida, mas não vou arriscar a minha família indo contra o inevitável.

— Mas... trabalhar para caras como esses... é como vender a alma!

— O que, você ainda tem a sua? Nossa, você deve ser um cara de sorte. A minha eu perdi numa gincana há uns quatro anos atrás.

Huang olhou para ele. Quatro anos. Fora há quatro anos que Steve entrara na gangue. E as negociações que tinham levado ao seu primeiro serviço haviam sido realizadas numa inocente o suficiente gincana.

— Você tem razão.

— Que bom. Consegui quinze minutos antes do prazo.

— Que prazo?

— Os homens da Shadaloo tinham me dado um prazo. Três horas para convencê-lo antes deles começarem as retaliações.

— Que tipo de retaliações?

— Fora o fato de que me matariam, não sei de mais nada. Mas posso imaginar. Você também, chefe. Posso ligar para eles?

— Por que me pergunta? Você trabalha para eles agora. Não sou mais o seu chefe.

— Sério? Por que me dei o trabalho de vir aqui, então?

Huang o fitou, e sorriu.

— Obrigado, Steve. Eu sei que você está tentando ser leal... na medida do possível.

Steve ligou. Ouviu os homens da Shadaloo comemorarem. Dois dias depois, Huang passou em sua casa, que não era mais a mesma casa de sua família (pois assim como tinha adotado um nome novo para protegê-los, o endereço novo também parecera necessário).

— Vim agradecer-lhe, Steve.

— Pelo quê?

— Quando você ligou, eles tinham Aiko e as crianças amarradas em minha casa, molhadas de gasolina, e um homem a acender um isqueiro. Eles as soltaram, porque você me convenceu e lhes ligou. Tom tinha cedido em troca da vida de seu filho. Meu sobrinho Larry estava simplesmente comprado. Se você não tivesse sido leal como foi, arriscando-se para me fazer ver o inevitável, eu teria perdido tudo o que tenho de mais caro na vida. Verdade, perdi o meu orgulho, mas ele não vale o mesmo que Aiko e as crianças. Você é um verdadeiro amigo, Steve. E talvez eu nem esteja tão mal. Terei uma certa autonomia, só preciso trazer lucros ao meu novo patrão. No entanto...

— No entanto?

— Você se prejudicou por me ajudar Steve. Chamou-lhes a atenção. Eles querem você em Mriganka.

— Talvez isso não seja prejudicar-me.

— Acredita nisso?

— Acredito que por enquanto não estou em maus lençóis, e na minha capacidade de virar a maré ao meu favor se necessário.

— Desejo-lhe sorte.

— Obrigado, chefe.

— Não sou mais seu chefe.

— Ah, está bem. Então... hum... obrigado, amigo.

Cumprimentaram-se com um abaixar de cabeça, e Huang o deixou. Steve ficou a pensar. Seres que faziam o velho Feng Huang ficar enojado. Não parecia bom subir numa organização dessas.

Mas não tinha alternativas. Portanto...



Mriganka. Steve olhou para a paisagem da janela do avião. Parecia uma daquelas ilhas paradisíacas do Pacífico que se vêem em filmes.

— Incrível, não? Alguma vez pensou que estaria aqui?— seu companheiro de assento no avião perguntou-lhe.

— Não, nunca.

— A capital do crime mundial. Não existe um criminoso no mundo que não a conheça.

— Para dizer a verdade, só ouvi falar dela pela primeira vez há dois meses atrás.

— Você está brincando! Todos conhecem Mriganka!

— Não. A maioria das pessoas não conhece. Se conhecessem, eles seriam amadores. São criminosos, não pop-stars.

— Mas no mundo do crime...

— O que o faz achar que no mundo do crime as pessoas são mais bem informadas que os cidadãos comuns? Conhecemos aqueles com quem trabalhamos, sim. Conhecemos aqueles querem ser conhecidos por nós, eles se fazem notar. Temos algum conhecimento de quem trabalha perto de nós, o suficiente para não invadirmos o território de ninguém sem que queiramos isso. Não mais.

— Uma pessoa bem informada não pode deixar um gigante desses passar despercebido.

— Verdade? Você poderia me dizer o que a Omni TV, a Sunburst International, a Circinus Brand, a Avalon e o O'Tolleys têm em comum?

— São todas empresas da Shadaloo!!!??

— Não. São de um conglomerado empresarial chamado Pentex. Como qualquer um que pesquisasse um pouco antes de investir em ações descobriria. Mas ninguém se preocupa com isso. Temos um super-mega-gigante empresarial, e ninguém o conhece. Por que mesmo você acredita que uma organização criminosa, por maior que seja, seria bem conhecida?

— A Shadaloo precisa impor medo para ser respeitada. Que um gigante comercial poderia fazer? Acha que uma empresa como a Pentex iria matar alguém? Você é reconhecido quando assassinos trabalham a seu mando no mundo inteiro.

— Sério? Ah, talvez você esteja certo.— Steve sorriu, acariciando uma velha cicatriz e lembrando-se como ele, Kim Chung Lee, havia aprendido sobre a Pentex. Tinha falado para o velho Huang que ele teria que pagar o triplo da próxima vez que quisesse que ele torturasse um monstro daqueles. O ácido tinha acabado com muitas boas ferramentas. Imaginar como eles tinham transformado um ser humano naquilo acabara com sua auto-estima. Eles eram torturadores muito melhores que ele, Steve. — De qualquer forma, o avião já pousou mesmo. É uma dica do piloto para terminarmos a conversa.

— Em que hotel você está?

— Não sei ainda. E não vou poder ajudar-lhe.

— Eu só fiz uma pergunta!

Steve sorriu, e murmurou. Suas palavras soavam um pouco estranhas na boca, pois seus lábios não seguiam os movimentos que deveriam para falar... um truque útil de disfarce que Jinx havia lhe ensinado. Eram muito mais comuns as câmeras espiãs que viam apenas imagens de aquelas que gravavam imagem e som.

— Meu caro, você não é um criminoso. Isso está estampado em sua cara. Mas acredita estar vindo para uma toca de víboras. Você está aqui em uma missão de algum tipo, provavelmente uma dessas cruzadas heróicas para vingar parentes mortos, ou talvez você apenas se ache um guerreiro da justiça. Não estou certo?

— E se você estiver?

— Se eu estiver, eu não posso ajudá-lo. Sou apenas um novato aqui, como você. Aliás, também não quero ajudá-lo. Você parece ser um imã de problemas, e eu não gosto de problemas.

— E o que vai fazer? Me denunciar?

— Não. Vou apenas lhe desejar boa sorte e um bom dia. Não tenho razões para lhe querer mal.

— Meu pais foram mortos. Por um agente DELE.

— Meus pêsames. E não fale alto. Pode atrair atenção. Aliás, não se confesse com qualquer um também, não é saudável. Tenha um bom dia.

Steve saiu do avião. Amadores. Ficava enternecido com a sua boa vontade, mas suspirava por sua estupidez. Podia ver que o garoto estava furioso com a sua reação. Mas o que ele queria? Que qualquer um que não se voltasse contra ele se tornasse em um aliado automaticamente? As coisas não funcionam assim. Steve não era uma pessoa honrada e justa. Seu pragmatismo sempre vinha antes disso.

Ou, ao menos, assim acreditava. Pois não foi assim que foi apresentado ao “grande superior” pela revista na qual passou. O chefe de operações que tomara a organização de Huang fez um belo discurso sobre o como ele tinha sido honrado ao não trair seu antigo chefe mesmo aceitando a oferta da Shadaloo. O “grande superior”, um homem com uma cicatriz maior que a cara no olho e o tamanho de cerca de três armários e meio cujo nome não havia lhe sido dito (mas que eles obviamente esperavam que ele soubesse) o observava de uma forma inescrutável. Quando o chefe de operações terminou, ele lhe perguntou, diretamente:

— E o que você diz de tudo isso?

— Que é mentira. — Steve sorriu. O chefe de operações o olhou chocado, e parecia prestes a estrangulá-lo, não fosse o fato do “grande superior” estar ali ao lado.

— Por que mentira? — perguntou o grande superior.

— Porque Khutank, — Steve perguntou-se mais uma vez onde tinham arranjado aquele nome estúpido. — está a confundir honra com praticidade.

— Praticidade?

— Sim. Honra seria ter-me recusado a fazer parte da sua organização, por lealdade a meu antigo chefe. Se eu tivesse feito isso, ele poderia fazer um discurso de quão honrado corajoso e estúpido eu teria sido. Pois a oferta de vocês era uma daquelas que não se recusa. Bem, eu fui uma pessoa prática, e não recusei. Mas o velho Huang me ensinou sobre o mundo do crime. Ele me conhecia muito bem. E por maiores que vocês sejam, ele era bastante grande na Coréia, e não seria derrubado tão facilmente. Ele teria tempo de sobra para se vingar. Portanto, eu também não poderia traí-lo. Portanto, eu apenas fiz o que era mais prático. Convenci-o a vender-se a vocês. Assim não me arriscava de nenhum dos lados. Isso é praticidade.

— E por que você não nos deixa acreditar que seja honra?

— Deixá-los com uma impressão falsa poderia ser extremamente desagradável no futuro distante, por mais que contradizer meu superior imediato possa me trazer problemas no futuro próximo. Além do que... francamente, um homem honrado não estaria na nossa profissão.

— Você acredita nisso?

— Sim.

— Nem mesmo um homem tentando ser o melhor no que faz?

Steve sorriu:

— Você é um lutador, não?

— Já ouviu falar de mim?

— Desculpe-me, mas na verdade não. Nunca acompanhei circuitos de lutas. Falo isso pelo seu jeito e pela expressão. “Ser o melhor no que faz” é uma ambição típica de lutadores. Eu nunca almejaria ser o melhor no que faço. Eu teria que ser um filho da puta pior do que já sou para isso.

— Qual a sua especialidade?

— Tortura.

— Entendo. Steve, não é isso?

— Sim.

— Nome peculiar para um coreano. Você diz que é prático. Que apenas evitou riscos maiores. No entanto, foi falar com Huang sabendo que ele poderia matá-lo assim que o visse e que se não conseguisse convencê-lo em três horas nós terminaríamos com você.

— Oras, eu conhecia o velho Huang. Sabia o que esperar dele. Além disso há coisas que são mais importantes que a minha vida.

O “grande superior” soltou uma gargalhada, o que deixou claro a Steve que ele não o compreendera, mas desta vez não tentaria corrigi-lo.

— Sabe, acho que fui com a sua cara. — ele disse, antes de ir embora. — Você tinha razão, Khutank. Acrescente-o à minha equipe de treinamento.

Khutank o fitou com um sorriso:

— Quase tive vontade de estrangulá-lo, pivete. Mas você se saiu bem. Não é comum assim que Sagat goste de uma pessoa à primeira vista.

— Sagat?

— Sim. Quem você acha que ELE era?

— O “grande superior”.

— Não, este seria o Sr. Bison. Não conhece nada?

— Por que todos aqui acham que criminosos são pop-stars?

— Eles são pop-stars. São alguns dos lutadores mais famosos do mundo.

— Bison e Sagat?

— Bison e Sagat e Vega e Balrog. Os líderes da Shadaloo.

— Peculiar. E o que é a equipe de treinamento de Sagat?

— Alguns novatos sob ordens diretas dele. Eu fui um deles uma vez. Sagat não ministrará lições pessoalmente, é claro, pelo menos não muitas. Ele tem mais o que fazer do seu tempo. Mas ele é um dos que organizam as coisas por aqui.

— Certo. Quais são minhas ordens imediatas, então?

— Irei apresentá-lo a Trunks, o chefe-interino. Na prática você obedecerá a ele.

— Okay.

— E nada mais de fazer-se de esperto, ouviu?

Steve apenas sorriu.



Um pesadelo. Aquilo só poderia ser um pesadelo.

Deveria ter imaginado isso quando Khutank lhe dissera que todos os grandes chefes da organização eram lutadores. A política da organização era toda baseada em luta livre. Em serem capazes de lutar a mãos nuas, derrotar seus oponentes sem nenhuma arma se necessário. A “equipe de treinamento” tentava ensinar essa filosofia. Havia treinos diários, mais que diários, pelo menos dois treinos por dia. De luta. E Steve era pequeno e fraco mesmo para a sua idade e nunca sonhara em aprender a lutar. Muito menos a fazer as loucuras que os outros daquele grupo escolhido a dedo faziam. Ainda ficava parado feito um gamo imbecil paralisado por faróis de carro cada vez que eles faziam afrontas à física vulgar, lançando bolas de fogo puro com as mãos ou coisas do gênero. Estava passando mais tempo no hospital que trabalhando. Alguns de seus colegas mais piedosos até tinham lhe tentado ensinar um ou dois golpes básicos, mas só conseguia acertá-los se o deixassem e não conseguia machucar ninguém com eles, de qualquer forma. Estava começando a aprender a fugir, mas mesmo isso não era muito útil. As lutas não tinham tempo máximo, duravam o quanto o “sensei” dissesse que durariam. E o sensei, que já estava com raiva de seu estudante, nunca o deixava sair ileso, por mais que ele se esquivasse de golpes. Segundo ele, qualquer um capaz de esquivar-se era também capaz de bater. Steve considerava essa lógica especialmente retorcida.

Era motivo de risadas nos corredores, e estava a ser solenemente ignorado, mesmo por aqueles que haviam sido gentis a princípio. Seu fracasso era patente, e Steve não sabia sequer como reagir. Uma pessoa não pode ser capaz em todos os campos, e Steve nunca pretendia ser um bom lutador. Que quisessem que ele o fosse agora era frustrante. Sequer conseguia tentar aprender. Os outros estavam em um nível tão superior que suas tentativas patéticas apenas ficavam mais patéticas. E dolorosas.

Sua especialidade sempre fora como torturador, às vezes como conselheiro. Tinha idéias rápidas e uma boa capacidade de abstração, mas sua destreza em combate deixava a desejar, e sua força era absolutamente ridícula. Começava a acreditar em sua capacidade de ser espancado, depois daqueles cinco meses. Só não o tinham morto ainda porque os outros pegavam leve. Às vezes desejava que não pegassem. Não valiam à pena, as risadinhas, e pior, estar totalmente isolado. Steve nunca estivera sozinho, sempre tivera sua mãe, sua irmã, seus amigos. Agora, em Mriganka, era apenas ele. Isso era pior que qualquer tortura.

O pior é que Mriganka parecia composta de lutadores que o desprezavam por ele não conseguir ser um deles, camponeses que o temiam por ele andar com o uniforme da Shadaloo (obrigatório) e cientistas que o desprezavam por o julgar um lutador brutamontes. Steve estava a ponto de enlouquecer quando decidiu tomar uma atitude. Os lutadores já o ignoravam por default, portanto, tinha duas outras categorias de pessoas a tentar convencer de que não era um fantasma inexistente.

Os camponeses eram o mais fácil. Se aproximou primeiro de crianças, que esqueciam-se facilmente das admonições paternas de precaução, a partir destas, fez amizades com os pais. Foi duramente censurado por Tranks por causa disso. Se supunha que os camponeses deveriam ter medo das tropas da Shadaloo. Eles não podiam acreditar que havia pessoas gentis entre elas.

Esta saída fechada, tentou os cientistas.

Os cientistas eram principalmente arrogantes. Eram inteligentes, e julgavam que os lutadores eram bestas quadradas. Precisavam disso para a sua auto-estima, num lugar onde valorizavam tanto a capacidade marcial da pessoa. Steve, que não tinha capacidades marciais, achava-os mais fáceis de convencerem que os lutadores. Uma boa percepção ajudou-o a descobrir um ou outro assunto que os que pareciam ser mais abertos estudavam. Depois de ler alguns livros, embora não se tornasse um especialista no assunto, Steve já o entendia o suficiente para falar sobre eles sem confundir-se.

Então, enquanto fazia algumas das tarefas braçais que Tranks agora dera para impingir-lhe, começou a soltar alguns comentários. O suficiente para deixar pessoas curiosas, e não é difícil deixar um cientista curioso. Depois de duas semanas, já tinha com quem conversar nos horários das refeições. Os cientistas pareciam divertidos com sua visão leiga dos assuntos da ciência. Por vezes ele até os ajudava, com o puro bom senso que um pesquisador às vezes esquece.

Obviamente, foi num dia em que estava a divertir-se, pois tinham tocado num assunto que conhecia especialmente: como dobrar a vontade de pessoas, que Sagat apareceu para inspecionar suas tropas pessoalmente.

Estava explicando àqueles cientistas que não conseguiam entender como lavar a mente de uma pessoa sem usar produtos químicos e semelhantes como funcionava a tortura do quarto branco, uma de suas favoritas...

— Basicamente, o problema disso é o tempo que demora, uma média de três meses, mas já tive quem cedesse em duas semanas, e quem suportasse por mais de cinco meses. Não é preciso muito... o quarto branco nem precisa ser mesmo branco, ele só precisa ser isolado, sem janelas, sem nada que distraia o prisioneiro e sem possibilidade de fugas. Os interruptores das lâmpadas devem ficar no quarto do prisioneiro, ou então as lâmpadas devem permanecer sempre acesas. Esse é um detalhe que muitos esquecem, e os mais espertos sabem qual é o tempo pelo acender e apagar das luzes. Outra coisa a evitar é fornecer ao prisioneiro qualquer coisa com que possa anotar, lápis, papel, qualquer coisa assim. Ele não deve ser capaz de marcar quanto tempo permaneceu no quarto. Você deixa a pessoa sozinha, completamente sozinha. Deixa-a assim por uns três dias, monitorando constantemente, pois nesses três dias a possibilidade dela enlouquecer é grande, e se pode ter que agir antes. Quando a pessoa já perdeu completamente a noção do tempo, você aparece, trazendo uma bandeja de comida.

— A pessoa não é alimentada durante os três dias?

— Não. Como é sempre necessário algum ambiente para a higiene pessoal, a pessoa tem água, no banheiro, mas nada de comida. A fome pode servir de relógio também, e você não quer que a pessoa tenha relógios. Claro, quando você começar a aparecer, umas duas vezes por dia, a pessoa vai ter um relógio, e os mais espertos começam a contar quantas vezes você aparece, numa espécie de calendário. Mas isso se vira ao seu favor, depois. É mais um ponto em que a pessoa depende de você. E o ideal é aparecer em intervalos irregulares, isso os deixa ainda mais confusos.

— E se a pessoa tenta o atacar quando você aparece?

— As pessoas SEMPRE tentam atacar. Por isso, nunca deixe nada perigoso no quarto. Nas primeiras visitas, você deixa alguém monitorando. Se parece que a pessoa vai o matar, eles liberam gás anestésico no quarto e o tiram de lá enquanto estão os dois inconscientes. Mas geralmente as pessoas não chegam a isso. Elas tentam fugir primeiro e descobrem que não conseguem. A entrada para o quarto é sempre dupla, e uma porta fica trancada enquanto a outra está aberta. E se elas batem em você e não conseguem nada com isso, apenas ficam frustadas. É um sentimento ótimo para se explorar depois. A partir daí, é

a experiência do torturador contra a força de vontade da pessoa. Você é a única coisa fixa em seu mundo, a única pessoa em que ela pode confiar, pois é a única pessoa disponível. E você usa isso. É fácil distinguir as fases. Primeiro, a revolta, enquanto a pessoa ainda se lembra do mundo exterior. Depois o desespero, quando ela percebe que nada do que faz pode mudar sua situação. Então passa para a fúria. Você é um símbolo de tudo o que ela odeia, e assim ela odeia você também. Tenha medo dos que não o atacaram na fase da revolta, pois todos atacam na fase da fúria, e os que não perceberam que ataques não servem para nada são muito mais brutais. Depois, quando vêem que nem isso lhes adianta, vem a fase do arrependimento. Ficam realmente arrependidos por terem o machucado, pois você é o único que vêem se importando com eles. Daí a progressão é constante. Primeiro, a conversação. Ficam mais falantes, desistem de ser hostis. Deve-se tomar cuidado com as notícias que se dá do exterior, o talento do torturador está nisso. Nunca se dar datas é uma obviedade, mas que notícias falar e quais ocultar, e como... aí está a verdadeira arte. Dessa fase passam para a ansiedade. É fácil de notar, esperam que você chegue como se esse fosse o único evento de suas vidas, até porque é mesmo. Então a confiança. Se você precisava que dissessem algum segredo, é só nessa fase que o consegue, e ele pode estar muito defasado. É por isso que esta tortura quase nunca é usada, isso e os gastos, pois o quarto deve ser seguro para funcionar, com ventilação artificial, lixos que possam ser removidos sem se entrar no quarto, mas pelos quais o prisioneiro não possa passar... é necessário planejar muito antes. E por fim vem a regressão. A sua simples presença já não é suficiente para manter a loucura longe da pessoa. Ela regride, como uma criança, muitos chegam a chorar no seu colo. Essa é a fase segura para libertá-los. O torturado não consegue sequer odiar você. Você foi seu único amigo por tanto tempo, uma infinidade na opinião deles, que ficou marcado como tal nos recessos mais profundos da mente dele. Ele se arrisca para não o trair, e por mais racional que seja, não consegue entender, emocionalmente, que você não seja um amigo. Se souber lidar com a pessoa, então, seria tão difícil que ela o traísse quanto fazer que ela traísse a própria mãe, ou mais. Você só tem que lembrar-se de jamais machucar o alvo, durante todo o processo. Isso é uma coisa que marca. E se você nunca foi uma ameaça, mesmo quando ele estava mais vulnerável, ao contrário, foi sempre uma espécie de “âncora de salvação”... ah, não espere que a pessoa consiga racionalizar e perceber o quanto você foi filho da puta, ela não vai. A síndrome de Estocolmo fala mais alto. Sem choques, sem drogas, a lavagem mental mais definitiva e certa que conheço. Basta usar os sentimentos da pessoa contra ela mesma. Só um toque de psicologia. — Steve sorriu, para depois desfazer o sorriso. Empolgado falando de sua especialidade, especialmente de algo que considerava o supra-sumo de sua arte, uma tortura definitiva para mudar a mente das pessoas sem jamais machucá-las fisicamente, não notara a mudança de expressão de seus companheiros. Vê-los subitamente pálidos o alertou para olhar para trás, mas não muito rápido.

— Isso não é nada correto. — Sagat falou, e a princípio, Steve gelou.

Quase ao mesmo tempo, reagiu. O que de pior poderia acontecer afinal? O “Grande Superior” lhe dar uma punição? Provavelmente seria para o seu bem. Da última vez ele o recompensara e olha onde ele fora parar.

— Como eu já disse, se eu fosse um homem de bem, eu não estaria aqui. — Steve sorriu, virando-se na cadeira completamente, para fitar Sagat olho no olho.

— Você disse que se fosse um homem honrado não estaria aqui.

— As definições são próximas o suficiente, para mim. — cerca de metade das pessoas no refeitório começou a procurar pelo esconderijo mais próximo. Sagat era temido, não sem razão. E aquele coreanozinho de meia pataca, que não lhe chegava à cintura, um

fracote, como todos sabiam nos treinos, estava a enfrentá-lo com um sorriso nos lábios e sem demonstrar o mínimo medo, sentado em sua cadeira como se conversasse com o seu vizinho. Desafiando alguém que poderia matá-lo com um piparote!

— Já conheceu alguém que se enquadrasse nessas suas definições?

— Várias pessoas. Admiráveis, todas elas.

— Se as admira, por que não tenta segui-las?

— Cada um tem seu próprio destino. Eu não fui feito para ser uma pessoa admirável.

— Eu não acho que seja isso. Eu acho que você se orgulha do que faz.

— Verdade?

— Um orgulho imerecido, por sinal.

— Sim, você está certo.— Steve sorriu.

Sagat esperava qualquer comentário, menos aquele. Pausou um momento, surpreso.

Foi nesse momento que começaram a soar as sirenes do alerta vermelho.

“Invasão no laboratório 171”, o sistema de som informava. “Intruso encurralado no laboratório 171”.

Robert, o cientista responsável pelo laboratório (os cientistas eram os únicos a terem nomes normais em Mriganka) gritou, ao batalhão que já se punha a postos:

— NÃO!!!!!!! Existem experiências delicadíssimas no laboratório, vocês irão destruí-las todas!!!!

— Relatório, oficial.— Sagat rosnou para um mensageiro que acabara de entrar esbaforido, obviamente procurando-o.

— Um lutador não identificado que demonstrou ter poderes ligados ao vento matou um dos oficiais e foi perseguido, refugiando-se no laboratório. Ele estava aqui faz um tempo, parece que tinha se infiltrado entre o nosso pessoal, e...

— Chega. Não importa que...

— Senhor.— Steve chamou, levantando o tom de voz apenas o suficiente para ser ouvido no meio da algazarra. Sagat apenas relanceou os olhos por ele.

— Apresento-me como voluntário para corrigir a situação, senhor.

— O que você pretende fazer, soldado?— a última palavra foi cuspidada com desprezo. Steve apenas continuou sorrindo.

— Resolver o problema do intruso sem causar danos ao laboratório, senhor.

— E você acha que é capaz?

— A situação me parece plenamente dentro das minhas capacidades, senhor.

Sagat deu uma gargalhada:

— Você acha que é capaz de lutar contra um Street Fighter treinado, vencê-lo e ainda não causar dano nenhum ao laboratório?

— Não. Numa luta, ele certamente me mataria. Não preciso conhecer a capacidade do meu oponente para saber disso. Disse apenas que resolveria o problema.

Sagat o fitou:

— Está bem. Você tem uma hora. Depois disso, eu vou entrar. E se você e o intruso estiverem ambos vivos, matarei os dois.

— Roger, senhor. — Steve assentiu, e voltou-se para o cientista, pegando algo no bolso superior de seu casaco. — Com licença, Rob, mas vou pegar este emprestado.

Tirou o pequeno revólver, um vinte dois, que Steve sabia que ele levava.

— Você não vai dis...— Robert começou. Steve colocou a metralhadora padrão do uniforme de lutador capanga na mesa.

— O meu é grande demais para o serviço. E relaxe, Rob, eu não vou sair atirando em seus brinquedos. Você deveria se preocupar menos com o que as coisas são e mais com o que elas significam, sabe?

Saiu, andando, para o laboratório. Sagat ficou a fitá-lo, entre irritado e admirado.

“Quem afinal é esse cara?” — a pergunta rolava no refeitório. Sagat recusou-se a pronunciá-la.

Em voz alta.

Steve bateu na porta antes de entrar. Como não houvesse resposta, bateu de novo. Ninguém respondendo ainda, entreabriu a porta e colocou a cara para dentro.

— Oi! — viu o lutador não identificado. Surpreendeu-se um pouco: era o garoto que viera com ele no avião. Steve não esperava que ele durasse tanto. — Ah, você está realmente aí. — sorriu. — Posso entrar?

O garoto, tenso, vigiando a porta em atitude de batalha, pareceu confuso. Gaguejou um pouco antes de responder:

— É... pode.

Steve entrou e fechou a porta atrás de si. O melhor do laboratório de Robert é que ele conhecia as experiências que seu amigo estava a fazer. Algumas delas eram para embaralhar câmeras de vigilância. Ligou o botão da máquina respectiva, antes de começar qualquer coisa.

— O que você está fazendo? — perguntou o lutador.

— Ah, isso vai desligar as câmeras. Quero conversar com você e não quero ninguém a vigiar.

— Conversar?

— Você se meteu numa enrascada.

— Você vai me ajudar?

— Você ainda é um imã de problemas.

— O que quer dizer com isso?

— Você poderia me dizer como espera que eu lhe ajude?

— Não sei, talvez você saiba alguma saída deste lugar...

— A única saída é aquela. — Steve apontou para a porta. — Claro, poderíamos tentar derrubar paredes ou o teto, ou o chão, mas nos achariam muito rápido. Eles sabem que estamos aqui. Esse lugar é todo vigiado.

— Ou talvez possa ordenar qualquer coisa.

— Sou um soldado raso. Não tenho autoridade para nada.

— Você entrou aqui sozinho para discutir comigo.

— Ponto. Infelizmente, ele não o ajuda. Entrei aqui porque fui voluntário, e porque meu superior está pê da vida comigo, e quer me ver morto. Eu disse que poderia resolver a situação.

— Quem é seu superior?

— Sagat.

— Você não está muito melhor que eu, sabe disso?

— Sei. Mas isso na verdade não me importa.

— Você disse que havia uma situação aqui. E eles não entraram atrás de mim ainda.

— Há experiências delicadas sendo levadas aqui neste laboratório. Eles não querem destruí-lo. Açam que vão destruí-lo se lutarem aqui, então, naturalmente, estão hesitando.

— Posso usar isso em meu favor?

— Como?

— Posso ameaçar destruir tudo aqui se não me libertarem?

— As experiências não valem tanto assim. Sagat estava quase a ordenar que invadissem o território quando me voluntariei para tentar resolver isso de uma forma mais ordeira.

— Você sabia que era eu?

— Não. Eu imaginava que você já estivesse morto.

— Por quê?

— Porque seu plano era suicida desde o princípio.

— Ryu Hoshi e Ken Masters já fizeram isso.

— Eles devem ter tido sorte. Ou alguém não queria realmente eles mortos. A segunda opção é mais provável.

— Por quê?

— Esqueça os contos de fadas, garoto. Uma pessoa sozinha não ganha de um exército. É triste mas é a vida.

— Por que você se voluntariou?

— Para irritá-lo. Ele me colocou a treinar com lutadores, e eu não sou um lutador. Se eu irritá-lo o suficiente talvez ele me mude de emprego. Ou talvez me mate primeiro, mas estou cansado de ficar apanhando todos os dias nos “treinos” mesmo. E para provar que sou capaz de fazer alguma coisa.

— Você acha que é?

— Acho.

— E por quê? Como você mesmo disse, você não é um lutador. Eu poderia matá-lo, sabe?

— Claro. Por que não me mata? Acho que você consegue com um golpe só.

— Eu... droga! Ok. continue. Por que você acha que você pode resolver isso?

— Porque você, apesar da estupidez que fez, ainda é um ser racional.

— Acha que vou render-me?

— Acho que você mesmo é capaz de chegar à conclusão de que não é capaz de sair daqui vivo. Você tem quatro escolhas.

— Tudo isso?

— Sim. Você pode destruir todo o laboratório e provocá-los para que entrem e matem você. Você pode esperar aqui até que eles mandem as experiências catarem coquinho, entrem e matem você, o que vai acontecer em...— checou o relógio.— quarenta e cinco minutos. Você pode se render e ser preso por mim. O mais provável que aconteça então é que o torturem até que você entregue o nome de seus amigos que o ajudaram a chegar aqui, e depois o matem.

— Como você sabe que amigos me ajudaram a chegar aqui?

Steve sorriu.

— Como você sabe que eu iria ceder?

— Por que eu trabalho para eles. Já ouviu falar de Jinx?

— Não.

— Sim, é claro que não. Ele não era um pop-star. Era um criminoso de verdade. O maior torturador da Coreia, alguns dizem da Ásia. Não creio que ele fosse o melhor torturador da Ásia, há um pessoal em Hong Kong que é melhor que ele. Mas Jinx foi meu mestre.

— Eu deveria ter medo disso?

Steve se aproximou dele. Tocou-o, simplesmente, com dois dedos. Ele caiu no chão, gritando de dor.

— O que é isso, o maldito Dim Mac?— o lutador rosnou, ainda contorcendo-se.

— Ná, eu não luto kung-fu. Isso é uma amostra.— ajudou-o a levantar-se.— Você iria ceder.

— Eu ia.— o lutador concordou.— Uma amostra, você disse?

— Há coisas bem piores.

— Tenho medo de você. Acho que deveria matá-lo, e depois me render.

— Eles não aceitariam a rendição. Querem o seu sangue afinal, você matou um deles. E acha que eu sou o único torturador que têm?

— Você me falou que eu tinha uma quarta alternativa.

— Sim, você tem. Matar-se.

— Você está falando sério?

— Sim, eu estou.

— E por que eu me mataria?

— Porque você já está morto, não importa o que faça. Desta forma, pelo menos tem o orgulho de não ter se rendido. E não arrisca ser capturado e trair seus amigos.

— Eu poderia lutar até cair.

— Sim, você poderia. Vai desmaiar ou morrer primeiro?

Silêncio. O lutador sentou-se no chão.

— Droga! O que eu deveria ter feito?

— Não sei. Eu teria que estar no seu lugar para saber quais suas possibilidades. E eu não estava. Sei que você cometeu um erro no meio do caminho. Ou talvez, até não tenha cometido. Pelo menos você o matou? — Steve se sentou ao lado dele.

— Quem?

— O homem que matou o seu pai?

— O assassino sim. O mandante do crime não.

— Quão alto o mandante está?

— Alto. Mas não tão alto. Sabe quem é Yun Hashimoto?

— Sei. Alto burocrata. Coordena os negócios no Japão, a mando de Sagat, não é? Ele deu a ordem? Nenhum dos outros?

— Sim. Eu sei que foi ele. E ele deve estar rindo agora.

— Deve.

— Você não vai falar mais nada?

— Eu não posso lhe prometer nada.

Passaram-se cinco minutos de silêncio. O jovem sorriu.

— Obrigado.

— Eu não fiz nada. Nem disse nada.

— De uma forma estranha, muito estranha, acho que você me devolveu a esperança. E o mais estranho é que você tem razão, e eu aceito o seu argumento, o mais inteligente que tenho a fazer é me matar. Mas... eu poderia lhe pedir outro favor?

— Você não me pediu nenhum favor até agora.

— Pedi ajuda. Duas vezes já.

— E eu não pude ajudá-lo. Deixei-o chegar a um beco sem saída. Não são bons antecedentes.

— Verdade. Mesmo assim, você entregaria uma carta para mim? E... e eu poderia...

— Não irei denunciar qual o destinatário aos meus superiores. E que a entregarei em segredo. Esteja tranquilo.

— Mesmo?

— Juro pela minha família.

— Você também tem uma, não?

— Elas valem mais que almas, não?

— Valem. Eu... droga! Eu cheguei tão perto!

— Não teria os trazido de volta. E tudo na vida tem uma retribuição.

— Mesmo?

— Claro. Ela por vezes vem de onde menos se espera.— Steve se levantou, e remexeu em algumas gavetas, ignorando propositadamente o outro. O lutador estava a ponto de chorar, e não queria fazê-lo, especialmente com testemunhas. Quando voltou-se de novo, os olhos dele ainda estavam vermelhos, mas a lágrima já tinha escorrido e sido limpa às pressas.

— Papel, caneta, envelope e lacre. Não quer escrever na mesa?

— Lacre?

— Claro.— Steve sorriu.— Tenho que agradecê-lo.

— Pelo quê?

— Se você decidisse destruir o laboratório, e não há nada que o impeça disso, eu estaria em apuros. Você está me fazendo um grande favor.

Ele riu. Era o que Steve pretendia. Escreveu a carta e entregou-lhe, o nome do destinatário no envelope. Steve não sabia quem era, mas descobriria. E então se fitaram. Faltavam apenas três minutos. O garoto... mesmo que Steve também fosse um menino, era assim que o outro lhe parecia, estremeceu.

— Quer que eu o faça, ou prefere fazê-lo?— Steve perguntou. Tentou não passar emoções na frase.

— Eu... eu prefiro fazê-lo eu mesmo... mas...

Steve lhe estendeu o revólver.

— Coloque-o no céu da boca. Será rápido, ao menos.

Ele pegou o revólver, tremendo. Então, fitando o chão, disse:

— Sabe... eu não cheguei a lhe perguntar seu nome.

— Lee. Kim Chung Lee.

— Choi Ian.— ele colocou o revólver no céu da boca, e começou a tremer. Steve lhe pôs a mão no ombro e sorriu.

— A única pergunta que merece ser feita é se você deu o melhor de si. O resto o universo porá no devido lugar. — firmou a mão em que o outro segurava o revólver, e apontou este na direção correta. Então, soltou-o.

O tiro ecoou, e Steve abriu a porta. Foi jogado para longe por um chute que pretendia arrombá-la. Sagat não se desculpou, nem ele esperaria que ele o fizesse. Se levantou e sorriu.

— A faxineira terá que trabalhar um pouco mais para limpar esta mancha de sangue, mas nada mais foi danificado.

— O que você fez?

— Consegui o resultado esperado, da forma mais prática possível. É o que se espera de um bom torturador.

— Ele se matou. Você não fez nada.

— Não?

— Essa não é a maneira de um guerreiro.

— Eu nunca fui um guerreiro. Nunca pretendi saber lutar ou entender alguma coisa que fosse de brigas. Simplesmente não é isso o que faço.

Sagat rosnou. Steve sabia que tinha ganho um inimigo. No entanto, tê-lo como amigo fora péssimo.

— Você está transferido para as papeladas. Talvez ali deixe de bancar o espertinho.

— Muito obrigado, senhor.

Sagat chegou a fechar um punho para acertá-lo, mas Steve não recuou um milímetro sequer, nem deixou de sorrir. O Street Fighter apenas bufou e foi embora. Steve foi buscar uma faxineira para ajudar a remover o corpo e limpar o sangue.

Pessoas suficientes viram a discussão no refeitório, e, depois disso, a conclusão do caso, para que o caso começasse a ser comentado. Foi uma questão de dias a estar na boca de todos os habitantes de Mriganka, em mil versões diferentes e contraditórias. Steve não se importou com nada disso, contente em seu novo cargo, que seu superior considerara uma punição.

Estava um pouco triste pelo garoto. Mas isso passava. Nunca teria se tornado um torturador sem saber quando não se lamentar pelo inevitável.



Esperou por dois anos. Esperou por várias coisas. A primeira, que a vigilância sobre ele diminuísse. Sagat estava furioso com ele, e não se esquecia de ofensas facilmente. Um passo em falso e ele o mataria. Mas Sagat também tinha uma paciência limitada e mais o que fazer. O tempo e bom comportamento por parte de Steve embotariam seus olhos de águia. Tinha também que esperar que parassem de falar dele. Isso era mais demorado do que parecia. Outro “feito” certamente faria a todos lembrarem o primeiro fato e o colocaria numa situação difícil. Tinha que esperar até que fosse seguro pesquisar quem era “Edmond Honda”, e descobrir onde morava. E, o mais importante de tudo, tinha que esperar que Yun Hashimoto cometesse um erro.

Era só uma questão de tempo. Pessoas incorruptíveis não freqüentam organizações criminosas.

Seus superiores não conheciam metade de suas habilidades. Começou a estudar a situação da Shadaloo no mundo até poder ver o todo e agir na forma da organização, como uma aranha a estender centenas de fios em sua intrincada teia, e Steve não se viu contente enquanto não conseguiu entender o padrão dos fios e ver a teia desenhada em sua frente, sabendo ao mesmo tempo onde ela se apoiava e qual fio ao ser puxado se romperia ou puxaria a outros. Concentrou sua atenção no Japão. Estudou a textura de cada fio que partia da teia e se firmava ali, até conhecê-los por nome e toque.

Algumas habilidades que não tinha eram-lhe exigidas, portanto, fez sua lição de casa. Começou a alugar fitas sobre artes marciais e lutas todos os dias, e a estudar golpes e conhecer estilos. Passou a freqüentar torneios, como espectador. Não era algo que o divertisse, mas era algo que precisava ser capaz de julgar, mesmo que não fosse de fazer. Começou a decorar nomes de pessoas no submundo da luta. Era o principal campo de atuação da Shadaloo, e o principal interesse do verdadeiro grande líder, Bison. Descobriu, sem grandes surpresas, que Edmond Honda estava entre eles. Chegou a procurá-lo para entregar-lhe a carta após um torneio, porém ele deixara o camarote rápido demais. E segui-lo não era uma opção, pois estava com outros e seria notado.

Começou a receber convites de organizadores de torneios ilegais. Apostava por vezes, conversava sempre, sendo agradável com muitas pessoas, e tinha o dom de evitar incidentes. A Shadaloo causava a maior parte dos incidentes, de qualquer forma, e, embora não tivesse autoridade, normalmente conhecia todos os agentes da Shadaloo presentes em determinado evento, e muitas vezes estes o conheciam. E uma sutil manipulação, para evitar brigas (que o desagradavam) e manter seus companheiros contentes, era fácil. A falta de incidentes agradava os empresários, e a sua presença acalmando ânimos se gravou na mente de vários, embora poucos o relacionassem realmente à Shadaloo, pois Steve, com trabalho apenas burocrático, nunca estava nesses torneios a serviço, e nunca demonstrava ser quem era em suas horas livres.

Seus esforços por compreender a organização finalmente foram recompensados após aqueles dois anos. Yun Hashimoto cometeu um erro. Na verdade, uma sequência de erros, resultado de uma disputa com os californianos. Ninguém tinha permissão de travar guerras particulares dentro da organização e ser descoberto. Ter um inimigo desconhecido entre as pessoas que carimbam os papéis e assim passam as ordens de um lado a outro também não faz bem para a saúde.

Mas como colocaria a informação de forma a causar o máximo de dano e o mínimo de inconvenientes? Pensou sobre isso. E sorriu.

Bastava descobrir o momento certo. Atrasou um pouco o papel do pedido mais descaradamente baratinado. Coordenou seus movimentos com os de alguém importante o suficiente para que tudo parasse em torno dele. E ligou à sala certa no momento específico.

— Alô? — a voz grave era a voz certa.

— Alô, aqui é do departamento de armamentos, eu gostaria de verificar uma ordem.

— Nenhuma ordem necessita ser verificada.

— Desculpe, mas é que parece ter ocorrido um engano e eu gostaria de confirmar antes de dar baixa no pedido. Aqui vocês requisitam armamento especial para uma operação de ataque a fornecedores da Yakuza no cais de Kobe, no dia 16 à noite, mas dia 16 à noite está programado um desembarque de mercadorias do setor californiano, no cais que vocês marcaram, e eu me pergunto se não houve um erro de comunicação como o do último dia 20, quando o navio californiano foi abordado e destruído por engano pelas tropas do Japão. Sabe como é, essas coisas acontecem, então, eu pensei em checar, por vezes os californianos podem ter esquecido de avisar sobre o desembarque de novo, e, bem, não se espera que as nossas tropas lutem contra nossas próprias tropas, né? Então, assim, só para confirmar, vocês querem mesmo ...

— Cancele a ordem. — o telefone foi desligado em sua cara, antes mesmo que ele pudesse concordar. Steve riscou o pedido e colocou-o numa gaveta até então vazia. Feito isso, com todo o seu serviço terminado, numa sexta-feira à tarde, perguntou para o seu superior imediato se poderia ficar fora durante o fim de semana sem problemas, o que fez este perguntar-lhe se realmente achava que seu trabalho era de vital importância para a organização. Riu-se e saiu, e tomou o primeiro avião que partia de Mriganka para o Japão.

Alugou um carro em Osaka e pegou a estrada indo para o endereço que figurava em sua caderneta como sendo de E.H., com uma carta pousada no banco ao seu lado.

Bem, não era um mensageiro rápido. Mas assim que entregasse aquela missiva poderia se olhar no espelho novamente.



Estava no meio da estrada, quilômetros entre ali e qualquer lugar, quando viu um homem caminhando pelo acostamento. Diminuiu a velocidade. Sim, ele realmente estava acompanhando a estrada. Pensou por uma fração de segundo e parou no acostamento ao lado dele. Afinal, estava de bom humor.

— Oi! Quer uma carona?

— Provavelmente nossos caminhos são diferentes.

— Você vai acompanhar a estrada? Se for, eu posso lhe ajudar em pelo menos alguns bons quilômetros.

— Bem, na verdade eu vou. Não é um problema para você?

— De modo algum. Se fosse, eu não teria parado.— Steve sorriu. — Entre! Para onde você está indo?

— Eu... hum, sua carta. Nossa, você está indo entregar isto?

— Exatamente, por quê?

— Estamos indo para o mesmo lugar! Conhece o Honda?

— Não, estou apenas fazendo um favor para um amigo. Mas então você vai poder ajudar-me. Deve saber o caminho. Eu tenho mapas, mas é a minha primeira vez no Japão, sabe?

— Está gostando do país?

— Ah, não vi muita coisa. Cheguei no aeroporto, aluguei um carro, comprei mapas e estou aqui. Esta carta está comigo há tempo demais, preciso entregá-la de uma vez.

— Entendo...— continuaram conversando, o rapaz (bem, na verdade, não podia chamar o sujeito de rapaz. Ele era onze anos mais velho.) era bastante simpático. Ele lhe lembrava os guerreiros da Shadaloo, com um metro e meio só de ombros e tamanho de dois Steves, mas isso era de se esperar, pois era um lutador também. Um lutador cujo nome Steve reconhecia.

Ryu Hoshi.

Ryu lhe serviu de guia e Steve ficou feliz por sua companhia. As quebradas que pegaram teriam sido um labirinto inescrutável sem ele. Chegaram à casa de Honda, que era o que Steve esperara. Lutadores de sumô eram pop-stars no Japão e um lutador de renome, como Honda, mais ainda. Pop-stars têm casas temáticas e caras. A de Honda tinha o tema “Japão Tradicional” e era uma mansão disfarçada.

Steve sorriu, entregou a carta e preparava-se para ir embora, mas os dois japoneses o proibiram terminantemente disso. Honda estava surpreso com o fato de alguém ter viajado para o Japão apenas para lhe entregar uma carta, e era genuinamente hospitaleiro. Ryu tinha ficado grato pela carona, e depois de uma hora e meia conversando, considerava o outro divertido. Steve pesou a situação. Aqueles dois eram pessoas do gênero que ele não gostava de manipular. Pessoas genuinamente bem intencionadas. Ele não sabia o que a carta de Choi dizia, mas apostava que ela o citava. Fosse embora agora, e eles saberiam, no futuro, que ele era um inimigo. Ficasse, e eles teriam dúvidas.

Não gostava de fazer isso, mas podia ser necessário algum dia:

— Com uma condição. Leia a carta antes, senhor Honda, e refaça o pedido se ainda estiver disposto a isso depois.

— Quê? Oras, pare com...

— Eu insisto.

— Ah, está bem. — Honda abriu a carta, e começou a ler em voz alta, mas parou ainda na primeira linha, no nome de Choi.

Quando terminou de ler estava visivelmente mal. Seus olhos estavam úmidos, como se tentasse não chorar, seu punho fechado, os músculos contritos. Steve disse, polidamente:

— Devo ir embora, não?

Honda colocou a carta sobre uma mesa, com um movimento mais brusco do que era necessário, e disse:

— Quem você é?

— Você já sabe, se leu a carta.

— Honda? — Ryu perguntou, intrigado. — Sobre o que é isso tudo?

— Essa carta foi escrita por um amigo meu. Choi Ian. Um jovem lutador iniciante, de carreira promissora. Ele praticava judô, não sumô, mas nem todos são perfeitos. Ele um dia veio me pedir ajuda. Seu pai e mestre tinha sido morto pela Shadaloo. Ele estava desesperado, queria vingar-se. Recomendei-lhe calma, mas ele não tinha muita. Ele queria ir até Mriganka, vingar-se do assassino de seu pai. Mesmo que isso custasse a sua vida. E eu o ajudei. E isso custou a vida dele.

— E então Steve?

— Choi disse que tinha encontrado um mensageiro que traria esta carta para mim. Não falou mais do que isso.

Os olhos de ambos se voltaram para Steve. O coreano sorriu:

— Oras, cavalheiros, vocês sabem quem eu sou. Sou um agente da Shadaloo, como não poderia deixar de ser. Vocês dois sabem que a organização não foi destruída como as autoridades dizem que foi. E creio que você não quer renovar sua oferta de hospitalidade, senhor Honda.— voltou-se para sair, mas Ryu o parou com uma mão em seu ombro. Tinha apenas colocado a mão, não tinha segurado. Ainda estava a ser gentil. Steve sorriu internamente.

— Diga-me uma coisa, Steve. Você está aqui a serviço? — Ryu perguntou.

— Não. — Steve respondeu, sem precisar mentir.

— Por quê?

— Oras, eu matei Choi. Devia alguma coisa ao rapaz, não?

Honda quase partiu para cima dele naquele instante, mas Ryu o deteve.

— Por que “devia”? — continuou com o interrogatório.

— Ah, ele era um bom garoto.— Steve sorriu, agora francamente, voltando os seus olhos para enfrentar os dois colossos, sem nenhum medo, como quando enfrentara Sagat.

— Isso não é razão.

— Não é?

— Nenhum dos capangas da Shadaloo que conheci jamais consideraria isso razão suficiente.

— Alguma vez perguntou isso a algum deles?

Ryu parou. Fitou Steve, e sorriu:

— Ok, então, faça o seguinte. Explique.

— O que quer que eu explique?

— Você sabe.

— Seu amigo Honda é mais inteligente que você, Ryu. Ele reconhece um inimigo quando vê um.

— Deixe-me julgar isso.

Honda olhou para os dois, e, a fúria já um pouco diminuída, pois tinha percebido que Steve os estava provocando quando ele enfrentara seus olhares, e lembrando-se do modo como Choi descrevera... “encontrei um mensageiro para levar essa carta, a única pessoa decente que parece haver em toda a Shadaloo”, e da situação ridícula em que estavam, falou:

— Mas pelo menos não fiquemos aqui, parados na frente da porta. Vamos sentar na sala, creio que a história será longa.

Steve soube que a situação já estava resolvida. Sentou-se, e começou a falar:

— Encontrei Choi primeiro no avião em que fui para Mriganka. Era um cordeiro indo brincar com os lobos, tinha escrito em sua face o que era. Conversei com ele então, dizendo-lhe que tinha visto através de seu disfarce. Ele me pediu ajuda, e eu neguei.

— Então, por que falou com ele? Para ameaçá-lo?

— Para avisá-lo. Ele era inocente demais para o jogo, eu sabia que ele iria morrer desde o primeiro momento que o vi. Falei com ele na esperança de que ele percebesse que não podia ser tão honesto no meio de ladrões. Ele durou mais do que previ, porém. Quando ouvi falar dele de novo, ele tinha realizado parte de sua vingança, morto o assassino de seu pai. Não viveria, porém, para realizar a outra parte, matar Yun Hashimoto, que ordenara o crime. Ele tinha atacado abertamente um membro da Shadaloo em seu quartel general, na vista de todos. Tinham começado uma caçada, e o encurralado em um dos laboratórios. Só não tinham ainda o capturado porque havia experiências delicadas no tal laboratório. Foi então que entrei no caso de novo. Me apresentei como voluntário para resolver o problema.

— Você? Na boa, nem em sonhos você venceria o Choi.— Honda riu.

— Jamais afirmei que lutei com ele. Eu entrei no laboratório para conversar.

— Então como ele morreu?

— Com um tiro que deu na própria cabeça.

— Como assim?!!!— Honda indignou-se.

— Ele não tinha alternativas. O laboratório tinha apenas uma saída, que estava pesadamente guardada. Ele poderia lutar, mas seria vencido. Poderia se entregar, mas não o poupariam. Poderia esperar, e entrariam para matá-lo. Ou pior.

— O que é pior que matar?

— Tortura? Deixá-lo como cobaia para os cientistas?

— E porque ele não quis morrer lutando? — Ryu perguntou.

— Porque por vezes uma pessoa cai antes de morrer. Na verdade, na maioria das vezes isso acontece. E ele não queria ser torturado e denunciar os amigos que o tinham ajudado a chegar até ali. Ele preferiu apenas morrer, depois de pedir-me que entregasse essa carta.

— Ele pediu apenas isso?— perguntou Ryu.

— Foi apenas isso que prometi a ele.

— E por quê só agora?— Honda, que vira a data antiga da carta, contrapôs.

— Foi minha primeira oportunidade.

— Yun Hashimoto tem sofrido uma série de revezes ultimamente. Ele não pode atribuir a culpa de todos a inimigos conhecidos. — Ryu notou.

— Deve ser uma situação deveras preocupante para ele.— Steve sorriu.

O grande lutador de sumô caiu na gargalhada, a barriga sacudindo com o efeito das risadas. Apenas um sorriso apareceu nos lábios de Ryu.

— Quanto tempo de férias você tem, Steve?— Honda perguntou.

— O fim de semana.

— Isso é o que você considera férias?!! Que absurdo! Esses planos de carreira da Shadaloo são péssimos! Como o Bison consegue tantos capangas?

— Da maneira habitual. — Steve afirmou, apenas. Honda o olhou de uma forma engraçada, mas Steve não detalhou. Tinha, sim, percebido a pergunta. Mas não estava disposto a respondê-la.

— Ah, seja como for. Minha oferta de hospitalidade continua de pé.

Steve considerou aquele um fim de semana... peculiar. Tinha se acostumado com lutadores, já. Mas com os lutadores do outro lado, que o olhavam por cima. Ryu e Honda eram outra história, e, embora fosse cuidadoso com o que revelava, pois eles ainda eram o inimigo, era divertido. Ryu era um jogador de xadrez melhor do que ele esperaria que um lutador jamais fosse, jogava quase tão bem quanto o velho Huang, o suficiente para partidas sérias. Pôde declinar a oferta de Honda de treinar com apenas um dar de ombros e um “ná, cada um com a sua especialidade”, sem que eles achassem estranho. Não lhe perguntaram sobre sua especialidade, porém, assim como ele não perguntou nada de muito pessoal. Eram inimigos em trégua, não amigos. Honda quase se esquecia disso, mas Ryu o estudava. Steve não se preocupava tanto. Aqueles dois eram inimigos lendários da organização para a qual trabalhava, mas Steve calculava que se colocar em uma posição na qual não precisasse jamais enfrentá-los não seria assim tão difícil.

Os olhares de Ryu, porém, eram fáceis de interpretar. “A próxima vez que eu o vir, terei de lutar com ele?”. Não lutar. **Lutar**. Seguido de “haverá outros como ele? Quando estou lutando contra agentes da Shadaloo, quem realmente estou acertando? Posso estar...”

Sorriu. Depois de vários daqueles olhares, deixou escapar a frase, num momento em que Honda não estava:

— Os mocinhos nunca deveriam ser forçados a pensar nos vilões como seres humanos. Especialmente nos capangas.

— Perdão?— Ryu fingiu não entender.

— Você está no time dos mocinhos, Ryu, não se preocupe com isso. Os negócios da Shadaloo são tão sujos como você sempre acreditou que fossem, e nenhuma pessoa inocente trabalha para eles. Todos os que estão lá fizeram uma escolha e a escolha que fizeram foi prostituição, jogo ilegal, roubos, tráfico de drogas, assassinatos, experiências em cobaias humanas, tortura e outras atividades pouco misericordiosas às quais um ser humano pode se dedicar. Essa escolha é tudo o que você precisa para nos colocar no time dos “maus”. Tudo o que você precisa para não ter razões em hesitar quando enfrentar-nos.

Ryu o fitou, pouco convencido:

— E por que então você fez essa escolha, Steve?

— Sou um demônio, Ryu.

— Não se parece em nada com um.

— Não?— riu. — Então, me diga: por que eu obedeco a qualquer um que conheça meu verdadeiro nome?

Ryu o fitou, perplexo, e Steve soube que tinha chego ao ponto em que mesmo aquele sagaz lutador era incapaz de seguir seu raciocínio.

— Por quê?— Ryu admitiu sua ignorância.

— Por quê, realmente!— Steve riu, e foi tudo o que disse sobre o assunto. Deixaria Ryu com o enigma. Ele o decifraria, sabia. Mas não agora.

Então o telefone tocou. Não o telefone da casa, mas o celular de Steve. O número que o painel mostrava lhe era desconhecido, mas tinha o prefixo de Mriganka, e Steve atendeu no segundo toque, receoso.

— O que foi? — Ryu começou a perguntar, e Steve fez-lhe um gesto para calar-se. Uma voz grossa e vagamente conhecida estava a falar do outro lado:

— Você irá ao Sheraton Grande Tokyo Bay Hotel, em 1-9 Maihama, Urayasu, Chiba Tóquio. Às nove e vinte e cinco, um contato apropriado irá encontrá-lo. Vocês dois deverão então encontrar-se com Yun Hashimoto e medidas apropriadas devem ser tomadas se suas conclusões forem verdadeiras.

— Sim, senhor.— foi tudo o que murmurou, no final, quando este estava a desligar. Bison, lhe dando ordens pessoalmente? Desde quando ele, Steve, era material de primeiro escalão?

E, mais importante: Bison escutara e reconhecera a voz de Ryu?

Preocupar-se não mudaria nada. Steve levantou-se, e começou a pegar suas coisas. Ryu o fitou, um tanto tristemente:

— Trabalho?

— Sim. Agradável até. Yun Hashimoto morrerá nos próximos dias.

— E você terminará de cumprir a promessa que fez a Choi.

— Eu já terminei de cumpri-la Ryu. Tudo que prometi foi entregar a carta.

O japonês sorriu.

— Sei. Mas você empalideceu ao telefone.

— A forma como as ordens foram dadas me surpreendeu.

— Steve... — o coreano fitou o outro. Ryu pareceu ter uma certa dificuldade em completar a frase.

— Você precisa de ajuda?

Steve riu. Não porque fosse engraçado, mas apenas para aliviar o ambiente.

— Você não pode me ajudar, Ryu.

— Tem certeza?

— Absoluta. — sorriu. Despediu-se, tanto de Ryu quanto de Honda. E partiu para Tóquio sem olhar para trás.



Uma grande estrela de azulejos cobria o salão circular, dando as boas vindas aos recém chegados ao hotel Sheraton. Tinha chegado bem antes do horário previsto, mas de qualquer forma, perguntou aos recepcionistas se havia reserva em seu nome. Como esperara, havia. Deixou suas malas no quarto, e desceu novamente para o lobby. Esperaria ali pelo contato.

A escolha do Sheraton era peculiar. Um hotel de classe, sem dúvida, e mais do que Steve esperaria para si, mas por quê um hotel ocidental? Fosse o Sheraton um dos habitués da Shadaloo faria sentido. Mas não era, e Steve, depois de tanto tempo vendo papéis, sabia disso. Teria o hotel sido escolhido para agradar ao seu contato?

Nesse caso, seu contato seria uma pessoa importante. E um ocidental. Quem?

Bison havia lhe dado a ordem pessoalmente.

Talvez devesse presumir que seu contato seria do primeiro escalão.

Levantou-se, e deixou o lobby. Dirigiu-se para a piscina principal do hotel, com suas cachoeiras falsas e suas mesinhas onde ocupados garçons serviam drinques para um alto homem que não estava nem um pouco preocupado com eles, muito pelo contrário, estava se distraindo com a atenção de várias adolescentes que derretiam ao vê-lo olhar para elas. Sorriu. Parecia que havia mesmo impressionado o chefe.

Não o incomodou. Esperou até às nove e vinte cinco. Então levantou-se, foi até a mesa dele e fez uma breve, profissional e educada reverência.

— Senhor Vega?

O espanhol o fitou, um tanto surpreso, e então riu:

— Steve?

— Sim, senhor.

— Pontual! — Vega sorriu. — Não esperava.

— Claro. Minha cabeça rola agora?

— Sua cabeça rola se a de Yun ficar no lugar. — o espanhol não se deu ao trabalho de esconder. — Sabe onde vamos?

— Sim.

— Então você dirige.

Eles não eram esperados, mas Vega foi prontamente reconhecido. Nenhum dos homens de Yun tentou detê-los, pelo contrário, os receberam efusivamente. Efusivamente demais, Steve notou.

Yun os recebeu sorrindo. Steve pretendia deixar Vega falar, mas não ficou nem um pouco surpreso quando tudo o que Vega disse foi que estavam ali por causa dos recentes problemas de comunicação, e que ele, Steve, havia sido enviado para resolvê-los.

Tinham deixado a ele o encargo de provar suas suspeitas. Vega era o juiz. Steve sorriu. Isso seria fácil.

Engajou-se com Yun conversando sobre armas e recursos, e métodos de tornar as comunicações mais eficientes, enquanto Vega os seguia como uma sombra, sua disposição inescrutável por causa da máscara, que, agora que estava a negócios, ele colocara. Yun estava desconfiado. Steve estava amigável e solícito. Olhava de soslaio para Vega com frequência ainda maior que a de Yun, trabalhou sua expressão perfeitamente, como o subalterno ansioso para desfazer seus erros, humilhando-se ligeiramente, encolhendo-se na frente do outro, parecendo ainda mais jovem do que era, e mais ingênuo do que alguém

com a metade de sua idade deveria ser. Deu trelas à verborragia, sem deixar o outro descansar, mas solícito, procurando aprovação a cada instante, até que a desconfiança cedeu lugar, não à irritação, pois Steve estava a tomar cuidado, e era bom no que fazia, mas à condescendência. Deixou Yun saber que era ele a lidar com a papelada de seus pedidos. Citou o ataque aos navios da Califórnia, lhe pedindo desculpas, por não passar as informações rápido o suficiente, suplicando com os olhos perdão, olhando para trás, para Vega, assustado.

Yun disse a frase que ele esperava.

— Oras, rapaz, não precisa ficar assim. Não foi nenhuma perda.

— Mas... senhor!

— Oras, não se preocupe! Esse Kelly Walker é intratável, se acha o rei do pedaço! Eu sabia exatamente o que estava fazendo quando destruí aquele navio, aquele maldito ianque precisava de uma lição e a recebeu, ah sim! — Yun comentou. E só depois de falar, percebeu o que dissera. — Eu... eu quis dizer que...

Vega sorriu:

— Medidas apropriadas.

Yun se colocou em guarda, mas implorou, desesperado:

— Não é isso. Não estamos... — calou-se, cerrando os dentes. Como tinha chegado naquele estado de espírito? Era normalmente um homem cauteloso! Como confessara, na frente de enviados de Mriganka?!! De Vega, o assassino?!! Por que tinha falado?

Steve sorriu, orgulhoso como mestre torturador. Sua especialidade era fazer os outros falarem, não?

Mas Vega não deu um passo. Yun o fitou por instantes, incrédulo. Então desatou a correr. Steve fitou o espanhol, dúvidas em sua face.

— Você está certo. — Vega sorriu. — Mas a missão ainda é sua.

Steve suspirou. Claro, ele deveria ter esperado por isso. Olhou para o japonês correndo e gritou:

— Por que está sendo tão covarde, Yun? Vai mesmo fugir de um simples escrivão?

Yun estacou. Voltou-se, o orgulho ferido digladiando-se com o instinto de sobrevivência.

— Como?

— Eles me mandaram resolver o serviço, tolo. Se Vega fosse matá-lo, você já estaria frio agora. É a mim que tem que enfrentar. E vai fugir? Céus, como pode ser tão covarde?

Aquele homem não conseguira uma alta posição administrativa na Shadaloo à toa. Yun Hashimoto rosnou como um dragão, ódio em seus olhos, finalmente reconhecendo o inimigo. Voltou-se para Steve, claramente disposto a matá-lo. Energia brilhava em torno dele, o “chi” que Steve aprendera a reconhecer como sinônimo de pancadas dolorosas.

Steve se colocou em guarda, também, sorrindo. Estava morto.

A vida tinha sido uma boa coisa. E não era mal morrer para vingar alguém como Choi. E pelo menos não sujara mais as suas mãos do que pretendia.

Esquivou-se do ataque frontal de Yun mesmo já se sabendo morto, sem ter medo do inevitável, mas dançando o ritual mesmo assim. Aquele primeiro ataque era previsível até mesmo para um zero à esquerda como ele, a esquiva seguida de um golpe rápido, o único, traiçoeiro, pelas costas do inimigo que acaba de errar, golpe que aprendera. Só não errou seu alvo porque Yun estava raivoso demais para pensar. Num estado de espírito

contemplativo, a luta se transformando em seu mundo, dançou os passos de um homem morto, até a inescapável conclusão.

Yun finalmente acertou um golpe, e derrubou-o. Steve ainda tentou se levantar, mas viu o segundo golpe vindo, o punho de Yun brilhando, o brilho se aproximando de seus olhos. Fitou aquela luz calmamente enquanto esperava que ela lhe levasse a vida, sabendo que não havia como escapar. Foi apenas uma fração de segundo, mas a vida parecia em câmera lenta.

Então a luz foi jogada para o lado e se apagou, e Yun Hashimoto caiu em pedaços sobre o chão. Vega mal sujara as garras de metal em seu punho.

— Você luta como uma menininha. — o espanhol riu. — Mas não pediu ajuda, homem. Gostei disso.

Steve levantou-se, e agradeceu com uma vênia. Os homens de Yun, ele percebera agora, estavam em volta deles, assustados. Nenhum deles ousava fazer um movimento contra Vega, porém. O espanhol sorriu, e começou a andar, e Steve seguiu-o. A situação no Japão seria regularizada em breve, e como isso seria feito não era da sua conta.

O que era da sua conta era o fato de que agora, definitivamente, chamara a atenção do primeiro escalão. O que obrigatoriamente teria boas e más consequências.

Deu de ombros. Assim era a vida, não?



Os dois anos seguintes foram bons anos. Seu real talento foi reconhecido, e foi colocado para trabalhar em sua especialidade. Adquiriu uma certa reputação, proporcional à sua competência. Nunca seria tão famoso na Shadaloo como fora na organização de Huang, pois a Shadaloo valorizava demais a capacidade de luta, e nisso Steve continuava patético. Mas se ainda não era respeitado, era temido.

Foi usado como itinerante, como um inquisidor passando pelos diversos fortes da Shadaloo. Quando seus talentos eram necessários, em pessoas de dentro ou de fora da organização, os usava. Basicamente o mesmo que fizera para Huang. Discreto, eficiente e terrível. Não tinha prazer no que fazia, mas tinha prazer com um serviço bem feito. De vez em quando, até aconteciam situações engraçadas, como o dia em que dois lutadores profissionais o tinham reconhecido como um homem da Shadaloo, e um garotinho de onze anos decidiu ajudá-lo. Ainda não conseguia se convencer de que o garotinho e ele tinham conseguido vencer os dois outros, sozinhos. Passara um bom tempo conversando com o menino depois disso. O garoto não era um garoto, era mais uma das criaturas da Pentex. Uma criatura que tinha fugido, um fômor não terminado, que não estava completamente corrompido. Um rapaz extremamente agradável, de nome Lars, e Steve se tornou amigo dele. A primeira pessoa que conhecia que conseguia vencê-lo em jogos de xadrez! Ambos viajavam bastante, mas mantinham contato por cartas. Quando encontrava coisas interessantes, Steve chamava a atenção de Lars para elas. Como Lars se interessava por criaturas sobrenaturais, sendo um caçador destas, Steve muitas vezes tinha dicas para dar.

Mas principalmente, durante este tempo, deixou-se ser usado pelos seus chefes, sem tentar novamente puxar os cordéis. Não tinha porquê. Agiu como uma faca na mão de um assassino, um instrumento de morte sem vontade própria, disposto a cortar o que lhe mandassem.

Foi então que recebeu uma missão de presente do próprio Bison no seu vigésimo quarto aniversário. Voltou a Mriganka, entrando no próprio palácio, que agora já conhecia de cor. Uma das celas especiais do palácio. O lugar onde Bison guardava seus inimigos favoritos. Steve seguiu-o como uma sombra, sem lhe fazer perguntas, e Bison abriu a porta de uma cela.

Dentro dela estava uma garotinha. Não podia ter mais que onze anos. Seus grandes olhos azuis o fitaram com medo, o cabelo loiro preso em tranças ao lado de sua face redonda, sem compreender o que acontecia. Apesar das feições britânicas, Steve imediatamente lembrou-se de sua irmãzinha Mina. Ela tinha a mesma idade.

— Sobre o que você quer que eu a faça falar, senhor?

— Apenas a faça sofrer.

Steve parou, atônito. Já tinha trabalhado em crianças antes, as feito dizer as informações que precisava. Já tinha usado seus talentos em tortura apenas para ferir, sem a intenção de fazer os prisioneiros falarem qualquer coisa, apenas para advertir ou punir alguém. Mas nunca tinha feito um trabalho com ambas essas características.

Nem pretendia fazer. Até o momento tinha sido apenas um instrumento letal, fazendo o que lhe mandavam. Mas isso estava além do que ele poderia agüentar.

— Qual o objetivo da minha missão, senhor?

Bison deu-lhe um soco. Então repetiu:

— Fazer sofrer a garota, soldado. Comece agora.

Steve olhou para a menina. Os grandes olhos azuis imploravam piedade, apesar dela não murmurar uma palavra. Ela já estava ferida, e parecia magra e fraca. Cerrou os dentes:

— Qual o objetivo disto, senhor?

Bison chutou-lhe, apenas para não se dar ao trabalho de abaixar-se para dar outro soco.

— Quem lhe deu o direito de fazer perguntas, soldado? Você tem suas ordens. Obedeça.

— Se o senhor me disser o que quer que ela diga ou faça, eu consigo isso.— Steve falou.

— Eu quero que ela sofra. É tudo o que você precisa saber. Agora levante-se e cumpra sua missão.

— Não. — Steve afirmou.

— Vai me desafiar, soldado?

— Isto é baixo demais, senhor. Eu não costumo vangloriar-me de ser um sujeito moral nem honrado, mas isto é demais. Diga-me o que quer que a garota diga ou faça, diga-me para matá-la para ensinar uma lição ao seu pai, e eu farei o que quer. Farei com que ela diga o que você precisa, farei com que ela faça o que você quiser, posso até matá-la, mas de uma forma limpa e rápida. Torturar uma criança sem motivos, apenas fazê-la sofrer porque o senhor quer vê-la sofrer, não, isso eu não posso fazer.

— Você é da Shadaloo e irá fazer o que eu quiser.

— Então creio que é o momento de pedir demissão.

— Verdade? — Bison fitou-o. Algo na mão dele começou a brilhar.

Steve viu o golpe sendo formado, e não recuou. Observou a forma como os ombros e braços de Bison estavam, e cerrou os dentes. Quando o golpe parecia pronto a ser lançado, se jogou em cima da menina.

Não conseguiu sequer gemer quando a dor mais lancinante que já sofrera em toda a sua vida o atingiu. O golpe lhe atingiu em cheio, e ele temeu que o atravessasse e ainda assim atingisse a garota, mas isso não aconteceu. Bison aproximou-se dele, e, com o bico do sapato, virou-o com a face para cima. O sorriso que ele tinha na face era estranho.

— O que tem a me dizer agora, soldado?

— Acabei de pedir demissão.— Steve murmurou. Ele sabia que Bison queria que ele implorasse pela vida, mas não lhe daria esse gosto. Não temia o suficiente por sua vida para fazer isso. — Não sou mais soldado.

Estranho, muito estranho. O sorriso de Bison pareceu aumentar, e ele não preparou um novo golpe. Ao contrário, ele disse apenas:

— Assim que puder levantar-se, vá.

E sorriu ainda para a garotinha, acariciando-lhe o queixo enquanto ela fazia uma cara de nojo:

— Quanto a você, fique feliz. Seu amiguinho acaba de lhe conseguir um dia de folga. Aproveite. Você não vai ter mais muitos destes.

Saiu da cela. Deixou a porta aberta, mas a menina estava assustada demais para tentar sair. Steve demorou quase uma hora para conseguir se mexer e levantar-se. Olhou para a garotinha. Queria poder tirá-la de lá. Estava pensando em como fazer isso, quando dois guardas grandes como gorilas e armados até os dentes apareceram para escoltá-lo até o aeroporto, de onde tomou um avião para fora da ilha.

Chegou no aeroporto de Sidney, onde o avião o deixara. Demorou apenas alguns segundos para decidir-se. Fazia tempo que não ia para casa. Além disso, fora fácil demais.

Quando chegou em casa, descobriu que não fora fácil. Na verdade, estava apenas começando.

Sua mãe estava morta. Steve já fizera pessoas ficarem naquele estado, mas nunca fora alguém com quem ele se importasse. Nunca fora uma velhinha doente. Nunca fora a sua mãe.

Pela primeira vez na sua vida, ficou sem saber o que fazer. Apenas ficou parado, a maçaneta ainda em suas mãos, as lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. Demorou uma eternidade de cinco minutos para lembrar-se do que mais era importante e entrar na casa manchada de sangue.

Mina! Onde estava sua irmã? Chamou por ela, procurou por ela. Havia brinquedos quebrados espalhados no chão do quarto, mas Mina não estava lá.

Então percebeu a luz vermelha da secretária eletrônica (sua família tinha posses agora) a piscar.

Era a voz de Bison:

“Ninguém deixa a Shadaloo, Steve.”

Kim enlouqueceu. Tentou ligar para todos os seus conhecidos, usar todos os seus contatos, todas as suas possibilidades. Passaram-se dez, onze dias. Finalmente, no auge de seu desespero, procurou em sua agenda um endereço e telefone já quase apagados. E. Honda poderia lhe dizer como conseguir falar com Ryu, e o lutador tinha lhe oferecido ajuda e...

Kim deixou a agenda cair no chão, e ficou a fitá-la por alguns minutos.

Sim, ele poderia pedir ajuda a Ryu. Provavelmente Ryu o ajudaria, inclusive. E do que diabos iria adiantar?

Até Ryu conseguir fazer alguma coisa, a notícia de que Steve o tinha contatado já teria alcançado os ouvidos de Bison. Mina, que ele ainda acreditava viva, pois se a tivessem morto teriam deixado seu cadáver ao lado do da sua mãe, seria morta. Ele não conseguiria sua irmã de volta, ao contrário, provocaria a morte dela.

E, mesmo que a salvassem, nada impediria a Shadaloo de fazer o mesmo serviço novamente. Ele conhecia o poder da organização. Era bem maior do que qualquer coisa que ele pudesse invocar. Era bem maior que Ryu. Ele não teria como proteger sua irmã.

Pegou a agenda do chão e fechou-a.

Ao invés de ligar para o número de Honda, ligou para o número de Bison. Talvez fosse presunção demais ligar pessoalmente para o líder da Shadaloo, mas ele decidira tratar diretamente do seu caso, não?

Bison atendeu apenas retirando o fone do gancho, sem dizer palavra. Steve murmurou:

— Kim Chung Lee. Eu entendi. Você é meu dono. Não tentarei desobedecê-lo novamente. Agora, eu lhe imploro, me devolva Mina.

— Venha para Mriganka. Você tem uma missão para terminar.

Bison estava no aeroporto quando Steve chegou. Ele apenas sorriu:

— Aprendeu?

Steve ajoelhou-se e fez uma vênia completa.

— Assim é melhor.— Bison disse, virando-se.



Steve não chegou a ver sua irmã. Apenas enviou uma carta a Feng Huang, uma carta assinada como póstuma. Steve pedia ao velho amigo que cuidasse de sua irmã, pois ele não seria mais capaz disso. Steve observou a situação de longe, comparecendo ao próprio enterro a uma distância segura. Feng Huang acreditara na carta, a ponto de ficar bastante desesperado. E cumprira o “último pedido” de seu amigo, adotando Mina. O velho Huang sempre gostara da garotinha, e, sabendo-a órfã e com um pedido de alguém a quem devia a vida de sua própria família, não hesitou um momento.

Steve adotou um sobrenome novo. MacTyler. Kim Chung Lee estava morto. Ele não usaria mais esse nome nem mesmo quando não estivesse a trabalho. Agora era Steve MacTyler, seu nome, não apenas um codinome. Fez documentos novos. Tirou uma certidão de nascimento e uma identidade escocesas, num cartório convenientemente comprado, e passaporte, carteira de motorista e carteira de motorista internacional pelas vias legais, comprovando sua identidade com os primeiros. Assim era mais trabalhoso, mas muito mais seguro.

E quando Bison conduziu-o até a cela da menina novamente, e os grandes olhos azuis se cruzaram com os seus, tudo o que ele disse foi:

— Desculpe. — e o que fez a seguir o deixou mais enojado de si mesmo do que qualquer outra coisa que tivesse feito em sua vida.

M. Bison lhe deixou com ordens de passar em seu escritório depois que terminasse. Seis horas depois, Steve bateu educadamente na porta. Bison mandou-o entrar.

— Creio que a experiência tenha sido educativa, não?— Bison vangloriou-se.

— Aprendi minha lição, senhor.— Steve concordou. Lembrando-se de sua mãe morta, lembrando-se do seu desespero quando não encontrara Mina, Steve quase tremia de ódio. Mas era ódio domado, subserviente, e Bison sabia disso.

Até então Steve não odiara a Shadaloo, mas também não a apreciava. Sua lealdade poderia ter sido quebrada antes, era apenas lealdade profissional. Não era a verdadeira lealdade por estimar seu chefe, como a que Feng Huang lhe inspirara. A lealdade que tinha agora, agora que odiava Bison e a Shadaloo e tudo o que eles representavam ardentemente, porém, era paradoxalmente até mesmo mais forte que a que oferecera a seu velho amigo. Era a lealdade inspirada pelo medo, o sabor favorito de Bison. Ele tinha Mina como refém. Steve jamais o enfrentaria. Tinham colocado as cartas na mesa. Bison tinha ganho.

— Porém, posso lhe perguntar algo, senhor?

— Além disso?— Bison sorriu, e Steve surpreendeu-se com seu bom humor. O líder da Shadaloo não era conhecido por suas piadas.— Deixe-me julgar pela pergunta.

— Por que tanta atenção com um soldado inferior? A política normal não teria sido simplesmente matar-me? Por que este plano elaborado apenas para conseguir minha lealdade incondicional?

Bison sorriu.

— Você chamou minha atenção. Desobedeceu ordens e chegou a me manipular no episódio Hashimoto, não?

Steve permaneceu calado.

— Eu ia matá-lo naquela ocasião. Mas quando lhe telefonei para dar ordens, foi a voz de Ryu que ouvi do outro lado da linha. Sobre o que realmente foi tudo aquilo, soldado?

— O garoto que detive no laboratório, dois anos antes. Ele era um bom rapaz, embora ingênuo demais. Tentara invadir a Shadaloo por vingança, seus pais tinham sido mortos. Tinha conseguido parte de sua vingança, matar o assassino, mas não tinha conseguido terminá-la, matando o mandante do assassinato. Ele me fez um favor. Eu senti que devia um favor a ele.

— Foi isso o que você prometeu para o rapaz matar-se?

— Não. Não prometo coisas que talvez não possa cumprir. Tinha prometido apenas entregar uma carta.

— Para Ryu?

— Não, para um amigo dele. Encontrei Ryu no caminho e lhe ofereci carona.

— Sabia quem ele era?

— Descobri depois que ofereci a carona.

— Sabem quem você é?

— Sabem que sou da Shadaloo. Creio que me consideram uma pessoa decente, porém. Acho que Ryu me consideraria um amigo se me encontrasse de novo.

— E Ryu não tentou convencê-lo a sair da Shadaloo?

— Tentou. Eu recusei a ajuda.

— Por quê? Tudo levado em conta, talvez ele estivesse certo, não? Você não gostaria de estar fora da Shadaloo agora, soldado?

— Ryu não seria capaz de cumprir o que promete.

— Não? Ele me venceu no torneio mundial de 1994. Se há alguém capaz de me enfrentar, seria ele.

— Senhor, mesmo você sabe que isso não é verdade. Ryu é capaz de o enfrentar, talvez, se o senhor assim o permitir. Ele é um lutador muito capaz. Mas o senhor, além de ser um lutador tão bom quanto ele, é capaz de mais que isso. Você é um general, ele é apenas um guerreiro. Talvez como guerreiro ele possa o enfrentar, se o senhor se dignar a rebaixar-se e lutar como um guerreiro, para divertir-se. Se o senhor lutar como general, porém, Ryu estará morto.

— Ele tem amigos. Poderia chamá-los para enfrentar-me.

— O poder que ele pode invocar não chega aos pés do que o que o senhor tem ao seu comando. Além disso, ele não iria tão longe por um quase desconhecido.

— Ryu é um idealista.

— E acredita que o viu morrer. Eu sei, ele é um rapaz ingênuo.

— Ele é onze anos mais velho que você.

— Eu sei. Mas ainda é verdade.

— Bem, isso encerra a questão. Eu poderia usá-lo contra Ryu, mas este eu quero vencer pessoalmente. No tempo devido farei uma armadilha, para retomarmos nosso duelo de 1994. Até lá, não quero que você faça nada contra ele.

— Entendido, senhor.

— Você demonstrou competência além da que normalmente posso esperar de subordinados, soldado. Em seu passado, mesmo antes de entrar na Shadaloo, quando entrou na organização, ao lidar com Sagat, ao lidar com o episódio Hashimoto e neste último ano, passando com facilidade por todos os testes que coloquei em seu caminho. Entretanto, havia um ponto importante. Você não era confiável. Creio que isto está resolvido agora.

— Sim, senhor.

— Como você disse, soldado, eu sou um general, não apenas um guerreiro. Um general deve saber o quanto vale o material humano que tem em mãos. Você poderia ser moldado em material de oficialato. Foi o que fiz.

Steve assentiu, mansamente.

— Onde?

— Flórida. A região ainda não está totalmente em nosso domínio, mas espero que você mude isso. Sua base deverá ser em Miami.

— Sim, senhor. Algo mais?

— Na verdade sim.

Bison levantou-se e abriu uma porta.

— Entre, Soojin.

Um menino de cerca de onze anos, mas ainda assim maior do que Steve, com toda a aparência de um lutador profissional, a face séria, marcada por uma cicatriz circular, roupas sóbrias, lembrando um pouco as de Bison, mas menos exageradas. Ao mesmo tempo ele parecia ser mais velho do que era, e extraordinariamente jovem.

— Steve, este é Soojin. Ele foi meu aprendiz desde os seus quatro anos, e sua competência e lealdade estão acima de quaisquer dúvidas. Ele irá com você, Steve. Você precisará de ajuda em Miami. Soojin, este é Steve. É um dos meus melhores homens quando se trata de usar a mente, não os punhos. Ele estará sob sua proteção a partir de agora, e você sob as ordens dele. Creio que já é tempo de você iniciar-se em missões por conta própria, e Steve não tem os músculos necessários para impor sua liderança da maneira tradicional da organização. Além disso, creio que você gostará de estar em Miami.

— Obrigado, mestre.— Soojin inclinou-se em uma vênica suave. — Muito prazer, Steve.— ofereceu-lhe a mão.

— Prazer.— Steve apertou-a, pensativo. Havia muito mais sendo dito do que aquelas palavras.



Uma ordem direta do grande líder implica em obediência imediata, mas Steve se deu ao luxo de pesquisar nos arquivos antes de ir. Fez uma cópia impressa de todos os documentos que achou relacionados a Miami. Não demorou muito nisso, já conhecia como os arquivos estavam organizados de cor e salteado, depois dos anos que passara os organizando. Tinha tudo pronto antes de Soojin o avisar que terminara de arrumar sua mala e podiam sair.

O vôo tinha escalas, parando na Nova Zelândia, onde eles trocavam de avião por um que alcançava os EUA. Quase um dia inteiro no avião, tempo que Steve aproveitou diligentemente para ler. E para pensar em sua nova situação.

Aprendiz! Isso era algo que nunca tinha ouvido antes, que Bison tivesse um aprendiz! Nessa organização tão percorrida por boatos e tão vazada por informações que era a Shadaloo, onde os maiores chefes eram reconhecidos como pop-stars e reconhecidos até por pessoas na rua, e, pior, conhecidos por serem parte da Shadaloo também, nunca ter ouvido sobre algo tão importante quanto o chefe da organização ter um aprendiz pessoal era...

Fantástico. Respeitava mais Bison a partir desse momento. Então ele **sabia** ser discreto.

Aprendiz desde os seus quatro anos. Soojin seria filho de Bison? Suas feições orientais contrastavam com as de Bison e seu poderoso queixo europeu, mas se a mãe fosse oriental também, isso não quereria dizer nada. Ele lembrava Bison em seu jeito, um tanto brusco e forte, maneirismos de posição e expressão como os de seu mestre, sem falar no gosto para roupas. Mas não seria o primeiro aprendiz a adotar os trejeitos de seu mestre. Um enigma.

Porém o próprio Soojin não era a única pista que Steve tinha para desvendar a questão.

Bison dissera que a competência e lealdade dele estavam acima de quaisquer dúvidas. A afirmação de competência era apenas o esperado de um discípulo que Bison tivesse decidido soltar no mundo enquanto este ainda respirava. A de lealdade era mais intrigante. Poderia ser uma mentira. Não, não poderia. Soojin tinha sido enviado para vigiá-lo a ele, Steve. Bison decidira que queria jogar seguro, tê-lo sob seus olhos, para que Steve não tentasse nenhum truque. Medida sábia. Por mais que Bison tivesse reféns, as lembranças de sua mãe iriam tentar Steve se ele achasse que tinha liberdade o suficiente para agir discretamente. Melhor assim, a discrição poderia falhar.

Mas isso queria dizer que Soojin era realmente leal. Que Bison julgava Steve incapaz de corrompê-lo, mesmo sabendo que esta era a especialidade de Steve. Não, quando M. Bison dissera lealdade acima de quaisquer suspeitas, ele quisera dizer lealdade acima de quaisquer suspeitas. Soojin devia ser filho de Bison. Para ser seu aprendiz, e o chefe depositar assim tanta confiança sobre ele...

Não, não estava certo.

Sangue deveria garantir lealdade absoluta, mas isso nem sempre é verdade. Bison conhecia demais a humanidade e seu pior lado para acreditar que as coisas são como deveriam ser. Se Soojin fosse apenas seu filho, Bison não confiaria nele o suficiente para não ter suspeitas.

O que poderia fazer Bison confiar tanto em alguém que o colocasse acima de quaisquer suspeitas?

Soojin, ao seu lado, estava lendo uma revista. Fighters Magazine. A matéria de capa era uma entrevista com Chun Li.

Steve fitou a foto, e sorriu. É, tinha uma coisa que faria Bison ter certeza de que seu discípulo jamais o trairia.

— Quem foi?

Soojin endireitou-se na cadeira, assustado, como um adolescente pego fazendo algo proibido, fechou a revista às pressas e olhou-o com cara de inocente. Steve quase começou a rir. Uma criança, nada mais que uma criança. Ele ainda não era mais que isso. Bison tinha acertado também neste ponto. Steve não gostava de sacanear crianças e estava portanto com as mãos atadas.

— Quem foi o quê?

— Qual dos World Warriors matou sua família?

— Ahmn... eu não achava que a minha história era conhecida. Bison falou que...

— Então foi realmente isso que aconteceu?

— Peraí? Você adivinhou? Como?

— Elementar, meu caro Soojin...

— Ok, ok. Deixa para lá. Por que você quer saber?

— Você vai fazer parte do meu pessoal em Miami. A princípio, será o único homem confiável que terei por lá. Preciso ter pelo menos uma idéia de como você irá reagir ao que acontecer, para poder planejar minhas ações quando chegarmos. Miami está no meio de um furacão no momento, e seria melhor se houvesse pelo menos um ponto seguro e conhecido.

— Eu vou obedecer às suas ordens, não importa o que aconteça. Prometi a meu mestre que faria isso.

— Ainda assim, não seria melhor se eu soubesse quando estou pedindo demais?

— Você é peculiar, Steve. — Soojin sorriu. — Não posso ler a sua mente. Nem o mestre podia ler sua mente, mesmo em Mriganka, e ele detestava isso. Mas você parece tão sincero!

— Oras, meu caro, a verdade, na maior parte das vezes, é a melhor das armas.

— Está bem. — o garoto consentiu — Eu lhe conto.

“Era o ano de 1992, eu tinha quatro anos, e, para ser sincero, eu ainda não me dava por gente. Meus pais viviam numa pequena vila. Eu tinha minha mãe e meu pai, e meu avô materno, minha avó paterna, e três irmãs, e um tio e uma tia. Então, o inferno aconteceu.

Nossa vila foi atacada. Não por soldados, mas por mísseis. E nalpam. Vi minha mãe correndo para o rio com minha irmã mais nova, em chamas, para vê-las gritarem quando a água as tocou e as chamas aumentarem como que enfeitiçadas. Vi meu pai tentando tirar a minha avó de debaixo dos escombros, vi o míssil caindo sobre eles e a explosão... Meu tio me pegou no colo, me lembro do cheiro de seu uniforme, suor e sangue. Me abraçou e se escondeu comigo sobre parte dos escombros, me mantendo protegido entre eles e seu corpo. Nossa vila morreu, destruída entre as cinzas e o fogo. E quando as chamas começaram a baixar, só então, quando todos já tinham sido mortos daquela maneira covarde, então chegaram os soldados vestidos de verde, com a bandeira americana em seus ombros.

Eles gritaram com meu tio, pois meu tio ainda estava vivo, e estava de uniforme. Meu tio me apertou mais forte, me mantendo protegido, e virou apenas parte do corpo. Ele gritou alguma coisa para os americanos, eu não sei o quê, pois não entendia inglês na

época. Eu espiava com um olho, entre uma parede e o peito de meu tio. Fosse o que fosse que meu tio gritou, o americano loiro e grande, que parecia ser o líder, ficou possesso. Ele ergueu a mão, e o ar pareceu começar a fazer voltas ao lado dela, e então houve um estrondo e o inferno recomeçou por alguns segundos. Meu tio me abraçou mais forte, mas não era suficiente. O golpe o pegou pelas costas, e revirou-o, e eu mal senti a dor no meu rosto quando isto — acariciou a cicatriz circular — foi feito, mesmo ela tendo me tomado quase todo o lado direito do rosto, naquela época. Eu só me lembro do meu tio banhado em sangue, morto. E de ter olhado ao meu redor, e não ver nada além de cinzas e ruínas, e cadáveres queimados até os ossos, e os americanos com seus uniformes verdes. Eles olhavam para mim surpresos, mas tudo o que eu podia ver era que todo o meu mundo tinha sido destruído. Eu gritei, com raiva, e fui para cima deles chorando, um ataque totalmente fútil de criança. Mas eu senti alguém aparecer ao meu lado, e esse alguém me ergueu, parando meu ataque.

Era M. Bison. Ele me segurou no colo e enfrentou os marines. Eles tinham vindo por causa dele, mas nenhum deles teve coragem de atirar. Ele falou alguma coisa em inglês, numa voz imponente, e os marines recuaram aterrorizados. Então ele deu ordens para as suas tropas avançarem, e se virou indo embora. Elas não tinham conseguido chegar a tempo para salvar a aldeia. Mas elas tinham chego rápido o suficiente para colocar aqueles cães em fuga. Bison me murmurou para ficar calmo, que tudo ficaria bem, que ele faria aqueles monstros pagarem pelo que fizeram. Eu só me lembro de ter achado que ele era um anjo naquele dia. Parece que a maior parte do esquadrão foi morta. Que capturaram o líder, mas ele depois fugiu. O major que matou o meu tio, e deixou esta marca em mim, como alguém poderia ter marcado gado. Guile. Quando soube que ele tinha fugido, pedi a Bison para me ensinar a ser forte como ele, para poder me vingar. Ele aceitou. O treino foi duro, especialmente nos primeiros anos, mas mesmo com quatro, cinco anos, eu já não era mais uma criança. Eu não podia mais ser inocente depois de ter conhecido o inferno.”

— Seu objetivo, então, é Guile?

— Ainda vou matá-lo.

— Não faça isso. — Steve sorriu.

— Como...

— Deixe-o vivo. Enfrente-o numa luta homem a homem, como ele não teve coragem de enfrentar sua família, lute com ele de frente, como ele não teve coragem de lutar com o seu tio, vença-o e deixe bem claro que a vida dele está em suas mãos, e então deixe-o viver, ao invés de se igualar a ele matando. E jogue isso na cara dele. Morrer é uma consequência da vida, e depois que alguém perde sua alma não há como evitar ir para o inferno, mas obrigar alguém a viver com seus erros e sua derrota, isso é realmente puni-lo. Quando o momento de sua vingança chegar, apenas o humilhe e deixe bem claro que você não se rebaixará a ser igual a ele. Isso doerá bem mais.

— Você é cruel.

— Eu sei. Bem, coloque seu cinto de volta e endireite a cadeira, devemos estar descendo daqui a pouco.

— Já chegamos em Miami?

— Não. Temos uma escala primeiro.

— Achei que era um vôo direto.

— Para fazer as coisas propriamente é necessário passar pelos caminhos próprios, meu caro, e eu pretendo fazer as coisas propriamente. Antes de irmos para Miami, iremos nos apresentar ao líder da Shadaloo nos EUA. Balrog.

Soojin fez uma careta, e Steve sorriu.



Steve tinha marcado uma diária em um hotel de Las Vegas, apenas para que eles pudessem se trocar e apresentarem-se devidamente frente a seu superior. Aprontou-se primeiro, e então deixou o banheiro à disposição do pré-adolescente, enquanto sentava-se para descansar um pouco. Praticamente não tinha dormido durante o voo de trinta horas, e tinha estado acordado por mais tempo que isso. Sentia-se exausto, mas nada que não pudesse agüentar. Além disso, preferia terminar com as formalidades o mais cedo possível.

A campainha do quarto tocando surpreendeu-o. Ele tinha marcado hora para encontrar-se com Balrog, não o contrário. Steve não conhecia mais ninguém que pudesse querer vê-lo naquela cidade, ou que soubesse que ele estava lá.

Surpreendeu-se a ver Vega no olho mágico.

O espanhol estava sorridente, sem a máscara. Steve abriu a porta, aliviado. Toda a vez que via Vega de máscara sentia um certo arrepio lhe correndo a espinha. Mas sem a máscara o espanhol era um amigo, raro espécime dentro da Shadaloo. Tinham se encontrado várias vezes depois daquela primeira missão a mando de Bison, e tinham sido sempre ocasiões agradáveis. Vega era inclusive um dos poucos amigos do serviço a quem Steve tinha apresentado sua família, quando ainda não estava fingindo de morto.

— Olá. Não posso negar que esta é uma surpresa.— Steve sorriu, deixando-o entrar.

— Ah, ouvi que você estava pela cidade e resolvi passar para dar um oi.— Vega sorriu também — Ouvi falar que vocês tinham acabado de chegar de viagem mas pelo que me disseram você vai ver Balrog ainda hoje e partir para Miami logo depois disso, então...

— Com o tipo de ordens que recebi, achei rapidez seria o melhor caminho.

— Oras, Steve, você é alguém que eu julgaria já acostumado a receber ordens do topo.

— Não deste modo.

— Bison fez algo cruel com você?

Steve sorriu e sentou-se novamente, convidando Vega a acomodar-se com um gesto.

— Digamos que Bison se assegurou da minha lealdade. Mais inexoravelmente do que eu mesmo seria capaz.

— Isso vindo de um torturador parece sério.

— Sou um profissional, e sou bom no que faço. Bison também é um profissional, e ele é melhor que eu. Mesmo não trabalhando na mesma área.

— Entendo. Mas mais estômago não quer dizer necessariamente ser melhor.

— Quer, quando o negócio em questão é o crime. — Steve suspirou.— Quer alguma coisa?

— Não, obrigado. Não tem vontade de vingar-se, Steve?

— Nenhuma vingança trará minha mãe de volta. Mas qualquer uma delas me fará perder definitivamente Mina. Não vale à pena. A coleira está em meu pescoço, e não tentarei sequer esticar a guia. Estranho que seja, porém, eu não pretendia revoltar-me.

— Bison joga pelo seguro. Além disso, sua ficha não é nada boa. Você sabe que Sagat o odeia, não?

— Era inevitável.

— Fiquei sabendo que você estava aqui quando o vi soltando fumos por você ter sido mandado para uma posição de liderança em Miami. A cara que ele fez quando eu disse

que ficava chateado com isso pois pessoalmente preferiria que você tivesse sido mandado para a Europa foi impagável. Sagat não tinha percebido que você estava subindo na organização de novo, sabe?

— Eu não esperaria que ele soubesse. Sou suficientemente desprezível para que um homem ocupado como ele não se dê ao trabalho de seguir meus passos.

— Não mais, eu diria. Afinal de contas, foi por isso que vim aqui.

— Como assim?

— Tenho certeza que Sagat telefonou para Balrog, e colocou o velho boxeador de sobreaviso contra você. Bem, eu vim aqui para acompanhá-lo na reunião, Steve. Se um dos membros do círculo do poder vai denegrir você, você vai ter outro bem ao seu lado. É para isso que servem os amigos, não?

— Não sabia que você me considerava tão amigo.

— Você é extremamente competente no que faz e capaz de planejar como se tivesse o poder de ver o futuro e capaz de manipular pessoas como se elas estivessem todas amarradas à sua mão por cordinhas de marionete. Você é alguém que quero do meu lado, não contra mim. E não sou tão radical quanto M. Bison. Prefiro você como meu amigo. Além de tudo você é agradável, consegue conversar sobre mortes e assassinatos e tortura sem ficar verde nem soltar risinhos idiotas e já me ensinou alguns truques divertidos. Claro, provavelmente eu deveria manter em segredo tudo isso. Mas você já sabia, não é?

— Tinha uma idéia. Você também conhece Mina, Vega, poderia usar a mesma chantagem que Bison e eu jamais poderia desafiá-lo.

— Seria muito fácil. Além disso, eu ouvi falar da história de Huang. Bison pode ter até mais lealdade sua do que ele tinha. Eu apostaria que, neste momento, você se deixaria matar para não sair da Shadaloo, e não pensaria duas vezes. Mas... não é a mesma *qualidade* de lealdade, não?

— Não, não é. Um amigo é diferente de um chefe.

— Pois é. Me pareceu uma boa razão para vir da Europa para cá. E faz tempo que não visito Balrog. Além do mais, dizem que aquela chinezinha gostosa está nos Estados Unidos... — Vega sorriu um sorriso lascivo.

— É obsessão isso, sabia?

— Meu caro, eu sou loooouco. Você não sabia? Um menino, Steve? Não julgava que você cultivasse esse tipo de companhia.

Soojin, acabando de sair do banho (mas já vestido, pois se arrumara no banheiro) olhou com cara de interrogação. Steve riu:

— Não, não, Vega. Lhe apresento Soojin, aprendiz de M. Bison. Nosso cauteloso chefe ordenou-lhe que me acompanhasse, para fazer parte do meu pessoal em Miami.

— Verdade? Curioso. Mas isso me deixa muito feliz. Afinal, significa que acabo de ganhar uma aposta de mil e trezentos dólares. Mas o Balrog vai estar uma fera.

— Oh. O que vocês apostaram? — Soojin perguntou, ainda intrigado.

— Se você existia. — Vega sorriu. — Vamos. Balrog não gosta de esperar.



Vega disse que desta vez ele dirigiria, já que sabia melhor o caminho. Além disso, ele, Vega, não pretendia ir naquela carroça que Steve tinha alugado (não era um carro assim tão ruim, mas realmente não se comparava ao esportivo vermelho que Vega tinha preferido).

Steve não se surpreendeu em absoluto por entrar em uma casa de lutas cuja entrada era guardada por gorilas mal encarados, ao invés de em um escritório. Era a Shadaloo, não?

O lugar não era grandioso como o cassino da velha época, mas naquela época Balrog não era um foragido da polícia. Pelo que Steve sabia, o boxeador tinha até mesmo passado algum tempo na prisão. Mas quando conseguira fugir (nem ele nem Vega tinham realmente passado muito tempo presos) voltara para a sua cidade, onde tinha contatos suficientes para se manter tão seguro quanto um chefe do mundo criminoso poderia estar. Fora obrigado a abandonar o circuito Street Fighter, pois agora tinha que manter-se um pouco mais nas sombras que antigamente, e se aparecesse no campeonato dos World Warriors certamente seria preso de novo (e Bison não iria libertá-lo uma segunda vez). Ainda assim, Steve não estranhou quando reconheceu Balrog (não o conhecia pessoalmente, mas tinha visto fotos), em um ringue. Vega sentou-se em uma cadeira e tirou um pacote de amendoins da mão de um sujeito, que desistiu de reclamar quando Vega lhe deu um sorrisinho. O espanhol gesticulou, mandando os dois sentarem-se também e aproveitarem o show.

O adversário de Balrog era um ser meio humano meio fera, com a aparência de um tigre gigantesco e bestial. Steve levantou uma sobancelha, e notou a tatuagem próxima ao coração. Relanceou os arredores. Sim, havia muito menos gente naquela platéia do que esperaria. E algumas pessoas pareciam estáticas de medo.

Deu de ombros. Vega estava confortavelmente instalado numa cadeira, com os pés em outra, comendo amendoins, e Soojin olhava fascinado a luta, sem parecer apresentar nenhum desconforto. Lars havia lhe contado sobre metamorfos e o delírio, o medo ancestral que eles inspiravam. Incrível que tão poucas pessoas que Steve conhecesse fossem afetadas por ele.

Soojin não conseguiu abafar uma exclamação quando o enorme tigre fez uma manobra ousada, se jogando ao chão para desviar-se dos socos de Balrog que estava avançando, e apoiando as mãos no ringue para erguer os quartos traseiros e aplicar um chute ainda mais mortal por estar usando a força do adversário... e as garras assassinas da fera. Balrog, porém, viu a manobra, e não foi o ar que ele socou, mas a pata que havia se erguido para chutá-lo. O som que se ouviu parecia ser de ossos quebrando.

O braço de Balrog, ou a perna da besta? Difícil saber, mas ficou claro quando Balrog apenas se afastou um pouco enquanto o homem-tigre tentava levantar-se com dificuldade. Pouco bem isso lhe fez. Assim que a fera se levantou, Balrog começou a socá-la, repetidas e repetidas vezes, o metamorfo incapaz de reagir rápido o suficiente. Ele caiu para trás e rugiu.

Um chifre negro surgiu na testa do tigre, e ele avançou com a cabeça baixa.

Balrog permaneceu firme. No último momento, evadiu-se da cabeçada e aplicou um direto no queixo que levantou o tigre alguns centímetros no ar. O monstro caiu inconsciente no chão, e começou a diminuir de tamanho. Quando Balrog se virou para descer do ringue, não era mais um monstro em forma de tigre que jazia no ringue, mas um homem de feições

orientais e coberto por muito mais tatuagens além daquela que mostrava sua tribo e ficava sobre seu coração.

— A Yakuza vai manter sua palavra de honra? — perguntou Balrog para um segundo japonês, que estava a assistir a luta. Ele fez uma vênica, guardou alguns papéis na sua maleta e saiu discretamente, levando o lutador caído.

Balrog então percebeu os três ali e se aproximou sorrindo.

— Bela luta, senhor. — Steve cumprimentou, levantando-se. — Steve MacTyler, e este é Soojin. Não são todos que podem enfrentar um Khan no mano a mano.

— Khan? É assim que são chamados esses gatinhos? Acho que vou comprar um desses, tenho um armazém com problema de ratos. Olá, Vega! O que o traz aqui aos EUA?

— Mil e trezentos dólares e a satisfação de o ver admitir que eu estava certo. Soojin é o legendário aprendiz de Bison.

— Você está brincando! Esse frangote? Verdade, moleque?

— É. — Soojin confirmou, um tanto hesitante. Nunca se julgara alguém importante, e agora estavam fazendo apostas sobre sua existência?

— Eu não acredito nisso. Levante-se, menino, eu quero ver. Posição de guarda. Isso, agora vamos ver se realmente foi o Bison que ensinou você!

O soco foi rápido, incrivelmente rápido. Mas Soojin foi mais rápido ainda. Antes que o punho assassino encostasse em sua pele, ele desapareceu e apareceu novamente, nas costas de Balrog.

— Aqui. — ele disse, orientando o momentaneamente confuso boxeador. Balrog sorriu, depois fechou a cara. Tirou a carteira e contou treze notas, sem hesitar, e estendeu-as para Vega.

— Ok, ok, você estava certo. — Balrog admitiu para Vega. Depois sorriu e deu um tapinha no ombro de Soojin:

— Você vai ser um grande lutador quando crescer, rapaz. Bem, Steve MacTyler, não? Você eu sei que veio aqui a negócios. Bison o encarregou de Miami. Espero que saiba que eu não gosto quando esse tipo de coisa é imposta no meu território.

— Acredito que sim, senhor.

— Sagat me avisou que você gosta de bancar o espertinho.

— Isso é a mais pura verdade, senhor.

Balrog parou.

— Exatamente esse tipo de comentário! Isso é algum tipo de piada?

— Apenas em parte, senhor. — Steve sorriu. O boxeador o fitou, furioso. Steve enfrentou-lhe o olhar, tentando manter-se sério mas com um prenúncio de sorriso nos lábios. Balrog sustentou a queda de olhares por alguns minutos. Então caiu na gargalhada.

— Ok, ok. Você não vai contestar uma ordem de Bison, e eu também não. E você É espertinho, não? Desde que continue no seu eixo, nós não vamos ter problemas. Sabe como está a situação em Miami?

— Li os relatórios durante o vôo. Parece bem ruim.

— Ruim é apelido. O que tínhamos de organização por lá foi destruído, há talvez seis homens que você possa ainda contatar. Uma guerra estourou ali, e não foi entre os nossos, mas fomos pegos sob o tiroteio. Eu estava fora no Campeonato Mundial, e quando voltei já não havia mais Shadaloo em Miami. De todo o nosso efetivo, sobrou meia dúzia. Patético. Bem, do que você acha que vai precisar?

— Seis meses.

— Como assim?

— Carta branca por seis meses, com o mínimo contato com o quartel general possível. É o que preciso.

Balrog olhou estupefacto. Vega decidiu que essa era a sua deixa:

— Seis meses. Nossa, você deve estar achando que a situação está ruim, hein Steve? Você nunca pediu nem um terço deste tempo para resolver um problema antes.

— Vocês estão realmente falando sério?

— Balrog, — Vega apartou. — Sagat deve ter dito um bocado de coisas sobre o Steve. Uma coisa, porém, tenho certeza que ele não disse. Nem mesmo ele pode negar que Steve cumpre todas as promessas que faz.

O boxeador olhou para Vega estupefacto.

— Mas... seis meses. Nosso pessoal nem sabe o que diabos atingiu eles. Como você vai resolver a situação, e sem ajuda?

— Tenho Soojin comigo, isso significa que tenho ajuda. — Steve afirmou, arrancando uma careta de Balrog que resumia o que ele achava da “ajuda” que um molecote de onze anos poderia prestar. — Pode ser feito. Pretendo fazê-lo. Além disso, precisarei ganhar respeito em Miami. Se ficar pedindo ajuda, nunca o conseguirei.

— Não entendo.

Steve sentou-se no ringue, apoiando as costas contra as cordas, e passou o dedo pelo chão, erguendo-o avermelhado de sangue.

— Isso é a base do poder da Shadaloo. — afirmou, mostrando o sangue. — Você, Vega e Sagat são três dos maiores lutadores do mundo. São capazes de vencer, desarmados, quase qualquer um que os desafie. Existem muito poucos guerreiros que poderiam enfrentá-los. Aqueles guerreiros que poderiam, ainda assim não seriam capazes de enfrentar Bison. Com talvez a exceção de Ryu, mas na verdade isso não importa, pois o Ryu não é concorrência. O que acontece é: a Shadaloo baseia o seu poder no fato de que seus líderes são temidos. Ninguém quer atravessar o seu caminho, ou o do Vega, ou o do Sagat, ou, que deus o proíba, o do Bison.

— Tá, e?

— Bem, eu não sou um lutador. Eu não sou capaz de intimidar as pessoas para que me obedeçam por medo. Se eu pretender liderar alguma coisa, precisarei conquistar respeito como líder. E não vou conseguir isso se ficar me escondendo atrás de vocês.

— Dá pra repetir?

Steve parou. Não era possível que aquele fosse o líder da Shadaloo nos EUA.

— Ahmn... se você me deixar agir por seis meses sem me chamar para dar explicações durante esse tempo eu resolvo os problemas em Miami.

— Feito. Começa quando?

— Hoje mesmo. Meu vô é às sete.

— Eu levo vocês. — Vega prontificou-se. — Depois disso eu vou dar uma olhada para ver se os boatos eram verdade.

Quando já tinham saído, Vega virou-se para os dois:

— Olha, liga não, o Balrog não é sempre assim, deve ter sido um dia ruim.



Steve foi prudente. Sua primeira ação em Miami, depois de quarenta e oito horas direto sem dormir, foi alugar um quarto duplo em um hotel mediano e descansar. Só no dia seguinte foi verificar como as coisas realmente estavam.

A primeira coisa que fez foi visitar a antiga casa que era sede da Shadaloo, antes mesmo de ir procurar os seis integrantes da organização que ainda restavam. Soojin o acompanhou, mas Steve pediu que o garoto o esperasse no carro. A casa destruída lhe podia dar as primeiras pistas do que realmente acontecera, e Soojin não saberia no que não mexer.

A porta não estava arrombada. Estava simplesmente destrancada e fechada. Steve entrou e notou que uma das paredes estava marcada por garras. Medindo com a própria mão, Steve notou que a mão em que as garras haviam estado era também de um tamanho próximo ao de uma mão humana. O resto da sala de entrada era um pandemônio. A maior parte dos móveis estava quebrada, mas era de se notar as manchas de sangue no chão. Procurando, Steve notou manchas de terra em várias janelas, como se alguém tivesse entrado por elas. Nenhum corpo, porém. Os relatórios também haviam dito que nenhum corpo fora encontrado.

Nos quartos seguintes havia menos móveis quebrados. Então chegou ao anfiteatro. O relatório dizia que vários incidentes tinham acontecido pela cidade, com a morte de alguns dos membros da Shadaloo. Então o grosso dos criminosos leais à organização tinha sido reunido ali, naquela casa, naquele anfiteatro, para discutirem o que deveria ser feito. Eram mais de cinquenta pessoas. Apenas uma havia sobrevivido, e estava internada em um instituto mental no momento, contando histórias que eram absolutamente absurdas. Os outros cinco membros da Shadaloo ainda vivos não tinham estado na reunião.

A forma como tudo tinha acontecido, uma vez que entrou no anfiteatro, estava clara.

O anfiteatro tinha três portas. Duas delas tinham sido barricadas por fora. A terceira estava aberta. Alguma coisa tinha entrado ali. Contando que só tivesse sido um a entrar por cada janela suja de terra, teriam sido oito. Provavelmente mais. De algum modo, tinham mantido a luta na entrada em segredo. Os outros vigias provavelmente nem tinham gritado. Provavelmente fora por isso que houvera luta na sala de entrada e não nos outros quartos. Na sala de entrada havia mais de um guarda. Os guardas solitários dos outros quartos haviam caído antes mesmo de gritar. Então as criaturas tinham entrado, e barricado o anfiteatro, garantindo que nenhum dos presentes iria fugir. E o pandemônio se iniciara.

Steve encontrou novas marcas de garra, e notou que havia relativamente pouco sangue, apesar de tudo, apenas algumas gotas derramadas, que provavam que o chão não havia sido limpo, mas nenhuma grande mancha. Notou que as lâmpadas não funcionavam, e percebeu que a eletricidade tinha sido cortada. E lhe pareceu muito lógico então, o porque eram absurdas as histórias do único sobrevivente.

“Eles entraram sorrateiramente quando todos estavam reunidos. Mataram os guardas, barricaram as portas. Entraram pela única porta não barricada, ao mesmo tempo que cortavam a iluminação. Para os humanos dentro do anfiteatro, não havia muito o que fazer. Mesmo sendo lutadores, eles estavam ferindo mais os seus iguais do que os atacantes, confusos pela escuridão, a qual era iluminada apenas por breves flashes de chi. Já os atacantes tinham garras, e provavelmente também enxergavam no escuro. Não eram humanos. Não foram humanos aqueles que atacaram aqui. Mas o que eles fizeram que deixou tão irados os seres sobrenaturais?”

Olhou mais uma vez para o salão destruído. Não iria encontrar respostas ali.

Saiu do salão e percorreu os corredores da casa até uma sala muito menor, mas melhor mobiliada. O antigo chefe de Miami tinha seu escritório ali. Procurou pela sala. Havia estantes e armários, óbvios, e muita papelada neles. Apenas uma vista de olhos foi suficiente para determinar que nada daquilo era importante. Procurou e encontrou um cofre atrás de um quadro. Sequer se importou em abri-lo. Achou outro, menos óbvio, no chão, ao empurrar uma estátua. Dedicou boa hora e meia a encontrar o código de segurança deste, para abri-lo. Pastas. Anotações pormenorizadas sobre cada membro da organização. Cinquenta divisões. Steve leu as seis que importavam, descobriu que eram bastante descritivas. Sorriu, e decidiu que ficaria com a pasta.

Mas ainda não era aquilo.

Anotações como aquelas não teriam sido feitas por alguém que guardasse suas informações importantes na mente, onde elas estavam mais seguras. E Steve ainda não tinha descoberto o que procurava. Ainda haveria ovos de páscoa na sala?

Parou e ficou apenas a observar o local. Talvez devesse procurar no quarto... não haveria nada naquele óbvio cofre atrás do quadro. Nada no armário da direita, nem no da esquerda, nem nas estantes. Nada na escrivaninha...

Espere. Todos os outros móveis, apesar das decorações rococós, eram bastante novos. A escrivaninha contrastava com o conjunto. Parecia ser uma antiguidade, européia, com no mínimo três séculos...

Aproximou-se e abriu as gavetas novamente, prestando atenção desta vez.

Sim. Era sutil, era uma verdadeira obra de arte, mas as gavetas não eram tão grandes quanto deveriam ser.

Começou a procurar. Com cuidado. A escrivaninha lembrou-o de ter mais cuidado ainda uma hora depois, quando um espinho o arranhou de raspão. Steve teve sorte de conseguir retirar sua mão antes que ela fosse trespassada pela agulha de ferro.

Tentou procurar mais, mas depois de vinte minutos, sua visão tornou-se simplesmente turva demais. Quando tentou levantar-se e caiu, acabou desistindo de mover-se. A escuridão o tomou gentilmente.

Acordou com Soojin desesperado ao seu lado:

— O que aconteceu? Anoiteceu, você não vinha, eu fiquei preocupado, o encontrei aqui caído...

— A escrivaninha.— Steve lembrou-se. — Uma das escrivaninhas cofre da Europa Medieval. Estava procurando nela... uma agulha com veneno raspou em minha mão... mas não foi o suficiente, acho.

— Você quer alguma coisa que está dentro da escrivaninha, é isso?

— É...

BLAST

Estilhaços de madeira voaram para todos os lados. Soojin olhou entre os que tinham ficado no chão. Pegou uma caderneta.

— É isso?

— Aquela escrivaninha era uma obra de arte.

— Dane-se a arte. Você ia continuar tentando se matar com aquela coisa?

— Você podia ter destruído...

— Claro que não. Tesouros escondidos estão na parte mais bem protegida do treco, oras. Chefinho, você parece mal. Te levo para um hospital?

— Sem hospitais, Soojin. O pior do veneno já passou.— Steve tentou se levantar e não conseguiu, de novo. O menino o segurou. Steve fingiu que não era nada e apenas disse:

— Pode pegar aquela pasta também?

— Claro. Sem hospitais mesmo?

— Sem hospitais. Vamos voltar para o hotel.

— Okie dokey. Assim você quer, assim será.



Steve acordou. Estava com fome, e sentia-se ainda um pouco tonto. Tinha uma dor de cabeça daquelas, e sentiu náusea a se levantar. Olhou para o relógio. Meio dia e meia! Tinha dormido muito mais do que deveria. Cerrou os dentes, levantou-se apesar da náusea e da ânsia de vômito, e foi até o banheiro. Depois de tomar um banho e arrumar-se sentia-se mais humano, apesar de ainda não estar propriamente se sentindo bem.

Soojin entrou no quarto e sorriu.

— Bom dia.

— Bom dia. Por que não me acordou?

— Você quer dizer, ontem?

— Ontem?

— Quarenta e uma horas. E meia. Você está bem, chefinho? Minha promessa foi a única coisa que me impediu de levá-lo para um hospital.

— Não. Mas está tudo bem.

— Você tem certeza de que não quer ir para um hospital, chefe?

— Venenos são incomuns. Seja lá o que for que havia naquela agulha, era ainda mais incomum do que o normal. Vai chamar a atenção dos médicos, se eu for para um hospital. E eu não quero, não posso, chamar a atenção de nenhum tipo de autoridade. Pelo menos não por enquanto.

Soojin o olhou desgostoso. Steve sorriu:

— Pode deixar. Eu tenho uma boa noção do quanto agüento. Bem, vamos continuar. Já descansei por tempo demais.

— O que quer fazer agora?

— Almoçar. E depois disso vamos procurar uma casa que esteja à venda.

— Almoçar não é descanso?

— No momento, meu estômago diz que é necessário.

Steve não descansou enquanto estava almoçando pois, enquanto mastigava cuidadosamente a comida que ao mesmo tempo sua fome exigia e seu estômago não sabia se era capaz de agüentar, se dedicava a ler cuidadosamente a caderneta. Endereços e telefones, descobriu. E nomes, e apelidos, e e-mails... até mesmo datas de nascimento.

Encontrou o telefone de Balrog, sob o apelido “Big Mother Fucker 2”. Fitou a denominação, divertido. Folheou algumas outras páginas da agenda, até encontrar “Big Mother Fucker 1”.

“Big Mother Fucker 1” era distintamente nomeado como Príncipe Andrew Mauris. E uma data, como as outras datas de nascimento que havia na caderneta. A data era de 19/05/1470.

Steve fechou os olhos. Bem, agora já sabia porque os seres sobrenaturais tinham atacado. O antigo chefe estivera sob pagamento duplo. Da Shadaloo... e de alguém mais. Alguém com quinhentos e vinte e nove anos, se as informações da caderneta eram corretas.

E o derramamento de sangue tinha sido extraordinariamente pequeno para a morte de cinquenta homens.

Fechou a caderneta, terminou seu almoço. Foi passear à tarde em Miami Beach, e comprou uma mansão em estilo Art Decó, própria para milionários. Seu papel era o de um milionário euro-asiático, e interpretou-o até o último detalhe. Sua fortuna pessoal, acumulada desde o início de sua vida criminosa, era suficiente para bancar a imagem que

queria passar. Gastou dinheiro na mansão e em mobiliário adequado para ela, sem moderar no luxo. E depois disso, escolheu uma cartela de investimentos diversos, todos em território americano. Tinha mais informações sobre grande parte das empresas do que a maioria dos investidores teria. Podia não saber muito sobre o lado limpo delas, mas conhecia o lado sujo bem como poucos. Desde que descobrira sobre a Pentex, Steve jamais deixara de manter pelo menos um olho sobre as voltas no aquário de tubarões dos grandes conglomerados das finanças. E, enquanto isso, e antes de tentar contatar os seis lutadores que a Shadaloo ainda contava entre os seus homens em Miami, esperava uma resposta.

Tinha ligado para Lars a partir de um telefone público, num momento em que Soojin não estava ao seu lado.

— Oi garoto.

— Steve? Eu não ouvia notícias suas desde que você me mandou aquela dica sobre São Petersburgo!

— Verdade. Fez boa caçada?

— Só não morri porque a vampira atrás da qual você me mandou me achou “bonitinho”. Porque alguém com duzentos anos que parece ter vinte e poucos não entende que alguém pode ter vinte e poucos e parecer ter dez?

— Porque é a sua sina, amigo. Pelo menos a dica que lhe dei se encaixou em seu propósito?

— Magnificamente. Você sabia que eu não conseguiria enfrentá-la, não é?

— Claro. E sabia que ela não iria matá-lo. Sasha é famosa por adorar crianças.

— Filho da mãe! Bem, seu uísque falsificado, por que está me ligando? Algum motivo especial ou só para bater papo?

— Sou uma pessoa má que nunca liga para os amigos só para bater papo, meu caro Fomor. Tenho uma dúvida que recai no sobrenatural. Resolvi te ligar porque você é o maior entendido no assunto que eu conheço.

— Você está mal, hein? Ok, mande bala.

— Você sabe o que quer dizer o título “Príncipe” no mundo sobrenatural?

— Pode ser muita coisa.

— Tenho uma grande suspeita que se relaciona com vampiros.

— Vampiros? Xi, cai fora da minha área. É urgente?

— Um pouco, mas posso esperar.

— Tenho um amigo que conhece bastante de vampiros. É caçador também, da mesma organização que eu, a ERSWH. Um tal de Hiroshy Nagatsu. Ele é Street Fighter, por sinal, talvez você já tenha ouvido o nome. Vou perguntar para ele, te mando a resposta assim que puder.

— Muito obrigado, Lars.

— Não há de quê. Não estou chegando nem perto de retribuir o último favor que você me fez, Steve, pode ter certeza. Mas e aí? Pode contar como está a vida?

— Até que sim.— Steve sorriu, e se deixou levar pela conversa. Era perigoso, é verdade, ainda ter um amigo. Mas, tanto quanto soubesse, Bison sequer tinha conhecimento da existência de Lars, e além disso o Fomor sabia se defender. E Steve racionava o luxo de conversar com ele, o fazendo apenas nos momentos em que podia justificar suas ações como guiadas por interesse. Isso mantinha o rapaz, um dos poucos verdadeiros amigos que Steve sabia ter e o único que não o julgava morto, à distância. Mas não importava.

Recebeu uma resposta por e.mail, no final da semana. Era o que ele esperava, mas um pouquinho melhor do que ele tinha esperanças de que fosse.

Tendo descoberto os fatos necessários e terminado seus preparativos, decidiu iniciar a retomada de Miami. Mandou uma pequena carta, para cada um dos cinco integrantes da Shadaloo que restavam livres, pedindo-lhes que comparecessem à sua casa. Para falar com o sexto, tirou uma tarde para visitar o hospício.

Apresentou-se como representante da empresa que, teoricamente, estava a pagar as custas do tratamento. Steve realmente era representante da empresa. A tinha comprado pela manhã, depois de ganhar dinheiro considerável vendendo ações de três empresas antes que as ações destas baixassem calamitosamente por estarem decretando falência, e comprado ações de outra que se valorizaram astronomicamente devido a uma fusão com um conglomerado.

Teve uma longa discussão com as enfermeiras, e depois com dois médicos. Foi categórico. Quando foi apresentado para o caco de pessoa que estava sendo mantido drogado e amarrado em sua cela, pois aquilo não podia ser chamado de quarto, não teve a mínima dúvida. Ignorando as advertências de que o paciente era altamente perigoso, levou-o consigo.

Jake o olhava ainda com olhos baços quando Steve o ajudou sair do carro e empurrou sua cadeira de rodas até a sala. Quando o olhar assustado do outro pareceu focar-se o suficiente para vê-lo, Steve sorriu gentilmente.

— Você não vai voltar para aquele lugar, Jake. Não precisa mais ter medo.

— Quem... quem é você?

— Eu sou Steve. Fui mandado por Mriganka, para restabelecer a ordem aqui.

— Eu não estou louco.— Jake murmurou, implorando. — Por favor, eu sei que não estou louco. Me deixe provar isso. Me deixe fazer qualquer coisa. Só não me mande de volta para aquele inferno.

— Eu sei que você não está louco, Jake. E eu lhe dou a minha palavra que você não será levado de volta para aquele sanatório. Eu sei que foram verdadeiros vampiros.

Os olhos do outro se arregalaram. Steve sorriu:

— Da próxima vez, minta. Diga qualquer história para os médicos, menos a verdade. Psiquiatras não querem ouvir a verdade, eles querem que você se adapte à verdade deles.

Jake estremeceu:

— Vo... você acredita? Você acredita que não estou louco? Eu não estou mesmo louco, eram realmente...

— Algum dia vou querer que você me conte a história com detalhes. Quando ela o machucar menos.

— Não, ela... eu... você poderia ouvir?— os olhos do outro estavam tão ansiosos, tão sedentos de alguém que acreditasse nele, que Steve apenas sentou-se e lhe fez um gesto para falar. A reconstituição da cena que Steve fizera investigando a casa fora bastante acurada, mas a descrição de alguém que realmente estava lá e que vira tudo acontecendo, seus amigos e colegas sendo dilacerados ao seu lado, no escuro, enquanto criaturas animais se alimentavam deles como se fossem gado...

Os outros convidados chegaram para ouvir o final da história. Steve apenas levantou-se para cumprimentá-los e apresentar-se depois que Jake terminou a descrição de como fugira e como tinha sido colocado no sanatório.

Os cinco outros que o fitavam pareciam prestes a rir. Steve foi formal, e apresentou-se e a Soojin detalhadamente antes de fazer qualquer comentário. Nem o precisou. Foi um deles que primeiro riu:

— Você? Mandado de Mriganka? Nem a pau! Eu te derrubaria no meio em menos de um golpe, frangote. Você e o menino, com uma só mão.

— Eu não fui mandado aqui para lutar em campeonatos, Issacson.— Steve afirmou.— Fui mandado aqui para recolocar estes cacos que sobraram no lugar.

— Sacs! Não Issacson, Sacs. E como você vai fazer isso, baixinho?

— Com a ajuda de vocês.

— Sério, e por que nós o ajudaríamos?

— Porque será o melhor para as suas saúdes.

— Ah, verdade? Conta outra, mané. Vai dizer que quer que acreditemos na história do doidinho também?

Steve sorriu, sem dizer nada.

— Ah, qualé? Brincou!

— Caro Issacson, se você houvesse comparecido àquela reunião quando foi chamado, talvez você pudesse contestar a palavra de Jake. Ou talvez você estivesse em um caixão. Uma vez que a última hipótese é mais provável, você pode argumentar que sua desobediência às ordens foi um grande ganho, para você, ao menos. Mas ainda assim, você não tem o direito de contestar a versão da história de quem estava lá e a viu.

— Vampiros? O caramba!

— E você acredita em pessoas capazes de lançar bolas de fogo com as mãos?

— Chi é uma coisa. Vampirismo...

— É igualmente fantástico e igualmente verdadeiro. Mas não é necessário que você confie nas minhas palavras, nem nas de Jake. Apenas acontece, porém, que você não é o líder aqui. Assim sendo a sua opinião não importa. Eu acredito nas palavras de Jake, e não irei mandá-lo de volta para aquele sanatório, e irei tomar todas as medidas de precaução que julgar necessárias. Não me importa o que você faria no meu lugar. Assim como você tem o direito de não acreditar em nada do que digo, eu tenho o direito de desconsiderar tudo o que você falar. Afinal de contas, a possibilidade de acreditar na extrema falta de inteligência e coerência do seu interlocutor é uma via de mão dupla.

Os olhos de Issacson brilharam, e o ar subitamente se tornou mais frio, um vento gelado decidindo percorrer a sala. Soojin se levantou de súbito, e encarou Issacson, uma aura prateada brilhando em torno de si, como pequenas chamas. O duelo de olhares durou por alguns momentos que pareceram uma eternidade. Pequenos pingentes de gelo começaram a se formar na cadeira da qual Issacson tinha se levantado, no braço próximo a ele. Soojin sorriu.

Issacson sentou-se novamente na cadeira, furiosamente, quebrando os pequenos pingentes de gelo. Soojin ainda deixou o sorriso em seus lábios por mais alguns segundos, antes de sentar-se tranqüilo como se nada tivesse acontecido.

— Esnobezinho covarde se escondendo atrás de um menino.— Issacson praguejou entre dentes. Steve fingiu não ouvir.

Os outros se entreolharam, e por fim perguntaram:

— E aí?

— Os chamei apenas para me apresentar.— Steve sorriu.— Ainda não decidi exatamente qual o curso de ação a seguir. Por enquanto, tenho apenas uma ordem.

— Fala de uma vez.

— Não quero que mencionem o nome da Shadaloo. Creio que os nossos inimigos julgam que fomos completamente derrotados aqui na Flórida. Quero que eles continuem com esta impressão. De preferência, quero que a polícia e o governo também acreditem no mesmo. Iremos agir, por certo, mas nas sombras. Não quero que as pessoas ouçam o nome

da Shadaloo e tenham medo, não aqui na Flórida. Quero que elas ouçam este nome e não saibam o que ele significa. Não quero pop-stars, quero fantasmas. Fantasmas que andem pelas ruas e aterrorizem as pessoas, sim, mas que essas pessoas não saibam dizer seus nomes nem descrever suas faces, muito menos ligá-los ao nome de uma conhecida organização criminoso. Se vocês estão atrás de glória, tudo bem, eu não me importo, mas a consigam nos torneios oficiais, não fingindo de bichos papões e se aproveitando do nome da organização para intimidar os ingênuos. Este vai ser o último dia em que falaremos em Shadaloo. Vocês sabem quem são, eu sei quem vocês são. É mais do que suficiente e não são necessários rótulos para nos identificar.

Os cinco se entreolharam, e Steve soube que eles não iriam obedecê-lo. Um deles pigarreou:

— Senhor Steve?— o “senhor” pareceu ser dito um tanto hesitantemente.

— Pode falar.

— Há uma luta marcada, do Campeonato. Guile está para enfrentar um desafiante que quer entrar para os World Warriors. Um tal de Hiroshy Nagatsu.

— E?

— Depois da luta será o melhor momento para atacá-los.

— Hiroshy?— Steve sorriu. —Peculiar, eu não esperava que um membro da ERSWH viesse lutar nos Estados Unidos. Justamente em um país onde a organização à qual ele pertence é ilegal. Mas isso é apenas um detalhe. Nenhum de vocês irá ferir Hiroshy. Aliás, nenhum de vocês vai interferir nessa luta. Não é problema nosso. E nós já temos problemas suficientes. Entenderam?

Eles disseram que sim. E ficaram um pouco mais, para depois irem embora. Quando os cinco saíram, Steve olhou para Soojin e Jake, que haviam permanecido (Steve não deixaria o menino de onze anos morar sozinho, e quanto a Jake, ele precisava de algum tempo para recuperar-se do trauma daquela noite e do sanatório, antes de ser deixado por sua própria conta. Além disso, a mansão era grande o suficiente). Suspirou.

— Jake, você tem contatos por aqui?

— Sim senhor.

— Por favor, você poderia me conseguir data, horário e local da tal luta? E, você, Soojin, creio que seja capaz de ser discreto?

— Claro!— o garoto falou como que ofendido.

— Então siga aqueles palhaços, por favor. E, ah... mantenha-se longe do Guile por enquanto.

— Mas...

— Você fez uma promessa, Soojin. Eu irei levar em conta a situação. Mas leve em conta também que, embora eu não seja um lutador, eu tenho uma noção razoável sobre quando é o melhor momento para aproveitar uma oportunidade. O momento de você e Guile lutarem não chegou ainda.

— Está bem, senhor.

— Caso você acredite que eles estão prestes a atacar Hiroshy, por favor me avise. Você tem meu número de celular, não?

— Claro.



Steve não se admirou quando Soojin lhe ligou rindo, dizendo que Hiroshy tinha dado um couro em Guile e que aquela fora a melhor luta que ele já tinha assistido. Surpreendeu-se quando o menino lhe disse que na platéia, apesar da presença dos outros quatro, Issacson brilhava pela ausência. Soojin também informou que Hiroshy tinha ficado em mau estado depois da luta e tinha sido levado para a enfermaria da base. Steve pediu-lhe para continuar a vigia.

Já era noite quando ele ligou novamente. Hiroshy tinha saído com os amigos para comemorar em um bar. Soojin tinha seguido, e vira os outros quatro seguindo também. Steve pediu o nome e endereço do bar e se encaminhou para lá.

Chegou enquanto as coisas ainda estavam calmas. Sentou-se ao lado do garoto e este lhe apontou uma mesa. Steve surpreendeu-se. Reconheceu Kyo Kusanagi entre os quatro homens que bebiam. Hiroshy era facilmente identificável. Ele fingia que não, mas estava bastante ferido. Os outros dois eram desconhecidos para Steve, mas pareciam também lutadores.

Os desobedientes ainda não tinham entrado. Provavelmente tinham ficado um pouco para trás, esperando criar um espetáculo intimidador para começarem a luta. Bares são um lugar ideal para encrencas, afinal de contas.

Steve viu-os quando estavam abrindo a porta. Uniformizados em ternos negros, de gravata e óculos escuros. Pareciam estar assistindo cinema demais, e aquelas roupas pareciam desconfortáveis para lutar. Steve ergueu um drinque na direção deles. Um dos quatro, Ned, se lembrava corretamente do nome, engoliu em seco e recuou. Larry, o mais audacioso, segundo a pasta que conseguira no escritório do antigo chefe, o olhou enfurecido e foi em frente com o passo duro, fazendo barulho no chão e chamando a atenção das outras pessoas no bar. Os outros dois, Josh e Dave, pareceram hesitar um momento, mas seguiram em frente.

Aproximaram-se da mesa em que Hiroshy estava. Larry tentou fazer sua melhor voz ameaçadora quando perguntou:

— Você por acaso é Hiroshy Nagatsu?

— Depende. Por quê?

— Soube que você atingiu o ranking de World Warrior hoje.

— Se quiser se juntar a nós na comemoração, é só puxar uma cadeira!

— Não, obrigado. Eu vim aqui sugerir que você se aposente.

— Quer que eu acabe com eles agora, chefe, ou eu espero? — Soojin murmurou.

— Espere. O mal já está feito. Mas eles são três contra quatro. Quero ver qual a reação de Hiroshy e dos outros.

— Quê? — foi a resposta em uníssono da mesa ameaçada.

— Isso mesmo. — Larry insistiu.

— Aschu qui ocê stá maluco...

— Eles estão bêbados, chefe, e Hiroshy está ferido da luta. O fato de serem três contra quatro pode não ser suficiente. A emboscada foi bem feita.

— Por que isso agora? — perguntou Kyo, e **ele** não parecia nem um pouco bêbado.

— O mundo pode ser meio... perigoso para um World Warrior. Principalmente para um membro da ERSWH.

— A emboscada apenas seria bem feita caso tivesse propósito. Ter um membro da ERSWH entre os World Warriors, a princípio, nos interessaria. A ERSWH tem relações diplomáticas com Mriganka, e eles

foram os principais responsáveis por convencer a Inglaterra a reconhecer o governo do país oficialmente, iniciando a cascata que fez a ONU nos admitir em seus membros. Assim sendo, a emboscada, embora seja de razoável nível tático, é de extremo baixo valor estratégico. Mas o incidente não me parece tão sério. Nota o rapaz de bandana branca?

— Isso foi uma ameaça? — o rapaz de bandana branca falou, como se tivesse sido combinado.

— Não. De forma alguma. Apenas um aviso. — Larry sorriu.

— Ele é o campeão de um dos torneios mais disputados da Ásia. — Steve continuou a explicação. — Kyo Kusanagi, vencedor por vários anos consecutivos do King of Fighters. Se os outros dois homens na mesa tiverem um nível próximo ao de Kyo e Hiroshy, “nossos” homens irão decepcionar-se bastante com sua emboscada ligeiramente armada. Além disso, seria anticlimático interromper a luta agora e anunciaria a nossa presença como membros da Shadaloo em público, o que eu gostaria de evitar.

— E se eu mandar você pegar o seu aviso e fazer o Bison comê-lo? — perguntou Hiroshy, sorrindo.

— Então sabe quem somos. Ótimo, isso facilita tudo.

Os três tiram os paletós. Os quatro da mesa se entreolham, e levantam para lutar.

Não demora muito, e um deles cai. Steve cerra os dentes.

— Posso? — pergunta Soojin.

— Ainda não. Caso outro deles caia.

Um segundo dos quatro caem. Larry ri:

— Desista, meu caro. Só vocês dois não podem vencer três dos melhores guerreiros da Shadaloo!

— Me deixa matar esses caras! Dois deles estão caídos agora, Steve, por favor!

— Espere. Aquele homem na porta... já o vi em algum lugar...

— Talvez, mas e se eles tiverem ajuda? — o homem em questão era alto e pálido e estava vestido todo de preto, com uma capa e um chapéu de abas largas. Steve cerrou os dentes. Tinha certeza de que o conhecia... mas não se lembrava de onde.

— Quem é você, estranho? — Larry perguntou.

— Alguém que não gosta de ver covardias e nem de ver semelhantes apanharem. Mas se quiserem me chamar de algo, podem me chamar de Sebastian.

Sebastian... não, não era esse o nome. Não era esse o nome dele.

— Pois bem, Sebastian. Você vai se arrepender de ter interferido em negócios que não lhe dizem respeito!

— Veremos. — ele diz, arremessando sua capa numa cadeira.

E então Steve reconhece. Não é o homem em si que ele conhece, mas o arrepio na espinha e a sensação de estar sufocado que sentiu ao vê-lo.

— Eles estão mortos. E os quatro talvez pior que isso.

— Quem é ele, chefe?

— A questão não é quem é ele. A questão é “o que é ele?”

Soojin não precisou perguntar por que, quando Sebastian ergueu Dave com uma mão e facilmente o jogou contra uma parede, fazendo-o cair inconsciente, enquanto com um único soco terminava a alegria de Larry. Josh, amedrontado, pois Larry era o mais forte deles três, tirou uma faca e gritou, fingindo ter a coragem que não tinha:

— Você vai morrer, Street Fighter!

Ele apenas conseguiu enterrar a faca no outro porque “Sebastian” não se esquivou. Muito pelo contrário, ignorando totalmente o ferimento, segurou Josh pela cabeça, com uma mão só.

— Vou lhe dizer duas coisas. Primeiro, não sou um Street Fighter. Vocês é que não sabem lutar. Segundo, sabia que eu sou tão íntimo da dor que posso provocá-la nos outros?

Josh começou a gritar, e gritar, e gritar... Dois minutos depois, ele parou. Steve sabia que ele estava morto antes dele atingir o chão. E que, pior que isso, também estaria gritando no lugar para onde sua alma fora. “Sebastian” o largou, e num movimento simples, retirou a faca do seu ombro. A ferida fechou-se assim que a lâmina o deixou.

— Ok, chefe. O que é ele?

— Demônio. Já me encontrei com um deles antes. A situação promete ficar séria. Espero que nós não sejamos obrigados a lidar com aquilo.

— O que diabos é você? — Hiroshy perguntou para Sebastian. Havia medo nos olhos do recém instituído World Warrior, medo que Steve julgava bastante sábio.

— Um amigo. — Sebastian respondeu.

— Como você fez aquilo?

— Um bom mágico nunca revela seus truques...

— E que truques! — diz Kyo.

— Ainda bem que eu estava por perto. — Sebastian pegou os dois desmaiados do grupo da mesa e jogou-o sobre o ombro, preparando-se para sair do bar.

— Verdade. — Hiroshy concordou. — Acho que sem você, estaríamos ferrados!

— Como você se sente, Hiroshy?

— Ainda meio dolori... Ei! Como você sabe...?

— Eu sei muitas coisas. Você deve deixar o país o mais rápido possível. A Shadaloo vai cuidar para que todos saibam que você é da ERSWH em breve.

— É, eu sei. Vou cair fora amanhã, assim que Zoner acordar.

— Seguimos eles, chefe?

— Não. Jake conseguiu o nome do hotel onde eles estavam, não?

— Sim.

— Vamos apenas checar os nossos então.

Larry estava morto também. Dave estava vivo. Inconsciente e pesadamente ferido, mas vivo. Steve pagou a conta do bar e o quebra-quebra. O dono do bar olhou-o atônito:

— Você conhece aqueles caras, senhor?

— Não. Mas foi belo espetáculo, não?

Deixou Dave ali. Depois, quando saíram do bar, ligou para que um hospital mandasse uma ambulância.

Levou Soojin para casa e aproveitou para falar com Jake, que lhe passou o hotel e o número do quarto de Hiroshy. Soojin perguntou se queria que fosse junto, Steve lhe disse que não era necessário. Antes de ir ao hotel, Steve parou em uma adega e comprou uma garrafa de uísque e um cartão de desculpas.

Tocou a campainha.

Hiroshy atendeu, parecendo em péssimo estado. Steve entregou-lhe o presente.

— Gomen. O ataque de hoje foi um equívoco, e por favor, desconsidere todas as ameaças feitas, elas não têm fundamento.

O lutador o olhou com uma cara de quem não estava disposto a pensar naquele momento da noite:

— Tá bem.

Steve fez uma vênia e foi embora.



A falta de curiosidade do novo World Warrior era bastante compreensível, depois do dia que ele tivera, mas Steve não deixou de se sentir um pouco decepcionado. Uma parte sua esperara que Hiroshy o interrogasse e teria se divertido muito com tal conversa, embora soubesse que era bem melhor assim. Suspirou, voltando sua atenção para a estrada. A noite já estava adiantada e seus faróis estavam solitários na estrada que ligava as Floridas Keys (pois o hotel onde Hiroshy estava era próximo ao Cabo Canaveral, onde fora sua luta) a Miami Beach. A estrada grande e reta e escura era entediante, e Steve precisava se concentrar para não fazer nenhuma idiotice no volante.

Quando chegou em casa estava cansado e entediado. Mesmo assim, parou ao perceber o homem tentando escalar o muro. Pensou em suas possibilidades de ação, deu de ombros e foi até o invasor.

— Boa noite. Por que está tentando escalar o muro da minha casa, se eu poderia perguntar?

O homem caiu no chão ruidosamente.

— Eu... eu...

Steve notou que ele era estranhamente pálido, e que apesar da expressão em seu rosto e do esforço de escalar e do calor da noite tropical ele não tinha uma gota de suor em sua fronte. E que depois de gaguejar ele não tentara inalar novamente ar.

— Poderia acrescentar à pergunta um “quem é você”? — questionou, apreensivo.

— Eu... Sacs não estava em casa, mas havia uma carta, ela tinha esse endereço...

— Quem é você?

— Tony. Tony Belmont.

Steve parou. O nome era conhecido. Era o nome de um dos antigos membros da Shadaloo em Miami. Um dos que estavam teoricamente mortos. Bem, talvez na prática também.

— Me acompanhe, Tony. Será bem mais fácil entrar pela porta. E irei querer seu relatório, soldado.

— Eu... eu posso perguntar quem é você?

— Meu nome é Steve MacTyler e fui encarregado da área da Flórida por M. Bison.

— Bison em pessoa?

Steve assentiu.

— Uau! Nossa! Essa nova casa é bem mais bonita.

— Por favor, sente-se. E me diga, também: quem o mandou aqui?

— Ahmn... você. Você pediu para todos os antigos membros da Shadaloo da Flórida o encontrarem aqui, não é?

— Pensamento rápido mas inconsistente, meu caro. Todos os outros informaram o mais rapidamente possível suas condições, mantendo-se leais à organização. Você não dá notícias há um tempo considerável.

— Olha, eu posso explicar, é uma longa história...

— Você não está propriamente vivo, está?

Tony fitou Steve:

— Você nota só de olhar para mim?

— Facilmente. Sua compleição e sua tendência a esquecer-se de respirar o denunciam, Tony. Você não é mais humano e você renegou a organização.

— Ah, por favor, senhor Steve, eu não queria que as coisas chegassem a esse ponto! Nada disso aconteceu por minha vontade, pode acreditar, e eu teria chamado a organização se tivesse tido chance. Mas agora, por favor, eu preciso de vocês. Não me deixe na mão!

— Apenas conte sua história com sinceridade, Tony. Comece-a do começo.

— Até onde você sabe?

— Se você repetir algo que sei, eu não ficarei chateado. Pode falar.

— Ok. Bem, foi assim... o antigo chefe, ele tinha umas conexões estranhas. Gente soturna, que dava arrepios até na gente. Normalmente isso não era problema. Mas aí começou uma guerra na cidade. Uma guerra... se eu falar de vampiros, você acredita?

— Sim, especialmente quando estou vendo um na minha frente. Continue.

— Bem, começou uma guerra de vampiros na cidade. Aqui é dominado por uma organização deles chamada de “Camarilla”, e uma outra organização, chamada “Sabbat” tentou invadir o território. Uma guerra de gangues, só que entre imortais que chupam sangue, entende?

— O antigo chefe apoiava uma destas gangues?

— Ele apoiava a “Camarilla”, desde antes de se unir à Shadaloo. Quando a guerra começou, mandou-nos em diversas missões para eles. A maioria de nós não sabia por que estávamos fazendo isto ou aquilo. Eu mesmo não sabia. Mas quando o chefe dava uma ordem, ninguém era louco de discutir. Todos sabiam que o chefe era capaz de partir qualquer um de nós ao meio se quisesse. Até mesmo Sacs nunca foi capaz de vencê-lo. O chefe parecia ter uma força sobrenatural. Pensando bem, creio que ele tinha mesmo.— Tony riu. — Bem, chegou o momento que o “Sabbat” descobriu o que estava acontecendo, e começou a nos caçar da mesma forma que estávamos os caçando. Éramos cinquenta. Foram mortos um dois, mais de uma dezena de nós. Foi então que o chefe mandou nos reunir. Foi... foi muito discreto. Sobravam trinta e sete de nós, e o chefe não queria maiores perdas. Ele escolheu três mensageiros, que se encontraram com cada um dos membros da Shadaloo pessoalmente, avisando sobre a reunião em duas semanas. O prazo demorado foi escolhido de propósito, para que os vários mensageiros pudessem espaçar as visitas, e não ficasse muito óbvio. Creio que o chefe talvez pretendesse nos contar o que estava acontecendo, não tenho certeza, tudo começou antes que ele começasse a falar...

— Tony, eu tinha lhe pedido uma narrativa sincera.

— Eu não estou mentido!

— Então por que os relatos que tenho sobre a reunião diferem tanto do seu?

— Relatos?

— Houve sobreviventes, você não soube?

— Sobreviventes?

— Você não chegou até a reunião, não é mesmo, Tony?

— Eu... eu... eu era um dos mensageiros. O Sabbat começou a desconfiar, e me armaram uma emboscada. Eu... acho que a situação pode ser resumida com um “tentei lutar e terminei morto”.

— Obviamente, não permaneceu assim.

— Não. Quando eu acordei eu estava em um caixão. Foi a meia hora mais angustiante da minha... existência, cavar o caminho para a superfície. E, quando cheguei lá... — a face do vampiro se contorceu, e ele olhou para baixo, como que procurando quais palavras usar para definir algo especialmente terrível.

— Não são necessários tantos detalhes, se você não quiser dá-los. — Steve permitiu. — O que aconteceu depois que você saiu do cemitério?

— O grupo que primeiro tinha me capturado me recebeu com sorrisos, dizendo que eu agora era um deles. Eles estavam rindo, rindo de mim ainda sujo de terra e sangue, rindo comigo. Eles me levaram para um galpão. O lugar parecia um maldito cenário de filmes de terror. Eu quero dizer, droga, trabalho para a Shadaloo desde meus dezesseis anos, e nem mesmo nós dependuramos corpos humanos como malditas carcaças num frigorífico. Havia homens e mulheres, adultos, idosos e crianças. A maioria estava nu, mas outros estavam vestidos. Alguns dos cadáveres estavam em decomposição e se viam vermes rastejando por eles e moscas esvoaçando, mas estes não eram os piores. Os piores eram os cadáveres que estavam vivos. Se sair do caixão tinha sido a meia hora mais angustiante da minha existência, ver aquilo foi o momento mais aterrorizante. Em um momento, um dos cadáveres pelos quais passamos, e aquele não podia ser uma simples pessoa pendurada, pois ele tinha um buraco em seu tronco que eu **sei** que era grande demais para que uma pessoa pudesse resistir àquilo, acordou, e tentou nos morder enquanto passávamos, fome cega em seus olhos. E mesmo com aquilo se debatendo, o grupo que estava comigo se sentou em uma roda a menos de um metro. Alguém trouxe uma bacia, e outro começou a fazer um discurso. Ele falava sobre liberdade naquele maldito abatedouro. Falava em renascer sob o ritual sagrado da Valderie. E cortou o pulso sobre a bacia, com os próprios dentes, falando, como se fosse um padre numa missa “eu vos dou meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança”! E outro se aproximou da bacia e também falou a mesma frase, assim que cortou o pulso com os dentes e deixou sangue escorrer, e outro, e outro, e outro, e eles ficaram olhando para mim, e sorriram com as presas absurdamente grandes em suas bocas, e um deles me empurrou na direção da bacia. Eu demorei alguns segundos, e um deles tomou meu braço e cortou meu pulso e segurou sobre a bacia. E então jogou minha face sobre o sangue.

— Você bebeu?

— Por um instante fiquei apavorado que iria afogar, antes de me lembrar que não necessitava mais respirar. E engoli o sangue. E então tiraram a minha cara de lá, e tenho apenas a vaga lembrança de ver os outros também tomando do sangue da bacia enquanto eu lambia os meus lábios e limpava o sangue dos meus olhos. E quando olhei de novo, eu não estava mais vendo com os mesmos olhos. De repente aqueles que estavam ao meu lado eram mais meus amigos do que qualquer amigo que eu tivesse conhecido pela minha vida inteira. E tudo o que eu tinha considerado sagrado pela minha vida inteira não valia mais nada. Olha, nos chamam de monstros inumanos quando falam da Shadaloo, mas... mas você não sabe, ninguém que seja humano pode ter noção de como é a sensação de olhar para aquele cenário macabro, para os corpos de adultos e crianças dependurados pelos pés por correntes, e começar a rir. Não rir como se ri no cinema, mas rir... sabendo que tudo aquilo é real, que as pessoas ali penduradas são pessoas de verdade e achar aquilo tudo divertido. De cravar os dentes no pescoço de uma velhinha em agonia e ter o melhor orgasmo da sua vida. De esquecer de tudo que já se foi e que já se quis ser para gargalhar... **gargalhar!** o prazer de ser um demônio no meio do inferno.

— Você guiou a emboscada.

— Foi exatamente isso. O nosso grupo e mais três. Eu era de longe o vampiro mais novo, alguns deles riam-se, dizendo que tinham mais de duzentos anos de experiência. Eu entrei primeiro. Me reconheceram, então abriram a porta para mim sem problemas. Então eu me joguei sobre o pescoço do Mike, que estava na mesa, enquanto destroçava a escrivaninha para desligar o botão do alarme. O resto do meu grupo entrou comigo na sala, e eles cuidaram para que não escapasse ninguém, que ninguém tivesse tempo de gritar. Ainda sim o Danny lutou. Ele parecia um tigre contra uma alcatéia de lobos, com metade

do pescoço esmagado e ainda brigando, mas lembro-me de que no dia fiquei apenas ligeiramente irritado. Então eu deixei-os brigando e fui desligar os alarmes na central. Desta vez eu tinha sido educado ao comer, e ninguém estranhou eu estar lá. E assim que eu desliguei os alarmes...

— Eu poderia imaginar, mesmo que não tivesse já ouvido as descrições. O que me intriga é: por que você veio aqui. Por que acredita que iríamos ajudá-lo, depois de tudo.

— A Shadaloo em Miami caiu, e com ela uma das maiores forças do Príncipe. Mas não todas. Ele se aliou com os anarquistas, num acordo que nunca fora visto, e começou a caçar todos os Sabbat. E conseguiu. Meu grupo foi um dos últimos que tentou fugir, mas as forças aliadas ao Príncipe nos emboscaram. Todos os outros caíram lutando, gritando obscenidades e dispostos a matar todos os vampiros da Camarilla que estivessem em seus caminhos.

— E então?

— E então quando cortaram a cabeça do último deles foi como se um véu tivesse sido levantado dos meus olhos, e de repente eu não estava mais disposto a morrer pela causa e então eu fugi. E quando me vi sozinho, acho que fiquei nauseado até a manhã chegar. Pensei seriamente em me matar ao amanhecer, mas os primeiros raios de sol começaram a queimar o instinto falou mais alto. E acordei ontem e fui caçado pelos capangas do Príncipe como um cão. E hoje eu decidi que não tinha mais nada a perder. Fui primeiro procurar o meu irmão. Eu não me lembrava se ele tinha estado ou não na reunião, e isso era o que doía mais. Ter a consciência de que eu podia ter matado meu próprio irmão e nem ter percebido. Fiquei aliviado quando vi os sinais de vida na casa, mas ele não estava lá. Mas a carta estava em cima da mesa. Então decidi vir para cá.

— É fácil entender o porque você necessita da minha ajuda. Porém, meu caro, por que eu deveria ajudá-lo?

Tony olhou Steve nos olhos. Mas não conseguiu manter o olhar por mais de quinze segundos e teve que baixá-lo.

— Você não tem porque me ajudar. Nenhuma razão. Nenhum de vocês tem razão nenhuma, e a culpa é toda minha por isso.— levantou-se.— Vou embora, desculpe ter tomado o seu tempo.

— Espere.

Tony parou.

— Você está com fome? — Steve perguntou.

— Razoável. Mas posso me controlar.

— Você precisa matar a cada vez que come?

— Na verdade não, eu só não me importava com isso.

Steve estendeu o braço. Tony o olhou estarrecido.

— Eu apenas não aprecio a idéia de um vampiro com fome perto de mim.— Steve sorriu. O outro o olhou, e tomou o pulso quase com medo. Com um último olhar de soslaio, cravou os dentes.

Steve esperava sentir dor, e estava preparado para ela. Não estava preparado para a sensação que realmente sentiu, mas não comentou nada. Tony bebeu um pouco, e então soltou os dentes e lambeu o ferimento, fazendo com que ele se fechasse, e soltou o braço. Steve deixou-o descer. Sentia uma ligeira vertigem, mas estava bem. Sorriu.

— Venha. São quase cinco da manhã, e a aurora está próxima. Essa casa foi feita para aproveitar a luz natural, mas acho que é possível encontrar algum lugar protegido do sol, pelo menos até adaptarmos um quarto nas especificações apropriadas.



Depois de passar toda a noite acordado, Steve iniciou seu dia às doze horas. Brincando com a caderneta do antigo chefe, reparou que nada nela dizia que “Big Mother Fucker 1” atendia apenas à noite. Decidiu tentar.

— Escritório Sunflower, bom dia.

— Bom dia, eu gostaria de deixar um recado.

— Um recado, senhor?

— Sim. Por favor avise ao Príncipe Andrew Mauris que Steve MacTyler irá vê-lo hoje às vinte horas.

— Senhor?

— Muito obrigado pela sua atenção. — Steve desligou o telefone. E levantou-se para ir conversar com Jake. Encontrar com o vampiro iria ser um choque, e Steve preferiria que esse choque fosse o menor possível.

O dia começou realmente ao pôr do sol, quando Tony acordou. Steve o cumprimentou e disse-lhe para arrumar-se, pois iriam encontrar-se com o Príncipe. Se Tony tivesse um coração batendo, teria tido um ataque cardíaco. Seu escândalo foi suficiente para que tanto Soojin quanto Jake anunciassem que **iriam** acompanhá-los. Steve barrou essas idéias tortas com uma ordem peremptória que nenhum dos dois lutadores ficou contente em seguir.

Tony perguntou-lhe como ele sabia onde ficava o refúgio do Príncipe, e Steve sorriu. Parou o carro bem em frente à mansão, ainda mais luxuosa que a sua. Cumprimentou os guardas, e parou gentilmente para informar que tinha um encontro marcado com o Príncipe às vinte horas. Já eram vinte horas e cinco minutos, e Steve tinha calculado o atraso milimetricamente. Os guardas se entreolharam, e conferenciaram algo entre si, e então abriram a porta.

O grande salão espelhado para a qual esta se abria estava iluminado e decorado como que para uma festa, e convidados em vestidos de gala bailavam, mas não havia vinho nem canapés sendo servidos. Steve estava vestido para a ocasião com vestes formais orientais; enquanto Tony o seguia, desconfortável com sua gravata e ainda mais desconfortável com os olhares que estavam atraindo. À medida em que passavam, as cabeças se viravam e os dançarinos deixavam de dançar. Steve sorria e cumprimentava as pessoas que olhavam para ele antes que ele passasse. Escolheu, depois de uma breve hesitação, uma das portas como se conhecesse o caminho. Isso causou ainda mais admiração aos que os observavam, pois aparentemente era a porta correta, apesar de não ser a mais vistosa. Um guarda aproximou-se sorrateiramente para barrá-lo, mas foi ele mesmo parado pelo cumprimento sorridente de Steve e recuou. Steve abriu a porta.

A sala era grandiosa, com o chão ligeiramente inclinado, fazendo com que o distinto indivíduo sentado em uma poltrona semelhante a um trono parecesse ainda mais grandioso. Ele estava a usar um monóculo, vestido com roupas que poderiam ter estado na moda no início do século, a ler um livro. Steve sorriu e cumprimentou:

— Saudações, Príncipe Andrew. — o tom era claro e respeitoso, mas ainda assim o tom que seria usado com um igual, não o tom de alguém se referindo a um superior. O Príncipe não pretendia, mas levantou os olhos do livro e fitou seu visitante. — Desculpe pelo atraso.

— Claro, senhor...

— Steve. Steve MacTyler. — Steve se aproximou da mesa debruçando-se um pouco sobre a mesa, para apertar a mão ao seu anfitrião, ao invés de respeitar a distância que fora arditamente demarcada na sala para os visitantes. O Príncipe, aturdido pelo gesto súbito, o respondeu, e Steve, ao mesmo tempo que foi educado o suficiente para não lhe esmagar os dedos, ainda assim colocou mais pressão em seu aperto do que o Príncipe no dele. Então, ao invés de sentar-se, permaneceu de pé, fazendo com que subitamente o vampiro ancião se sentisse como um aluno em frente ao professor. Andrew detestou a sensação. Seu poder tinha sido contestado demasiadamente nos últimos tempos, e os tratados aos quais fora obrigado a recorrer haviam lhe deixado um gosto amargo na boca. Agora, quem era esse insolente que...

Endireitou-se um pouco mais na cadeira quando percebeu que, apesar de tudo o que conhecia, ainda assim o homem à sua frente era um ponto em branco. Não lhe discernia nenhuma aura, e não conseguia encostar em seus pensamentos. O vampiro patético que o acompanhava estava aterrorizado, mas isso era o esperado. Andrew já vira vampiros capazes de ocultar as auras, mas nunca vira um humano capaz disso, e pela forma como o outro agia e pela temperatura de sua mão ele era humano... ou não? Tudo o que podia dizer é que o sorriso do outro não demonstrava o mínimo medo.

E isso deixava a ele, Príncipe Andrew Mauris, terrivelmente preocupado. Olhou para cima para o “convidado”:

— Tu vieste procurar-me. Então digas: o que queres?

— Declarar que a servidão da Shadaloo ao seu poder nesta cidade morreu com Juan. E exigir que seja retirada a caçada contra meu soldado, Anthony Belmont.

— “Exigir” tu dizes?

— Sim.

— Não te achas presunçoso?

— Não. Eu tenho noção exata do meu poder. E do seu.

O Príncipe fitou Steve nos olhos. Havia anos que ele não cruzava o seu olhar com um humano que o enfrentasse daquele modo. Fitaram-se por alguns minutos, ambos recusando-se a baixar o olhar. E Andrew se surpreendeu sendo o primeiro a ficar incomodado o suficiente para desviar os olhos.

— Eu não vou aceitar membros do Sabbat na minha cidade.

— Eu também não pretendo aceitá-los no meu estado. — Steve contrapôs, enfatizando levemente a palavra “estado”.

— Ele terá que seguir as regras da Camarilla.

— Parece bastante justo. Com um detalhe: Anthony me obedece. E esta é a primeira regra para ele.

— E se eu discordar disso?

— Então teremos que pôr nossos blefes à prova, não?

Príncipe Andrew cerrou os dentes. E então assentiu:

— Com uma condição: este episódio não deve ser comentado. Para todos os efeitos, Anthony veio se apresentar a mim, pedindo permissão para permanecer na cidade apenas, e tu vieste como representante de uma organização que antes era minha aliada.

— Creio que a sua versão oficial incluirá algo sobre o como vim pedir desculpas pelo nosso efetivo em Miami estar diminuído e não podermos ajudá-los como antigamente.

— Parece uma boa sugestão.

— Foi um prazer negociar convosco, sua alteza.— Steve fez uma pequena vênua, voltou-se para trás e foi embora. Tony o seguiu nos calcanhares, amaldiçoando mentalmente o como os passos de Steve eram lentos.



Os meses seguintes se passaram sem incidentes, permitindo a Steve estabelecer uma rotina, consolidar os negócios da Shadaloo no estado como tinha prometido e, o mais importante de tudo, conhecer melhor a sua equipe.

Tomou o devido cuidado, que aprendera com Feng Huang, de não deixar pontas soltas na rotina. Ao invés de concentrar-se apenas nos negócios ilegais, teve bastante cuidado em manter, como já o fizera desde o início, uma fachada legalizada que lhe permitia demonstrar que tinha maneiras perfeitamente legais de conseguir dinheiro, e de mantê-la rigorosamente em dia com todas as obrigações fiscais. E, igualmente, construiu uma fachada de legalidade sobre seus homens. Depois de uma breve conversa na qual chegou à conclusão de que este seria realmente o melhor meio, Steve investiu parte dos lucros que estava tendo com seus negócios legais, feitos com o seu dinheiro, na construção de uma academia de artes marciais, sem esquecer de incluir nesta uma arena, de porte e construção razoáveis que permitissem a exibição das lutas espetáculo que eram tão comuns no meio Street Fighter. Ned e Dave eram ambos lutadores de quinto posto na divisão duelista, Ned um karateca e Dave um kick-boxer e Tony tinha chegado ao sexto posto na divisão tradicional, lutando jiu-jitsu. Conheciam mais do que o suficiente dos seus estilos para ensinarem a novos ricos a arte da defesa pessoal. Jake até gostaria de continuar como judoca, mas que se sabia acabado para o mundo da luta pela fratura da coluna que o confinara a uma cadeira de rodas. Mesmo assim, ele aceitou com entusiasmo a administração da academia. Quanto a Issacson, ele simplesmente recusou-se a tomar parte naquilo tudo, como se tivesse considerado a construção da academia um insulto. Tony se desculpou pelo seu irmão. Steve riu, e disse que não se preocupava. Issacson, Steve descobrira em sua ficha, era médico ortopedista, e trabalhava por meio período em uma clínica particular junto com três outros médicos. E Soojin, Steve matriculou em uma escola americana, apresentando-se como guardião do menino, que seria o filho de uma prima sua que morreria.

A retomada dos negócios ilegais foi mais simples até do que Steve esperava. Jake e Tony, ambos, haviam sido mensageiros do antigo chefe, e conheciam praticamente toda a cidade. Jake, principalmente, queria provar que não se tornara inútil por estar paraplégico, e se esforçava de forma redobrada. As notícias de que um novo chefe estava na cidade começaram a correr. Em um mês, Steve já tinha recuperado a rede de informações e contatos da Shadaloo em Miami. No segundo, o tráfico de drogas e o comércio de material pirata de todo o estado, as duas mais lucrativas fontes de renda do crime na Flórida, já estavam novamente sob a vigilância da Shadaloo. Recuperar terreno na prostituição demorou um pouco mais do que demorara reconquistar o tráfico de drogas e de material pirata, mas quando Steve puxou os cordelinhos certos, e ameaçou as pessoas corretas, as marionetes vieram para suas mãos. Investiu também numa área que o antigo chefe nunca entrara, o tráfico de animais silvestres, preferindo-o ao tráfico de armas. Embora americanos sempre fossem fanáticos por armas de fogo, na Flórida essa mania era um pouco menos exacerbada, especialmente porque o Estado era a colônia de férias da terceira idade do país. Mas idosos geralmente gostam de animais de estimação, e era surpreendente como eram capazes de colocar adesivos de “salvem as florestas tropicais” e dar doações mensais ao Greenpeace e ainda assim cobiçarem uma arara macau ou outra ave rara similar

para o viveiro de casa. Aves que não eram proibidas na América, então, os velhinhos nunca desconfiariam do como elas eram obtidas.

No quinto mês depois de Steve chegar na cidade, os criminosos habituais sabiam que havia novamente uma organização no comando, e, embora o nome da Shadaloo raramente fosse pronunciado, e nenhum deles pudesse afirmar com certeza que era a organização sediada em Mriganka que estendera seus tentáculos para a Flórida, todos sabiam o terreno em que pisavam. E o fato de que a maioria jamais tinha visto o temido “novo chefe” e de que mesmo os melhores informados dentre os criminosos sabiam apenas de boatos era altamente favorável à retomada.

Steve sabia empregar os homens para parecer mais que tinha mais poder do que realmente tinha. E tinha ao seu comando o pequeno detalhe que sempre fizera a diferença entre a Shadaloo e as outras organizações: capangas que eram lutadores capazes de estraçalhar um homem em um ringue... ou fora dele. Neste baralho, Soojin era sua carta principal. Um garoto de onze anos não impressionava ninguém, é claro. Era extremamente fácil para Steve fazer grandes apostas e colocar como desafio que o melhor homem que seu oponente pudesse encontrar enfrentasse Soojin. Nenhum deles acreditaria que um menininho como aquele pudesse ser mais forte que um homem feito, nenhum deles sabia que Soojin tinha treinado sua capacidade de luta não com algum mestre suave e de mão bondosa, por mais que habilidoso, mas contra o mais cruel e exigente e mestre que alguém poderia ter tido, e o mais poderoso que poderia ser encontrado entre os mestres cruéis e exigentes. O menino não perdia nenhuma luta em que entrasse, e nunca se cansava de brigar. Ao contrário, era entusiástico por mais e mais duelos, agora que tinha sentido o gosto de lutar em uma verdadeira arena, até mesmo com platéia, com outros lutadores além de seu mestre.

Nos primeiros dois meses, Steve deixou Soojin enfrentar todas as lutas que o menino quis. Ao verificar no final desse tempo que o menino tinha enfrentado dezessete lutas, quase uma luta a cada três dias, colocou um basta nisso. Determinou arbitrária e inexoravelmente que não permitiria que ele enfrentasse mais de uma luta por quinzena. Soojin reclamou veementemente disso, mas a promessa que fizera a Bison o obrigava a obedecer. Era algo com que Steve podia contar. Soojin, por mais contrariado que estivesse, sempre obedecia. Steve tinha a aprovação de Bison, e isso era a única coisa com a qual Soojin se importava. O garoto não tinha o menor senso de limites, como era de se esperar de alguém com a sua idade. Mas para o compensar sua confiança era aquele tipo de confiança inabalável das crianças. Era o suficiente, para Steve.

Quando as lutas eram em arena, por apostas, Steve também podia empregar Issacson. Embora não fosse tão lucrativo, pois Issacson era já relativamente conhecido no mundo das lutas, era confiável. Issacson já tinha perdido lutas, mas, normalmente sabia muito bem em quais podia entrar e quais não. Lutava savate, mas sua verdadeira especialidade era controlar seu chi para congelar oponentes e arena. Tinha pontos fracos, o maior deles sendo sua mão direita. A ferira na luta em que enfrentara o antigo chefe da Shadaloo em Miami, e jamais se recuperara totalmente. Era possível notar em suas lutas que ele jamais usava socos. Vários oponentes tentaram usar isso contra ele, nas lutas que Steve assistiu. Issacson parecia também cansado de ver oponentes usando essa tática. Pelo que ele mesmo falava, tinha perdido três lutas, e tinha aprendido com suas derrotas. Em arena, ele era tão confiável quanto Soojin. Fora dela, porém, era sempre o primeiro a opor-se a qualquer nova estratégia, obrigando Steve a discutir e a explicar o que queria fazer a cada novo passo e o desafiando a enfrentá-lo a cada momento.

Entretanto Steve logo notou que, apesar de tudo, Issacson obedecia sempre que a ordem era definitiva. Passou a discutir com o outro as ordens antes de anunciá-las a todos. Algumas vezes os pontos em que ele o fazia pensar eram válidos. Só não era muito benéfico à sua ainda precária posição como líder ceder na frente de todos. Issacson percebeu quando Steve começou a fazer isso, e chegou a comentá-lo, mas não se opôs. Tinham uma espécie de tratado não escrito. E no mesmo tratado haviam decidido que Issacson jamais chamaria Steve de “chefe” e em troca Steve sempre o chamaria pelo nome completo que ele detestava.

Soojin era o ás do trunfo em sua mão. Issacson Belmont, outro ás, mas de um dos naipes menores. Mantendo a analogia com as cartas, Anthony Belmont era um coringa.

Anthony podia ser usado em arena, embora o detestasse, pois fora um aderente do tradicionalismo, de jamais usar poderes em uma arena além da própria força e destreza, e agora, sua própria existência se devia a poderes mágicos, o que o fazia considerar desonroso lutar em duelo. Além disso, contra adversários habilidosos lhe era difícil lembrar-se de lutar e de simular estar vivo ao mesmo tempo. Ele tinha contatos valiosos, inclusive na comunidade sobrenatural de Miami, onde boatos verdadeiros e falsos sobre como ele conseguira entrar na cidade corriam. Os vampiros da mesma “casta” que ele (ou algo do gênero, Tony se embaralhara um bocado para explicar), os Brujah, o tinham em alta conta, e sua habilidade em combate só o ajudava, pois aparentemente os Brujah se organizavam segundo a força de cada um. E Tony era especialmente útil quando era necessário ameaçar alguém. Alguns dos novos chefes que haviam se aproveitado do vácuo de poder para se consolidarem opuseram-se veementemente contra a nova ascensão da Shadaloo. Steve tinha o hábito de perguntar se aceitavam negociar primeiro, e depois disso, cumprir todas as ameaças feitas. Tony era o seu assassino sempre que necessário. Mantinha o vampiro alimentado. Além disso, o espírito de luta de mais de um chefe arrefeceu quando sua filhinha pequena lhe ligou, dizendo que estava com “o homem de dentes pontudos” e que ele era “igualzinho o que mostravam na “Buffy”.

O vampiro era quase tão leal quanto Soojin. Tony tinha plena consciência de que Steve lhe salvara a existência, e tinha um certo medo também, como Steve não deixou de reparar. O príncipe, o mais poderoso vampiro da cidade, recuara na frente daquele coreano baixinho, o Brujah devia pensar. E ele aparentemente era inofensivo... mas não estavam todos fazendo o que ele queria? Se Steve tivesse três metros de altura, um metro e meio de ombros e a habilidade de luta de um World Warrior não conseguiria que Tony o temesse tanto quanto ele o temia.

Outro que apoiava Steve incondicionalmente era Jake. A dívida de Jake era de gratidão, por Steve ter acreditado nele desde o primeiro momento, por o ter retirado do sanatório que era a segunda filial do inferno em sua opinião. Ele confiava em Steve como Steve confiara nele, e ver os bons resultados que o coreano estava trazendo só fazia essa confiança aumentar. No baralho, Jake era um valete. Não podia ser usado em todas as situações, mas era incrivelmente útil quando bem empregado. Seus contatos e conhecidos eram inúmeros, e era incrível como um homem preso a uma cadeira podia conseguir tanta informação. Algumas vezes até por investigações pessoais: ele era bom com computadores, e estava a melhorar suas habilidades.

A equipe era completada por Ned e Dave. Se fossem cartas, eles seriam um par de noves. Nada particularmente útil, mas podiam ser usados para espancar alguém quando necessário. Em arena, eram tão confiáveis quanto a chance de uma moeda cair em coroa quando a jogava para cima, ou seja, Steve não podia usá-los pois seus resultados eram absolutamente imprevisíveis. Se eles perdessem de forma consistente, aos olhos de Steve,

eles seriam mais úteis. Do modo em que estava, Steve apenas tomava conta para não permitir que nada importante dependesse dos resultados de suas lutas. Além disso, só era possível acreditar que iriam cumprir qualquer ordem dada se fossem constantemente vigiados. Eles não respeitavam Steve, pois Steve não conseguiria vencer uma luta, porque Steve jamais os acompanhava quando iam fazer o trabalho sujo, porque, ao final de contas, o coreano era um fraco e um covarde. As discussões que Steve teve com Issacson, se não tinham abalado a sua autoridade com o guerreiro de gelo, tinham despedaçado a pouca autoridade que ele tinha com aquele par. Mas eram relativamente inócuos enquanto estivessem sendo pagos, e não era como se os dois fossem muito diferentes daquela categoria de lixo humano que era tão freqüente na Shadaloo que normalmente era considerada como um estereótipo dos participantes da organização.

Dave tinha chego a atacar Steve uma vez, mas Soojin se interpusera. A luta foi tão memorável quanto rápida. No mesmo dia, Soojin virara-se para Ned e o desafiara para uma luta formal. “Para deixar as coisas claras de uma vez”, o menino afirmara.

Faltando uma semana para o final do prazo que se auto-impusera, Steve estava com os negócios em dia. Tráfico de drogas e de animais, pirataria e prostituição, todos controlados pela Shadaloo, como deveria ser. Lucros razoáveis, com tendência a aumentarem, agora que seu trabalho era de manutenção, não mais de guerra (até o momento, o lucro dos negócios legalizados era maior do que o dos ilegais. Mas os gastos com os segundos tinham a tendência a caírem). A polícia não o incomodara. Tinham ficado exaltados, claro, quando as primeiras mortes tinham acontecido. Mas Steve usou a velha regra, que valera sempre na Ásia e parecia igualmente verdadeira na América: se nenhum crime grotesco está sendo cometido, se nenhum cadáver é encontrado em locais de ampla circulação ou importante, se ninguém avisa a imprensa e se todos os mortos são criminosos conhecidos, a polícia arquiva o caso. Além do mais, com seus negócios legalizados lhe dando a aura verdadeira de milionário, Steve começou a circular pela alta sociedade local. Outra regra da polícia é que eles jamais enfrentam figurões da alta sociedade sem terem provas muito boas, e contra Steve não havia sequer acusações. Teria bons resultados para mostrar a Balrog.



Assim, uma vez que todas as coisas estavam correndo bem, Steve estava de sobreaviso quanto ao desastre que se prenunciava no ar. E quando Ned chegou na mansão, esbaforido e branco, Steve apenas pediu-lhe que se sentasse e dissesse o que estava acontecendo.

— Ryu e Ken! — o outro contou com os olhos arregalados. — Eu os vi perto do antigo QG! Eles estavam com dois outros caras, e...

— Ryu e Ken, e mais dois outros, investigando o antigo QG, isso é tudo?

— Tudo?!! Estamos todos mortos, você tem noção disso?

— Sente-se e descanse um pouco. — Steve sorriu, enquanto pegava as chaves do carro. — Eu cuido disso.

— O quê? Eu não vou...

— Não será necessário. Até logo.

— Adeus. — Ned respondeu, atônito. “O fracote indo enfrentar Ryu e Ken?” Começou a repetir para si mesmo essa frase, tentando entender onde a realidade tinha ido parar.

A casa estava aparentemente vazia. Ryu e Ken se aproximaram dela primeiro, a experiência falando mais alto, embora Dave fosse o mais ansioso. Sean estava alguns passos para trás, cauteloso. Ken deu de ombros ao ver a porta, e tocou a campainha. Apesar do som ter reverberado pela casa, ninguém apareceu. Como era esperado. Ryu preparou-se para colocar a porta abaixo, mas Ken olhou de novo e tentou a maçaneta. Destrancada. Bem, isso não era usual. Aliás, um prédio da Shadaloo assim, a céu aberto, não era nada usual.

A sala de entrada estava coberta com marcas de garra e pedaços de madeira, e sangue. Olharam, surpresos. Depois de uma rápida vistoria, continuaram. Ryu cerrou os punhos. Poucos lugares que ele já visitara tinham um chi tão pesado e negativo quanto o que emanava do ar naquela casa. Como se pessoas tivessem sido mortas como gado no abatedouro. Ken sentiu também, mas não comentou. Dave e Sean avançaram, incertos sobre o que estava os fazendo se sentirem desconfortáveis à medida que andavam. Nenhum deles dizia palavra.

Chegaram a um grande salão. Um anfiteatro. Havia algumas marcas de sangue na parede, mas elas não justificavam o puro senso de “errado” que o chi daquele local emanava...

“Toc, toc”

Os quatro Street Fighters pularam sobre seus pés, voltando-se para trás. Um coreano baixinho e franzino sorriu para eles:

— Investigando por aqui? Achei que todos os World Warriors já tivessem recebido o memorando sobre a nova sede.

Três dos Street Fighters à sua frente o olharam estupefactos. O quarto deixou a posição de alerta e riu, incrédulo:

— Steve?

— Ainda se lembra de mim, Ryu? Estou agradavelmente surpreso.

— Desta vez nos encontramos para lutar? — o World Warrior não parecia contente com a perspectiva. Steve, porém, riu:

— Eu? Lutar? Ryu, qualquer um de vocês me venceria no primeiro golpe. Não sou insano nem estúpido. Eu não vim lutar.

— Mas então por que você veio aqui?

— Para fazer-lhes justamente essa pergunta.

— Como assim?

— Cresci na carreira desde a última vez que nos vimos, Ryu. Agora sou responsável pela Flórida.

— Interessante.

— Ryu... — Ken falou, um tanto incerto. — Desculpe interromper, mas... quem é esse?

— Oh, desculpem! Realmente minhas maneiras estão terríveis, para que eu não tenha me apresentado. — Steve fez uma vênica. — Muito prazer, Steve MacTyler, diretor operacional da Shadaloo em Miami.

— Que diabos? — um dos garotos do fundo gritou. Steve levantou-se novamente e sorriu:

— O que eu disse. Um dos meus subordinados informou-me que vocês estavam aqui. Me pareceu que eu deveria vir aqui recebê-los. Boas vindas ensolaradas da Flórida.

— É este o ponto em que você estala os dedos e uma dúzia de capangas aparece? — Ken perguntou.

— Não, na verdade não. — Steve começou a responder. E neste momento ouviu um assobio ao lado de seu ouvido. Ken desviou-se das lascas de gelo com presteza, e preparou-se para retaliar. Steve virou-se para trás, lívido, e Ryu segurou Ken.

— Pelo amor de Deus, chefe, corre! — Issacson gritou, sua face como a de alguém que defrontasse o seu pior pesadelo. — Eu distraio eles!

— Pare!!! Steve gritou, mas Issacson já estava preparando um segundo Ice Blast, suas mãos esbranquiçadas rodeadas de lascas de gelo.

— Você quer luta, Shadaloo, você vai ter luta! — ouviu do lado de trás. E no mesmo momento em que Issacson correu, lançando o golpe de gelo, um dos garotos atrás de Ryu e Ken lançou-se para a frente, fogo queimando em suas mãos.

Foi uma questão de milésimos de segundo, de microns. As explosões de fogo e gelo se ergueram no ar, soltando-se do punho dos lutadores que as lançavam, e então encontraram-se, num silvar de água fervente, para, inócuas ambas, transformarem-se em água que caiu suavemente no chão como uma nuvem de chuva lançando seus pingos. Os lutadores hesitaram um instante, pois nenhum dos dois tinha planejado aquilo. E então Ryu soltou uma gargalhada:

— Socorro, isso é a coisa mais ridícula que eu já vi numa luta! Chuva dentro de casa? — Ryu ria às gargalhadas, uma risada que Ken e Steve perceberam que era forçada, mas que Ken não iria questionar e Steve estava mais ocupado brigando com Issacson:

— O que diabos você acha que está fazendo, soldado?

— O que diabos você acha que está fazendo, chefe?!!! Está completamente louco? Esses são os maiores inimigos da Shadaloo! Ryu e Ken, e eles dois são World Warriors, e Ryu é o campeão mundial, e ainda tem mais aqueles dois, Dave que é aprendiz do Ryu e Sean, aprendiz do Ken, e só um deles já era capaz de comer o seu fígado no café da manhã! Chefe, você está louco, você nem mesmo sabe lutar, como pretende enfrentar esses quatro? Céus, os quatro juntos poderiam servir o **Bison** no café da manhã!

— E quem é mais louco, Sacs? — Steve sorriu. — Eu que vim até aqui falar com eles ou você que estava realmente disposto a enfrentar os quatro para salvar um... do que é

mesmo que você me chamou ontem? “Idiota anencéfalo que não saberia que lado da perna usar para dar um chute”?

— Eu... — Issacson quase tremia de tensão, e ar à volta dele estava ficando carregado de neblina, de tão frio. — Chefe...

— Está tudo bem. Eu sou o “covarde arrogante que nunca arrisca o próprio pescoço”, lembra? Eu sei o que estou fazendo. Agora saia da posição de guarda e se acalme, por favor. Eu **NÃO** quero você lutando aqui, está certo? Toda a idéia de vir aqui conversar está justamente em não lutar.

Issacson saiu da posição de luta, e era visível o esforço que ele estava fazendo para isso, assim como o medo em sua face e a determinação de enfrentar o que quer que fosse, por mais que isso o aterrorizasse, para salvar seu chefe. Steve tinha que controlar-se para não sorrir. Nunca acreditara que o lutador se importasse tanto com ele. Mas agora não era hora de comentar isso. Simplesmente virou-se na direção dos quatro Street Fighter novamente.

— Desculpem a interrupção. Este é Sacs, meu segundo em comando, e ele é surpreendentemente esquentado para alguém que pela maior parte do tempo finge ser uma geladeira. — as piadas estavam fazendo o seu papel de quebrar a tensão, por mais que os nervos ainda estivessem à flor da pele. Steve chegou a ver um sorriso no rosto de Ken. Sean, que tinha iniciado o combate com Sacs, tinha também saído da posição de guarda. Interessantemente, era o segundo jovem, Dave, quem ainda tinha desafio em seus olhos, não convencido ainda de que os homens à sua frente não eram o inimigo.

— Como eu estava tentando dizer, — Steve continuou — me informaram que vocês estavam aqui, e a conclusão óbvia a que cheguei era a de que queriam algo com a Shadaloo aqui em Miami. Assim sendo, resolvi economizar tempo a vocês e conta de hospital para nós, afinal, como bem acaba de apontar o meu segundo em comando, não há meios de nós termos um grupo como vocês, e vir aqui perguntar o que querem.

— Se você é mesmo da Shadaloo, você sabe muito bem o que queremos! — injuriou-se Dave.

— Não, na verdade eu não sei.

— Minha cunhada, Brianna. — Ken falou, decidindo confiar no julgamento de Ryu e na aparente boa vontade de Steve. — Ela foi seqüestrada no Sea World, pelo que acreditamos terem sido homens da Shadaloo.

— Seqüestrada? Não, estamos traficando drogas, material pirata, animais silvestres e escravas brancas, mas não estamos no ramo de seqüestros. Pelo menos não por aqui. Por que vocês acreditam que tenha sido a Shadaloo?

— Quem além de vocês poderia ter usado uma Juni? — Dave interpelou. Steve e Sacs olharam surpresos:

— Juni? Isso é muito estranho, pois não há nenhuma destas à nossa disposição aqui. E Balrog tinha me dado sua palavra de honra que não interferiria com minhas operações por seis meses, os quais ainda não terminaram.

— Balrog tem uma palavra de honra? — Ken questionou, bem humorado.

— Tenho que partir do princípio que sim. — Steve sorriu. — Bem, me parece que esta situação merece um pouco de investigação. Seja como for, não há nada a se descobrir nesta velha casa abandonada. Eu não posso entregar-lhes sua amiga, pois ela não está em meu poder. Mas posso prometer ajudar-lhes a encontrar. E posso retribuir a hospitalidade de Honda e sua daquele fim de semana, Ryu, aproveitando para mostrar-lhes o nosso endereço atual.

— Como vamos saber que você não está nos levando para uma armadilha?— Sean perguntou.

— Steve, você está nos levando para uma armadilha? — Ryu perguntou.

— Eu juro que não, não estou levando vocês para nenhuma armadilha que eu ou meus subordinados tenhamos preparado.

— Jura?

— Sim. Minha palavra de honra.

— Isso é suficiente para mim. — Ryu sorriu. — Vamos. — e deu o exemplo, seguindo Steve, embora os outros o estivessem olhando ressabiados, se perguntando o que ele estava fazendo. Mais ou menos a mesma pergunta que estava estampada na face de Issacson. Mas quando passou ao lado deste, Steve tocou-o levemente, apenas para chamar a sua atenção.

— Obrigado.— murmurou, e continuou andando.

Ryu, o segundo na fila, também sorriu:

— Pena que a luta não tenha acontecido. Eu tenho a impressão de que seria uma das melhores lutas que jamais tive contra alguém da Shadaloo.

— Não teria sobrado suficiente de mim para lutar com o senhor.— Issacson retrucou, conseguindo retirar um sorriso do barril de espanto que sentia.

Ryu franziu o sobrolho a este “senhor”:

— É, acho que o Ken talvez tivesse o parado. — comentou, o que deixou Issacson estupefacto o suficiente de novo para deter-se por um momento e ser alcançado pelo terceiro da fila.

— Você e o coreano parecem caras decentes.— Ken comentou. — Hei, o Ryu acha vocês decentes, e isso não é pouca coisa. Por que diabos vocês estão a pago do Bison?

— O Steve eu não sei, só sei que não parece ter sido por coisa pequena. — Issacson deu de ombros. — Quanto a mim, bem, meu irmão mais novo se meteu em encrenca, enquanto eu estava no exterior. Quando cheguei aqui de volta e descobri, tentei tirá-lo da confusão, e fiz uma aposta. Lutaria com o antigo chefe daqui. Se eu ganhasse, ele nos deixava ir embora. Se perdesse, eu e meu irmão passaríamos a trabalhar para a Shadaloo e o que mais ele quisesse. Como nos filmes, sabe?

— Sei.

— Só que a vida não é um filme. Eu perdi aquela luta. E agora a minha palavra de honra me mantém trabalhando para eles.

— Uma luta ruim para perder. — Ken afirmou, mas não comentou mais que isso.

Seguiram num comboio de três carros para Miami Beach. Ken assobiou quando viu a casa:

— Melhorou bem em relação à outra, hein?

Steve sorriu, e apenas abriu a porta.

— Sacs, ligue para Jake, por favor.

— Certo. Você tem alguma suspeita?

— Nós temos um certo número de inimigos, que iriam adorar ver a Shadaloo destruída na Flórida... de novo. Mas...— Steve parou para pensar. — Prepare Tony para procurar informações assim que ele acordar.

— Eles?

— Algum ilusionista muito bom. Bom o suficiente para ser sobrenatural, eu diria, e eu estava esperando o momento em que iriam mostrar as garras.

— Ok.

— Do que vocês estão falando?— Dave questionou, irritado.

— Do inimigo que creio ter armado isso tudo. — Steve respondeu sem responder.
— Mas talvez seja melhor esperar até que eu confirme as minhas suspeitas antes de explicar.

Foi uma questão de fazer a grande rede de contatos da Shadaloo funcionar. Steve permaneceu em casa, com os convidados, apenas servindo de anfitrião. Jake ligou para pedir mais detalhes sobre como fora o seqüestro, e Steve passou a ligação para Dave, que, ele descobriu, tinha sido o único a presenciá-lo. O lutador pareceu ficar mais calmo depois dos quarenta minutos que passou detalhando em cada momento o que acontecera, e ouvindo Jake perguntar mais sobre cada detalhe.

Ficaram a esperar, o que obviamente deixava os Street Fighters cada vez mais nervosos, especialmente Dave. Conversando, Steve descobriu que ele era namorado de Brianna, por isso a ansiedade. A tarde se estendeu, e o primeiro acontecimento dela foi apenas às seis horas, quando Soojin chegou da escola:

— Estou em casa! — anunciou antes de mais nada, como qualquer criança feliz na mesma situação, especialmente em uma sexta feira. E então viu os visitantes, quando preparava-se para jogar a mochila que, se tivesse realmente sido atirada, teria caído no colo de Sean.

— Nossa! — seus olhos se arregalaram. — Você é o Ryu, não é? E você é o Ken! E você é Dave e você é Sean. Uau! Vamos ter um torneio **desse** tamanho por aqui, Steve? Você não avisou nem nada!

— Eu espero que não, Soojin. — Steve riu. — Uma amiga deles foi seqüestrada. Prometi ajuda para encontrá-la.

— Ah. Que pena, eu gostava de ver os torneios que o sensei patrocinava. Mas... — o menino ficou pensativo por um segundo. Quando olhou para Steve novamente, seus olhos pareciam ligeiramente diferentes, como se alguém tivesse trocado os olhos de criança pelos olhos frios de uma serpente.

— Eles são considerados inimigos pelo sensei.

Steve continuou sorrindo:

— Eu sei. No entanto, seu sensei me deu ordens diretas de que eu não deveria fazer nada contra Ryu. E também me deu ordens de fazer prosperar os negócios da organização aqui. Ajudá-los é a única forma de cumprir as duas ordens.

Soojin fitou Steve por mais alguns segundos, sem parecer convencido. Então riu, e sua face voltou a ser a de uma criança.

— Parece legal. O Jake já sabe em quem a gente vai bater?

— Você não esteve naquela luta no domingo?

— Mas... já faz quase uma semana! E não foi uma luta de arena!

— Regras são regras.

— Mas... é totalmente injusto!

— A vida é injusta. — Steve deu de ombros.

— Você é mau! — Soojin brigou, e subiu para seu quarto furioso, batendo a porta. Steve teve que segurar o riso. Os quatro visitantes olharam surpresos. Uma criança temperamental não era o que eles esperavam em um QG da Shadaloo.

— Quem é esse? — Dave perguntou, pois a cena do menino tinha interrompido o seu furioso andar de um lado para o outro.

— Soojin? Como eu diria...

— É o melhor lutador da cidade. — Sacs falou, chegando da rua. — Apostaria nele para te tirar o título de Campeão Mundial, Ryu, quando ele crescer. Isso é, se você já não estiver aposentado na época. — Issacson deu de ombros, e voltou-se para Steve. —

Jake confirmou suas suspeitas, chefe. Três das câmeras do Sea World mostram Juni lutando contra Brianna e Dave durante a festa havaiana. Nenhuma delas mostra Juni entrando. É discreto, mas pelos movimentos da luta é possível notar que há pelo menos três atacantes além de Juni, que é a única que apareceu nas câmeras. E estranhamente não havia nenhum espectador para uma briga como aquela, no meio de um parque de diversões. Além disso, Jake te mandou essa fita, para o senhor ver o que acha.

Steve colocou a fita no vídeo, agradecendo pela interrupção, pois não queria explicar para os outros quem era o sensei de Soojin, e começou a rodá-la. Ela mostrava uma parte do show havaiano. Uma das espectadoras, uma mulher belíssima, vestida a caráter para a festa, foi chamada pelos dançarinos para dançar com eles no palco. Isso em si não tinha nada de especial, era algo feito em todos os shows. Mas quando ela começou a dançar, todos pararam para assisti-la, como que hipnotizados, extáticos. Ela continuou dançando, uma dança estranhamente sensual, e os únicos que não pararam foram os músicos que continuaram tocando como que com medo de que o silêncio a fizesse ir embora. Mesmo os outros dançarinos profissionais pararam para vê-la. Era espantoso... mas parecia bastante exagerado, a mulher e a dança não mereciam tanto. Pelo menos no vídeo.

— Interessante.— Steve comentou.

— Sim, é verdade. — Sean concordou. — Mas qual a ligação entre essa dança e o seqüestro de Brianna?

— Isso foi apenas uma distração, para que ninguém prestasse atenção na luta. Um belo passo em falso, especialmente por não terem recuperado ou adulterado as fitas. Sacs, você pode servir de anfitrião? Creio que tenho que falar pessoalmente com Jake agora.

— Se vocês estão investigando quem seqüestrou Brianna, porque nós precisamos ficar aqui?— Dave, cansado de esperar, reclamou.

— Vocês não precisam.— Steve sorriu. — Mas seria melhor que vocês não me acompanhassem.

— Por que não? — Dave insistiu.

— Por que não, de fato.— Steve falou, dirigindo-se para a porta. Ken barrou-lhe o caminho.

— Olha, não é por nada não, mas de repente me passou pela cabeça que talvez eu realmente queira ver o que diabos vocês estão fazendo.

— Ok. — Steve falou, e sentou-se novamente.

— Você não ia sair?— Ken perguntou.

— Ia. Mas eu não posso ir se vocês forem comigo.

Ken cerrou os punhos em frustração.

— Você vai tentar o modo Shadaloo de interrogatório em alguém, não é? Naquela garota que vimos no vídeo. Vocês a conhecem, não é mesmo? O que vai tentar, tortura? Chantagem?

— Estou admirado com a sua consideração com aqueles que seqüestraram sua cunhada, Ken. Mas se é essa a sua preocupação, eu lhe garanto que não irei usar nenhum “método de extorsão da Shadaloo”, nem chantagem, nem tortura, em nenhuma pessoa viva, pelo menos não hoje. Posso ir agora?

— Hum...— Ken o fitou desafiadoramente, mas saiu da frente.

— Obrigado.— Steve disse, enquanto Ryu rebobinava a fita para vê-la novamente, concentrado e com a aparência intrigada.

Ryu observou por mais alguns minutos a estranha dança. E o relâmpago de entendimento que passou por sua face foi quase visível. “Pessoas vivas” ele murmurou, e

saltou da poltrona, saindo da casa e olhando desolado para a rua. Voltou com dentes e punhos cerrados:

— Para onde ele foi? — perguntou a Issacson, que riu.

— Tarde demais. Você pode até tentar me espancar até que eu fale, mas... aí, qual seria a diferença? — Ryu cerrou os punhos. Issacson riu:

— Nós **somos** maus, Ryu. Você está iludido se quer ver o mundo em preto e branco. Mas, se isso ajuda, logo você vai ter um alvo para descarregar sua frustração.

O olhar que Ryu lançou para Sacs poderia tê-lo nocauteado por si só. Mas o lutador da Shadaloo ignorou a provocação e apenas sorriu.

Steve chegou à academia onde Dave o cumprimentou. Steve retribuiu o cumprimento e passou aos negócios.

— Vocês já a trouxeram, eu suponho.

— Ela tinha um schnauzer branco de estimação. — Dave reclamou, massajando o braço. — Criatura estúpida. Chegou a acordá-la, com seus latidos. Mas ela ainda estava tonta de sono quando cravei a estaca no seu coração. Jake e Ned estão lá embaixo, terminando de prendê-la.

— Bom. — Steve sorriu, se dirigindo para a rampa. A rampa levava primeiro para a arena interna, que, apesar de menor que a bela arena montada sobre a areia da praia que era a arena principal da academia, era bastante útil para os dias de chuva e para campeonatos entre alunos. As portas levavam a um corredor que dava para vestiários e para uma pequena enfermaria e terminava em uma porta, sempre trancada. Abrindo a porta, chegava-se ao “salão de festas” da academia. A sala era totalmente fechada, com isolamento acústico, e tinha aparelhagem de som instalada. Havia uma mesa de basalto, que era na verdade um bloco maciço de pedra, extremamente resistente, ornamentado por anéis de aço e correntes, e algumas cadeiras de madeira maciça. Steve tinha comprado uma antiga dama de ferro para ornamentar um dos cantos, e havia diversos instrumentos medievais de tortura ornamentando as paredes. Embora houvesse iluminação indireta feita por lâmpadas elétricas, era possível manter o local iluminado por tochas. Apesar do calor de Miami, havia um espaço com uma grande lareira, semelhante a uma fornalha. O mote do salão era “sala de torturas medievais”, e as cinco festas que já haviam sido organizadas ali tinham sido um enorme sucesso. Na Flórida as pessoas adoram diversões temáticas, afinal de contas.

Steve considerava aquela sala como seu escritório particular. Só tinha necessitado usá-lo duas vezes, durante sua retomada do estado. Esta seria a terceira. Olhando para a bela mulher acorrentada na mesa de pedra, Steve sorriu. Pigarreou, e Ned e Jake, que estavam discutindo se era o suficiente ou se deviam colocar mais amarras, viraram-se para ele.

— Você poderia acender a lareira, Ned? Use algumas das madeiras daquele saco.

— Steve apontou para um dos sacos de lenha, que tinha madeiras duras e longas, a maioria com pontas. — Belo trabalho, rapazes, estou orgulhoso.

— A vadia chegou a lutar um pouco, mas estava ainda sonolenta quando atacamos. Trouxemos direto para cá.

— Estou vendo. — Steve checou as amarras. A vampira estava nua sobre a mesa, e as correntes, cordas e nós estrategicamente colocados para não cobrirem nada que pudesse interessar a um homem. Suas roupas rasgadas estavam jogadas a um canto. Bem, Steve não se importava se seus empregados queriam se divertir. Simplesmente pegou o punhado de trapos agora imprestáveis e jogou-o no fogo.

— Posso ficar para assistir, chefe? — Ned perguntou.

— É melhor não. Assim que a estaca for retirada, por mais amarrada que ela esteja, ela poderá novamente usar suas magias.

— Ah, vamos lá, chefe.— Jake pediu com um sorriso.— Nós fizemos um bom trabalho, não foi?

— Sem espectadores. Por favor, algum de vocês poderia ligar para Tony e o avisar que eu gostaria que ele fosse até o QG e administrasse um curso rápido de “vampiros existem” para os quatro Street Fighters que estão lá?

— Sem olhar mesmo?

— Não.

— Ah... ok, está bem, chefe.— os dois saíram. Steve tirou um dos ferros que enfeitavam a parede, e colocou-o sobre o fogo, deixando-o lá até que ele se tornasse rubro branco. Depois disso aproximou-se da vampira e, com um sorriso, retirou a estaca.

Foram quatro horas. A vampira era corajosa. Ela primeiro desafiou-o, dizendo que um simples humano jamais saberia provocar dor em uma filha de Caim, que ela ainda faria ele e todos os seus subordinados pagarem pelas indignidades que ela sofrera. Ela começou a ficar apreensiva quando Steve retrucou que era apenas mais fácil, pois ele não precisava se preocupar em não matá-la. Sabendo que o que tinha sobre sua mesa era menos que humano, Steve não se conteve. Não libertou-a assim que ela contou o que sabia. Continuou, mesmo depois do ponto em que ela era incapaz de fazer algo que não choramingar, e deixou bem claro que a estava fazendo sofrer porque podia e porque queria, e que era ela totalmente impotente em suas mãos. Deixou-a entrar em um colapso de fúria, para ficar brincando com ela e ressaltando o fato de que ela era totalmente incapaz de feri-lo, até que a própria besta que dominava os instintos dela recuou, e a compreensão voltou aos seus olhos, e então a machucou um pouquinho mais. Quando terminou, a soltou das amarras e sorriu, e virou-se de costas para pegar uma das toras da lareira. Ela não teve espírito sequer para mover-se enquanto ele a estacava de novo com a madeira em brasa. Colocou novamente as correntes em sua posição habitual, enfeitando a mesa, e deixou o ferro sobre a parede. O melhor de torturar vampiros é que praticamente não havia manchas de sangue. Jake, Ned e Dave estavam jogando cartas no escritório no primeiro andar.

— Dave, você poderia cuidar da bela adormecida lá em baixo? Eu gostaria que você usasse um carro de placa fria e vidros filmados para levá-la até este endereço — anotou em um papel o endereço do Príncipe, e passou-o para ele.— e jogá-la na frente do portão, sem parar o carro. Jogue-a assim mesmo do jeito que ela está, e não se preocupe com testemunhas. Tome o cuidado de não ir para nenhum local importante depois, e de desovar o carro ainda esta noite, quando achar que é seguro. Pode fazer isso?

— Com prazer. Tenho que andar rápido com a belezinha?

— O ideal seria que você não se demorasse muito. Ned, você poderia me acompanhar até o QG? Jake...?

— Vou com vocês. — o judoca sorriu.— Não é todo dia que dois World Warriors vêm nos visitar em casa.

— Está bem. Vamos.

A primeira coisa que ouviram quando chegaram, foi Tony perguntando com a voz sibilante de quando estava falando com as presas expostas:

— Ok, agora me explica de novo por que motivo que você acha que é errado torturar sanguessugas assassinos que olham para você como gado. — Steve parou na porta um instante, só para ver até onde isso ia.

— Espere. **Você** é um vampiro. Você se descreveria como um sanguessuga assassino que olha para as pessoas como se elas fossem gado?

— Hummmmmmmmmmm... Yummy... — eles podiam ouvir a lambidinha de beijos que Tony deu. E viram Ken saltando da cadeira, sua expressão a tradução perfeita de “sai para lá, mané!”

— Creio que todos vocês já estão suficientemente convencidos de que vampiros são uma realidade.— Steve falou, entrando de vez na sala, com Ned e Jake atrás de si. Jake adiantou a cadeira de rodas quando viu os visitantes, uma expressão de agradável surpresa em seu rosto.

— Dave? Dave Anderson? Sua voz tinha me parecido conhecida, mas eu não esperava...

— Jake Tourtelloise?

— Vocês se conhecem?— Sean perguntou.

— Lutei com ele na final do Supreme Fighter Tournament.— Dave explicou.

— Me venceu com um dos melhores truques que já usaram comigo em uma luta.

— Jake sorriu. —É, aquela lá eu mereci perder.

— Eu não sabia que você era da Shadaloo. E como foi que você...

— Um encontro desagradável com os da laia daquele. — Jake apontou Tony. — Vocês estão perdendo tempo discutindo como é ético tratar um sanguessuga? Na boa, Dave, você tem questões melhores a fazer. Como por exemplo se sua namorada ainda está viva. Numa questão fictícia, Tony, o que você faria se tivesse seqüestrado uma garota só para fazer com que os amigos dela atacassem alguns inimigos seus?

— Secava, especialmente se a garota fosse bonitinha, arrancava o rosto dela fora para que não reconhecessem o cadáver se o vissem e desovava o corpo em algum canto. Manter a garota presa daria muito trabalho, e eu não ia querer que descobrissem que fui eu quem a peguei.

— O quê? — Dave empalideceu.

— Brianna está viva.— Steve assegurou.— A Nosferatu que a capturou ficou espantada com sua capacidade de luta, e mudou seus planos, decidindo ir pedir permissão ao Príncipe para transformá-la em vampiro. Foi por isso que pedi a Dave para entregar a pequena surpresa ao Príncipe, com sorte ganharemos algum tempo.

— Dave?

— Outro Dave, Dave.

— Nosferatu? Ouch, aposto que o principal argumento deles vai ser que os amigos dela nunca vão a reconhecer se a virem de novo. Que garota azarada! Bem, devemos ter pouco tempo, para onde vamos, chefe?

— Everglades. Tenho um mapa aqui.— tirou-o do bolso.

— Você conseguiu isso com tortura, Steve?

— Sim, Ryu. Eu jamais afirmei estar no time dos mocinhos, não é mesmo?

— Não...

— Espere, Ryu. Você pretende iniciar uma discussão? — Sacs perguntou, e nem esperou Ryu responder.— Ok. Chefe, me passa esse mapa por favor. Se for preciso você sabe desenhar outro, não é? Tony, Ned, vocês vêm comigo. Tchau. Discutam ao seu bel prazer.— Issacson pegou o mapa e foi embora com os outros dois. Dave se levantou e olhou de forma extremamente frustrada para Ryu.

— Você sabe que ele tem razão, não, Ryu?— Steve sorriu.— O que está feito está feito, e não pode ser mudado. Eu realmente torturei uma pessoa para conseguir essas informações, e eu sei que meus métodos o desagradam. Ainda assim, você não teve como impedir-me, ou como salvar a vampira que usei. O que aconteceu com ela é passado e não pode ser mudado. Mas Brianna ainda pode ser salva, o seu futuro ainda pode ser decidido.

Você pode ignorar o que sei e decidir descobrir por conta própria onde ela está. Você pode esperar um pouco mais, até que Sacs e os outros a tragam de volta, mas eu achei que vocês estavam cansados disso. Ou você pode parar com esse falso moralismo, e ouvir o que tenho a dizer de uma vez. Você sabia que eu não era nenhum anjo, eu nunca escondi isso. Você pode me odiar, se isso o tornar mais feliz. Mas eu creio que seja uma obrigação de vocês ao menos tentar salvar sua amiga.

Ryu fitou Steve com os dentes cerrados. Dave cerrou seus punhos também:

— Olha, você torturou uma pessoa para conseguir informações e eu acho isso horrível. Mas dane-se. Eu quero saber onde Brianna está, Steve, eu não gostei do jeito de Tony quando ele falou sobre “nem os amigos dela vão reconhecê-la”, e eu quero chegar antes que qualquer coisa que pretendam fazer com ela seja feito. Honrado ou desonrado, ela precisa de mim e eu vou ajudá-la, e dane-se o resto.

— Claro.— Steve sorriu, e, pegando papel e caneta, pôs-se a desenhar um novo mapa.

— Ele tem razão, vocês sabem.— Sean comentou.

Ken olhou e deu de ombros.

— Não é como se nós tivéssemos muitas alternativas. Além disso, eu odiaria dizer que a Shadaloo fez todo o trabalho para nós.

Ryu por fim se deu por vencido, baixando os ombros também:

— Eu o tinha em melhor consideração, Steve.

— Eu faço o que é necessário, Ryu. Nunca pretendi ser um cara honrado.



Brianna acordou com o leve toque em seu braço. Estava escuro, e ela demorou para perceber que era noite. Ser noite era um alívio, pois o dia passado amarrada sob o sol forte, sem comida nem mesmo água, fora infernal. Mas ser noite queria dizer que provavelmente fora uma das criaturas que a tocara, e ela evitou olhar para o lado. Então ouviu o murmúrio:

— Calma. Sou amigo, vim para tirar você daqui. Não diga nada.

Ela não estava amordaçada. As criaturas não tinham se preocupado com isso, e não era difícil descobrir o porquê. Ela tinha gritado tanto que agora mal lhe restava um fiapo de voz, mas ninguém viera. Pelo menos não antes. Olhou para o lado. Não conhecia o homem que estava se abaixando perto dela, tirando uma faca para soltar as cordas que prendiam seus tornozelos ao poste. Ele as estudou um pouco antes de cortá-las.

— Isto vai doer.— avisou, decidindo-se por cortar em um movimento rápido. Realmente doeu, e Brianna agradeceu pela sua voz já ter desaparecido, porque não conseguiu sufocar o grito rouco que escapou dos seus lábios. As cordas, extremamente apertadas, tinham provocado profundas lacerações, cobertas de pus, e retirá-las fez com que seus pés, que ela já não sentia mais fazia algum tempo, voltassem a dar sinal de vida... e eles diziam que estavam péssimos. Ele não tirou as cordas e levantou-se imediatamente para cortar as que a dependuravam pelos pulsos, como Brianna esperava, mas examinou seus pés e beliscou a ponta dos seus dedos.

— Sente isso?

— Sim.

— Tente mexer os dedos.

Doeu, mas Brianna conseguiu. Ele sorriu, e ela teve certeza de que ele deveria ser um médico.

— Você vai voltar a andar.— foi o veredicto.— Daqui a uns dois meses seus pés estarão como novos. Mas por enquanto creio que terei que te carregar. Vamos ver suas mãos agora.

Ela ficou estupidamente feliz, como uma pessoa só fica quando está numa situação péssima e alguém gentil se aproxima e diz que tudo vai ficar bem. A idéia de ser carregada e de não precisar colocar os pés no chão também parecia ótima. Ela estava sorrindo, sem perceber que ele tinha cortado as cordas que a suspendiam e ela não tinha sentido a dor lancinante em suas mãos quando viu o brilho da lua cheia refletido nos olhos amarelos saindo da água.

— Atrás de você. — murmurou. Ele olhou, e a colocou com delicadeza no chão.

— Só um minuto.— olhou para os aligátores, dois gigantescos monstros de mais de três metros que rastejavam lentamente mas com o que parecia ser um intento malicioso em suas faces. — Droga, detesto brigar com bichos.

Cerrou os dentes e correu, saltando as bocarras abertas que se abriram e fecharam num bote muito mais rápido do que Brianna esperaria. Pousando ao lado dos seus membros traseiros, onde eles acertariam um ao outro se tentassem uma rabanada e distante o suficiente das bocas para não ser mordido ainda naquele bote, tocou nas costas dos bicharocos. Suas mãos e as escamas perto delas tornaram-se esbranquiçadas, e os aligátores, que se preparavam para um segundo bote, interromperam o movimento no meio, letárgicos. Acariciou as escamas por um pouco de tempo a mais, vagarosamente, e os olhos amarelos se fecharam. Quando ele se levantou, os aligátores não se moveram. Dirigiu-se até ela e a pegou gentilmente:

— O quê...

— Tartarugas podem ficar congeladas em um freezer por até quarenta e oito horas e acordam novamente sem problemas se são deixadas descongelar à temperatura ambiente. — ele sorriu. — Eu espero que aligátors também possam fazer isso, pois detestaria ter morto os bichinhos.

Só então Brianna percebeu suas mãos formigando.

— Eu não senti quando você tirou a corda... — ela murmurou, apreensiva.

— O ferimento era pior, então usei o truque que você acabou de ver para anestesiá-los seus pulsos. Está tudo bem. Prometo que trato das suas mãos quando chegarmos a um lugar mais limpo, e não precisa ter medo, você também vai continuar podendo usá-las. Agora...

Parou por alguns instantes, como que tentando tomar uma decisão. Então entrou na beirada da água pantanosa, deixando-a até os joelhos, e se distanciando bons dois metros da margem. Começou a caminhar, um ligeiro chapinhado soando a cada passo.

— Eles vão ouvir você. — Brianna murmurou.

— Não sou bom o suficiente para te carregar no meio de um pântano sem fazer nenhum barulho. E eles podem ter outros bichinhos. Mas ainda assim, a água tem suas vantagens. Não se preocupe, vai estar tudo bem.

Andaram por quase dez minutos, e parecia que eram os últimos humanos vivos num mundo pantanoso e lúgubre do qual Brianna estava particularmente cansada. Apenas os barulhos normais da floresta se ouviam. Ela estava quase fechando os olhos e adormecendo, exausta e se sentindo segura, quando ele saltou e jogou-a em seus braços, para carregá-la com apenas com o esquerdo, e desceu para o chão com a mão direita abaixada. Uma crosta de gelo formou-se sobre a água assim que ele a tocou, e ele pisou numa camada firme de gelo como nunca antes os Everglades tinham visto. A camada estendeu-se em um círculo, e Brianna viu-a formando três pares de halos. Ouviu sons de alguém se debatendo, e sobre os halos as criaturas reaparecendo, mostrando que os buracos circulares tinham sido causados por suas pernas. As criaturas estavam presas na camada de gelo, mas Brianna e o homem que a resgatara sabiam que não ficariam presas por muito tempo.

Ele cerrou os dentes. Três, e ele não podia correr o risco de colocar a menina no chão para lutar. Ainda bem que tinha visto as ondulações na água. Não demorou meio segundo para tomar uma decisão. Virou-se e começou a correr.

Sacs tinha dito a Tony e Ned que daria uma volta pelo pântano, se aproximando do lugar onde a vampira dissera que Brianna estava presa vindo da parte mais selvagem dos Everglades, ao invés de ir pela parte mais perto da civilização e mais acessível aos barcos. Enquanto isso, ele queria que eles arrumassem confusão. Tinham se aproximado mais e mais do lugar, abertamente e sem tentarem ocultar seus passos. Depois de alguns minutos, Tony tinha gritado desafios para o mato, e Ned tinha derrubado galhos de árvore, tentando chamar atenção, pois ninguém aparecia para detê-los. Depois de alguns minutos mais, descobriram que tinham chegado novamente na clareira onde Ned tinha quebrado galhos. Tony cerrou os dentes.

— Acho que isso não é bom.

— Não, não parece ser. Eu **acho** que da outra vez nós fomos por lá.

— Que tipo de reforço nós vamos ser se não conseguimos alcançar o lugar para onde deveríamos ir?

— Vamos tentar escutar. Não podemos estar tão longe. Se Sacs entrar em alguma luta vamos ouvir.

Pararam por alguns minutos, e ficaram escutando. Nada além dos ruídos normais da floresta noturna. Então ouviram o som sutil de passos. Tony se virou primeiro. Quando ficou certo de que os passos estavam se aproximando, agiu.

Parou a três centímetros do homem que fechava o grupo. Para sua surpresa, Ken estava em posição de guarda. Tony relaxou e sorriu:

— Você é rápido.

— Você é rápido! — Ken exclamou. — Você veio lá da frente?

— Eu usei magia, você não. Vocês estão perdidos?

— Não...

— Ótimo. Sacs fez o caminho não óbvio e foi na frente, e pediu para nós fazermos o caminho óbvio e bastante barulho para distrair os atacantes.

— E vocês se perderam.

— É...

— Ok. Pessoalmente eu preferiria...

— Alguma coisa passou por ali. — Ryu afirmou. — Ken, você chegou a ver o que era?

— Ahmn... acho que eu estava distraído. Dave, Sean?

— Não.

— Eu... ei, o que é isso? Neve na Flórida?

— Um floco de neve só? — Tony perguntou.

— Humrhum. Aqui. — Dave estendeu a palma da mão molhada.

— É a assinatura de vitória do meu irmão. Ele encontrou Brianna.

— Sacs é seu irmão?

— Isso realmente importa agora?

— Hummmm... ei, se um floco de neve é a assinatura de vitória, o que quer dizer aquilo? — Dave apontou para o céu, onde podia-se ver uma chuva de neve e gelo caindo.

— Não pergunta, corre. — Tony falou, dando o exemplo e desaparecendo. Os outros foram atrás.

Sacs ouviu o chapinhar à sua frente, e isso o fez estacar em sua corrida. Olhou para a água, não para a frente. Ela se movia em círculos vindos de trás. E ela se movia em círculos vindos da frente. Então os círculos vindos da frente pararam. Sacs tentou se mover. E então ouviu uma risadinha:

“Venha.”

Ele não conseguiu determinar de onde vinha o som. Não o suficiente para esquivar-se. Mas o suficiente para perceber que ele não viera de onde haviam estado as ondas na água.

O movimento ao seu redor parou. Ele podia senti-lo. Olhou ao seu redor, e percebeu que não era apenas os inimigos invisíveis. Havia três lobos na margem, o fitando com olhos estranhamente inteligentes, e eles estavam acompanhados de um homem com presas e garras que poderia ser um lobo ele mesmo. Os lobos tinham os dentes arreganhados e os pêlos em riste, e Sacs sabia muito bem que não deveria haver nenhum deles ali. Três atrás dele. Dois na frente. Quatro na margem. E sabia que não era um nadador bom o suficiente para conseguir distanciar-se deles pela água. Não enquanto carregava Brianna.

Ouviu novamente o chapinhar iniciando a fechar o círculo, e decidiu. Talvez fosse chi desperdiçado. Mas sozinho ele era incapaz de vencer aquela luta, e admitia isso.

Soltou um Ice Blast o mais forte que pode, para cima. Que houvesse alguém para vê-lo!

Um dos lobos rosnou e correu, saltando sobre ele. Sacs virou o corpo, para que ele não morderesse Brianna. Os dentes se cerraram em seu braço direito, dentes grandes como presas. Tentando não sucumbir ao transe da mordida, gastou mais chi em uma manobra desesperada. As mandíbulas do lobo foram abertas à força, quando gelo começou a formar-se em seu braço, tomando a forma de um escudo.

— Que golpe é esse?— Brianna perguntou, e a pergunta foi tão absurda no momento que Sacs teve que rir:

— É o mais estúpido bloqueio já inventado. — falou, embora tivesse girado o braço com o escudo e feito outro lobo cair no chão. — Funciona muito bem contra fireballs e acid breaths, aliás, é o melhor bloqueio já inventado contra esses golpes, mas deixa o braço mais vulnerável a pancada comum.— chutou aleatoriamente para a frente, e havia tantos inimigos que acertou em um. Cerrou os dentes quando alguém raspou uma lâmina pelo seu tórax, abrindo um belo corte em meia lua, mas conseguiu recuar, e, quando sentiu uma mão se pousar sobre o braço com o qual estava segurando Brianna, saltou. Sentiu o chute que recebeu nas costas, mas conseguiu cair em pé.— É por causa desse golpe que não consigo usar a mão direita lá muito bem. Uma vez o usei contra um cara, mas o golpe dele foi um Flying Thrust Kick, que pegou no meio do meu braço. Só que carne machuca, gelo racha. Ele arrancou minha mão fora.

— Mas você tem a mão.— Brianna comentou, enquanto Sacs chutava um dos lobos para longe, sem conseguir se desviar de um segundo, que acertou com as garras em sua virilha e só não conseguiu morde-lo porque o giro do corpo com o chute o fez cair novamente na água.

— Reimplante. Não fica cem por cento mas funciona. A mão já estava congelada mesmo. Milagres da medicina moderna, garota. — Sacs falou, recuando. Garras o cortaram pelas costas, e ele cerrou os dentes e avançou, por cima dos lobos. Protegeu Brianna com o corpo, recebendo outra mordida no flanco. Tentou continuar avançando, enquanto o lobo tentava firmar seus pés sobre a lama e pará-lo, e já começava a se sentir tonto pela perda de sangue. Vários dos inimigos não tinham sequer entrado na luta, ele sabia, e estavam apenas se divertindo vendo os outros brincarem com ele como um gato brinca com um rato.

Ouviu um zumbido e um “kapof” e o lobo que estava o mordendo caiu na água com a parte da frente de seu corpo afundada como se seu esterno fosse convexo ao invés de côncavo.

— Mexeu com um dos irmãos Belmont mexeu com os dois, desgraçados! Querem partir para a luta? Vamos lutar de verdade! Força e velocidade, uuuhruhhh!

— Cala a boca, Brujah imbecil!— o ser das garras rosnou, saltando sobre ele. Tony sorriu, e saltou ao mesmo tempo, agarrando-o no ar.

— Nab him, Jab him, Grab him, Stop that pigeon now!— Tony cantarolou, fazendo o Gangrel engolir lama. Dois lobos saltaram sobre ele, mas Tony, com velocidade sobre-humana, bloqueou o ataque de ambos. E nesse momento ouviram um grito:

— HADOUKEN!

A bola de chi iluminou a noite já clara de lua cheia, lançada aparentemente para o ar. O ar não era o alvo, como provou o grito do Nosferatu que foi atingido, o qual caiu, ainda queimando, sobre a lama. Ele debateu-se na lama, e olhando em pânico, levantou-se com dificuldade e pôs-se a correr, assim como o lobo ferido, que ganiu, disparando em corrida com o rabo entre as pernas.

As outras quatro figuras invisíveis apareceram, criaturas horríveis e deformadas que faziam um homem estremecer apenas de olhar para elas. Exceto uma delas, cujas formas graciosas destoavam da lama do ambiente que a cercava.

Sorrindo malignamente, Juni fitou seus inimigos:

— Vocês vão aprender o que significa meter-se com a Shadaloo, cavalheiros.— e saltou sobre Ryu.

— Juni não fala tanto.— Ryu rosnou, saltando também, seu braço curvando-se em um Dragon Punch, certo como era de se esperar. Mas Juni sorriu, caindo graciosamente sobre a ponta de um dos pés.

— Faz cócegas. — ela comentou.

— Usem fogo!— Tony gritou. — Vampiros RIEM de socos! Especialmente os com fortitude. — acrescentou entre os dentes.

Sean seguiu sua dica, lançando uma bola de fogo contra um dos Nosferatu (e trocando momentaneamente as palavras de ativação pela frase “morre, bicho feio!”). Sacs aproveitou o momento de respiro para localizar Dave.

— Toma!— disse, lhe entregando Brianna, e interrompendo o que parecia ser o prelúdio de um ataque de fúria.— Você parece ser um namorado ciumento, então pegue. — agora com as mãos livres, sorriu maliciosamente.— E eu tenho algumas contas a acertar.

Precisou apenas de um olhar de relance para localizar o Nosferatu que lhe desenhara a meia lua no tórax. O maldito estava carregando uma espada, o que explicou a Sacs porque ele fora atingido mesmo tentando se desviar. Estava acostumado com facas. Ah, agora ele ia ver!

Ken viu o estado de Brianna e cerrou os dentes, atacando o vampiro mais próximo, outro Nosferatu. Seu braço se ergueu num soco que parecia extremamente com o de Ryu, com apenas uma diferença: as chamas flamejantes que cercavam seu punho. O Nosferatu gritou em pânico mesmo antes de ser atingido. O grito continuou durante o impacto duplo, e pareceu ainda soar quando o punho de Ken terminou atravessando uma nuvem de cinzas.

— Cool!— Ken riu.— Igualzinho “Buffy, the vampire slayer”! Próximo?

Sean ainda estava lutando com seu oponente, e Sacs tinha tirado uma estaca da jaqueta, e estava brincando de evitar a espada enquanto ameaçava seu oponente com ela. Dave, com Brianna no colo, não sabia o que fazer. Ele queria esmurrar aqueles que a tinham deixado daquele jeito, mas ao mesmo tempo, não queria colocá-la no chão quando ela parecia estar tão mau, e havia aqueles cortes tão feios em suas mãos e pés, e suas mãos estavam enegrecidas, e ele estava preocupado. Tony tinha jogado para Ned um dos lobos, e estava atracado com o outro. Juni e Ryu continuavam a sua disputa, trocando golpes sem que nenhum dos dois conseguisse realmente ferir o outro. Sobrava o Gangrel que ainda estava na forma humana, com as garras, tentando se aproximar de Dave e Brianna por trás. Ken se voltou para ele com um sorriso.

O Gangrel percebeu e baixou as garras que tinha erguido para atacar, seus olhos arregalados. Deu dois passos para trás enquanto Ken avançava. Ken preparou o golpe, e adiantou-se. As feições do Gangrel distorceram-se e encolheram e ele tornou-se num morcego negro, fugindo dali o mais rápido possível.

— Covarde! — Ken gritou para o ar. O oponente de Sacs distraiu-se e ele lhe aplicou uma rápida e poderosa rasteira, jogando-se sobre ele e o pressionando sobre o chão no mesmo movimento, com extrema rapidez. Com seu oponente seguro e a espada caída inofensivamente no chão, enfiou-lhe a estaca pelas costas.

Tony decidiu parar de brincar com seu lobinho, e o agarrou pelo pescoço. Ken ouviu o barulho dos ossos quebrando e viu carne empapada de sangue escorrer por entre os dedos do Brujah, um tanto espantado pois Tony não aparentava ter tanta força. Tony deixou o lobo cair no chão, e para surpresa maior de Ken o animal ainda levantou-se, sua cabeça pendendo de um ângulo estranho e seus movimentos descoordenados, mas o ser ainda em pé. Ken teve dificuldades em segurar a náusea ao ver aquele cadáver semi animado.

O lobo que estava brigando com Ned parou ao ver o companheiro ferido, e saltou na direção dele. Quem saltou foi um lobo, mas quem pousou no chão foi um humano, um rapaz que parecia ter em torno de dezesseis anos, com feições índias bem marcadas:

— Trégua.— ele declarou. — Eu me rendo, mas nos deixe ir.— o lobo ferido caiu em seus braços, e ele segurou-o delicadamente.

— Vocês não nos concederiam nenhuma trégua.— Tony rosnou, cerrando os dentes. Ken o parou com uma mão no ombro.

— Um Street Fighter não luta para matar, amigo.

— Sou um vampiro, não um Street Fighter.— Tony rosnou, mas deixou os dois em paz. O oponente de Sean caiu duro no chão e não levantou-se, depois de um chute especialmente bem dado.

— Você sabe que ele não está realmente apagado, certo? — Tony comentou, ainda mal humorado.

— Se ele se levantar eu o derrubo de novo. Com uma fireball. Acho que ele sabe disso.

O oponente de Sean ficou paradinho com a cara na lama. Apenas Ryu ainda lutava, o que surpreendeu Ken. Ei, o japonês não costumava demorar tanto para acabar com um oponente.

“Juni” tentou novamente um salto, e Ryu saltou também. Desta vez não tentou socá-la. Ao invés disso mergulhou com uma das pernas para baixo, girando como se um ciclone o envolvesse, e atingiu-a ainda no ar. “Juni” foi lançada para trás, na direção onde Sacs estava, atingindo uma das árvores baixas do pântano. Seu grito cessou no meio, e ela ficou imóvel, pendurada na árvore pelo tórax. As suas feições de “Juni” desapareceram, dissolvendo-se em crostas e pelancas de uma criatura ainda mais estupidamente monstruosa que os outros Nosferatus.

Brianna inexplicavelmente começou a chorar. Dave abraçou-a, tentando consolá-la. Sacs olhou para a Nosferatu pendurada na árvore. Talvez Brianna tivesse começado a chorar porque finalmente estava segura, depois de tudo o que passara. Mas não lhe parecia que fosse isso. Tony pareceu ler seus pensamentos:

— Brianna, eles lhe deram alguma coisa enquanto você estava presa?

Os soluços continuaram. Tony se aproximou da garota, recebendo um olhar fuzilante de Dave.

— É importante. Eles lhe deram algo?

— Eles... eles... eles me fizeram beber de um copo estranho. Eu não consegui ver o que era, era salgado. Tentaram me fazer beber primeiro quando me trouxeram para cá, e então no começo desta noite. — as lágrimas escorriam de seus olhos. — Por que você a machucou, Ryu?

Tony olhou para seu irmão, que assentiu. Sacs pegou a espada que seu oponente deixara cair no chão. Olhou de relance para Ryu, e, ato contínuo, ergueu a espada em um golpe cortando a cabeça da Nosferatu, enquanto com o braço direito bloqueava usando seu escudo de gelo. Mas a fireball que esperava não veio. Sacs levantou a sobrelance. Os soluços de Brianna pararam.

— Pensei que você não fosse me deixar matá-la. — Issacson exclamou.
— Por... por que eu estava chorando? — Brianna perguntou-se, estupefata.
— Sou honrado, não estúpido. — Ryu deu de ombros. — Se ela bebesse pela terceira vez, se tornaria uma vampira, não é isso?
— Não exatamente. Mas seria mau da mesma forma. Bem... eu espero que vocês não tenham perdido o barco, Ned, Tony?
— Está logo ali.
— Você ainda vai cumprir sua promessa, não é? — Brianna perguntou a Sacs.
— Promessa?
— Olhar as minhas mãos. Saber se...
— Ah, isso! — ele riu. — É claro. E não se preocupe, você vai conseguir voltar a usar as mãos. Isso não é nada que um bom médico da Shadaloo não possa resolver.
— Shadaloo?
— Mas é claro. Não me diga que você acreditou no que aqueles monstros afirmaram, garota! Eu vou me sentir pessoalmente ofendido.



As mãos de Brianna eram realmente um caso complicado, pior por ela estar desidratada e em mal estado geral. Felizmente era dezembro. Em um dos meses do verão o caso teria sido bem mais grave, provavelmente uma insolação séria a coroar tudo, mas Miami tinha um clima ameno durante o inverno. Sacs fez Dave ajudar Brianna a limpar-se (lama dos Everglades pelos ferimentos não iria ajudar em nada a recuperação dela), e começou a tratá-la ainda durante a noite. Depois de retirar todo o tecido gangrenado e de limpar categoricamente os ferimentos tanto dos pulsos como dos tornozelos, emplastrando-os de pomada antibiótica e cicatrizante, chegou à conclusão de que ela tivera sorte. Garrotes apertados deixados por um dia e meio poderiam ter-lhe feito perder as mãos e os pés, mas os tendões estavam intactos, e ela ainda tinha sensibilidade nos dedos, e a carne debaixo do pus e das crostas tinha um tom rosado e sadio, não enegrecido, e sangrara levemente quando ele terminara de desbridar a ferida. Ela ficaria com cicatrizes, mas continuaria com as mãos e os pés, e poderia recuperar todo o movimento com o tempo.

Fê-la beber soro, insistindo com ela que era necessário quando ela torceu o nariz para o gosto salgado-doce-enjoativo, e deixou-a comer uma refeição leve depois disso. Como também recorrera à fluidoterapia endovenosa, eram já três horas e meia da madrugada quando pediu a Brianna que descansasse e ordenou a Dave que parasse de rodar frenético em torno dela. O garoto tentou discutir, mas Sacs apenas rosnou que era tarde demais da noite para discussões, e deixou-o falando sozinho. Desceu as escadarias do QG. Tinha preferido levá-la para lá, onde podia, depois de ter feito tudo, deixá-la dormindo numa cama confortável, do que para sua clínica, que, não sendo um hospital, não tinha quartos para internação. Nada do que fizera necessitava de equipamento sofisticado.

Para sua surpresa, Steve e Sean ainda estavam acordados. Tony também deveria estar, é claro, mas provavelmente saíra para a noite caçar. Os dois estavam conversando em um tom quieto, e Issacson ficou com a nítida impressão de que o street fighter ainda não confiava neles o suficiente para adormecer em sua casa. Deu de ombros (o que o lembrou dolorosamente do lanho que o Nosferatu lhe marcara no abdômen e das mordidas que recebera). Não ia tentar ganhar a confiança de ninguém àquela hora da noite.

— Estou indo para casa. Steve, por favor, você pode garantir que ninguém acorde aqueles dois antes do meio dia? Acho que Dave ainda vai alvoroçar-se por mais algum tempo antes de adormecer, e **Brianna** precisa do descanso.

— Não seria melhor você permanecer aqui, caso ela precise de ajuda?

— Não. Vou precisar fazer um novo curativo amanhã, mas a ferida também precisa de tempo para curar-se.

— Está bem. Quero seu relatório, amanhã. Falei com Tony e Ned, mas aparentemente você esteve sozinho na maior parte da ação.

— Tudo bem.

— Há sangue na sua camisa.— Sean comentou. Como Sacs tinha também tomado um banho e trocado a roupa cheia de lama e sangue da luta por outra limpa antes de tratar da doente, isso era algo a se notar. Sacs olhou para baixo e percebeu que realmente, o lanho da espada estava novamente sangrando. Teria que tratar daquilo antes de dormir.

— Não é nada sério. Boa noite para vocês.

— Boa noite.— Steve respondeu, levantando-se.— Meu caro Sean, a conversa foi ilustrativa, mas creio que também já chegou a minha hora.

Sacs viu a janela abrir-se quando estava saindo com o seu carro. Pensou em sorrir e acenar, mas decidiu não deixar notar que notara. Steve provavelmente sabia, de qualquer forma.

Sean acordou cedo para alguém que fora dormir às quatro da madrugada. Ken e Ryu, já tinham acordado fazia tempo, e ele foi informado de que os dois tinham ido até a academia patrocinada pela Shadaloo, ver a arena praiana junto com o Dave da Shadaloo. Encontrou Ned de guarda na porta do quarto do casal.

— Você não pode acordá-los.— ele sorriu. — Steve me deixou ordens expressas para impedir qualquer um de entrar aí até o meio dia.

— E você vai cumpri-las?

— A ferro e fogo.

— Tudo isso? Por que tanto exagero?

Ned riu.

— É, eu não poderia me imaginar dizendo isso há seis meses atrás. Sabe, sempre acreditei que um homem se prova em combate, e nunca respeitei ninguém que não fosse mais forte que eu. Quando o chefe chegou, um frangotinho se escondendo por trás de uma criança, olha, me parecia um absurdo pensar em obedecer as ordens de um cara como esse. Fui obrigado a engolir, porque o Soojin parece um cão de guarda do lado dele, estupidamente leal, e estupidamente forte para um pirralho daquela idade. E foi proveitoso, pois eu tenho que confessar que nunca ganhei tanto com o que faço como agora.

— Mas você mudou sua opinião.

— Garoto, você teria medo do Bison?

— Medo, eu?

— Olha, pára de contar vantagem e seja sincero. Se você soubesse que o Bison estava vindo para a sua casa te pegar, e seu mestre não pudesse ajudar, nem o amigo dele, como é que você ia se sentir?

— O Bison está morto.

— Você me entendeu. E se você não quer admitir, ou se é jovem o suficiente para ser estupidamente autoconfiante a esse ponto, dane-se. Você me entendeu. Foi como eu me senti quando soube que Ryu e Ken estavam aqui. Como se **dois** Bisons estivessem aí para me pegar.

— Eu e o Dave nem entramos na história, não é?

— Olha, rapaz, me desculpe, mas você e seu amigo ainda são café pequeno perto do Ryu e do Ken.

— Ei, eu sou um dos World Warriors também.

— Pshfff. Lendas são lendas, e talvez você ainda se torne uma, mas por enquanto você não é, garoto. Agora, é capaz de imaginar como eu me senti quando de repente, o frangotinho que nunca ia a qualquer missão junto com a gente, que sempre deixava o trabalho sujo por nossa conta, quando esse cara que eu sei que se tentasse dar um soco iria quebrar a mão, olha aí, esse cara vira e diz “tudo bem, eu cuido disso”?

— Ele conhecia Ryu.

— E? Pior ainda! Steve já era da Shadaloo quando conheceu Ryu, e naquela época ele nem sequer era um chefe! Ser da Shadaloo e conhecer o maior inimigo que ela já teve não é café pequeno, não importa quando tenha sido. Olha, Sean, o que eu vi foi um homem pelo qual eu não dava nada enfrentar o outro homem que era o meu maior medo. E Steve

fez isso como se estivesse indo comprar uma dúzia de pães na padaria da esquina. O nosso Dave, que estava comigo, sequer teve coragem de vir aqui falar com o chefe, assim que descobrimos que vocês estavam aqui, ele fugiu, só voltou quando telefonamos em seu celular mandando chamá-lo. Eu mesmo tive dificuldade em me convencer de que devia vir para cá e avisar os outros. Eu achava que íamos todos fugir, e que vocês iam nos alcançar, e então íamos todos morrer.

— Otimista você.

— O que você queria? É o que acontece sempre. Mas, nossa, olhe só, agora estamos aqui, e eu estou conversando com você. Ryu e Ken estão na minha academia, treinando lá na arena como se fosse coisa normal. Nenhum dos nossos está morto. O chefe resolveu todo o nó. Até parece simples quando eu olho para trás, mas, nossa, eu nunca achei que isto fosse possível, e eu tenho experiência o suficiente para saber que outro chefe não teria conseguido. Eu trabalhei para o Balrog antes, sabe? Eu estava lá, no cassino do boxeador, quando chegaram a Chun Li e o Guile. O Balrog tinha tido aviso, a situação foi muito como a de ontem, mas todo mundo que ficou lá para lutar foi em cana, garoto. Eu escapei porque me colocaram para dormir logo no começo da operação, e quando eu acordei não tinha ninguém de guarda onde eu estava, estavam caçando a presa de verdade e eu consegui, com algemas e tudo, fugir de fininho. Foi um inferno, quase todo mundo que eu conhecia foi preso naquela operação, quase toda a Shadaloo em Las Vegas. E olha que era um dos grandes chefes, era o Balrog que mandava lá. Chegaram World Warriors e detonaram tudo, simplesmente. Do mesmo jeito que chegaram World Warriors aqui... nem sequer foi Guile e Chun Li, foi uma escada acima, foi Ken e Ryu, pelo amor de deus! Só que, nossa, as pedras ainda estão uma em cima da outra. Sabe, eu gosto muito dessa sensação. Ela é estranha, mas é muito agradável.

— Sensação?

— É, sensação. Vou ser sincero, os métodos do Steve não são os meus preferidos. Eu não gosto de gente que leva desaforo para casa, e eu já vi o chefe levar. Eu gosto de ver sangue espalhado no nome da Shadaloo, e de anunciar a todos que obedeco às ordens da organização, e o Steve nos proíbe de anunciar isso, e pior, ele praticamente não espalha sangue. Estávamos em guerra até a pouco, droga, e foram exatos doze assassinatos, em seis meses, durante uma guerra! Nenhum outro chefe evita matar deste jeito. O Steve anda com tudo de um jeito meio quieto, resolve tudo com apostas e ameaças. Ok, quando alguém chama o blefe dele ele cumpre, e muito bem, mas só quando alguém chama o blefe. É anti climático. Falta pancadaria.

— Pancadaria?

— Pois é. Eu estava detestando isso tudo até agora. Que é isso, um chefe pensativo, que fica planejando as coisas, que não usa um grama a mais de força do que o que precisa, ah, isso não é para mim! Só que... esse chefe é o mesmo que na pior situação que eu poderia imaginar levou a gente para a outra margem e fez todo mundo sair ileso. É a sensação que eu te falei. Segurança. Agora eu acredito, garoto, que se cumprir as ordens do frangote eu vou sair vivo do outro lado. Isso é algo que eu nunca tinha esperado de outro chefe. Eu sempre esperei ganhar dinheiro se tudo corresse bem, e consegui. Mas nunca me senti seguro antes. É uma sensação diferente e agradável. E, além disso...

— Além disso o quê?

— Eu queria fugir. Eu estava aterrorizado. E o frangote, Steve, simplesmente se virou e enfrentou a situação que estava me fazendo congelar de medo. Eu não devia chamá-lo de frangote, ele teve mais coragem do que eu jamais teria. De uma certa forma, eu acho

que ele me venceu, entende? E não vejo mais motivos para não respeitá-lo. Talvez eu fosse capaz de detoná-lo em um ringue. Mas o Steve é mais forte que eu.

— É uma realização estranha.— Sean concordou, pensando consigo mesmo que esse Ned era estranho, embora ele fosse o tipo de sujeito sem escrúpulos que ele esperaria dentro da Shadaloo.— Onde fica a cozinha na casa? Sei que é um pouco tarde para café da manhã, mas estou com fome.

— Desça na varanda, acho que a mesa do café ainda está posta. E é só pedir para qualquer uma das garotas de uniforme preto e avental para trazer as coisas de geladeira. Bom apetite.

Sean deixou Ned resmungando sobre “pensar que eu iria um dia indicar para um aluno do Ken ...”. Estava pensativo, e não chegou a comer muito. Deveria ir até a tal academia, encontrar-se com seu mestre e com Ryu, mas estava ainda muito intrigado. Começou a passear pela casa, que não era nada que ele esperaria de um quartel general da Shadaloo. Deparou-se com uma biblioteca, e encontrou Jake dentro dela, com um livro. Um homem numa cadeira de rodas era outra coisa que ele jamais esperaria ver em um quartel general de uma das maiores organizações criminosas do mundo.

— Bom dia.

— Olá. Ouvi dizer que vocês tiveram uma bela luta ontem.

— E foi. Pântanos e lama não são a minha primeira escolha para uma arena, mas foi divertido bater nos bichos feios.

— Lutar é divertido. Sinto saudades dos velhos tempos, às vezes.

— Antes disso daí?

— Pois é. Eu poderia competir nos paraolímpicos, mas... ah, não ia ter graça. Não depois de ter conhecido o que é uma luta de verdade.

— Hum. Olha, eu já ouvi falar de alguns lutadores que, bem, na sua situação...

— Cibernéticos? É, chegaram a me oferecer isso. Cheguei a pensar no caso, acho que por uns quinze minutos. Mas não.

— Por que não?

— É um caso complicado. História meio longa.

— Oras, estou com tempo. A menos que você não queira falar.

Jake fitou Sean, que tentou sorrir seu melhor sorriso de confiável. O paraplégico deu de ombros.

— Sente-se então, garoto. Incomoda ter que ficar olhando para cima para falar, sabia?

— Desculpe.

— Bem, é mais ou menos assim. Tem o chefe. E eu tenho razões para ser bastante grato ao chefe.

— Tem?

— Imagine que alguém te tira do inferno, garoto. Você seria grato a essa pessoa?

— Acho que sim. Ele te tirou das ruas, alguma coisa do gênero?

— Era um inferno um pouquinho pior. Eu fui a única pessoa que sobreviveu ao massacre na outra casa. Eu me lembro de ter conseguido sair, de correr sabendo que tinha alguma coisa atrás de mim, e então a alguma coisa me pegou no meio da rua, mas um carro de jovens parou para ver o que tinha acontecido, e a coisa me soltou. Tenho que confessar que eu estava histérico, mas qualquer um estaria se tivesse visto o que eu vi. Então eu cometi um grande erro. Eu contei o que tinha acontecido, a verdade. Eu insisti nisso. Mas ninguém em sã consciência acreditaria em uma emboscada de vampiros, no vampiro invisível que fora o motivo da minha queda e do meu ferimento, nem em nada do gênero.

Fui mandado para um sanatório. Chegou um momento em que eu não sabia nem mais se o que estava falando era verdade mesmo, ou se era ilusão, se eu estava mesmo louco. E os choques elétricos e as drogas também não ajudavam muito. Eu fui considerado um insano perigoso, e eles não tentam ser delicados com os insanos perigosos. E foi de lá que o chefe me tirou. Antes mesmo de ter provas de que o que eu tinha falado era verdade. Isso é algo que não dá para explicar antes de se ter passado pela situação, o quanto é importante quando uma pessoa acredita em você, no momento em que você já estava começando a duvidar de si mesmo, a duvidar da sua própria sanidade mental. Bem, foi isso que o chefe fez. Eu entrei no mundo do crime porque era um jeito fácil de ganhar dinheiro, nunca estive nem aí para nada, mas Steve, ele eu tenho orgulho de chamar de chefe. Bem, aí é que mora o problema. Pela primeira vez na vida eu tive motivos para tentar ser leal. Então o Tony apareceu.

— Tony? O que ele tem?

— Bem, como você notou, ele é um vampiro. Para piorar, ele não é qualquer vampiro. Você chegou a ver a casa antiga. Não dá para ter muita idéia do que foi o massacre, mas Sacs comentou que as ruínas ainda emanam energia negativa, você chegou a sentir?

— Apenas levemente.

— Pois é. Estávamos em trinta e um, naquele dia. Praticamente todos os que respondiam para a Shadaloo estavam lá. Tínhamos esperado trinta e sete, é verdade. Sacs tinha chegado a passar pela reunião, mas tinha sido chamado pelo celular para uma emergência médica, e simplesmente foi embora. Dos outros cinco, ninguém tinha notícia. Com a maioria deles ninguém estava preocupado. Ned, Dave e os outros dois que você não chegou a conhecer eram conhecidos na organização por sua covardia, e era mais ou menos esperado que eles desaparecessem já que as coisas estavam começando a ficar quentes. Mas o fato de que Tony não tinha aparecido estava sendo falado de um lado para o outro. Tony era um dos rapazes do chefe, do antigo chefe, eu digo, um dos mais confiáveis, e era estranho que não tivesse vindo quando o chefe convocara, com tanta presteza, aquela reunião, e tinha insistido que queria a todos aqui. Aí Tony apareceu. Ele estava com um sorriso estranho. E então as luzes se apagaram e o massacre começou. Eu não saberia dizer quantos vampiros foram, eu sei apenas que de um momento para outro a sala tinha sido embrulhada em escuridão e tudo o que se ouvia eram gritos e os sons de gargantas sendo rasgadas e ossos sendo quebrados e os pés chapinhavam em sangue quando pisavam no chão. E foi Tony que guiou os vampiros, que ajudou-os a montar aquela emboscada. Tudo bem, pelo que ele contou depois, foi para obrigá-lo a fazer isso que eles o vampirizaram, e além disso eles ainda usaram uma espécie de um ritual macabro para submeter a sua vontade e fazê-lo querer ajudá-los. Talvez até seja verdade, eu não posso ter certeza. Ainda assim, existe um culpado óbvio para eu ter parado nesta cadeira de rodas, e para os gritos e o sangue daquela noite... droga, parte daqueles caras eram meus amigos. Se eu recebesse implantes cibernéticos, se eu pudesse voltar a lutar, a primeira coisa que eu ia fazer seria limpar o chão com a cara de Tony. Eu não ia ficar feliz antes de conseguir isso. Não ia valer à pena voltar a lutar se eu não fizesse isso. Talvez eu nem fosse capaz, Tony lutava melhor que eu mesmo quando era humano, e agora como vampiro eu sei que ele é ainda mais forte que antes. Mas eu ia tentar, ah se ia tentar.

— E por que não?

— Isso ia ser trair o chefe. O chefe decidiu deixar Tony voltar, ele decidiu lhe dar uma segunda chance, muito do mesmo jeito que ele decidiu acreditar em mim. E o Tony está na linha. Steve não é um lutador, mas Ned e Dave são. Eles saltariam na garganta do

chefe se tivessem a chance, Ned chegou a tentar. O moleque, Soojin, enfrentou-o antes que ele chegasse a tocar Steve, mas eu vi Dave sorrindo, se preparando para atacar também porque, afinal de contas, o garoto ia ter que escolher um para parar, ele é bom, mas não é dois. E eu vi Tony apenas tocar no ombro de Dave, um sorriso com presas em seu lábio, como quem diz “não, nem ouse”. Eu detesto esse vampiro, mas eu sei que o chefe fez certo em lhe dar uma segunda chance. O Tony trabalha para ele.

— E isso é razão suficiente para recusar implantes cibernéticos?

— Bem, mantém a tentação longe. Eu já não me sinto mais um inútil, também, conquistei meu lugar novamente na organização, mesmo sem conseguir lutar. E além disso, nunca gostei de ciborgues, e não confio nas empresas que me ofereceram implantes. Ouvi informações demais sobre elas, e prefiro passar sem as histórias de terror. Pode parecer uma escolha idiota, mas eu prefiro a boa e já testada cadeira de rodas.

— Não, não me parece idiota.— Sean comentou. — Estranho.

— O quê?

— Vocês não são o que eu esperava.

— Ninguém nunca é o que se espera, garoto.

— Talvez. Ei, me explica uma coisa. O que é que há com o tal menino, o Soojin?

— Soojin? O que você quer saber dele?

— Bem, vocês o tratam como se ele fosse um lutador a se temer, mas ele é só um moleque.

— Fazer o quê, ele é um lutador a se temer e um moleque. Sim, ele tem só onze anos, mas isso não o impede de ser o lutador mais forte que eu já vi lutando, pelo menos pessoalmente. Tudo bem que eu nunca cheguei a assistir uma luta dos World Warriors. Ele veio com Steve de Mriganka. Afinal de contas, os grandes líderes não são estúpidos.

— Como assim?

— Um sujeito como o Steve, forasteiro, que sequer americano é, vindo tomar conta dos negócios daqui? Na Shadaloo, um palhaço que não é capaz de acertar um soco, de bloquear um golpe? Ele teria sido morto se não viesse com um guarda costas. Ok, o fato de que ele tinha bençãos do escalão mais alto que alguém poderia pedir influencia, mas ah, não iria ser suficiente. Steve não inspira lealdade para gente da Shadaloo, entende? Sem lealdade, um chefe não pode fazer muita coisa, sem lealdade ele seria morto. Soojin estava aqui para mantê-lo vivo e fazer com que suas ordens fossem obedecidas.

— Estava?

— Com todas as questões que você está a fazer, tentando tão obviamente nos julgar... creio que você já percebeu que Steve conquistou a lealdade que ele não tinha, não?

— Acho que sim. Ok, ok, só mais uma pergunta. Sete pessoas incluindo o chefe não é pouca gente para uma grande organização criminosa?

— Não para o núcleo dela. Tem muito mais gente na paga da Shadaloo hoje em dia aqui na Flórida. Acontece porém que apenas nós sete sabemos que quem está pagando as contas é a Shadaloo. Os outros trabalham sem saber quem puxa os cordelinhos. É a maneira mais segura, em uma organização como a nossa. Vai completamente contra o espírito Shadaloo de ser, mas, até aí... bem, eu não me importo com isso. Nem nenhum dos outros. Nem o Balrog, desde que ele esteja recebendo seu dinheiro em dia. E já que o chefe imediato do chefe não se importa, está tudo bem. E eu confio no chefe para resolver qualquer problema que aconteça caso não esteja.

— Parece que todos vocês confiam.

— É o que faz uma boa organização criminosa.— Jake sorriu. — Ok, ok, você tinha dito que era sua última pergunta, e eu acho que você tem outras pessoas para interrogar, não?

— Eu... — Sean ficou um pouco embaraçado. — É tão óbvio?

— Bastante. Mas... dizem que entender o inimigo é sempre uma boa política, não? Vá lá. Creio que o Sacs não vai se importar com suas perguntas, nem o Tony, mas este você só verá à noite. Tome cuidado com o menino, porém.

— Soojin?

— Ele está aqui como um cão de guarda, para defender Steve. E para mantê-lo na linha, também. A lealdade dele não pertence a Steve, ela foi emprestada a ele.

— Lembro quando ele nos viu aqui com vocês. Acho que entendo. O sensei dele é alguém bem alto na cadeia de comando da Shadaloo, não?

— Você não imagina o quanto. E se você entende, você sabe que se fizer as perguntas erradas a Soojin ele irá matar Steve, não?— Jake sorriu, mas havia uma sutil ameaça no sorriso. Sean baixou os olhos, e foi embora. Um homem numa cadeira de rodas o ameaçava e isso estranhamente lhe inspirava medo, mais medo do que qualquer ameaça feita por adversários em boas condições de luta já lhe tinha provocado. Havia alguma coisa de errado. Pegou um livro aleatoriamente em uma das prateleiras, e foi para a sala para fingir que lia e tentar colocar seus pensamentos em ordem.

Tinha já desistido de colocar os pensamentos em ordem e começado a se entreter realmente com a leitura quando sentiu alguém tocar-lhe no ombro.

— Oi. — Sacs sorriu.— Jake me disse que você queria falar comigo.

— Eu... — Sean pensou por onde deveria começar. Jake tinha razão, ele queria entender o inimigo. Nunca antes tivera uma oportunidade de conversar com membros da Shadaloo tão... amistosamente. E parecia tão estranho. Esperara monstros e encontrara pessoas tão... normais.

— Jake me falou sobre o que você queria conversar também. — Issacson completou, quando Sean demorou mais que alguns momentos para responder. — Vamos fazer o seguinte, vamos sair para almoçar, pois eu duvido que alguma coisa organizada vá ser feita nesta casa hoje. E você pode fazer que perguntas quiser. Topa?

— Ahmn... claro.

Apesar do “claro”, Sean continuou sem saber bem o que falar enquanto Sacs pegava o carro e dirigia até um simpático restaurante com fachada em art-decô, como quase tudo em Miami Beach. Era estranho começar uma conversa assim, com a suposição primeira de que seria um interrogatório.

Conseguiu pensar em uma frase inócua o suficiente para começar a conversa, porém, quando viu Sacs estremecer de dor ao fazer a baliza enquanto estacionava:

— Seus ferimentos foram bastante sérios também, não?

— Eu sobrevivo.— Sacs sorriu. — Não é como se fosse a primeira vez que sou cortado por espadas ou mordido por lobos.

— Como assim?

— Liga duelista, meu caro. É a em que eu luto... na maior parte do tempo, pelo menos, já participei algumas vezes de lutas free style.

— Duelista? Qual sua arma, então?

— Armas? Por que armas?

— Oras, se você é um duelista...

— Luto na liga duelista pelo prazer de lutar sabendo que meus oponentes vão estar dando TUDO de si para me vencer, sem deixarem suas especialidades ou qualquer

vantagem que tenham de lado durante a luta apenas porque é contra as regras. Pessoalmente, não há nada no meu estilo de luta que me impediria de lutar na Liga Free Style. Nada, tirando o meu gosto pessoal, é claro.

— Você luta desarmado contra gente com facas, espadas e serras elétricas? Contra ciborgues, tigres e ursos? Por gosto?

— É divertido.

— Você é louco.

— Só eu? Você já ouviu uma frase que diz “Lute contra você, não contra seus oponentes”? O que importa não é se meu adversário está armado ou se está acompanhado por um tigre, ou se ele tem braços de aço nem nada assim. O que importa é se eu consigo vencer o desafio. E quanto maior o desafio melhor a luta. Vai me dizer que você nunca enfrentou alguém que você SABIA que era mais forte... só para ver até onde você conseguia chegar? E vai me dizer que nas vezes que você GANHOU essas lutas, essa vitória não pareceu muito mais doce do que qualquer outra... você derrotou não só um adversário, mas, muito mais importante, você mesmo e seus medos, o que você achava que eram seus limites?

— Espera. Eu preciso checar se estou na mesma realidade que antes. Um dos capangas da Shadaloo me citando o código de honra do Bushido?

— E estar na Shadaloo me obriga a ser desonrado?

— Bem, também é considerado um preceito de honra o “Combata a opressão em qualquer das suas formas e em todo lugar”. E normalmente a Shadaloo é considerada como a maior fonte de opressão do mundo.

— Eu sei.— Sacs assentiu, e Sean teve a impressão de que lhe tinha acertado um direto em um dos seus pontos fracos.— Eu poderia tentar me defender e falar sobre o como você é ingênuo por ter usado esse “a maior”, mas haver pior não justifica o mal. Mas não há caminhos claros a seguir quando a honra lhe obriga a seguir dois deles... e não seguir nenhum.

— Como a honra pode obrigá-lo a seguir dois caminhos e nenhum?

— Como você disse, a Shadaloo não é a mais gentil das organizações mundiais. Somos criminosos, isso já diz tudo. E eu não preciso lhe explicar o porquê a honra deveria me manter longe disto tudo. Entretanto, eu... eu fiz minha faculdade no exterior, na França. Foi lá que eu aprendi o Savate que eu luto hoje, mas isso foi um feliz acidente... questão de encontrar o mestre certo na hora certa. Eu tinha sempre cuidado do meu irmão mais novo enquanto eu estava aqui, mas comigo no exterior, ele passou a andar em más companhias. Tony sempre teve uma tendência para isso. Quando eu voltei da França, ele estava enroscado até o pescoço com a Shadaloo. O antigo chefe daqui, antes do Steve, era um sujeito chamado Juan De La Costa, um cara melífluo, manipulador como poucos. Eu tinha visto o prenúncio da tempestade antes de partir para França, mas achei que o problema tinha sido resolvido. Antes eu e meu irmão praticávamos jiu-jitsu. Eu nunca fora muito bom porque simplesmente não gostava daquilo, mas meu irmão, que fora quem tivera a idéia de praticar desde o início, participava de torneios tradicionais, e começava a se tornar conhecido... Tony amava o jiu-jitsu de uma forma que eu nunca aceitei como possível até a primeira vez que meu mestre, Jerry, me ensinou um golpe de savate, na França, e que eu nunca ENTENDI até o momento que Jerry me ensinou pela primeira vez como criar um cubo de gelo com as mãos, em pleno verão. Acontece que Tony não precisou de nada daquilo, ele amava artes marciais pura e simplesmente, sem precisar de efeitos especiais para se maravilhar, e tinha se encontrado no jiu-jitsu desde o começo. E o resultado disso é que meu irmão, já naquele tempo, era muito bom. Você é sempre bom quando está fazendo

algo que ama. E isso atraiu más atenções. Um bando de sujeitos que queriam porque queriam convencer Tony a entrar para o circuito, na liga duelista, liga à qual meu irmão jamais pertenceria pela própria vontade. Para Anthony, tudo o que a liga duelista faz é uma deturpação do verdadeiro espírito das artes marciais. Céus, ele fez questão de sair do circuito só porque se tornou um vampiro. Ele pode evitar usar todos os seus poderes, mas ele não pode evitar ter toda a resistência de um cadáver, não pode evitar o não sangrar, o não ficar sem fôlego, o praticamente não sentir os socos. Ele não quer enfrentar outros lutadores com isso, nem mesmo se for enfrentá-los em outra liga, alguma em que ser mágico, por definição, não seja proibido pelas regras. Bem, mas voltemos à história. Eu paguei a dívida que os sujeitos estavam querendo impingir a meu irmão, lutando no lugar dele no duelo que tinham planejado. O público viera ver um duelo de um Belmonte, e teve o duelo de um Belmonte, e eu até que venci as quatro primeiras lutas, caí apenas na quinta luta em seqüência, o que foi mais do que qualquer um dos duelistas naquela justa conseguiu fazer. Mas eu cometi o grande erro de achar que tudo tinha terminado. Depois que eu deixei o país, os mesmos idiotas começaram a atormentar o meu irmão novamente. Atormentar de uma forma cada vez mais perigosa. Quando eles mandaram assassinos armados para tentar convencer o meu irmão, e mataram os nossos pais, Juan apareceu. Ofereceu-se para ajudar Tony, sem pedir nada de imediato. E conquistou a lealdade dele. Quando eu cheguei novamente nos EUA, meu irmão mais novo estava metido até o pescoço com uma organização criminosa.

— Mas... Juan ajudou-o?

— Sim, claro. Tremendamente, resolveu o problema em dias. Claro que Juan nunca parou para dizer a Tony que os idiotas que o atormentavam eram homens a seu mando, e que os assassinos de nossos pais haviam sido homens da própria Shadaloo. Eu consegui provas disso quando voltei para os EUA, mas nessa altura meu irmão já estava cego e surdo. Ele confiava em Juan mais do que jamais confiou em alguém. Afinal de contas, quando meu irmão estava no seu momento mais desesperado, aquele mexicano de uma figa estava do lado dele. Não importava que o mexicano bastardo tivesse criado o desespero, meu irmão já não acreditava mais em mim. Afinal de contas, não fora Juan quem lhe dera apoio para continuar na Liga Tradicional depois de tudo? Se tivesse sido Juan a tentar obrigá-lo a lutar entre os duelistas, por que ele teria desistido depois, sem conseguir o que ele queria? Eu me abstive de explicar que Juan conseguira o que queria: sua lealdade e sua honra. Então, tudo o que me sobrou para tentar salvar o meu irmão foi tentar o outro lado.

— Qual outro lado?

— Desafiar Juan. Na frente de todos os seus subordinados, para que ele não tivesse como fugir da luta. Eu o fiz prometer que, se eu vencesse, ele se afastaria do meu irmão. Mas ele disse que não iria lutar se tudo o que tivesse a fazer na luta fosse perder. Se eu perdesse, ele me fez prometer, dando a minha palavra de honra, que eu passaria a ser um membro da Shadaloo, e que não deixaria a organização, e que obedeceria às suas ordens. Eu estava confiante. Eu já tinha visto Juan lutar, ele era um demônio no ringue, mas não era nem de longe o oponente mais amedrontador que eu já enfrentara. E ele conhecia o meu antigo estilo de jiu-jitsu, mas eu ainda não havia lutado na América desde que voltara. Eles não sabiam que eu tinha, durante meus dez anos entre faculdade, residência e pós graduação, treinado Savate com Jerry quase tanto quanto estudara para meu curso de medicina. Juan não conhecia os truques novos que meu mestre tinha me ensinado a fazer com gelo... Eu prometi. A minha vida se eu perdesse, a vida de meu irmão se eu ganhasse. Era uma troca justa.

Os pratos que eles tinham pedido no restaurante chegaram. A comida tinha o típico gosto de comida americana, ligeiramente plástica, mas Sean estava já quase acostumado com aquilo, e nem pensou no que engolia enquanto ouvia a história fascinado. Olhou para Sacs, adivinhando a conclusão óbvia:

— E você perdeu.

— Eu perdi. Mais humilhantemente ainda, porque perdi por um erro meu. Tudo o que meu mestre Jerry tinha me ensinado sobre golpes de gelo tinha me subido à cabeça. Jerry tinha me estimulado a tentar descobrir novas formas de usar o gelo, segundo ele, eu nunca saberia realmente entender o chi enquanto não aprendesse a ser criativo enquanto o usasse. Meu sensei ficou feliz quando eu descobri que podia usar o primeiro golpe de gelo que ele me ensinara, o Ice Touch, para anestesiá-lo temporariamente um ferimento. Quando eu inventei de transformar meu braço em um escudo de gelo, meu mestre não ficou tão entusiasmado. Disse que era uma boa tática, dependendo do ataque de meu inimigo. Mas que poderia ser devastadora para mim, dependendo do que meu inimigo fizesse, e ele pessoalmente não gostava de dar tanto poder para um adversário no ringue. Eu deveria ter ouvido a voz da experiência, mas eu era orgulhoso demais para isso.

— O que aconteceu?

— Eu usei o escudo de gelo, durante a luta. Aquele escudo teria parado qualquer golpe de fogo ou ácido facilmente, teria resistido bem a um golpe menor. Mas o salto de Juan não terminou em um Dragon Kick, como eu esperava, mas em um Flying Thrust Kick. Um chute tão forte quanto, mas que agia por pura força física, e que não era afetado pela aura de chi negativo... que precisava enfrentar apenas o gelo mundano que se estendia sobre meu braço, sem ter que opor-se ao espírito do gelo que era a verdadeira defesa do golpe. Acho que você ainda pode ver o resultado disso, não?

— Posso?

Sacs sorriu, e ergueu as duas mãos sobre a mesa, estendendo-as.

— Percebe?

— O quê?

— Olhe com atenção.— Issacson sorriu, e cerrou as duas mãos em punhos. Seu braço esquerdo permaneceu firme, estendido sobre a mesa. Sua mão direita começou a tremer. Ele abriu as mãos novamente, e, com a esquerda, indicou a grande cicatriz que cobria seu braço direito. — O chute rachou meu braço ao meio. Carne é amassada, gelo quebra-se. Eu ainda tenho a minha mão porque a medicina moderna é milagrosa e conseguiu reimplantá-la, mas ela nunca será o que era antes. Eu ainda tentei continuar a lutar, tentei ignorar o meu braço, e usar meu chi para mantê-lo congelado. Mas foi apenas uma questão de Juan cansar-me depois disso. No momento em que não fui mais capaz de sustentar o controle sobre o chi, e o meu braço começou a sangrar, eu tive apenas segundos de consciência antes que a dor e a perda de sangue me fizessem entrar em choque. Foi a única luta que perdi por nocaute e a mais vergonhosa derrota que já tive. Mas eu havia dado a minha palavra. Se eu perdesse, passaria a servir a Shadaloo.

— Eu só me surpreendo que eles o trataram, ao invés de deixá-lo morrer. Com promessa ou sem promessa, eu não esperaria que eles achessem que um lutador aleijado pudesse lhes ser útil.

— Juan precisava manter sua fama de bonzinho para conservar a lealdade de Tony. E, afinal de contas, eu o surpreendera. Além disso, meu caro Sean, aleijado ou não, meu sétimo posto na liga duelista foi conquistado DEPOIS dessa luta. E desde aquele eu não perdi nenhum outro duelo, e não foi por não ter lutado. Estou longe de ser um inútil.

— Desculpe, eu não queria ofender.

— Está tudo bem. Eu sei que tenho limites. Cheguei ao sétimo posto, é verdade, mas isso é o meu teto.

— Agora você é que está derrotista.

— É verdade. Chega a um ponto nas lutas em que você não pode mais contar com os erros do seu adversário. Você tem que ser melhor por não cometer erros e a vitória é do último a fraquejar. Acontece que um erro, pelo menos, eu obrigatoriamente cometo quando luto. Minha mão direita é fraca demais para ser usada efetivamente. Como sou destro, isso torna meus socos risíveis. Um adversário esperto pode e vai usar isso contra mim. Também não consigo bloquear com a direita. Posso usá-la para criar o escudo de gelo, verdade, mas eu não consigo mantê-lo erguido para sempre, e, como anteriormente demonstrado, ele não é obrigatoriamente uma boa escolha de defesa. E aprendi a me esquivar rapidamente como qualquer lutador de Savate, mas tenho trinta e quatro anos, meu fôlego não é mais o mesmo de antigamente e só tende a piorar. Um dia desses, um adversário mais esperto vai notar que para me vencer, basta cansar-me... bater e esquivar, irritar-me até que eu esteja cansado o suficiente para não conseguir me defender e então concentrar os seus ataques do lado direito. E quando o primeiro fizer isso, todos os outros irão copiá-lo.

— Você sabe disso e nunca fez nada?

— Eu sei disso e sempre garanti que a situação não chegasse a esse ponto durante uma luta. Mas minha sorte não vai durar para sempre. O ponto é que sei que nunca vou ser um guerreiro perfeito ou um lutador invencível. Eu cometi erros demais em minha juventude, erros que já não posso corrigir. Se eu fosse alguém como o Ryu, eu seria o homem mais frustrado do mundo.

— E você não é?

— Como o Ryu? Definitivamente. Não sou frustrado? Hummmm... fico muito triste por ter sido obrigado a deixar de lado a carreira de cirurgião, por ter ferrado com a minha mão. Mas frustrado como lutador? Não, eu não sou.

— Mas se você acredita que não é capaz de conseguir subir mais do que onde chegou...

— Ah, mas, meu caro, por que você acha que subir no ranking é o meu objetivo em lutar? Pela sua teoria, apenas um World Warrior se sentiria bem lutando... e talvez apenas Ryu pudesse realmente se considerar um lutador realizado. E isso está tão longe da verdade! Ryu é mundialmente conhecido como um frustrado que persegue um objetivo inalcançável... contentar a si mesmo. Alguns dos World Warriors estão perfeitamente contentes consigo mesmos, é verdade, mas ainda assim, preste atenção em um torneio de iniciantes e você vai encontrar muito mais gente feliz do que há entre os maioraais. E sabe por quê?

— Não. Nem nunca tinha reparado... mas agora que você me fez pensar...

— Posto não importa. Não importa nada. Não é sequer uma medida de quão bom é um lutador... o Ryu nunca perdeu uma luta, não é mesmo? Mas ele não começou como posto dez, ele foi um novato um dia. Será que os primeiros a enfrentarem aquele lutador iniciante sabiam o monstro contra o qual estavam lutando? Você já parou para pensar que o próximo lutador iniciante que o tiver desafiado para uma luta que você considera ganha pode ser o próximo grande campeão mundial? Já parou para pensar que aquele lutador que acabou de passar por uma série humilhante de derrotas pode finalmente ter conseguido coragem suficiente para virar o jogo, que aquela última pode ter sido a última derrota que ele irá aceitar em sua vida? Acho que não. Mas sei que ao menos você já deve ter parado para pensar que você pode ser o próximo grande campeão... e que vai conquistar isso um pouquinho em cada luta. Não, posto não é nada.

— E então, o que é?

— O seu objetivo. Qual o seu objetivo em lutar? A luta é um meio? Um fim? Uma desculpa?

— Eu... sei lá, eu gostava de ver Ken lutando, eu queria ser capaz de fazer o mesmo... não sei, acho que... para mim a luta é um fim. Eu quero ser respeitado lutando, eu quero ser conhecido por minhas vitórias, mas também por minhas boas escolhas, mas, principalmente, eu quero ser um bom lutador. Talvez eu nunca chegue a ser o melhor... mas eu quero tentar ser. Eu não posso fazer menos, e eu *estaria* desesperado na sua situação. Estaria tentando fazer o máximo possível para superar os limites do meu corpo, tentando contornar as fraquezas que tivesse de qualquer forma.

— Provavelmente eu faria o mesmo se eu não conhecesse tanto de medicina quanto eu conheço. Sabendo o que sei, forçar demasiadamente o tecido já fragilizado e destruir o pouco que tenho me parece estúpido.

— E qual é o **seu** objetivo em lutar, então? — Sean perguntou, ligeiramente irritado. E assim que estourou com aquela pergunta, parou, um tanto surpreso. Sacs não tinha feito nada para justificar aquela raiva, mas por que ele estava se sentindo como se tivesse que se explicar diante do capanga da Shadaloo, por que estava tão alterado com isso?

Issacson sorriu como se estivesse esperando aquela reação o tempo todo. Ao invés de responder imediatamente, ele pediu a conta ao garçom. Passou o seu cartão antes que Sean pudesse protestar, e, almoço pago, gesticulou ao brasileiro que o seguisse. Ao invés de pegar o carro, ele começou a andar, calmamente e aparentemente a esmo.

— O que você esperaria que fosse a minha razão em lutar, Sean?

— Bem, você disse que não era como o Ryu, então eu duvido que sua razão seja querer ser um bom lutador, muito menos o melhor dos lutadores, muito menos um lutador perfeito.— Sean raciocinou, mais calmo, mesmo com o comportamento exasperante do outro. Seu ataque de raiva o deixara envergonhado. — Também não creio que você queira dinheiro ou fama. Fosse dinheiro o seu objetivo, você estaria de consciência muito mais tranqüila em servir a Shadaloo. Fosse fama, olha, não me leve a mal, mas você é um lutador de sétimo posto, e eu conheço um tanto sobre lutadores, especialmente gente que luta aqui, nos Estados Unidos, mas eu nunca tinha ouvido falar em você. E pelo jeito **louco** como você luta, eu deveria ter ouvido. Você lutar na liga duelista desarmado, o jeito que você lutou ontem à noite, o jeito como você desafiou eu e Dave e Ryu e Ken... olha, eu contaria histórias sobre um lutador como você, e eu estou muito surpreso de nunca ter ouvido nenhuma antes de ter te conhecido.

— Eu saio do meu caminho para tentar ser discreto. E eu agradeceria se você **não** contasse histórias. Histórias são o que convence as crianças a darem os primeiros passos em seus caminhos, e jovens gostam de tentar imitar os heróis sobre os quais ouvem falar. Já é vergonha suficiente **ser** da Shadaloo, eu nunca me perdoaria se alguém **entrasse** para ela por minha causa.

— Ok, eu vou tentar. Agora, eu não creio que você vá conseguir convencer a Brianna. Tudo bem, então também não é fama. Nem fama pessoal nem tentar popularizar o Savate, nada do gênero. Nem me parece ser vingança, você está trabalhando para a organização que matou seus pais, não é mesmo? Eu... ok, é bem simples descobrir o que não motiva você a lutar, mas para ser sincero, eu não sei o que o motiva. Nem sei o que espero que seja o seu objetivo. Você já é diferente do que qualquer coisa que eu esperaria de alguém da Shadaloo, mesmo. Ainda mais do que os seus colegas. O Ned não me surpreende muito. Ele é um mercenário, o mundo só tem sorte por ele estar numa posição

em que lucra mais sendo razoavelmente decente. Tão decente quanto alguém na Shadaloo pode agir, é claro. Jake é diferente, mas ainda assim, ele é alguém que eu esperaria encontrar na Shadaloo. Ele é inteligente, e ele não tem nenhuma piedade, mas ele é ferozmente leal a seu chefe, e isso acaba o fazendo ser gente fina durante a maior parte do tempo, porque o Ryu tem razão e o Steve é gente fina. Agora, o Steve é um mistério. Ele parece ser melhor do que é possível, ao mesmo tempo parece ter ainda menos piedade que o Jake. Durante a maior parte do tempo, ele parece ser extremamente honrado, mas ainda assim, ele afirma que está só sendo prático, e quem é que consegue entender quando ele está sendo honrado e quando está sendo prático se ele consegue dar motivos tão bons para todas as suas atitudes? Passei horas conversando com ele ontem e não tenho a mínima idéia sobre que tipo de homem ele é... mas sei lá, encontrar gente que é um mistério na Shadaloo, mesmo um líder respeitado e que pareça ser gentil na maior parte do tempo feito ele... não chega a ir tão contra o que eu esperava. Sempre esperei ser incapaz de entender o porquê certas pessoas estão na Shadaloo, ser incapaz de entender o que são essas pessoas. Eu tenho que confessar que acho que ele poderia pelo menos se importar um pouco mais com vocês, já que vocês se importam tanto com ele, mas...

— Ele se importa. Ele mantém as pessoas distantes, mas ele se importa. Aquele é um homem com muito mais ferimentos do que eu acho que agüentaria, Sean, mas Steve não é um homem que demonstre estar ferido. E, definitivamente, o motivo dele não demonstrar seus sentimentos não é que ele não se importa. Suas pequenas escorregadelas mostram isso muito bem. A bem da verdade, eu desconfio que ele está na Shadaloo justamente porque se importa demais. E devem ter ameaçado as pessoas certas para colocá-lo no lugar, como fizeram comigo.

— Seja como for, ele não quebra o meu paradigma do que seja um membro da Shadaloo. Jake também não quebra, muito menos Ned. Pelo que eu ouvi do garoto, o tal Soojin, ele é exatamente o que eu espero daqueles membros da Shadaloo que me inspiram medo. E quanto ao seu irmão, pelo pouco que vi dele e pelo que ouvi dele, me desculpe, mas ele me parece um inconseqüente. Não exatamente mau, mas alguém que acaba fazendo coisas ruins por não pensar nelas antes. E, apesar de tudo, isso também é algo que eu esperaria encontrar na Shadaloo.

— Bem, o Soojin não é tão mau quanto o pintam. Além do que, ele é apenas uma criança. Ainda tem muito o que crescer, ainda está longe do adulto que vai ser um dia. Minha opinião pessoal é a de que ele ainda vai surpreender muita gente. E infelizmente você está certo quanto ao meu irmão. Ele é inconseqüente, tirando uma ou duas coisas que ele leva mais a sério do que deveria, ele é irresponsável demais e acaba causando desgraças com isso.

— Ainda assim, há você. E eu vou ser sincero, você quebra o meu paradigma. Você é de longe decente demais para estar onde está. Você não é inconseqüente. É óbvio pelo que você fala e pelo como você age que você sabe exatamente o que está fazendo. Você não é mercenário, nem desonrado, isso também dá para perceber, e você não é alguém que segue apenas a letra do código de honra, como o Vega, você segue o espírito dele. Só pelo como tratou Brianna é óbvio que você tem compaixão, e o que você me disse sobre a fama me demonstrou que tem piedade. Eu até entendo o porque você entrou para a Shadaloo, mas você deveria estar enlouquecendo por estar onde está. E no entanto você parece de bem consigo mesmo.

— Eu estou. Especialmente nos últimos seis meses. Chega a ser um prazer estar sob as ordens do Steve. É como ser soldado de um general que se esforça ao máximo para evitar a perda de vidas civis, depois de ter servido por seis anos a um sangüinário que

gostava de bombardear hospitais. Não chega a ser tão ruim fazer parte de uma organização criminosa, quando uma pessoa se dá conta de que está prejudicando apenas aqueles que escolheram meter suas vidas no crime. Ultimamente o que me inspira mais dó no serviço são os bichos do tráfico. Você jamais seria capaz de entender o prazer que é ter piedade de meros animais, e apenas isso.

— Mas não é só isso. Steve para você foi uma mudança porque você finalmente teve um chefe a quem queria servir, e já que sua promessa o obrigava a pertencer à Shadaloo de qualquer forma, agora as coisas estão bem mais fáceis pro seu lado. Mas antes você já não estava desesperado, não é mesmo?

— Não faz sentido se desesperar com um problema que não se pode resolver. Mas não, eu não estava. Eu já tinha aprendido a viver comigo mesmo, e eu não precisava de um general que me mandasse poupar as vidas dos civis para fazer isso. Até que há bastante liberdade para alguém dentro da Shadaloo quando a pessoa sabe buscá-la nos lugares certos, sabe? E você ainda não descobriu porque eu luto, Sean?

— Não.

— Porque eu gosto. Simplesmente por isso. É divertido testar os meus limites, estar numa arena e apostar o próprio sangue é um prazer comparável a poucos. Por mais que eu já tenha feito isso centenas de vezes, eu não deixo de me maravilhar com a incongruência que é ver sair uma bola de neve do meu punho, e eu ainda acho os cristais de gelo uma coisa bonita de se ver, singrando o ar como algo que deveria ser impossível e não é. Essa foi uma das primeiras lições que Jerry me ensinou. Não importa quem você seja, o que você seja. No dia em que você perder a capacidade de se maravilhar com as pequenas coisas, perder a capacidade de parar de pensar e deixar simplesmente o sentimento fluir, você está morto. Ou deveria estar. E enquanto você tiver essa capacidade, não importa quais sejam os seus problemas. Se você ainda é capaz de se maravilhar por um instante e deixar o mundo o convencer de que a vida vale à pena, você vai perceber que todos os seus problemas são pequenos. Afinal de contas, só há dois tipos de problemas. Aqueles que você pode resolver, e quanto a esses basta pôr a mão na massa, e aqueles que não se pode resolver. E se um problema não tem solução, não adianta se preocupar com ele. Lutar é um prazer para mim, Sean. Eu não luto pela vitória... eu não preciso ser o melhor para me divertir. A segunda luta que perdi, quando eu ainda estava na França, foi uma das melhores lutas da minha vida. Mas eu estou realmente me divertindo enquanto jogo bolas de neve no meu oponente, e acho que isso deve ser óbvio para qualquer um que pare para pensar por um momento em tudo isso.

— Taí outra coisa que não entendo. Por que gelo? Fogo é muito mais útil numa luta. E você não é um elemental de água, nem nada parecido. O seu mestre lhe ensinou golpes de gelo, mas eu sei que eles não são do estilo do Savate, portanto o que acontece é que seu mestre, e pelo jeito, você também, dedicaram tempo e energia pra cacete para desenvolver tudo isso. Então, para que se concentrar em gelo? Existem golpes de fogo, vários, e vocês poderiam ter se inspirado neles, e tornaria tudo mais fácil, e mais efetivo também, uma bola de fogo é capaz de fazer muito mais dano numa luta que uma bola de gelo. Gasta menos energia também, é mais difícil manipular o chi negativo. Aliás, que eu saiba, é muito menos compensador manipular chi negativo, manipular o chi que vem da morte, não da vida, definitivamente não parece compensador para mim. E não importa o que você seja capaz de fazer com gelo, eu seria capaz de apostar que, seja o que for, se você criasse o mesmo efeito com fogo isso lhe seria muito mais vantajoso durante uma luta. Além do que, fogo é muito mais bonito.

Issacson acabou por soltar uma gargalhada.

— Bem, isso é uma questão de opinião. Mas... ouça bem, meu caro.

Sean esperou que Sacs falasse algo, mas ele apenas começou a andar mais perto de uma família cujas crianças estavam chorosas e revoltadas.

— Não é justo!!! — o menininho falava. — É NATAL! Deveria haver neve! E vocês nos trazem para uma praia!!!

— Eu queria patinar no Central Park. Você sabe que eu espero o ano inteiro para isso, papai! Por que você tinha que trazer a gente aqui? Eu não quero conhecer a Disneylândia, não importa o que a senhora Banks — o tom da menina deixava bem claro que ela não estava falando da mãe, mas estava falando da mulher que estava com eles. — ache que é um programa espetacular para crianças. Eu quero um natal branco! Vocês podiam ter trazido a gente para cá em julho! Eu vou ser a única garota da classe que não vai conseguir patinar!

— Crianças, crianças, não é só porque estão na Flórida que vocês não podem ver neve. — Sacs falou, e as faces vermelhas se voltaram para ele espantadas, enquanto o pai e a madrasta pareciam apreensivos, pois quem era aquele estranho que estava falando assim com seus filhos?

— Não? — o menino, que parecia mais novo, foi o primeiro a sair do susto e perguntar.

— Claro que não. Você sempre pode ver neve no Natal. Basta desejar com força.

— Eu não acredito nisso! — a menina disse.

— Mas você nem tentou. Acreditem, vamos.

As crianças fizeram cara de esforço, e então olharam para Issacson, desapontadas, mas com a frase “eu disse” estampada nas faces.

— Vocês não estão fazendo certo. — Sacs censurou, gentilmente. — É essa a cara que vão fazer, se estão esperando neve? Vamos, como se chama a neve, de verdade?

Mais uma vez, o menino foi o primeiro a pensar, e colocou a língua para fora, como se estivesse desafiando o primeiro floco de neve a passar por ele. E mostrou a língua, bem vermelha para fora da boca. E então um floco de neve solitário caiu sobre a sua língua.

— É **neve**! — a admiração do menino não seria maior se Papai Noel em pessoa tivesse aparecido para cumprimentá-lo. — Neve, papai, neve!

— Mas o que adianta? — gemeu a menina. — Nunca fará frio suficiente aqui para podermos patinar no gelo.

Sacs sorriu um de seus melhores sorrisos.

— **Nunca** diga nunca. — ele falou, tocando com a mão direita a água de uma fonte que estava atrás dele. Então disfarçou, sorrindo, enquanto se virava, quase assobiando. — Você pode às vezes descobrir que tudo o que julgava impossível é apenas... — saltou do ar para a fonte, e ao invés de ficar coberto até a cintura de água, seus pés pousaram numa cobertura de gelo sólida o suficiente para se pisar em cima. — altamente improvável, mas algo que certamente irá acontecer, se você for capaz de desejar forte o suficiente.

A menina o olhou com ar de espanto. E então riu. E então correu, e saltou também sobre a fonte. O menino não esperou mais que alguns momentos para fazer o mesmo. E outras crianças também viram os dois brincando na fonte miraculosamente congelada, e elas já estavam prestando atenção desde que o homem estranho aparecera, e todas correram para a fonte, que ficou até pequena, com tantas crianças brincando. O gelo não cedeu com o peso, embora se inclinasse, o que se tornou uma brincadeira ainda maior, e as gotas de água que subiam da fonte se transformavam em pequenos cristais antes de tocarem o chão, e neve começou a se acumular nos bordos da fonte onde crianças corriam e brincavam e gritavam e, pura e simplesmente, demonstravam que estavam felizes.

— Agora peça à senhora Banks que tire uma foto de vocês dois.— Sacs disse à menina.— Ou seus colegas de classe nunca vão acreditar que você foi a única entre todos eles que conseguiu patinar ao ar livre na Flórida. — a menininha foi, e pediu à madrastra, e seu tom estava incrivelmente mais respeitoso do que estivera antes. Sean se espantou em vê-la abraçar a madrastra antes de voltar para se divertir.

— Obrigada, você tinha razão. A Flórida É maravilhosa!— a menina disse. Foram boas duas horas antes que as crianças se cansassem. Sacs deixou um floco de neve cair em cada criança antes que elas fossem embora, fazendo-as acreditar irremediavelmente em magia. Um dos pais se aproximou, a mão na carteira. Sacs apenas olhou-o e o homem foi embora, ligeiramente envergonhado.

Issacson parecia brilhar quando se aproximou novamente de Sean.

— Te desafio a imitar isso com bolas de fogo.— falou, apontando o dedo para o outro.

O brasileiro olhou, riu, e se deu por vencido. Ou quase.

— De onde é que você tira chi, hein? Ontem à noite você lutou como um desesperado, e dá-lhe ice shields, e ice blasts, e ice touches, e mesmo esse mesmo golpe que você usou agora, esse de congelar a arena... ou a fonte.

— Ice cap.

— Ok, mas ainda assim, você fez tudo isso ontem, e hoje, você faz um show destes.

— Ah, mas esse show não me custou nada.

— Como assim nada?

— Na verdade, muito pelo contrário, me sinto melhor depois disso. Sabe, você estava dizendo que o chi negativo, usado em golpes de gelo, era o chi da morte, contraposto ao chi que você usa, chi que lhe permite brincar com fogo e que vem da vida? É verdade isso. Mas é verdade também que o chi negativo não vem apenas da morte, mas também do sono. E a energia que vem do sono, meu caro, é a mesma energia que vem dos sonhos.

— Sonhos?

— Sim. Não é uma energia que street fighters normalmente usem. Mas... inspirar sonhos, alimentar esperança, fortalecer confiança... é estranho, mas se você souber o que está fazendo, seu próprio chi irá responder a tudo isso, ganhando forças na mesma medida em que você der forças, ou ainda mais. Neste momento, eu estaria pronto para outra noite como a de ontem. Havia quase uma dúzia de crianças aqui brincando, e todas elas foram embora mais felizes do que estavam antes e acreditando na magia do mundo, mesmo aquelas que começavam a duvidar. Eu me sinto bem depois disso, não esgotado. É assim tão estranho?

— Bom, sei lá, eu não uso o chi assim.

— Eu sei que não uso o chi da maneira que você provavelmente usa. Meu mestre era inusual, e me ensinou as coisas da forma estranha, desde o começo. Mas eu sou grato a Jerry. Você diz que eu vou contra o seu paradigma, que você não entende como alguém como eu pode estar na Shadaloo e não estar se perdendo em desespero. Bem, eu não gosto de estar na Shadaloo, mas tenho que viver com isso. Quanto ao desespero, porém...

Issacson sorriu:

— Como eu poderia ficar em desespero? Há sempre a vida...



Brianna melhorou, e os visitantes eventualmente foram embora, Ryu e Ken primeiro, uma vez que eram os mais ocupados, depois os jovens. Sean acabou tornando-se genuinamente amigo de todos eles, especialmente Sacs e Tony. Pela primeira vez Issacson entrou na academia como professor, já que Sean lhe pediu para ensinar-lhe o que pudesse sobre sua visão peculiar do chi. Nas três semanas que se seguiram, Sacs não teve tempo de fazer mais do que deixar seu aluno confuso, mas eles se divertiram para caramba enquanto isso, e na visão de Issacson Belmonte isso tornava o exercício todo válido. Dave foi embora enciumado, especialmente porque Brianna decidira endeusar o seu médico, e a decisão de que eles deveriam ir embora não veio porque Brianna estivesse pronta para receber alta, mas porque Dave quase começou uma briga com Sacs no meio de um jantar.

O Natal chegava, e Steve, depois de receber boas notícias na resposta de seu relatório para Balrog (a frase que ele preferiu foi a “não me incomodem se não tiverem um bom motivo”), deu a todos uma semana de férias. Mesmo Jake decidiu visitar uma prima que há muito não via, e a casa ficou calma, Soojin o único ainda ali.

Ter dado férias aos outros, porém, não significava que ele, Steve, não estivesse ainda trabalhando.

Steve perguntou-se se o Príncipe Andrew Mauris realmente o julgava tão ingênuo assim, quando recebeu um convite para uma recepção de Natal que seria celebrada em um dos Elysiums da cidade. Era a armadilha mais descarada que Steve já vira. Escreveu uma carta agradecendo o convite e confirmando a sua presença e a de seu enteado.

— Eu vou com você, certo, chefe?— Soojin perguntou pela décima segunda vez. Steve sorriu:

— É claro. Experimente esta gravata.

— Gravata?!!!— o menino fez uma careta.

— Boa parte da alta sociedade de Miami, entre mortos e vivos, estará na festa. Precisamos estar à altura, rapaz. Afinal de contas, eu sou um multimilionário e você o filho da minha falecida e amada prima, que deus a tenha, e com cuja guarda eu fiquei. Lembre-se que eu sou “Steve” na festa, não chefe ou senhor.

— Certo, chefe. Quero dizer, Steve. Mas precisamos mesmo de gravatas?

— São essenciais.

— Droga!

— Mais uma coisa, Soojin.

— O quê?

— Não importa quem estiver na festa. Eu não quero lutas, entendeu?

— Está bem.

— Não é apenas “Está bem”. Se o Guile estiver na festa você vai ficar quieto, colocar um canapé na boca e fingir que é extremamente natural. Sem aproveitar para socá-lo no meio do caminho.

— O Guile não vai estar na festa, vai?

— Ele anda por Miami às vezes, e um Coronel tem patente suficiente para ser convidado para esta festa. Além disso, seria uma alternativa óbvia para Andrew. Ele já tentou me atacar com World Warriors uma vez, seria esperado que tentasse uma segunda. Seres imortais não são conhecidos por sua criatividade e vontade de tomar rumos novos.

— Acha mesmo?

— Prometa que mesmo se o Guile estiver na festa você não irá atacá-lo. Nem provocá-lo.

— É necessário mesmo?

— Soojin, eu lhe juro que no dia em que você puder enfrentar Guile e sair vitorioso, eu arranjaréi pessoalmente para que a luta ocorra. Mas esse dia ainda não chegou. Você ainda é um moleque, e ele ainda é um guerreiro experiente, e embora ele não seja melhor que você, ele ESTÁ melhor que você. Consegue ver a diferença?

— Não.

— Você consegue entender que se você lutar com alguém no meio desta festa, você vai destruir todos os nossos esforços até agora?

— Eu... eu acho que sim. Está bem, eu prometo.

— Ótimo. Bem, ... — parou para olhá-lo. — Licença. — tirou-lhe a gravata, refez o nó e colocou-a no garoto novamente. — Assim está melhor. Vamos?

— Claro. Steve...

— Hum?

— Se alguma coisa o atacar, você promete para mim que chama por ajuda?

— Claro. Mas eles não vão tentar grosserias de novo. Seria deselegante e já foi provado ineficaz.

— Mas então como eles vão fazer a armadilha?

— Algo mais sutil. Hum, é verdade... tenho que ligar para os rapazes antes de ir. Ah, Soojin, a partir de hoje não somos uma organização criminosa e eu não quero ouvir referências à Shadaloo ou qualquer outra menção aos negócios em nenhum momento, especialmente quando estivermos aqui dentro. Exceto... — pegou um embrulho na mesa e desembulhou-o com um sorriso, deixando ver uma estranha estátua em arte moderna, ou algo assim. — quando estivermos neste escritório. — colocou a coisa na mesa.

— O que é isso? — Soojin perguntou.

— Um presente de um amigo meu, Robert. Ajudei ele uma vez fazendo algo que ele não esperava que desse certo, e ele me entregou isso em agradecimento. Faz um bom tempo, mas não precisei usá-la antes. Hum... prova circunstancial, melhor queimar o embrulho. — jogou-o na lareira. Depois apertou alguma coisa na estátua, e três luzes verdes se acenderam.

— Por que tudo isso, afinal?

— Porque o Príncipe Mauris é extremamente previsível, Soojin, só isso. Ok, vou ligar e vamos.

Steve tinha alugado uma limousine. Normalmente preferia dirigir, mas decidiu que naquela noite queria o luxo de um motorista. Não causaram surpresa na recepção, pois na fila de entrada havia cinco outras limousines e um porsche. A única atenção especial que foi dada a Steve foi no momento em que ele desceu do carro acompanhado por um rapazinho, não por uma bela dama em um vestido de saia longa e cimo curto, como as moças que acompanhavam as outras figuras da festa. As fofocas e mal entendidos pararam, ou ao menos diminuíram, quando Steve apresentou o rapaz como seu sobrinho, porém, e eles entraram na festa como mais um par de peixes naquele gigantesco aquário cheio de cores e negros.

Era uma festa natalina, mas a decoração parecia ter sido inspirada na visão de um artista sobre como sereias comemorariam o natal. Visco decorava o teto como se fossem algas, permitindo aos casais dezenas e dezenas de desculpas. A iluminação era parca, se concentrando em figuras nas paredes, que eram iluminadas com um efeito de águas,

sombras como sereias passando por elas em alguns momentos. Estátuas de gelo decoravam a mesa com figuras abstratas como cristais, cristais verdadeiros delicadamente formavam os copos e pratos, e talheres de prata completavam a mesa. Na decoração, tudo era branco, azulado ou verde, e alguém tinha obviamente dito isso às mulheres, pois, fora os inevitáveis negros, os vestidos também brilhavam em belos verdes, azuis e prateados. Havia uma única dama em um brilhante vestido escarlate, e, embora ela não fosse a mais bela da festa, ela estava a mais bela da festa, atraindo atenção para si, facho de cor naquele mundo submarino. A música que tocava era suave, sutil o suficiente para não atrapalhar as conversas, presente o suficiente para ser ouvida. Steve provou um dos canapés e descobriu qual era o único defeito daquela festa, mas já o esperava. Era uma festa em um Elysium, e os convidados principais não iriam provar canapés.

Soojin o seguia como um cão e não imaginava que Steve também estava o vigiando. Steve sabia de cor o que iria acontecer naquela festa e estava apostando na capacidade de Soojin de cumprir sua palavra. Afastou-se da dama de vermelho, que estava desacompanhada, ou melhor, acompanhada de quase uma dúzia de jovens solteiros. Pegou um cálice de champanhe e cumprimentou alguns conhecidos. O Príncipe Andrew quase não sorriu quando ele chamou-o de “sua alteza”, o que fez Steve sorrir ainda mais.

Afastou-se dos vampiros. Ofereceu uma bebida a uma moça desacompanhada, com um olhar convidativo, mas não passou disso. Encontrou-se com alguns empresários honestos e humanos, com os quais fazia negócios com o seu próprio dinheiro, mantendo-se do lado da lei e trocou histórias e piadas. A roda começou a aumentar, quando um deles chamou um conhecido de Cabo Canaveral, um engenheiro brilhante na NASA, e foi o engenheiro que chamou um amigo seu militar, e foi esse amigo militar que serviu de desculpa para o único sujeito com cabelo despenteado do lugar (despenteado ou talvez esculpido com três tubos de gel e uma tonelada de mau gosto, a escolha era difícil) aproximar-se. Steve sentiu Soojin reter-se como a corda de um arco, e colocou-lhe uma familiar mão no ombro. Soojin olhou-o implorando, mas Steve fez um pequeno “não”. Então, olhando para o recém chegado na roda, sorriu:

— Boa noite, Coronel Guile! Creio que já conhece meu sobrinho, Soojin.

Os olhos de Guile eram francos como um livro aberto. Havia reconhecimento neles, ao que Steve agradecia, pois se o americano tivesse se esquecido da criança que arruinara, Steve teria dificuldades em não lhe dar um murro na cara. Havia espanto, pois Guile tinha certeza que não conhecia Steve. Mais além, havia espanto na face de Mauris também. Como assim Steve perguntava a Guile se este conhecia seu sobrinho? Como assim ele dava as confirmações óbvias de algo que o Príncipe esperara que Guile sáísse apenas suspeitando?

— Seu sobrinho me é familiar.— Guile concordou, engolindo um gole que esvaziou o copo de uísque que segurava, olhando para a cicatriz circular que marcava o rosto de Soojin como se olhasse para um fantasma que julgava enterrado. — Mas o senhor seria?

— Steve MacTyler, prazer. Creio que realmente não tenhamos sido apresentados, embora eu tenha ouvido falar muito sobre o senhor na antiga empresa em que trabalhava.

— Verdade? Por que seria?

— Ah, era uma empresa asiática, e você conhece orientais. Fanáticos por lutas. Não havia muitos eventos na ilha em que a sede da empresa ficava, com exceção de um grande campeonato de artes marciais. Creio que você participou nele uma vez ou mais, e seu rosto era bastante conhecido.

Guile quebrou o copo de uísque em sua mão. Pediu desculpas por ser um desastrado, tentou catar os cacos do chão e cortou os dedos. Olhou uma vez para Soojin, e desviou seus olhos quando o menino o olhou de volta. Sua face estava tão mergulhada em culpa e dúvida que Steve se perguntou se Soojin já não conseguiria vencê-lo naquele momento, mas descartou a idéia. Seria péssimo para o menino, enfrentar Guile num momento em que o Coronel seria derrotado não por ele, Soojin, mas pelo próprio Guile e sua consciência pesada.

Steve divertiu-se com mais comentários dúbios, que ninguém mais entendia exceto ele, Soojin e Guile, vendo o coronel ficar mais e mais nervoso. Deixou a roda depois, e se divertiu andando um pouco mais pela festa, até depois da meia noite e das comemorações frias de um Natal em que poucos realmente se importavam com os outros à sua volta. Então se dirigiu com Soojin para a saída e, como esperava, Guile o alcançou antes que chegasse à porta.

— O que quer dizer tudo isso? — perguntou, direto como qualquer militar.

— Exatamente o que parece dizer, Coronel. — Steve sorriu. Soojin tinha fechado seus pulsos quando Guile tocara no braço de seu chefe, e estava pronto a saltar como um gato à espreita de um rato. — Soojin, meu rapaz, lembre-se de sua promessa. Sem brigas.

— Steve...

— Você quer lutar comigo, rapaz? — Guile perguntou, sua voz ainda naquele misto de culpa e dúvida, a voz de alguém honrado e direto enfrentando uma pessoa com motivos justos para odiá-la. — Eu...

— Vocês não vão lutar agora. — Steve declarou. — Esta luta só vai acontecer quando eu achar que é o momento, e Soojin, lembre-se que você está sob as minhas ordens e que deu sua palavra de honra.

— Sim, Steve. — o menino respondeu baixinho, e o coreano sabia o quanto lhe custaram aquelas palavras.

— Quem você acha que é... — Guile começou, mas Steve não o deixou terminar.

— Exatamente quem você pensa que sou. Boa noite, coronel, e um feliz Natal. Aproveite-o enquanto pode.

Arrancou seu braço de debaixo da mão de Guile, e saiu, com Soojin obediente, embora silenciosamente furioso, atrás. Na limousine, virou-se para o rapaz:

— Soojin, eu também lhe dei minha palavra de honra. Eu arranjarei uma luta entre você e Guile, mas no momento certo. Consegue me perdoar por isso?

— Eu... eu não entendo o que você está fazendo. Mas vou confiar em você.

— Isto é o começo, garoto. Guile sabe que somos da Shadaloo, vamos estar sob vigilância a partir de hoje. Acostume-se ao Grande Irmão. Mas é bom. Aconteceria mais cedo ou mais tarde e fomos avisados antes que acontecesse. Perfeito.

— Grande Irmão?

— Lembre-me de emprestar-lhe 1984 para ler. — Steve sorriu. Então, ligando o interfone do motorista. — Vamos para casa, James.



Chegar em casa e mandar Soojin ir dormir, apesar das emoções da noite, era o habitual. O garoto protestou como sempre, Steve insistiu como sempre, e havia um pequeno sorriso nos lábios do coreano quando ele ganhou a discussão, como sempre. Havia momentos em que ele quase podia se imaginar uma pessoa normal. Quase como se Soojin fosse realmente seu filho adotivo, não um espião mandado por Bison para mantê-lo em seu caminho, quase como se ele, Steve, fosse o que sua fachada “legal” mostrava, não um executivo do mundo do crime.

Claro.

Sentou-se na grande sala vazia, em plena noite de Natal, e ficou a ouvir o silêncio da casa. Imaginou onde Mina estaria agora, e sonhou por alguns momentos poder entregar-lhe um presente de natal sem colocar em risco a sua vida.

O silêncio tornou-se subitamente pesado, e Steve afundou-se na cadeira.

A quem queria enganar, afinal? Tinha perdido naquela noite o pouco que ainda tinha. Teria que se vigiar constantemente. Não poderia mais deixar transparecer, como por algumas vezes se permitira, que seus subordinados eram mais que isso, eram amigos. Não poderia mais ligar, mesmo eventualmente, para os outros amigos que tinha, como Lars ou Vega. Não iria ser completamente frio com Soojin, pois crianças ainda precisam de alguém que cuide delas, por mais que pré-adolescentes não o admitam. Mas teria que ser moderado, e acostumar-se a ser vigiado vinte e quatro horas por dia, e não deixar transparecer fraquezas.

Guile agora sabia que eles eram da Shadaloo. Que a Shadaloo, que ele julgara destruída, ainda existia. O americano podia estar se sentindo culpado como o inferno pelo que fizera a uma cidade de camponeses e uma criança, mas isso não iria detê-lo. Guile iria até as últimas conseqüências para investigar a possibilidade de que o Império de Bison não tivesse caído, e para derrubá-lo se isso fosse verdade. E Guile não era como Ryu. O coronel era guiado pelo ódio e se precisasse seria mais prático do que honrado, portanto era um inimigo mais perigoso, um inimigo que Steve não poderia vencer a passar pelo seu lado. Como a maioria dos americanos, Guile acreditava ser uma encarnação do bem terrestre, e estar sempre do lado dos mocinhos, não importando suas ações, pois os fins justificam os meios. A dívida de sangue que Soojin tinha para lhe cobrar era real, mas Steve tinha certeza que Guile iria logo criar uma fantasia qualquer para desculpar-se por ter bombardeado e destruído uma vila inteira, achando que uma comunidade de pescadores era um alvo militar, não se dando ao trabalho de checar as informações que a “inteligência” militar tinha lhe passado. Antes de ser Street Fighter, Guile era americano.

Não, ele iria seguir em seu rastro como um bloodhound, até que conseguisse despedaçá-lo em seus dentes. O sangue em seu próprio pêlo não iria detê-lo, pois ele perdoaria a si mesmo com alguma fantasia alucinante sobre como fizera o necessário, e como fora covardemente enganado, e etc. e tal. Soojin ser da Shadaloo, e Guile saber disso, mesmo não podendo o provar, logo viraria um motivo para o americano acreditar que o menino era parte do mal absoluto, e descansar a própria consciência. Não, não havia como contornar Guile, seria necessário enfrentá-lo, e isso seria realmente difícil. Iria envolver passar a governar uma rede de crimes sob a vigilância constante do governo americano, pois Guile podia e iria usar seus contatos para investigar qualquer vestígio de Shadaloo do qual fosse informado, e ele tinha topado com mais que simples vestígios naquela noite. Iria

envolver manter-se acima de fraquezas pois Steve não julgava o americano acima de usar truques como os de Bison, como refêns e chantagem. Guile não teria a finesse de Bison, mas não era confiável como alguém como Ryu ou Honda ou Ken seria. Homens obcecados que se julgam encarnação da justiça nunca são confiáveis.

Além disso, achar uma maneira de contornar Guile seria desagradável. Steve preferiria muito mais ter o americano preso numa mesa de torturas e duas horas livres. Bastava lembrar da cicatriz que para sempre marcaria o rosto de Soojin para convencê-lo de que Guile era um aliado que ele não queria ter.

Steve se serviu de um copo de uísque, e sentou-se novamente na poltrona. Não tinha sono. Raiva e frustração queimavam fundo demais em seu peito para que fosse capaz de dormir. Soojin não acreditaria, mas Steve também achava difícil conter o menino e não deixá-lo matar o militar, especialmente sabendo que nesta noite isto seria possível, mas que do dia seguinte em diante, depois que Guile já tivesse arrumado desculpas para si mesmo, isso seria impossível. Mas seria melhor para Soojin vencer o coronel quando o garoto pudesse vencer por seus próprios méritos.

Mas o final do uísque veio com um gosto amargo, e Steve teve que encará-lo, lembrando-se de qual era seu verdadeiro problema.

Solidão. Aproximar-se de pessoas significava colocar a vida delas em risco. E a situação se complicara. Agora não seria apenas Bison a ameaça, mas também Guile. Dois lados e dois loucos dos quais poderia esperar o pior.

Colocou o copo sobre a mesa como se ele pesasse quinhentos quilos. Suspirou, deixando-se ter pena de si mesmo por alguns segundos.

E então resolveu que precisava parar de pensar um pouco e relaxar, antes de enlouquecer. Pegou o telefone. Uma das vantagens de se controlar a prostituição de uma cidade era ser atendido prontamente mesmo às quatro e meia da madrugada de Natal.



A garota tinha feições orientais, como ele havia pedido, e o recebeu com um sorriso no luxuoso quarto do hotel. Steve saíra de casa, afinal, ainda havia crianças na mansão, e há coisas que são exclusivas de adultos. Não estava disposto a falar, portanto, apenas fez um sinal em direção da imitação de ofurô. Água quente e as mãos de uma competente massagista e um pouco mais seria a melhor combinação para descansar de seus problemas.

Ela entendeu sua necessidade de silêncio e, eficiente e graciosa, preparou o banho, despiu-o, e deixou cair o seu quimono, sem dizer palavra.

Steve se deixou relaxar, com ela o acariciando, até o momento em que sentiu que queria mais que isso. Levantou-se e fez um gesto para que ela o seguisse, ao qual ela obedeceu prontamente.

Começou a andar na direção da cama, observando com um sorriso as formas elegantes dela.

E então viu-a titubear e tropeçar, e correu para segurá-la antes que ela caísse no chão.

Ela abriu os olhos, depois de momentos, antes mesmo dele decidir-se sobre se deveria chamar um médico ou não.

— Você está bem? — Steve perguntou, preocupado.

Os olhos dela se arregalaram de medo.

— Senhor, me desculpe eu...

— Shhhh, está tudo bem. Ei, por que eu iria ficar bravo só porque você desmaiou, hein? Calma. Você está bem, quer comer alguma coisa, precisa de algum remédio?

— Eu... me desculpe, eu tenho um pouco de pressão baixa, eu não costumo me sentir bem quando me levanto rápido de uma banheira de água quente.

— Então acho que sou eu que tenho que pedir desculpas. Não quer mesmo nada?

— Não, eu estou bem, eu... — ela tentou levantar-se, e quase caiu. Ele amparou-a gentilmente com os braços.

— Tenha calma, ok? — colocou-a deitada suavemente, ajeitando os travesseiros para ampará-la. Ela olhou-o, ainda com um certo medo em seus olhos, o que começou a incomodar Steve. Então ele sorriu:

— Está tudo bem. Mesmo. E não precisa ficar me olhando desse jeito. Eu não mordo.

— Eu... desculpe... eu...

Steve fitou a garota tremente em sua frente, mas pela primeira vez olhou para ela, ao invés de apenas pensar no que ela lhe prometia por seu dinheiro. Percebeu as cicatrizes discretas espalhadas por seu corpo, os hematomas escondidos com maquiagem, e pela primeira vez lhe veio à mente que talvez ela tivesse motivos para reagir com medo. Sentou-se ao lado dela e suspirou:

— Olha, é verdade. Eu não vou machucar você só porque você passou mal, nem vou obrigá-la a fazer nada enquanto você não está se sentindo bem. Eu posso estar disposto a pagar por sexo, mas eu não estou disposto a tomar nada à força, está bem? Você não precisa ter medo, eu juro.

Ela o fitou. Ainda havia alguma coisa em seu olhar que lhe lembrava um animal assustado, mas estava um pouco melhor. Steve sorriu-lhe. Ela sorriu de volta, e respirou, um pouco mais aliviada.

— Não é melhor assim? — Steve perguntou.

— Você não é como eu esperaria. — ela sorriu, e seu sorriso estava mais bonito agora do que estivera em qualquer momento antes.

— Ei, o que você esperava, afinal? O bicho papão? — Steve brincou.

— Eu não sei, alguém mais terrível. Eu nunca conheci um chefe da Shadaloo que fosse tão gentil antes.

Steve a olhou com espanto. “Shadaloo”. Até então, ele acreditava que as notícias e boatos na cidade não tinham incluído isso, que os vazamentos de informação que havia eram aqueles dos quais ele sabia e que podia controlar. Mas se uma simples prostituta sabia, então a situação estava muito pior do que ele imaginava...

A garota riu, como se estivesse lendo seus pensamentos.

— Eu não soube por boatos. Eu vim para os EUA como acompanhante de Tora Yoko sama. Mas depois da derrota vergonhosa para Balrog, a Yakuza o puniu com a retirada de certos privilégios, e eu fui deixada nos EUA. Me lembro de vê-lo acompanhado de Vega, para ser apresentado a Balrog, Steve sama.

— Bem, você sabe mais sobre mim do que eu gostaria, mas é um pouco reconfortador saber que seu conhecimento vem de algo mais direto que boatos.

— Eu não vou trair seus segredos, Steve sama.

Steve riu, fitando a seriedade com a qual ela disse a frase:

— Sério? Por que não?

— Porque você foi gentil. — ela sorriu, deixando-se afundar nos travesseiros ao lado dele.

Passaram-se cinco minutos de silêncio, em que Steve se sentiu mergulhado em mais dúvidas do que jamais tivera por toda a sua vida. Então, ele finalmente perguntou:

— Qual é o seu nome?

— Luka. — ela sorriu.

— Esse não é o seu verdadeiro nome. — ele contrapôs.

— E você se chama Steve? — ela sorriu novamente.

Era o suficiente. Mais do que suficiente para coroar as decepções do dia. Steve levantou-se e decidiu vestir-se. Ela o observou sem falar nada, apenas sorrindo com aquele sorriso felino, incrivelmente belo, mas no momento ele não queria dar o braço a torcer.

Quando ele estava já saindo, ela disse:

— É solitário não poder dizer nem mesmo o próprio nome, não?

Isso o fez olhar para ela, mas ele fechou a porta da mesma forma.



Luka permaneceu na mente de Steve por mais tempo do que ele esperava. A frase com que ela despediu-se girava em sua memória, retornando sempre, mesmo quando ele estava pensando em outros problemas. A face dela parecia voltar aos seus olhos, sensual e silenciosa, ou frágil e assustada, ou com um sorriso malicioso sendo mais esperta que ele. Nunca alguém lhe adivinhara os pensamentos daquela forma. Nunca nenhuma mulher ficara gravada em sua consciência daquela forma. Já estivera com várias, mas nada que fosse mais que casual. E agora, aquela garota, que deveria ter sido algo casual e inconseqüente ao extremo, uma simples prostituta, com a qual nem sequer tinha chegado aos finais e... e não conseguia esquecer-se dela.

Steve já não era um adolescente e sabia reconhecer os sintomas que já vira em outros, mesmo que nunca os tivesse sentido antes. Estava apaixonado. Isso o fazia sentir-se especialmente idiota. Não tinha tempo para se apaixonar. Estava no meio de uma crise, e não havia tempo para desperdiçar com besteiras. Também não tinha condições de se apaixonar. Se estava preocupado com os alvos fáceis que seus amigos seriam se ele demonstrasse sentimentos, seus amigos que eram todas pessoas que sabiam se cuidar, que idéia idiota seria a de se apaixonar por uma garota que não tinha condições de se defender sozinha, que seria um alvo privilegiado e fácil? E que loucura era estar apaixonado por uma garota que mal o conhecia! Se ele fosse minimamente são, ele deveria mandar matá-la... ela era um perigo para si e para a organização, ela sabia demais, se ela começasse a falar, Guile estaria em seu pescoço em questão de dias. E que confiança ele poderia ter nela? Ela dissera que não contaria nada, mas... Que motivos tinha ela para não falar nada? Ela tinha o poder de destruí-lo, e as condições de usá-lo.

E ele iria deixá-la com esse poder, pois era um idiota.

Sequer podia pesquisar sobre ela. Estava sendo vigiado. Se fizesse perguntas sobre alguém, especialmente sobre uma mulher bonita, seus inimigos logo cairiam sedentos sobre esse alguém. Se pedisse a Jake para pesquisar sobre uma reles prostituta, Jake perguntaria o porquê, e Steve não queria responder. Se tentasse procurar de alguma outra forma, alguém iria descobrir, e alguém iria ficar sabendo.

E se a procurasse de novo, isso já seria estranho. Porque Steve sempre tivera o hábito de não repetir suas mulheres, esperando no mínimo três meses para sair com alguma de novo, se saísse de novo com alguma. Na verdade... na verdade Guile provavelmente já estava investigando Luka. Ele fora encontrar-se com ela logo depois de ter sido reconhecido como membro da Shadaloo por um importante algoz dessa organização. Os serviços de informação americanos já deveriam estar de posse dessa informação. Podia ser apenas uma coincidência, como fora (embora Steve não se sentisse mais como se fosse). Ou ele podia ter ido encontrar-se com uma mensageira. Eles não tinham como saber, portanto, não iriam descartar a informação, tentariam investigá-la.

E então Steve parou e pensou que era realmente um idiota, por que demorara tanto para chegar a essa conclusão? Ele não podia investigar Luka, pois isso atrairia atenções indevidas sobre a moça, e nesse momento isso era a última coisa que ele queria. Mas ele tinha todos os motivos do mundo para investigar Guile. Mais que isso, esperavam isso dele! E ele poderia investigar Luka desse modo... pois o americano iria fazer isso!

Pediu a Jake para monitorar o coronel. Se ele fosse se encontrar especificadamente com alguém, Steve queria ficar sabendo disso. Se Jake soubesse quando e onde o encontro seria, Steve queria ser avisado.

Uma das maiores vantagens de Jake era sua eficiência. O homem não organizava uma extensa rede de contatos em Miami há anos para ter problemas numa tarefa simples como controlar os movimentos de um coronel americano espalhafatoso que se julgava capaz de fazer pessoalmente serviço secreto mesmo tendo uma cara facilmente reconhecível e um penteado de maluco. Outra vantagem de Jake era a sua boa vontade. Mesmo estando em sua semana de “férias”, Jake enviou a Steve uma lista das pessoas com as quais Guile pretendia encontrar-se nas próximas duas semanas. Antes das duas horas da tarde, apesar de Steve só a ter pedido às dez horas da manhã.

Era uma lista razoavelmente longa. Steve contemplou a eficiência de Guile, também. Realmente, eram várias pessoas que ele conhecia, e com as quais fazia negócios desde que chegara nos EUA. Infelizmente para Guile, com nenhuma daquelas pessoas Steve tinha feito negócios ilegais. E, olhe só, ele até se dera ao trabalho de procurar sobre a sua persona fictícia escocesa. Infelizmente para Guile também, existira realmente um Steve MacTyler, que era rico o suficiente para justificar ter chego com tal fortuna aos EUA, e que até se parecia um pouco fisicamente com Kim, pois Steve MacTyler tinha uma mãe chinesa, e aos ocidentais todos os orientais pareciam iguais. O verdadeiro Steve MacTyler jazia morto sob algumas dezenas de metros cúbicos de água do oceano Pacífico, mas isso era apenas um detalhe. E suas fotos e impressões digitais gravadas nos sistema de identificação bretões tinham sido trocadas pelas de Kim pelo melhor hacker que este conhecia, Lars. Seria difícil a Guile conseguir provar alguma coisa com as pistas que estava seguindo.

Havia apenas uma pista quente, que poderia realmente incriminar Steve no meio daquilo tudo. Luka.

Steve sabia que não deveria, pois seria brincar com fogo. Mas necessitava disso. Tinha horários e locais. E algum tempo livre.

Apareceu para Guile após cada uma das entrevistas que o americano fez. Passava ao lado dele, para pegar o elevador quando ele descia. Comprava um jornal na banca da esquina enquanto ele saía de um prédio. Acenava para ele quando ele passava numa calçada. Perguntava se não estava um belo dia, e questionava se iria chover à tarde. Guile cada vez fechava mais a cara, e chegava até a ser engraçado.

Quando Guile foi encontrar-se com Luka, Steve esperou no bar do hotel. Teve a pachorra de convidar o Coronel para um drinque quando saiu, furioso, do elevador. Guile aparentemente tinha chegado ao limite da sua paciência, pois aceitou a oferta. Sentou-se, quase quebrando a cadeira.

— Ok, por que você está me seguindo? — rosnou.

— Eu não estou o seguindo. São apenas coincidências. Parece que você tem falado bastante com conhecidos meus ultimamente. Garçom? Um drinque para o Coronel, por minha conta.

— Histórias para boi dormir! Eu sei quem você é, Steve, e eu ainda vou conseguir provar.

— Provar o quê?

— Você é um enviado da Shadaloo. Eu tenho certeza disso. E em algum lugar você deve ter escorregado. É impossível que não haja...

— Antes de me dizer o que é impossível, eu gostaria que você me explicasse o que é Shadaloo. Ou quem. Uma mulher gostosa, espero. O nome é árabe?

Guile suspirou.

— Seu cara de pau. Eu gostaria de ter uma prova, ao menos uma prova na qual os meus superiores pudessem acreditar. E aí os seus dias terminariam atrás das grades. Uma única testemunha que fosse, um único indício...

— Já parou para pensar que o fato de que adotei o garoto cuja família você assassinou não quer obrigatoriamente dizer que eu sou um criminoso?

Guile parou, mas desta vez não quebrou o copo. Mas não conseguiu continuar olhando nos olhos de Steve.

— Bison pegou aquele garoto. Você tem que ter tido alguma coisa a ver com ele.

— É claro que tive. Você deixaria Bison criar uma criança?— Steve sorriu.

Guile fitou-o atônito. Steve viu o coronel fraquejar, encher-se de dúvidas. Continuou sorrindo.

— Eu...— Guile gaguejou. Steve quase teve piedade. No fundo, o grandalhão queria perdão. Mas não o receberia de Steve, que apenas bebericou um pouco mais o seu martini. Guile se recompôs e fechou a cara:

— Eu ainda vou provar quem você é. Não importa como. Eu irei provar. — o Coronel afirmou, levantando-se.

— Boa sorte então. Desenhe bastante nas nuvens. — Steve despediu-se. Guile não se deu ao trabalho de responder, e saiu apressado com os passos duros.

Steve teve que controlar-se para não sair cantando. Guile ainda estava desesperado atrás de provas e testemunhas, mesmo depois de falar com Luka. Isso queria dizer que, mesmo depois de interrogada pelo Coronel, que, diziam as lendas, sabia ser persuasivo, ela não revelara seu segredo.

Isso queria dizer que ele podia confiar nela. E por mais que houvesse dificuldades, essa única certeza iluminava o coração de Steve de tal forma que ele sentia-se um adolescente. Teria que tomar cuidado. Teria todos os problemas habituais e muitos mais. Mas podia confiar nela.

Sorriu, e deu uma boa tarde feliz para o carteiro, que chegava em sua casa no momento em que ele entrou. Eram mais engraçados ainda os envelopes. Tivesse Guile tido a chance de retirá-los sutilmente da caixa postal para devolve-los depois, como era hábito do serviço americano, ele teria conseguido suas provas.

Mas o que aconteceu foi que Steve reconheceu a letra de Vega em um envelope sem remetente, e diligentemente abriu este no escritório protegido pela geringonça de Robert. Leu-o e destruiu-o, queimando-o e esmagando as cinzas.

Bem, estavam boas as suas festas de final de ano. Natal no Elysium. E agora, um convite/ordem para passar o ano novo em Mriganka. Teria que tomar precauções quanto às passagens, mas seria simples. Com o bom humor em que estava, qualquer problema parecia fácil de resolver.

Assobiando, subiu para arrumar malas e mandar Soojin arrumar as suas.



Mriganka não era mais um destino para se ir despreocupadamente, com Guile farejando por aí como um perdigueiro. Steve pesou as possíveis alternativas, e então decidiu-se por um vôo para a Inglaterra.

Lars parecia ainda mais novo do que a última vez que tinham se encontrado, o que não deixou Steve nada tranquilo. A maldição que havia sobre o seu amigo o fazia parecer mais novo quanto mais problemas enfrentava...

Tinham muito sobre o que conversar. Laurence tinha passado por... promoções, na sociedade em que trabalhava. Steve, uma das poucas pessoas para as quais Lars confiaria toda a sua história... justamente por Steve ser aquele amigo distante, fora do seu grupo usual de amigos sabia qual os problemas disso. Passaram o dia discutindo amenidades, mas à noite, Steve deixou Soojin brincando com as gárgulas e acompanhou Lars, andando pelo bosque de WestShire até a clareira central, lugar tranquilo o suficiente para Lars e Steve conversarem sem medo. Steve contou o que lhe acontecera para Lars, mencionando até mesmo Luka. Lars lhe contou o que estava lhe acontecendo... mencionando até mesmo Leyla. A semelhança de suas situações fez os dois rirem, para não chorarem das suas desgraças. Ambos apaixonados e incapazes de estarem com suas amadas. Os problemas políticos de ambos também eram sérios. Depois de metade de um dia de conversa, se prometeram ajudar-se mutuamente mais uma vez, e trocaram um ou outro plano.

Lars contou a Steve que Hiroshy, o karateca que há pouco tempo entrara para o rol dos World Warriors, era seu novo cunhado. Steve prometeu prestar atenção nele, e deixar os cães da Shadaloo tão longe quanto pudesse. Lars em troca prometeu confundir Guile um pouco. Começando por mandar Steve e Soojin no avião de um amigo seu. Com o plano de vôo alterado. E com uma pequena simulação... tanto quanto fosse óbvio, Soojin e Steve iriam passar o ano novo em WestShire. Lars tinha a parafernália para conseguir enganar quem ele quisesse para acreditar nisso.

Embarcaram no avião com Steve pensativo. Durante muito tempo, mantivera Lars como um segredo, mesmo para seus homens. Soojin conhecer Lars era uma possibilidade muito forte de que Bison um dia o conheceria. Mas...

Mas a verdade, é que agora, preferia se Bison achasse que tinha mais alguém para perseguir e fosse atrás de Lars. O meio-fomor podia defender-se de formas que Bison sequer imaginava. As gárgulas seriam pista suficiente para Bison para ser cauteloso... ali estava um homem que conhecia a magia do mundo, e não a temia. E saber um segredo era um motivo para Bison não procurar outros.

Graham deixou-os no aeroporto de Mriganka, e Steve agradeceu-o. Metade da artilharia da ilha estava voltada para o avião, e tinham tentado acertá-lo com um míssil. Quando Graham se desviara do míssil tranquilamente e recomeçara a taxiá-lo, eles tinham desistido de atirar. Mas ainda assim estavam rodeando o avião, esperando o exército britânico, provavelmente.

Steve desceu, Soojin ao seu lado. Muitos rostos desconhecidos. Deixara Mriganka havia apenas um ano, mas nunca conhecera a guarda do aeroporto. Um dos homens ergueu o fuzil capanga padrão no nariz de Steve, perguntando-lhe quem era e o que ele estava fazendo ali.

Alguns segundos depois, o homem estava no chão, com seu rosto sangrando profusamente. Vega, uma maleta branca pequena ao ombro e um casaco de cantor de rock, branco também, com gola de arminho e lantejoulas, limpou a mão no casaco do guarda.

— Capangas não devem erguer armas para generais. Este é nosso homem em Miami, infelizes. Xô! Chispem daqui. — fez os homens se afastarem, e sorriu. — Faz tempo, hein, Steve? Fretou um vôo só para vir para cá?

— Peguei carona com um amigo.

— Muy bueno. Ouvi dizer que você está tendo problemas com Guile.

— Fui apresentado a ele no Natal, e ele reconheceu Soojin.

— Guile conhece Soojin? — Vega admirou-se

— Ele matou minha família. E me deixou esta cicatriz. — o próprio Soojin respondeu, apontando para seu olho e a marca circular que o cercava.

— Ah, o escoteiro cometeu erros. Bom saber. Faz tempo que eu não dou uma surra no Guile, Steve, quer que eu o tire do seu pé?

— Ná. Se você interferir, todas as suspeitas dele vão ser confirmadas. E eles vão simplesmente chamar mais gente.

— Mas daí com certeza vão chamar a chinezinha gostosa. E eu adoro lutar com ela. Será que eu consigo pegá-la enquanto ela ainda estiver no banho desta vez?

— Ah, Vega, eu estava tentando manter uma organização criminosa de verdade em Miami. Sem espalhar aos quatro ventos quem nos dá ordens.

— Você é um chato.

— Eu sei. — Steve sorriu. — Há um torneio também?

— Apenas a festa. Bison está se tornando cauteloso. O que diabos você fez com ele, Steve?

— Não o vejo desde o ano passado. A culpa não é minha.

— Bem... acho que vou jogar a culpa na Interpol então. E naquele tal de Akuma. Ainda bem que aquele bicho decidiu que infernizar o Ryu é mais interessante agora.

— Hum... provável. Muitos problemas na Europa este ano?

— Nada a se preocupar. Foi um ano tranquilo. Ainda não entenderam que ainda estamos no negócio. Mantiveram em segredo o fato de que eu e Balrog escapamos da prisão... é má propaganda, sabe? O resultado disso é que os boatos surgem e logo são descartados como "lendas".

— Isso é bom.

— He, isso está deixando Balrog doido. Ele entrou disfarçado no torneio dos World Warriors há dois anos atrás por saudades das luzes da fama, sabe?

— E você não sente falta delas?

— Fama serve para se arranjar grana e mulher. Eu tenho grana e não preciso de fama para ganhar mulheres. Azar do Balrog se ele realmente tem cara de lutador de boxe...

— Bom ponto. Soojin?

— Uh?

— Pode ir. Eu sei que você tem um relatório para fazer.

O garoto pareceu envergonhado.

— É... bem...

— Vai de uma vez. O Bison não gosta de esperar. — Vega sugeriu. — Ouvi dizer que você teve chance de torturar uma **VAMPIRA**, Steve.

— Bem, é verdade...

— E como é que foi? — os olhos de Vega brilharam. Steve riu, e contou.



Apesar das pretensões da festa de ano novo terem sido, também, criar um ambiente refinado e requintado, Steve sorriu a compará-la com a festa de Natal. Ao invés de um requintado aquário de peixes humanos, o que tinham era um grande salão... na verdade, uma arena decorada, com Street Fighters e criminosos diversos vestidos de branco em roupas sociais e, salvo raras exceções, parecendo extremamente desconfortáveis por estarem em roupas sociais. Soojin não tinha aparecido desde o início do dia, mas Steve não estava preocupado, o pequeno lutador estaria melhor naquele ambiente que ele.

Seja como for, era realmente uma festa. A princípio Steve ficara preocupado com o convite... mas aparentemente era apenas um convite. Por que diabos Bison resolvera fazer uma festa de ano novo Steve não sabia, mas o general, feliz em sua roupa vermelha de sempre (Steve teve que conter um sorriso quando pensou na última pessoa que vira usando a única roupa vermelha de uma festa), estava aparentemente se divertindo. Era uma forma sutil de demonstrar poder, verdade. Toda aquela gente reunida obedecendo uma única ordem, e se falavam todas as línguas do mundo naquele salão. Se era uma reunião apenas dos "chefes" da Shadaloo, então a organização podia realmente se orgulhar de ter voltado a ser um gigantesco conglomerado, com tentáculos em todo o mundo. Bela forma de começar o próximo milênio. Mesmo que oficialmente o milênio só começasse em 2001.

Checando os boatos na festa, uma segunda informação que podia explicar bem aquele sorriso empastelado na face de Bison: uma execução fora feita de manhã. Um tolo que achara que o general estava realmente morto e tinha tentado tomar a Shadaloo para si, até conseguindo isso, parcialmente. Parece que em 1998 Ryu lhe dera uma surra e depois o sujeito fora preso, e agora, tinha sido convenientemente retirado da cadeia pelas pessoas certas para que Bison lidasse com ele pessoalmente. Um bom motivo para o general fazer uma festa. Steve não ligava de ter perdido a luta matutina. Lutas até a morte com espectadores não eram o seu passatempo favorito.

Mas ficou assombrado quando descobriu que um dos boatos da festa era sobre um chefe que conseguira lidar com Ryu, Ken e dois outros Street Fighters atacando sua operação ao mesmo tempo e que não tivera nenhuma baixa enquanto fazia isso. Achou impressionante o como nenhuma versão vagamente similar à realidade era passada como boato, e nas loucuras que acrescentavam: o tal chefe estava prestes a desafiar Bison para um duelo pelo controle da Shadaloo, o tal chefe seria o executado da manhã, devidamente morto para deixar de ser panaca, o cara estava na Flórida de férias e se recusara a vir para a festa, o cara só se interessava por se tornar o primeiro lugar do ranking e tinha deixado a Shadaloo para ir procurar briga com Oro na floresta Amazônica, o cara era na verdade uma mulher e tinha feito uma proposta de casamento para Bison...

Balrog, que se aproximara da roda quando estavam falando isso, caiu na gargalhada:

— Casamento? Nossa... eu achei que íamos ter mais uma luta para complementar a da manhã. Mas isso vai ser ainda mais engraçado. E então, Steve, vocês já marcaram a data?

Todos os outros lutadores da roda olharam para o coreano baixinho e franzino, e então olharam para Balrog de novo:

— Você não pode estar falando sério.

— Vocês duvidam da minha palavra? — Balrog rosnou, subitamente sério, fazendo com que dez outros lutadores se encolhessem e murmurassem desculpas, o que deixou o boxeador mais contente. — Pois saibam que este baixinho aqui, — deu uma "pancadinha amigável" nas costas de Steve, que foi quase jogado no chão. — é o herói de quem todos estão falando. Um dos meus homens.

— Como foi que você fez isso?

— Bem... eu não lutei com eles... foi mais uma questão de... — Steve tentou explicar a questão de uma forma que o pessoal da Shadaloo aceitasse. Vega aproximou-se da roda com um martini em uma mão e uma garota em cada braço, quando Steve estava acabando de se explicar. Bebericou do martini, céptico.

— Dez minutos para o boato de que Ryu foi vencido num duelo de xadrez e acreditou que precisava se esforçar mais para se tornar o guerreiro perfeito e foi embora esquecendo de destruir a operação se espalhar.

— Quinze para que o boato incluía que foi Balrog que venceu Ryu no xadrez. — Steve retrucou.

— Náaaaaa... inacreditável demais. — Vega virou o resto do martini, mordendo a azeitona.

— Hei! — Balrog reclamou. E então os três se calaram, quando Sagat, uma torre mais alta mesmo que Balrog, com a cara completamente fechada e fúria queimando na superfície, mal disfarçada pelo terno branco e gravata azul celeste, aproximou-se com intenções assassinas no olhar.

— Boa noite. — embora os outros dois já conhecessem Sagat há muito mais tempo que eles, Steve foi o primeiro a falar. O olhar assassino de Sagat concentrou-se nele, não que Steve não soubesse que lhe era dirigido desde antes.

— Ouvi alguns boatos interessantes. — Sagat sorriu. — Então, parece que você finalmente aprendeu a lutar? Estão dizendo que você derrotou Ken e Ryu... impressionante. Eu acho que gostaria de ver essa extraordinária capacidade, que derrotou mesmo Ryu...

Steve soube que um golpe viria assim que Sagat começou a falar, mas a única chance que teria era realmente esquivar-se... como se fosse capaz de fazer isso! Então assombrou-se uma segunda vez durante aquela festa, quando no instante seguinte não apenas se descobriu ainda vivo como também ainda de pé.

Soojin enfrentou Sagat com o olhar, e, lentamente, seu chi queimando tão brilhante como o de Bison, fez o soco do outro recuar. Sagat cerrou os dentes. Não tinha colocado toda a sua força naquele soco... apesar de suas palavras, ainda não acreditava que Steve pudesse ser um lutador. Agora se arrependia. Um moleque estava segurando o seu golpe?

Atrás dele, as pessoas murmuravam "Mas ele... voou até lá!" "Ele voou e parou o soco com outro soco!" "Aquilo foi um Psycho Crusher?" "O Psycho Crusher é um ataque, ele não pode ser usado para defesa!" "Aquilo pareceu um Psycho Crusher, mas não pode ser um Psycho Crusher" "Só Bison sabe tanto sobre Ler Drit..." "Nem vem, um Psycho Crusher é mais forte que isso" "Mas ele é um moleque de onze anos!" "Uma criança parando o Sagat?!" "Aquilo foi só um soco de finta, não pode ser, uma criança não pode parar o Sagat" "Mas esse golpe foi quase igual um Psycho Crusher!" "Só o Bison sabe usar o Psycho Crusher. Todos os outros que tentaram aprender tiveram a mente destruída!" "O Chi dele é idêntico ao de Bison!" "Será que aquilo FOI um Psycho Crusher?" "Usado desse jeito, não pode ser." "Como diabos?" "Um menino enfrentando Sagat?!!!" ...

Sagat recuou o punho. O moleque continuou o fitando impudentemente, chi brilhando ao seu redor em uma aura prateada, levantando-o alguns centímetros acima do chão. Soojin sorriu:

— Muito honrado, Sagat, desafiar um homem que você sabe que sequer é um lutador.

Steve sorriu. Soojin escolhera exatamente as palavras certas para tirar Sagat do sério. Depois de todos esses anos, o kickboxer ainda se julgava honrado. Steve viu a face de Sagat deformar-se em fúria e então acrescentou:

— Ou prefere tentar bater em uma criança?

Vega teve que se segurar muito para não cair na gargalhada. Vários dos Street Fighters em volta não tiveram tanta força de vontade. Sagat ficou ainda mais irado, mas não tinha nenhum alvo óbvio que pudesse socar sem parecer ainda mais ridículo. Soojin, cabeça erguida e chi ainda a queimar ao seu redor sorriu, desafiando Sagat:

— Eu posso lutar com você.

— Não. Você não vai lutar. — uma voz grave decretou, e todos os risos se calaram. Bison levitou para o lugar da confusão, sua face severa. Soojin ajoelhou-se aos seus pés.

— Como preferir, mestre. — um breve sorriso passou pelos lábios de Bison, tão breve que Steve se perguntou se não tinha apenas imaginado isso.

— Então creio que esta confusão está encerrada?

— Eu acredito que não, senhor. — Steve interpôs. Todos os olhos se voltaram para ele.

Os rumores recomeçaram, discretos. Começaram a apostar sobre como Bison iria matá-lo.

— Como assim? — Bison questionou, o punho se flexionando preparando o golpe.

— Esta rivalidade entre mim e Sagat vem de longa data. E deixar os acontecimentos de hoje como estão é apenas adiar a resolução do problema. Não resolvê-lo.

— É fácil resolvê-lo de uma vez por todas. — Bison sorriu. Soojin olhou-o assustado... não chegou a falar em voz alta, mas seus lábios murmuraram um "não". Steve soube que tinha ido longe demais. Mas agora não importava, então continuou.

— Sim, é. Sagat acabou de me desafiar. Eu pretendo aceitar o seu desafio. — um murmúrio de incredulidade passou por todo o salão. — Não para lutar com ele. — suspiro de decepção. — Mas para lhe provar que eu posso fazer com que ele, Sagat, faça o que quero... exatamente como fiz Ryu e Ken fazerem o que eu queria.

Bison cerrou os punhos. E então soltou-os de novo.

— Como você pretende provar isso? — Bison perguntou. Iria deixá-lo vivo. Steve assombrou-se pela terceira vez na noite.

— É o começo de um novo ano. Tenho certeza que Sagat tem muitos planos à sua frente. E que terá um ano atribulado pela frente.

— E?

— Eu pretendo escrever uma lista. Cem coisas que ele fará durante este próximo ano. Deixarei a lista com quem o senhor prefira escolher para guardá-la. Ao final deste ano, que a lista seja revelada. Se eu estiver errado em algum dos cem itens, Sagat pode tomar a minha vida. Mas se eu acertar todos os cem, que ele concorde em deixar-me em paz.

— Você acredita que eu seja previsível assim? — Sagat rosnou.

— Previsível e fácil de manipular. — Steve provocou. Sagat provavelmente teria lhe socado, se Bison não estivesse ali, e se todos não estivessem olhando, e se não

tivesse já sido lembrado sobre o como era desonrado lutar com alguém que se sabe que não é capaz de lutar.

Bison encarou Steve. Este estremeceu e baixou os olhos. Não porque estivesse com medo, mas porque era melhor fazer isso e Steve SABIA disso. Já tinha ido mais longe naquele dia do que podia.

Mas ainda estava vivo. Estranho...

—— Está bem. Eu concordo. Você irá escrever a lista e entregar-me. Eu irei guardá-la. E no ano que vem veremos quão esperto você realmente é. —— virou-se de costas e retirou-se. Sagat olhou com cara feia:

—— Nunca foi tão fácil matar alguém. —— também se virou e foi embora, tentando resgatar a dignidade que lhe restava depois daquela noite infernal. Vega respirou fundo:

—— Nossa... eu jurei que você estava morto umas três ou quatro vezes hoje, Steve. Eu nunca vou conseguir entender como você conseguiu convencer o Bison assim.

—— Não fui eu. —— Steve murmurou, apenas para si mesmo.



Ele a encontrou novamente. Fazia um ano. Um ano e dezessete dias. Ele se perguntava se ela pensara nele. Ele sabia que, ameaça de morte se não cumprisse seus planos, os problemas usuais da gangue, Guile o seguindo como um perdigueiro e tudo o mais... ele não deixara de pensar nela por um dia sequer.

Mas não podia simplesmente ligar para ela. Não podia simplesmente... seria colocá-la em risco. E agora vinha encontrá-la novamente. Não tinha sequer uma rosa em suas mãos. Gostaria de ter. Mas não se entregam rosas para prostitutas. E, tanto quanto o olho do Grande Irmão soubesse, ela tinha que continuar sendo uma prostituta.

Ela poderia entender isso? Ela poderia entender que ele não podia, simplesmente não podia colocá-la em risco? Ela poderia entender que ele nunca seria quem ele gostaria de ser e quem ela gostaria que ele fosse? Que eles nunca poderiam ter uma relação normal?

Ela ainda se lembraria dele?

Se importaria?

Ele abriu a porta do quarto de hotel como um homem esperando chegar ao inferno. Ela não podia se lembrar dele. Fazia mais de um ano. Eles tinham se visto apenas uma única vez. Ela...

Ela o olhou com olhos ferinos e sorriu:

— Meu nome é Kodora.

Ele parou ainda na porta. Ela, ela... baixou os olhos. Ela se lembrava. Ela sabia. Ela entendia. E ela o amava.

— Kodora? Nomimono seria mais apropriado.

— Drinque? Não... bêbado é mais apropriado. Me sinto assim agora. — Kodora sorriu. — Ainda que meus pais tenham me chamado assim na esperança de que eu me tornasse em tigresa.

— E você não se tornou?

— Eu não sei. O que você acha, Steve-sama?

— Meu nome é Kim. E você é uma tigresa. — ele a abraçou. — Você não está furiosa comigo?

— É claro que não. Eu estive construindo sonhos que não deveria?

— É claro que não. Mas...

— Eu sei. E não importa.

— Mesmo que nós nunca possamos ter uma vida normal?

— E qual a parte da vida normal que importa? Que faz com que ela valha à pena?

— O amor?

— E não é esta parte que podemos ter?

Steve abraçou-a.

— E você conseguiu. Afinal, está aqui hoje.

— Sagat é previsível. Mas eu me diverti. Consegui fazer Bison rir quando leu os últimos itens.

— Posso adivinhar? O último item era que Sagat lhe daria um soco assim que ouvisse qual era o penúltimo item.

— Ah sim, foi. Foi engraçado. Sagat ficou furioso com a sequência. 96) Que ele perderia uma base de operações na Amazônia para Dan e Carlos "Goat" Del Sirene e alguns outros Street Fighters. 97) Que durante o ataque à sua base iria lutar com Dan e vencer. 98) Que não conseguiria matar Dan porque Goat iria interferir. 99) Que iria preferir deixar a base com os quatro a aceitar o desafio de Goat.

— E estavam todos ocupados demais rindo para se darem conta de que você mandou destruir uma base da Shadaloo...

— Ah... eu contava com isso.

— E Bison não vai revisar uma de suas decisões. Se ele o deixou sair ileso quando soube, ele vai deixá-lo sair ileso.

— Eu conto com isso.

— Mas uma coisa eu não entendo... onde você encontrou este tal de Goat afinal?

— Um amigo me recomendou.

— E que tipo de desafio ele fez a Sagat?

— Bem, ele apostou que Sagat não conseguia se desviar de balas.

— Mas... esse não parece um desafio que Sagat...

— Bem... como Goat colocou... é fácil se desviar de balas miradas na cabeça. Ou nos membros. São lugares longe do centro de equilíbrio do corpo, e qualquer movimento que seja feito os tira da linha de tiro. Balas são incrivelmente rápidas, mas alguns Street Fighters simplesmente se desviam delas mesmo assim. Mas mesmo quando se trata de um golpe normal, é mais difícil se esquivar quanto mais perto este golpe for do centro de equilíbrio do corpo. O centro de equilíbrio fica bem próximo ao umbigo...

— Que fica próximo à segunda cabeça de um homem...

— E Goat atira tão bem quanto Sagat luta...

— O tipo de aposta que nenhum homem ousa perder... mas Sagat não podia agüentar admitir que recuara de um desafio. Você teve um ano cheio então?

— Bastante. Mas a gangue já está praticamente agindo sozinha. Os negócios estão bem e consolidados. Até mesmo Guile não está mais me incomodando como antes.

— Steve sorriu. Já tinha contado a Kodora como tinha aparado as garras do coronel.

— E expansão de território não é uma alternativa quando você pertence a uma organização mundial que já definiu seu território.

— Exato. Então tudo o que tenho que fazer é guardar-me contra desafiantes... e isso não é difícil.

— Você nunca acha nada difícil, não é?

— Ficar longe de você é difícil.

— Aaaw... — Luka abraçou-o.

Por um momento na sua vida, Kim Chung Lee deixou-se estar completamente feliz, e tentou não pensar no amanhã. Amava e era amado de volta. Tinha passado quase o dia inteiro com Luka. Tinham não só retornado ao que não haviam feito em seu primeiro encontro e que agora era completamente diferente, mas também conversado. Conversado muito.

Ela lhe contou sobre quem era, os medos que tinha em um país estrangeiro, as dificuldades... ele queria poder abraçá-la e dizer que tudo ficaria bem, ele queria poder matar todos aqueles filhos da mãe que haviam ousado tocar nela... Luka tinha um vergalhão na pele, e um olho roxo que tentara esconder com maquiagem, e Steve se perguntava porque mesmo que não mandava matar o senador que fizera isso. Talvez mandasse. Ele podia aceitar que ela continuasse uma prostituta, do mesmo jeito que ela aceitava que ele

continuasse visitando essas profissionais... mudarem seu estilo de vida certamente atrairia atenções indesejáveis. Mas aceitar que ferissem sua amada sem poder revidar...

Ele lhe contou segredos que não dividia com ninguém. Medos, aflições. Era estranho. Eles eram amigos de infância... e era a segunda vez que se viam. Ele tinha certeza absoluta que sempre iria amá-la. Ele sabia que ela também sempre o amaria. E... e era a segunda vez que se viam.

Parecia uma vida. Ela completava suas frases, como se soubesse o que ele pensava antes mesmo dele dizer. Ele amava, mais que a aparência de boneca de porcelana, a inteligência viva que queimava em seus olhos.

— Steve... — Luka lhe perguntou. — tem uma coisa em você que eu nunca consegui entender. Uma coisa que não se encaixa na história.

— Qual?

— Por que o Príncipe da cidade não o matou?

— Porque ele não podia ler a minha mente, e, portanto, não podia avaliar o quão poderoso como um inimigo eu era. E vampiros são extremamente covardes.

— Mas... por que ele não pode ler a sua mente?

— Ah... isso é uma longa história, que pode ser resumida numa frase curta. Eu vendi a minha alma ao demônio por isso.

— Vendeu a sua alma ao demônio?

— Sim... lembra-se de Jinx, meu mestre? Nunca ninguém jamais falou sobre o mestre dele, não é mesmo?

— Ele aprendeu suas artes com o Demônio?

— Com **um** demônio. Mas foi isso mesmo. Ele aprendeu as suas artes com um demônio, e quando me ensinou, ele me revelou isso, e que apenas por usar o que ele me ensinava, eu estaria, como ele, condenando a minha alma ao inferno. Assim sendo, como mesmo assim eu continuava decidido a aprender o que ele tinha a ensinar, ele me convenceu a invocar o demônio eu mesmo, e também negociar com ele. Minha alma iria para o inferno, mas eu pelo menos poderia ganhar algo com isso. Então eu pedi ao demônio que a minha mente fosse meu santuário pessoal, e que nunca ninguém, por nenhum método, fosse capaz de lê-la ou adivinhá-la. O demônio concordou, e por isso, Príncipe Andrew, Bison e todos os outros que tentaram ler a minha mente jamais o conseguiram.

— Hum.... — ela deitou-se em seu ombro, apenas um pouco abalada pela história, ou assim ele achou. Não gostava dessa história, lhe lembrava de coisas que não queria lembrar.

Vinte minutos depois, quando ele estava já quase dormindo, ela perguntou:

— Kim... se a sua alma já estivesse condenada ao inferno por que um demônio aceitaria negociar por ela?

Ele não soube responder.



Enquanto voltava pesaroso para casa, sabendo que muito mais tempo do que gostaria se passaria antes que pudesse voltar a passar um dia como aquele, Steve tentou se distrair tentando procurar uma desculpa convincente para dar aos outros depois de matar um certo senador dos Estados Unidos. Certamente o senador em questão não era o primeiro homem que ousara bater em Luka, mas era o primeiro do qual ele sabia o nome, e ele simplesmente não queria deixar o homem vivo.. Ser um chefe do crime tinha que ter alguma vantagem, afinal de contas.

Entrando em casa, um envelope sobre a sua escrivaninha lhe lembrou de outra vantagem de ser um criminoso de escala superior, que ele saboreou com um sorriso. Como ele comentara com Kodora, as escutas e câmeras espiãs de Guile haviam sido retiradas faziam quatro dias.

Guile a princípio tivera todo o apoio do exército. Mas quando começou a exigir recursos e mais recursos, sem apresentar nenhum resultado, começou a cansar seus superiores. O coronel tinha ficado obcecado por Steve, como Steve sabia que ele ficaria, mas o resto do comando do exército americano não estava obcecado também. Isso queria dizer que eles se cansavam com a insistência infrutífera. Que não tinham a fé cega de Guile. E que a fé cega de Guile os irritava.

Mais que isso, em 2000 os EUA tiveram eleições. É claro que Steve, como cidadão escocês, sequer votava. Mas todos sabem, não é mesmo, que nada muda a política vigente como eleições...

E Steve era um prático. Civil, ele nem sequer tentara aumentar seus contatos no exército, onde seria o território de Guile. Seria muito fácil ser desmascarado. Ao invés disso, cultivou uma nova carreira nesse último ano, para além dos seus negócios legais e de sua identidade na Shadaloo. Financiara alguns políticos, ficara amigo de outros... e comprara o domínio da empresa que imprimiria as cédulas eleitorais da Flórida. Tinha deixado os republicanos (que tinham maior influência sobre o exército) saberem disso. E tinha impresso cédulas especiais para eles, a pedidos.

Obviamente, ninguém mais no país além das pessoas certas sabiam. Mas as pessoas certas sabiam, e sabiam o favor que Steve tinha feito. Era algo sutil, mas que mudara o peso de uma eleição. Apenas uma cédula eleitoral confusa... não chegava sequer a ter comprado ou adulterado votos. Fora a pena na balança para os republicanos ganharem. Steve tinha se divertido tanto ao ver as contagens e recontagens dos votos...

E a situação era que, se acontecesse de um certo coronel reformado do exército dos Estados Unidos desmascarar as operações ilegais de um certo imigrante euro-asiático residente em Miami, um certo presidente sabia que algumas certas coisas seriam reveladas... e Guile era um coronel no qual o certo Presidente não confiaria para continuar calado. Apesar do certo Presidente ter o apoio de vários e vários generais.

Ou seja: todo o apoio que o Pentágono dera para as investigações de Guile, todo o aparato high tech, o acesso a satélites, câmeras, espiões profissionais da CIA, tudo... tudo isso fora por água abaixo. Até mesmo o Pentágono cortara sua ajuda. Guile ainda o vigiava, Steve sabia, mas agora com não mais do que a própria habilidade e a ajuda de um ou dois amigos leais e dos palhaços incompetentes que haviam sido deixados na investigação para que Guile não pudesse realmente acusá-los de o estarem sabotando como estavam. Uma

vez que os amigos leais de Guile eram quase tão discretos quanto o próprio, o resultado era que todas as pessoas competentes que estiveram vigiando Steve e seus homens não o estavam mais. E o Presidente dos Estados Unidos em pessoa estava movendo todos os pauzinhos que podia para que as investigações de Guile dessem com os burros nágua.

Uma mudança certamente agradável, na opinião de Steve.

Pegou o envelope que antes não poderia estar na escrivaninha sem causar problemas. Se aquilo caísse nas mãos de Guile seria um problema, mas como espião Guile era um ótimo lutador, e o relatório em cima da escrivaninha estava perfeitamente seguro. Steve e os outros sabiam sobre todas as câmeras de segurança e espionagem que ainda estavam na casa. A única que ainda incomodava era uma que um dos amigos de Guile instalara em um dos banheiros, voltada para o vaso. Que tipo de depravado faz questão de espionar o que os outros estão fazendo no banheiro, afinal de contas?

Descansado, de bom humor ainda, Steve rodou o envelope em suas mãos. Então notou algo que o deixou um tanto admirado. O envelope estava endereçado pessoalmente a ele e viera por serviço de courier, o que não seria estranho, mas o que era estranho é que a letra do endereço lembrava a de Robert, seu velho amigo pesquisador. Segundo as notícias que tinha, Robert estava morto.

Ainda assim, segundo as notícias que seu velho amigo Huang tinha, ele, Steve, estava morto. Dizer-se morto, Steve sabia, era um bom meio de proteger os amigos. Enviar algo para um amigo depois da notícia de sua morte, porém, contradizia o espírito da coisa. O que queria dizer que o que quer que houvesse naquele envelope deveria ser algo bem sério.

Um DVD vermelho. Steve colocou-o para tocar no seu computador e um arquivo de vídeo se abriu.

A filmagem começava um pouco tosca, com Robert ajustando a câmera e sentando-se em um banco em seu laboratório.

“Oi Steve.” — Robert sorriu na tela. — “É, estou menos morto do que disseram. Sabe, a bem da verdade, eu só tinha trocado de companhia, e você sabe, a gente só consegue sair da Shadaloo se morre.”

“Eu trabalho hoje para os Illuminati. Sabe, os sujeitos que conseguiram colocar o símbolo deles na nota de dólar. Ok, agora estou imaginando você falando ‘malditos pop stars’. Mas eles não são assim tão ruins. Estão há séculos tentando controlar o mundo pelas entrelinhas, se mantendo no mistério e tornando a palavra Illuminati um sinônimo de ‘a mão que controla o mundo pelas sombras’. E... tá, ok, são malditos amadores. Se eles fossem bons, ninguém nunca teria ouvido falar nos Illuminati. A competência que eles têm, porém foi suficiente para se tornarem em um jogo de cartas de humor.”

“Mas, talvez por serem financiados mais pela fama que pelo crime e terem a fama certa, que assusta riquinhos e filhos de papai, eles conseguem muito mais verba para pesquisa do que a Shadaloo, por isso troquei de emprego. Além disso, convenhamos, você era o meu único amigo naquele treco, e tem uma hora que ser desprezado porque não se consegue dar um murro cansa. Eu achei que os Illuminati fossem uma boa idéia, meu contato disse que poderia me tirar da Shadaloo com segurança, e eles cumpriram a promessa.”

“Depois que entrei para a organização, eu passei a estudá-la, é claro. A crença geral é a de que os Illuminati dominam o mundo, pois reúnem boa parte das pessoas mais influentes da humanidade. Talvez algum dia isso tenha sido verdade, mas o x da questão é que, bem, não é tão fácil. Os poderosos, os seres realmente poderosos do mundo, não se reúnem para tomar chá às cinco da tarde e decidir o que vai ser do futuro da humanidade.

Até porque, como eu e você sabemos, boa parte dos seres mais poderosos do mundo não é nem sequer humano. E não iriam de forma alguma se aceitar na mesma sala.”

“Mas em algum momento da história alguém decidiu que era uma idéia divertida organizar uma sociedade secreta com pessoas que acreditam ser muito influentes, e esse alguém conseguiu. Entre políticos, cientistas, cineastas, editores, jornalistas, militares e outras pessoas do gênero, espalhados por centenas de países, os Illuminati têm algumas dezenas de milhões de membros, cuja razão de ser de estarem na organização é a vaidade de se julgarem fundamentais para o mundo, a nata da nata da sociedade... cof cof. A maior parte das pessoas realmente influentes não faz parte da organização, pois quem se garante não precisa dos Illuminati, mas, até aí, eles falam sobre eminências pardas e coisas assim, e isso faz bem para seus egos. A lealdade dos membros para com a organização varia, mas é principalmente devida ao medo, porque todos sabem que os Illuminati são muito poderosos e sabem de tudo e dominam o mundo... é, e toda essa josta. Mas quem manda nos Illuminati? Tudo o que um membro dos Illuminati sabe é que não é ele, e que o líder é ‘misterioso’.”

“Eu acho que nessas você já deve ter adivinhado qual é o segredo da josta, não é? Pois é, é isso mesmo. O verdadeiro meio de se tornar o líder dos Illuminati é DIZER que se é o líder dos Illuminati de uma forma convincente. Como os membros dos Illuminati são muitos, e a comunicação entre eles porca, qualquer um que controle as comunicações do lugar consegue controlar a organização. Basta saber acrescentar o ar dramático, e fazer as ordens chegarem nas pessoas certas, na hora certa.”

“Eu desconfiei disso depois dos meus primeiros três meses na organização, e resolvi testar. Você sabe que a minha área de especialidades sempre foram as comunicações, e você me ensinou uma coisa ou outra sobre psicologia e organizações. Foi razoavelmente fácil descobrir como as comunicações entre os Illuminati funcionavam, depois que admiti que elas podiam ser tão toscas como pareciam. E então, foi até que fácil testar. Claro que eu não era idiota de testar comigo mesmo, por isso escolhi uma das pessoas que pareciam mais absurdas para liderarem a organização, e modifiquei as comunicações e mandei as mensagens certas para as pessoas certas, inclusive o moleque que eu tinha escolhido, e... e não é que ele passou a ser considerado o líder desse treco mesmo? Um moleque lutador, estilo Bison, sabe, mas sem nem o gênio nem a fleuma? Um garoto que na verdade não passava de uma cobaia de um dos experimentos genéticos de um dos sujeitos mais loucos da organização, mas que... bem... quando se entrega às pessoas o que elas esperam, elas acreditam. Ele acreditou em toda uma vida de memórias falsas, para não acreditar no que realmente tinha vivido... foi instrutivo e patético ao mesmo tempo.”

“Depois de ter deixado o moleque como líder, eu parei de manipular as informações, para testar o movimento contrário. Por quanto tempo depois que as comunicações deixam de ser manipuladas a inércia manteria as coisas como estavam?”

“Pois é... eu assumi que ninguém mais tentaria manipular os Illuminati, e deixei tudo parado, porque eu sou um maldito idiota. Acreditei que era mais inteligente que qualquer um ali e que, portanto, o que tinha saltado aos meus olhos não iria saltar aos olhos de mais ninguém tão cedo.”

“Só que eu errei. Houve outro alguém que descobriu isso.”

“Eu não sei direito quem é. Seja quem for, é alguém bom no que faz, que não deixou rastros a serem seguidos, que não dissemina seu nome. Só sei que eles controlam os Illuminati agora. E que estão controlando bem melhor do que eu controlava. Eles divulgaram uma informação entre a organização, que deixou a todos muito felizes. Os Illuminati vão passar a trabalhar para conquistar a paz mundial.”

“Pois é... não é nobre a idéia de paz mundial?”

“Então, parece que existe um vírus. Foi desenvolvido por um dos cientistas da Illuminati. Um tal de Noah Taltos, virologista e geneticista, extremamente competente, romeno, que trabalhava basicamente sozinho com dois ajudantes apenas. Convenientemente, os três morreram nos últimos três meses, de causas perfeitamente naturais e acidentais. Mas o vírus que criaram, esse ainda existe.”

“O vírus tem um efeito bastante... bem... veja por você mesmo.”

A câmera é mudada de lugar. Passa a enquadrar uma tela de TV, onde há a cena de um gramado com leões deitados ao lado de ovelhas, e lobos tomando água ao lado de cervos. Coelhoinhos saltitantes passeiam na cara de lince, sem que estes tenham nenhuma reação. Cães e gatos enrodilhados dormindo lado a lado, enquanto ratinhos de laboratório passeavam à frente de seus focinhos. Todos os carnívoros estão visivelmente magros, mas não tentam atacar os herbívoros. Os herbívoros não tentam fugir.

O narrador começa com frases inócuas:

"Você não gostaria de acreditar que o mundo que vamos deixar para nossas crianças será um pouco melhor do que o que temos hoje? Que mudanças são possíveis? Que quando nos unimos ao redor de um objetivo comum, grandes coisas são possíveis? Em mudanças nas quais podemos acreditar?"

"Que a agressividade e o medo, a violência, poderiam desaparecer da terra? Todos sabem que o instinto de luta, que nos faz ferir, roubar e matar, é um instinto comum a todos os seres humanos... e a quase todos os outros seres. Mas será que é necessário que seja assim? Será que a violência, estupros, guerras e assassinatos precisam ser parte da natureza humana? Da nossa natureza animal?"

"O Dr. Noah Taltos acredita que não. E em sua crença, ele usou a sua especialidade, biologia molecular, para estudar os genes que provocam a agressividade dos seres. Que fazem com que animais firam e matam outros seres, ou mesmo seus iguais. Que ajam como inimigos e não como irmãos."

"O Dr. Noah Taltos descobriu como desligar esses genes. Como fazer com que animais escolham a paz, e não a violência."

Um cientista gordo cutuca um leão adormecido, que acorda incomodado, mas simplesmente se levanta e sai. Um lobo é mostrado na mesma gaiola que coelhos, e a contagem do vídeo mostra o decorrer de dias, em que os coelhos são alimentados e o lobo não. O lobo não ataca nenhum dos coelhos. Seu instinto predador, diz o narrador, foi completamente anulado. Por fim, o lobo é mostrado tentando comer as mesmas cenouras e couves que estão sendo oferecidas aos coelhos. Depois uma gaiola com tantos ratos que é impossível se ver a serralagem do fundo é mostrada, e os cientistas pegam ratos para examiná-los, enquanto do outro lado uma gaiola de ratos normais é mostrada. Na gaiola de ratos tratados, todos convivem pacificamente e os ratos não têm sequer ferimentos. A outra, que, segundo o narrador, tinha inicialmente o mesmo número de ratos, está visivelmente mais vazia, com alguns poucos ratos vivos e bastante feridos devorando os cadáveres dos ratos que mataram.

O narrador continua, e aparentemente a fita ainda vai longe, mas Robert vira novamente a câmera para ele mesmo.

“Esse é o vídeo de propaganda. Eu fiquei enojado quando vi isso, mas sei que vários dos que souberam dessa história não conseguiram ver atrás do óbvio. Bichos sem instinto de agressão, pessoas sem instinto de agressão. Depois disso, o próximo passo foi usar o vírus em seres humanos. Ele funciona. A pessoa, após um período de incubação de cerca de um mês, se torna completamente incapaz de atos agressivos. Por pelo menos dois meses,

que é o tempo que levaram testando isso. Contamine um número pequeno de pessoas, e você terá vítimas em potencial incapazes de se defender. Contamine um número grande o suficiente de pessoas, e você irá conseguir a paz mundial... porque as pessoas se tornarão instintivamente incapazes de lutar umas contra as outras. Ah, o vírus é capaz de contaminar quase todos os mamíferos. No laboratório, é transmitido por inoculação, mas se disseminado, se transmite por via sexual.”

“Ok, acredito que tem gente que acharia que isso é uma boa. Muita gente, por sinal. Faça amor, não faça guerra. Acabar com todo o instinto agressivo da humanidade, acabar com todas as guerras, tornar todas as pessoas em ovelhas. Eu sei que parte dos Illuminati que ficaram sabendo do plano abraçaram a idéia com todo o seu coração. Sei que outra parte está calculando como vai ser fácil manipular as massas quando elas simplesmente forem incapazes de reagir, pensando em se manter imune, sem calcular o quanto é difícil evitar uma doença uma vez que ela seja disseminada.”

“Mas no meu coraçãozinho negro de cientista maligno, eu sou incapaz de fazer isso com a humanidade. Não é sequer o medo de que isso não funcione, o fato de que esse treco não foi estudado nem por um ano inteiro ainda e eles já querem soltá-lo no mundo. Não é o medo sobre o quanto vão sofrer as pessoas contaminadas pelo vírus nas mãos de pessoas saudáveis. É pior que isso. Soltar esse vírus no mundo significa destruir o livre arbítrio das pessoas. Os carnívoros usados no estudo morreram de fome, pois não eram capazes de matar nem para se alimentar. Imagine a humanidade sem a sua capacidade de agressão. Incapaz de ferir os outros sim, mas também incapaz de reagir quando for ferida.”

“Você sabe melhor que ninguém, eu não admiro o espírito de luta. Normalmente prefiro ser um covarde vivo que um corajoso morto, e chamo de idiotas os que acham o contrário. Mas há limites. Por isso estou pedindo a sua ajuda. Você é a pessoa mais competente que eu conheço, e pode descobrir se...”

Steve pausou a fita, digitando algumas teclas a mais em seu computador do que precisaria. Então sorriu.

— Quanto você assistiu, Vega? — perguntou, sem voltar-se para trás.

— O suficiente para me convencer a sempre usar camisinha. — Vega respondeu.

— É agora que você me mata? — Steve perguntou novamente, girando a cadeira para ficar de frente para o espanhol.

— Não! Sou seu amigo, lembra?

— Vega, você está usando máscara e entrou sorrateiramente em meu escritório ao invés de tocar a campainha.

— Você acha que eu conseguiria matá-lo?

— Você matou a minha mãe. Isso me machucou mais do que me machucaria me matar, e você sabe disso. Portanto, por que não?

— Você sabia?

— Eu aprendi a torturar pessoas com Jinx. Jinx aprendeu a torturar pessoas com o demônio, ele vendeu a alma pelo conhecimento. Eu fui o único aluno que Jinx teve, e você foi a única pessoa para a qual eu ensinei algo sobre as técnicas que aprendi. Usar parte dessas técnicas foi uma assinatura inconfundível. Eu achei que você pretendia que fosse.

— Ah... não, foi idiotice mesmo. — Vega confessou, suspirando. Puxou uma cadeira e tirou sua máscara. — Você deve me odiar, não é?

— Não. Você estava só cumprindo ordens, e tinha tanta escolha nisso quanto eu. E você saiu do seu caminho para ser gentil depois disso.

— Eu não gosto de pensar em mim mesmo como uma pessoa que não tem escolhas.

Steve sorriu:

— Quem gosta?

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo.

Por fim, Steve sorriu:

— Sabe, o engraçado disso tudo, é que nunca achei que você fosse membro dos Illuminati.

— Eu nasci dentro da organização. — Vega afirmou, aliviado pelo incômodo do silêncio ter sido quebrado. — Meu pai era rico e poderoso o suficiente. Sempre tentei evitar o contato, pois detestava me sentir manipulado, mas o pior é que depois de ver esse treco só fico ainda mais irritado.

— A Shadaloo pelo menos é mais honesta, concordo. Bem, o que você pretende fazer? Parece que Robert o convenceu a desistir de me matar.

— Robert tem razão. Esse plano precisa ser detido. E você é a pessoa certa para fazer isso.

— Por que acha que vou impedir a humanidade de chegar à paz mundial?

— Você não vai?

Steve olhou para a tela do computador por algum tempo e suspirou.

— Pois é. Mas bem, se eu lhe dissesse que já impedi o plano de acontecer, o que você faria?

— Eu não sei, mas não estou no espírito de matar você.

— Precisaríamos convencer as pessoas de que eu nunca vi esse filme para que eu permanecesse vivo.

— Eu sempre posso destruir o DVD e dizer que fiz isso antes de você assistir.

— O problema é que poderiam descobrir que eu assisti o DVD, examinando o computador. Para a história ficar convincente, é melhor fazer de outra forma. É preciso que você destrua não só o DVD, mas também o computador. Só que isso ainda não seria suficiente.

— Não?

— Se você apenas destruir o DVD e o computador, visto que é notório o fato de sermos amigos e que o atual líder dos Illuminati tem interesses pessoais nesse caso... não, seria obviamente mentira. E então se certificariam de me matar e de te matar. Para que a mentira funcione, você precisaria admitir que não queria me matar, por isso, apenas se certificou se eu tinha assistido ou não o vídeo, que, pelo que você vira, eu tinha acabado de colocar no computador. E você teria se certificado da melhor forma que conhece.

— Torturando você. — Vega parou. Ficou em silêncio por um bom tempo. — Você sabe, isso é uma coisa que eu faria. Eu nem sempre cumpro ordens à risca. Eu muitas vezes não cumpro.

— Eu sei. É por isso que a história tem alguma chance de funcionar. Só que você não vai poder brincar. Se me der apenas um ou outro soco... bem, bater de leve para fingir que é inimigo também é uma forma de mentira bem conhecida.

— Steve, se eu for profissional, bom, você me ensinou alguns truques, mas sabe que tenho muitos mais na manga. E que sou um dos melhores profissionais do ramo.

— Eu sei. Vai doer mais em mim que em você.

— Ainda assim, — Vega contrapôs — não adianta mentir, pois quando você começar a agir, eles saberão que você viu o vídeo.

— Quando eu disse que eu já tinha resolvido o problema? Estava falando sério. Não sei se vão conseguir chegar em mim, inclusive, e apostaria que não, a menos que realmente, esse tenha sido o único possível vazamento, o que eu duvido. E eles

acreditariam que você acreditava que eu não tinha visto o vídeo, desde que você não aja de forma a dar a entender que viu.

— Isso é importante?

— Sim. Você é meu amigo. Eu não quero vê-lo morto.

— Isso não facilita as coisas em nada, sabe?

— Quer que eu xingue sua mãe para que elas fiquem mais fáceis?

— Não. Eu vou acreditar em você. Isso vai doer.

— Eu sei.



Issacson acordou no meio da noite. Ele achava que tinha ouvido alguma coisa. Como se alguém tivesse murmurado alguma coisa em seu quarto enquanto estava dormindo. Olhou em volta, notando brevemente que a janela estava fechada com a persiana de fora para baixo, ao invés da persiana de dentro. Alguém tinha entrado em seu quarto.

Mas esse alguém já saíra. E lhe murmurara que deveria ir ver seu chefe. Ou algo assim... Sacs não tinha certeza. Um estranho sentimento de urgência o envolvendo, vestiu-se e foi correndo para a base.

Foi isso que salvou a vida de Steve.

Jake, Soojin e Tony estavam na mansão, mas nenhum deles lembrava-se de ter visto nada. Soojin quando muito lembrava-se que Steve tinha chego em casa sorridente. O escritório estava destruído, e o chefe... se Sacs tivesse demorado mais alguns minutos, ele teria morrido pela hemorragia. E ainda assim, Tony não sentira o cheiro de sangue. Nem ninguém ouvira os gritos. Céus, era impossível que ele não tivesse gritado, com o que tinham feito com ele.

Seus olhos quase tinham sido arrancados, como se o atacante não quisesse que ele o visse. Um conjunto de intrincados símbolos tinha sido desenhado em seu corpo, arrancando-se pedaços escolhidos de pele. Suas unhas tinham sido arrancadas e os nervos da ponta dos dedos expostos. Os médicos não sabiam sequer em que posição deixá-lo sobre a maca, que não fosse expô-lo à agonia só pelo peso de seu próprio corpo sobre as feridas. As próximas semanas seriam drásticas... ele poderia morrer por septicemia se os ferimentos se infeccionassem. Doses cavalares de opiáceos o estavam mantendo inconsciente, pois a própria dor poderia matá-lo de choque.

Sacs estremecia só de olhar, pelo vidro do quarto estéril onde estavam mantendo o chefe. Usara seus melhores contatos no mundo médico para conseguir um lugar no melhor hospital que pode, e como médico, sabia que tudo o que era possível estava sendo feito.

O que não ajudava em nada quando via o seu melhor amigo naquele estado. Sacs queria muito alguém para bater, naquele momento. Estava pesando os prós e contras de se inscrever na pior luta da liga duelista que encontrasse, só para ter alguém à mão que pudesse socar sem dó, e na lista dos contras apenas conseguia se lembrar de que teria de sair do hospital. Então ouviu barulho de quebra-quebra no corredor.

Uma bola de gelo atingiu a nuca de Soojin.

— Comporte-se, moleque. Estamos em um hospital. E esse fuzuê quase abriu a porta do quarto estéril. — Issacson rosnou. O instante de rebeldia que passou pelo olhar de Soojin dissipou-se no momento em que Sacs mencionou a porta. O menino fez uma vênica obediente, e parou.

Sacs olhou para o oponente de Soojin, desprezo em seus olhos:

— O que diabos você veio fazer aqui, Guile?

O coronel ajeitou-se novamente em pé, em um salto, como se a luta não tivesse já parado. Sacs invocou paciência de algum canto profundo de sua alma para não começar ele mesmo a socá-lo. Então notou o estúpido arranjo de “Get Well Soon”, com flores e uma bexiga flutuante que jazia, destruído, no chão.

— Correção: o que você veio fazer aqui com essa coisa ridícula e hipócrita?

— Eu me enganei em relação a vocês. — Guile disse, como se esperasse que aquela frase resolvesse todos os problemas. — Quando vi Steve com Soojin eu julguei que vocês fossem da Shadaloo, mas agora vejo que eu estava enganado.

— Uh?

— Eu sei, eu deveria ter desconfiado antes, quando descobri que Steve era amigo de Ryu ou quando soube sobre o torneio que você e Sean disputaram juntos, mas eu sou um idiota de vez em quando.

— De vez em quando? — Soojin resmungou.

— Mas quando... para Vega ter feito isso com ele, vocês não podem ser da Shadaloo.

— Vega? — Soojin exclamou surpreso.

— Sim, nós o vimos entrar por uma das câmeras... — Guile começou a explicar, mas a atenção do menino já não estava mais nele.

— Vega! — Soojin quase sibilou o nome, e começou a desaparecer, como se fosse se teleportar para algum lugar. Levou mais uma bola de gelo na nuca.

— Fica quieto, moleque. E você, Coronel, não é bem vindo aqui.

— Vai tentar me enfrentar também? — Guile suspirou.

— Claro que não. — Sacs riu irônico. — Seguranças, esse indivíduo está provocando confusão.

Dois homens elegantemente vestidos olharam feio para Guile e lhe indicaram a porta de saída. Um deles ainda garantiu a Sacs:

— Desculpe, senhor, esse problema não irá se repetir.

— Por que você me interrompeu? — Soojin reclamou, assim que Guile foi escoltado para fora. — Eu não ia lutar com Vega dentro do hospital.

— Desde quando você confia na palavra de Guile? — Sacs perguntou.

— Oh... então você acha que ele não viu Vega?

— Eu poderia ter acreditado se ele tivesse dito Sagat. Mas tem algo de errado nessa história. Acho melhor esperarmos o chefe acordar.

— Sacs?

— Hum?

— Você acha que ele vai acordar?

— Claro que vai. Você vai ver. Ele vai ficar novo em folha. No máximo com algumas cicatrizes. Mas vai inclusive voltar a ver.

Foi então que Sacs se deu conta de que isso era verdade. Talvez Steve perdesse a sensibilidade na ponta dos dedos e ficasse com exóticas cicatrizes, mas, fora isso, se ele sobrevivesse, o ataque não deveria deixar nenhuma seqüela.

A idéia de que fosse Vega o responsável por aquilo começou a parecer menos absurda. Mas definitivamente havia algo de errado naquela história.



Esperar Steve acordar era uma tarefa mais difícil do que esperavam. Quando os médicos tentaram retirar Steve do coma anestésico, descobriram que ele estava verdadeiramente em coma. Sacs teve que assumir o comando das operações, mas não era capaz de manter o lucro no nível de Steve. Correram boatos de que um substituto seria enviado para comandar Miami, mas Vega convenceu Balrog de que seria desnecessário.

Sacs e Soojin tinham tentado manter segredo sobre o que Guile havia lhes dito, mas nenhum dos dois conseguiu tratar Vega com naturalidade quando ele veio conferir pessoalmente as operações e visitar Steve no hospital. Tony e Jake perceberam. Confrontados, Sacs e Soojin desistiram do segredo e, em uma reunião secretamente travada na sala com a proteção da estátua de arte moderna de mau gosto, explicaram aos outros.

— Não faz sentido. — opinou Ned. — Steve é um dos favoritos de Vega, e por mais que o espanhol tenha fama de louco, ele não tem o hábito de sacanear com quem não sacaneia com ele. Eu poderia acreditar se Steve tivesse apenas sido morto, que Vega estivesse obedecendo algum tipo de ordem ou em algum esquema, mas... o que foi feito?

— Já parou para pensar que, se Steve acordar, ele praticamente não vai ter seqüelas? Não são muitos os torturadores no mundo que conseguiriam fazer algo assim.

— E estar em coma não é uma seqüela? Já se passou um ano e nove meses!

— Vega acredita que ele vai acordar. — Tony murmurou. — Ele tem certeza absoluta. Eu o ouvi conversando com Balrog quando vieram aqui... eles se esquecem que vampiros escutam melhor que pessoas normais. Ele poderia ter feito isso, e de propósito, até mesmo o coma. Mas...

— Mas?

— O Príncipe Mauris pensou em atacar o hospital, matar Steve. — os outros encararam Tony, pois ele nem sequer havia mencionado isso antes. — Vega o deteve. Ele matou meia dúzia dos anciões da cidade, só para entregar as cinzas deles a Mauris e lembrar-lhe que se atacasse Steve, o seu principado não duraria mais uma noite. E acreditem em mim, Vega se arriscou MUITO para conseguir isso. Não é o tipo de coisa que alguém faz por alguém que torturou até quase à morte.

— Ainda sobrou algum ancião vampiro na cidade, fora o Mauris? — perguntou Dave.

— Claro que há, mas eles são mais novos agora. — Tony respondeu.

— Anciões vampiros não importam. — Soojin rosnou. — Eu não sei se Guile falou a verdade ou não. Sacs tem razão, Guile não é confiável. Mas tudo o que tentamos investigar até agora deu com os burros nágua e Jake é bom de investigação. Sacs quer que esperemos até que Steve acorde, mas e se ele não acordar?

— Sacs tem razão. — Jake falou. — Precisamos esperar Steve acordar. Há mais nessa história do que parece.

Jake não mencionou aos outros que já sabia sobre Vega. As imagens das câmeras de Guile, que vigiavam o local, haviam sido uma fonte óbvia demais para que ele as ignorasse, e não tinham sido difíceis de conseguir. Guile não tinha mentido.

Mas depois de sair da casa, Vega passara pela casa de Sacs. Sacs chegar a tempo salvara a vida de Steve. Para quê alguém torturaria alguém... para salvar-lhe a vida depois?

Precisava perguntar a Steve. Esperava que ele acordasse logo.



Steve acordou do coma dois anos, três meses e quatro dias depois de ser ferido. Foi como acordar depois de ter adormecido, exceto porque se sentia mais fraco que o normal e os médicos lhe informaram que era quinze de abril de 2004. Lhe garantiam que seus amigos viriam vê-lo em breve. Ele não duvidava disso, mas pediu aos médicos um computador. Queria ver notícias na Internet, saber em que se tornara o mundo. Não lhe negaram o pedido, e depois do fuzuê inicial por ter acordado, logo o deixaram sozinho.

Steve digitou no teclado, sem abrir nenhum programa exceto a conexão com a internet, um nome: Leyla.

"Me chame de SOM. Eu não uso mais o outro nome." — Leyla respondeu, abrindo uma janela do ICQ.

"SOM?"

"Soul of Machine. É apropriado para um fantasma que assombra a Internet, não é?"

"Até que sim. Você conseguiu transferir os dados a tempo?"

"Sim. E páramos o problema também. Mas queria te perguntar duas coisas."

"Claro."

"Como você sabia que a ERSWH não estava infiltrada pelos Illuminati?"

"Não faria sentido. A ERSWH é uma organização ordeira e bem... organizada. Os Illuminati são puro caos, por mais que afirmem ser uma organização. Vocês são quase que a antítese um do outro."

"Ok... isso chegou mais perto de coisas sobre as quais não posso falar do que eu gostaria, então vamos parar por aí, está bem? Segunda pergunta: como você sabia que o vírus não funcionaria?"

"Ele não funcionava?"

"A doença tinha dois estágios. O primeiro, de completo pacifismo. Depois, o doente entra em um estado de fúria incontrolada, e sai matando, ferindo e mutilando o que puder. No caso de humanos era ainda pior, pois a fúria não os fazia perder a mente e...

SOM, como se só tivesse percebido então, pulou uma linha e mandou uma frase cercada de emoticons de surpresa:

"Você não sabia disso?"

"Não. Apenas não gosto tanto assim da idéia de paz mundial pela lobotomia. Precisa de mais?"

"Não. Na verdade não."

"E como está o Lars? Vocês já arranjaram alguma forma de fazer um casamento virtual?"

"Steve... Lars morreu. Foi assassinado pela Pentex."

"Como assim?"

"Hiroshy mencionou o nome verdadeiro dele onde não devia. Os figurões da Pentex estavam procurando os resultados do experimento que criou Lars... que tinham perdido quando Lars fugiu... há muito tempo. Tentaram resgatá-lo, mas não... Brian e Eveny morreram na tentativa de salvá-lo, e Lars... era... era muito tarde quando chegaram lá."

"Eu... eu não sei o que dizer."

"Não há muito o que ser dito. Eu... tecnicamente eu estou morta, mas... na prática, creio que não posso morrer porque... acho que não posso morrer de verdade enquanto houver Internet para assombrar. Mas meu melhor motivo para assombrar... eu..."

"Você o amava. E ele amava você."

"Sim. E ele está morto agora. Vou ter que aprender a continuar mesmo assim. E você vai ter que aprender a viver de novo depois dos seus dois anos dormindo. Seus amigos estão chegando, e acho que estão planejando uma intervenção. Tchau."

"Tchau." — Steve mal teve tempo de digitar antes que a janela do icq se fechasse e Soojin e Sacs e Tony e Jake e Ned e Dave entrassem, todos ao mesmo tempo, e Dave ainda estava carregando a estátua de arte moderna de mau gosto que Steve conhecia bem. O computador se desligou sozinho, talvez por causa de SOM, talvez por causa da estátua. Steve colocou-o de lado.

Não teve tempo sequer de falar, pois Soojin o abraçou. Retornou o abraço devagar, ainda fraco do coma, e um tanto surpreso. Não era do costume de Soojin esse tipo de demonstração.

— Steve, Guile disse que foi o Vega que fez isso com você, mas o Guile é um mentiroso, mas ele pode estar mentindo, mas o Vega sempre disse que era seu amigo, mas ele pode estar mentindo também, mas se ele estiver mentindo e ele é o culpado de tudo isso, e se for assim eu vou querer a cabeça dele e eu sei que eu consigo mas se não for ele e o Guile estiver mentindo e pode bem estar porque o Guile é um mentiroso e...

Steve sorriu. Tinha se acostumado a planejar e a manipular, mas não a confiar. Fazia muito tempo que não confiava em ninguém fora em si mesmo... até que Kodora quebrara a sua armadura e lhe mostrava que podia apenas confiar. Mas amantes não eram os únicos em quem se pode ter confiança. Steve sabia que os homens reunidos ali em torno dele eram mais do que seus empregados ou capangas. Eram seus amigos.

Para ele, Steve, os dois anos que tinham se passado eram como se tivesse ido dormir ontem e acordado novamente, porém ele sabia que para eles, os dois anos tinham se arrastado, difíceis. Isso era visível em seus rostos. Era visível até no fato de Soojin estar tão efusivo. Por dois anos, ele tivera que enfrentar o medo de que Steve morresse, e isso para ele fora uma tortura, da qual Steve se arrependia, em parte. Calculara que Vega fosse fazer algo assim, colocá-lo em coma para impedir que fosse interrogado novamente, porém não esperava que Vega tivesse tão pouco controle sobre quanto tempo deixava uma pessoa em coma.

Olhando ao redor, Steve percebeu que se os outros tivessem, como Soojin, a desculpa da idade, ele provavelmente ganharia mais abraços.

— Calma, Soojin. — sorriu. — Céus, você cresceu! Estão o alimentando com fermento?

O menino o encarou estático. Sacs sorriu e puxou uma cadeira para sentar-se.

— Sentimos a sua falta, chefe. Aliás, fiz muita merda na sua ausência, e espero que você consiga resolvê-las quando estiver melhor. E eu sei que você mal acordou. Mas... alguém colocou você nessa cama de hospital durante esses dois anos, e a cabeça dessa pessoa não está enfeitando a sua lareira ainda.

— Estamos esperando sua ordem. — Ned concordou.

— Pois é, quem é que temos que matar? — Dave interpôs. — Nos dê um nome.

Steve suspirou:

— A história é um pouco mais longa que um nome. — Steve decidiu-se a dizer e pela primeira vez desde uma feira folclórica coreana acontecida há anos, Steve confiou plenamente em amigos e lhes explicou não apenas o absolutamente necessário para

manipulá-los, mas tudo. Sobre o vídeo enviado por Robert, sobre os Illuminati, sobre Vega, sobre como fora ele mesmo Steve que dissera a Vega que o torturasse. Seria impossível, a longo prazo, manter o segredo. Seria contraprodutivo, também. A princípio, Steve não pretendia enfrentar os Illuminati, mas era possível que isso se tornasse necessário, e se fosse assim, precisaria do apoio incondicional de seus homens. E além disso, eles mereciam, depois daqueles dois anos.

Os outros precisaram de tempo para digerir as notícias. Jake foi o único que ainda se sentia capaz de fazer perguntas, quando a história terminou.

— Você tem certeza de que está tudo resolvido, chefe? A ERSWH pode ter resolvido o problema do vírus, mas o líder dos Illuminati que mandou disseminá-lo não foi parado, foi?

— Não. Nem sequer sei quem é esse líder. Os Illuminati são numerosos, cada Illuminati conhece apenas alguns outros Illuminati de sua mesma célula, cada líder de célula conhece apenas um número reduzido de outros e a falta de comunicação e hierarquia clara os torna quase que uma força do caos. Como Robert mencionou, é fácil para alguém se tornar o líder dos Illuminati se conseguir manipular as suas comunicações, mas traçar essas informações de volta para descobrir de quem partiram é uma tarefa hercúlea. E eu não tenho certeza se é necessária.

— Não?

— É possível que o tal líder estivesse apenas bem intencionado e não pretendesse realmente nada além da paz mundial, sem se importar com os dilemas morais de lobotomizar a humanidade para conseguí-la. Também é possível, e mais provável, que ele tivesse desígnios mais sombrios ainda do que lobotomizar a humanidade para conseguir transformar todos os humanos em cordeiros. Mas quase todos os líderes dos Illuminati até hoje tinham desígnios sombrios e eram filhos da puta, e o mundo continuou apesar deles. Desde que o sujeito não receba em suas mãos outra oportunidade de ouro como esse vírus, ele não deve ser perigoso o suficiente para importar.

— Eu não gosto da idéia de deixar um filho da puta desses vivo, chefe. — Tony resmungou. — Saber que tem um filho da puta louco e poderoso desses à solta não me faz sentir bem.

Steve riu:

— Tony, você é um vampiro. Você tem noção de que acaba de descrever pelo menos noventa por cento dos anciões vampiros do mundo? O mundo está repleto de filhos da puta loucos e poderosos. Mas por algum motivo o fim do mundo continua sendo evitado.

Steve sorriu:

— Há a possibilidade disso ter terminado. Eu acho que é suficiente, e não pretendo continuar mexendo no formigueiro a menos que me provoquem.

— Ok, chefe. É você quem manda.



Steve teve permissão para sair do hospital em pouco mais de uma semana, depois que os médicos se asseguraram de que estivesse realmente bem e, embora a princípio estivesse ainda fraco, se locomovendo em uma cadeira de rodas enquanto seus músculos ainda não tinham recuperado a força perdida em dois anos de imobilidade, retomou os negócios de imediato. Todos sabiam que era um segredo o que ele tinha lhes contado, e Steve sabia que o segredo seria mantido.

Uma revisão de como estavam as coisas lhe mostrou que Sacs havia cometido erros, mas não tantos como ele exagerara. O maior problema do guerreiro de gelo é que ele não era talhado para ser um criminoso, por mais que tivesse sido obrigado a ser um. Ele não conseguia tomar decisões impiedosas e seu código de honra era uma grande desvantagem nas negociações. Os outros sabiam manipulá-lo e empurrá-lo. Vários criminosos haviam arrastado asinhas para dentro da Flórida, tirando pedaços do território, contando com a falta de agressividade de Sacs. Até mesmo vampiros do Sabbat haviam retomado território no Estado.

Uma velha e boa guerra por território foi a primeira coisa que Steve fez, portanto. Conseguiu facilmente recursos extra com alguns relatórios burocráticos explicando a situação e uma ligação para um Vega que se sentia culpado e estava pouquíssimo acostumado com esse tipo de sentimento. Conseguiu que quase um milhar de soldados da Shadaloo fossem deslocados temporariamente para a Flórida, e simplesmente varreu a concorrência com ataques finamente orquestrados, entrando em guerra com nove facções criminosas diferentes ao mesmo tempo e lhes lembrando porque lhe deviam respeito. Finda a guerra, devolveu diligentemente os soldados aos seus postos. Não precisava deles para a manutenção.

A guerra lhe tomou seis divertidos meses. Gostava de planejar ataques cirúrgicos, e quase não teve contratempos. Gostava da ironia de trazer um milhar de soldados da Shadaloo ao quintal de Guile sem que o coronel percebesse. Gostava de enfrentar inimigos que eram bem piores que ele. Ainda durante a guerra, as taxas de criminalidade da Flórida começaram a baixar.

Gostava de organizar uma guerra sem que ninguém percebesse fora os seus inimigos. Gostou da sensação de planejar e discutir seus planos com o seu pessoal, pedindo abertamente opiniões sem medo de perder o respeito, enviando-os como oficiais na guerra em que era general.

E durante a guerra, se recuperara. Seu físico continuava franzino, mas cinco meses de sessões de fisioterapia tinham tornado seu corpo funcional novamente. A cadeira de rodas e mesmo as muletas haviam sido postas de lado, e já conseguia subir escadas sem se cansar.

Steve estava se sentindo muito bem, sem nenhuma preocupação na vida. E agora estava em paz novamente. Pensou que era o momento certo para compartilhar essa paz com a sua companhia favorita.

Ligou reservando os serviços de Kodora, e preparou-se para uma maravilhosa noite.



O hotel continuava imaculadamente arrumado e impessoal. Por isso, a bola de papel no chão, pouco antes da porta, lhe chamou a atenção. Pegou-a quase que por brincadeira, e o cheiro de perfume lhe bateu às narinas. Era o perfume de Kodora.

Steve abriu a bola de papel. Era uma carta. Quando leu a primeira linha, seu primeiro instinto foi arrombar a porta do quarto, mas se conteve antes de cometer esse erro. Ao invés disso, ligou para os responsáveis por aquele estabelecimento para que ligassem para o 911.

A carta era uma carta de suicídio.

Steve permaneceu afastado, mas próximo o suficiente para assistir os paramédicos chegarem, furtivo mas próximo o suficiente para ver o corpo. Kodora atravessara seu próprio corpo com uma katana, morrendo da forma tradicional e honrosa para seus ancestrais. Mesmo se Steve tivesse arrombado a porta, ele não teria sido capaz de fazer nada... ela estava já morta há ao menos uma hora. Steve conseguira se manter discretamente fora da cena do crime, e a polícia não o ligaria com a morte.

O que não o ajudava em nada.

Por uma vez na vida não conseguiu se controlar. As lágrimas começaram a escorrer de seus olhos quando ainda estava dirigindo o carro de volta para casa, e foi um milagre que não batesse o carro.

A bem da verdade, tentou subir para o seu quarto sem incomodar os outros. Tony estava fora da casa, caçando, e Jake estava entretido com um videogame novo, fora do mundo. Mas Soojin o ouviu chegar.

— Steve? O que aconteceu?

Ele não conseguia falar. Então, simplesmente estendeu a carta:

"Amor,

Por favor, não se culpe pelo que eu fiz. A decisão foi inteiramente minha, e fui obrigada a chegar a ela por meus próprios erros.

Eu sei que fiz errado, mas fui incapaz de ficar distante quando soube do que lhe aconteceu. Eu tentei resistir à tentação, tentei, mas você não faz idéia do que era ouvir sobre você no hospital e não poder sequer pedir informações. Eu resisti nos primeiros meses, mas o desespero tomou conta de mim quando você não acordou, mesmo depois de um ano. Eu fui lhe visitar. Por três vezes, neste segundo ano.

Eu sei que todas as precauções que tomávamos era para evitar justamente isso, e que a culpa foi toda minha. Eu deveria ter sido mais forte, eu deveria ter esperado você. Mas eu estava desesperada, e temia nunca mais vê-lo.

E o pior foi que alguém me viu.

Pouco depois de receber a ligação da agência, hoje, o meu quarto foi invadido. Um homem entrou por uma das janelas, e, antes que eu pudesse fugir ou pedir por socorro, me imobilizou. Ele tirou uma seringa do seu bolso, e me injetou algo. Depois murmurou em meu ouvido que eu deveria dar o recado a você. Ele sabia mais do que deveria, o chamou de o chefe da S... Comentou rindo que você saberia o que ele tinha me injetado.

Claro, aquela era uma armadilha para você. A injeção era de algo sério, provavelmente mortal, sobre o qual você não deveria saber, mas talvez saiba, e quem mandou o homem invadir o meu quarto quer saber se você sabe. Se eu me encontrasse com você depois disso, se eu lhe der o recado e você souber, você iria mover céus e terra para me curar ou conseguir um antídoto. Eu sei que o faria.

E eu não posso deixar você fazer isso. Seja o que for que me injetaram, eu não posso deixar que você pesquise, que me traga um antídoto ou uma cura. Pois se você fizer isso, irá cair na armadilha, e eu suspeito que a armadilha é sobre algo mais mortal e mais importante que uma simples prostituta.

Me perdoe por tomar o caminho fácil para corrigir os meus erros, mas... mas eu não conseguiria fazer diferente. Eu não posso

permitir que você caia em uma armadilha em que sou a isca. Eu não conseguiria viver comigo mesma depois disso.

E se eu não conseguiria viver, é melhor que eu não viva antes que possa ser usada de isca.

Eu te amo,

Kodora."

— Ela... era sua namorada? — Soojin perguntou.

— Era. — Steve murmurou.

— Eu nunca soube que você tinha uma namorada.

Apesar de tudo, Steve sorriu. O menino... não, o adolescente, precisava se acostumar com o fato de que Soojin estava já com dezessete anos, falara em um tom de mágoa tão grande, por ele ter mantido segredo, que Steve sentiu que precisava explicar-se.

— Soojin, quando se está no mundo criminoso se lida diariamente com pessoas que não tem muitos escrúpulos. Quando se está numa posição de liderança, os inimigos buscam por quaisquer pontos fracos. E o maior ponto fraco, de qualquer pessoa que exista nesse mundo, são outras pessoas. Todos amam alguém, se importam com alguém. E embora um líder criminoso tenha a obrigação de saber defender-se, as pessoas que se ama nem sempre sabem se defender ou podem ser defendidas. Eu não podia deixar ninguém saber sobre Kodora, pois se alguém soubesse dela, se algum dos meus inimigos a conhecesse, eles a usariam. Como a usaram. E isso foi a morte dela.

— Não foi culpa sua.

— Sim, foi. Ela está morta porque eu entrei em sua vida. Eu... — Steve começou a perder o controle novamente. Como poderia...

Soojin perguntou a primeira coisa que lhe veio à cabeça, para tentar distraí-lo:

— É por isso que você sempre tentou agir de forma tão distante? Quer dizer, você fazia isso antes, hoje nem tanto. E não era apenas com a gente, quer dizer, você tem aqueles amigos na Inglaterra que te ajudaram, e que eu mal tinha ouvido falar...

— Sim, é. Amigos também podem ser usados em armadilhas. Mas chega um momento em que é impossível manter a farsa. Qualquer imbecil, depois desses dois anos, saberia que vocês são meus amigos. Céus, você tem a idade da minha irmã, Soojin, e se alguma coisa lhe acontecesse, eu moveria céus e terra para ajudá-lo ou vingá-lo, e não creio que haja um cego idiota que não veja isso. Não vale à pena tentar manter a farsa, quando ninguém acreditaria nela.

— Você tem uma irmã?

Steve percebeu o quão fora de si estava. Mas nesse momento, era ao mesmo tempo como se estivesse inteiro queimando e como se algo tivesse se congelado dentro de si. Como se só uma fração de si estivesse racional ainda, enquanto o resto estava tão mergulhado em desespero que era incapaz de pensar, incapaz de agir, incapaz de qualquer coisa. E a parte racional que lhe restava não se importava em medir palavras.

— Eu tenho, Soojin. Ela acha que estou morto. Ela foi usada em uma armadilha contra mim uma vez, quase foi morta. Eu tive que me afastar dela para protegê-la. Hoje, não uso mais o mesmo nome, nem a mesma identidade, e ninguém seria capaz de ligar-me com ela. É melhor assim.

— Você não sente a falta dela?

— É claro que sinto. Terrivelmente. Mas, no nosso negócio, todos os pontos fracos são usados contra você. Nenhum líder criminoso pode ser perfeito. Todos têm seus pontos fracos, e eu tenho vários. Sou incapaz de protegê-los como precisaria, então tento mantê-los em segredo.

— Bison não tem pontos fracos.

Aquela resposta de Soojin lhe lembrava o meninote que ele trouxera de Mriganka. E Soojin precisava saber disso algum dia. Steve nunca lhe dissera isso, preocupado com as possíveis consequências. Mas, talvez pela primeira vez em sua vida, Steve estava se lixando para as consequências :

— Bison também tem pontos fracos. Bison tem você.

— Eu sou apenas um estudante.

— Soojin, Bison não é apenas seu sensei. Ele é seu pai.

O rapaz parou, e por um instante sua face se fechou numa expressão que era exatamente a paterna. Bison tentara guardar seu segredo razoavelmente bem, mas a simples semelhança física entre seu filho e ele jogaria a verdade no ventilador. Com os anos, as feições orientais de Soojin pareciam cada vez mais se solidificar em algo muito mais próximo ao queixo quadrado e às duras feições ocidentais de Bison. Como um jovem Bison com olhos ligeiramente mais amendoados e uma cicatriz circular na face.

— Soojin, se olhe no espelho.

O rapaz olhou, quase que involuntariamente. E o que ele nunca tinha notado porque nunca tinha sonhado imaginar lhe deu um tapa na cara.

— Eu... eu.... — Steve podia ver os sentimentos conflitantes guerreando na expressão de Soojin. Se preocupar com ele lhe permitia não pensar em si mesmo.

— Mesmo que seja verdade, — Soojin finalmente conseguiu concatenar — eu não sou um ponto fraco de Bison. Ele praticamente me deixou sozinho aqui em Miami. O sensei mal falou comigo depois que me enviou para cá. Ele apenas pede que eu faça relatórios de três em três meses, e nem sempre responde.

— E minha irmã nem sabe que estou vivo. Soojin, seu pai o ama. Mas seu pai tem inimigos demais. Alguns são honrados, e não atacariam uma criança. Outros não são.

— Mas... como você pode ter tanta certeza?

— Soojin, eu já trabalhava para o seu pai quando ele decidiu me enviar para Miami. Quando ele me apresentou a você, ele lhe disse que eu era de confiança absoluta. E eu era, e sou. Ele não se preocupou em dizer como tinha conquistado essa lealdade. Ele elaborou uma complicada armadilha, depois que eu cometi o erro de me fazer notar entre os seus subordinados. Me fez pedir a demissão, me pedindo para fazer algo tão repugnante, que ia tão de encontro contra a pouca moral que tenho, que eu preferia morrer a fazer. Eu esperava que ele me matasse quando pedi a demissão, mas ele não fez isso. Ele mandou matar a minha mãe, e raptou minha irmã mais nova. Me fez voltar rastejando e implorando. Devolveu minha irmã, mas, depois disso, eu sempre soube que o resgate dela era algo que eu pagaria pelo resto da minha vida. Qualquer escorregão da minha parte, qualquer deslealdade, e ele a mataria.

Soojin apenas encarou Steve. Aquilo era mais do que ele queria saber... no entanto, agora que ouvia a verdade, não conseguia parar de ouvir.

— Quando Bison fez isso, sua desculpa era a de que fazia testes desse com quaisquer um que fosse material de oficialato, e que pretendia colocar-me para controlar Miami. Não sei como engoli uma desculpa tão fajuta. Bison não fez nada assim com seus outros oficiais, e nem nunca se preocupou em ter a lealdade absoluta de ninguém. Se

alguém é desleal, Bison simplesmente o mata. Nem mesmo Sagat, Vega ou Balrog jamais passaram por algo do gênero, e eles são os maiores oficiais que Bison tem. Bison o apresentou como seu aprendiz. Você já começava a ser um pouco parecido com ele, e acho que foi isso que fez Bison decidir-se por afastá-lo. Ele percebeu que você, que quando criança era tão parecido com sua mãe, cresceria em um homem muito parecido com ele. E se você permanecesse em Mriganka, as comparações e boatos seriam inevitáveis.

— Eu não entendo...

— Bison me testou, me levou até os meus limites para ter a minha lealdade absoluta, Soojin, porque queria me passar uma tarefa muito mais importante do que qualquer uma que jamais tenha passado para seus oficiais. Ele pretendia me deixar tomando conta de você. Ele não queria deixá-lo nas mãos de um dos oficiais normais da Shadaloo. Ele queria alguém, para começar, responsável, e alguém que usasse a cabeça, ao invés de sair batendo, pois queria alguém que não fosse colocá-lo em risco. Por isso me escolheu. E fez tudo o que podia para garantir que você estaria seguro comigo.

— Você deve odiá-lo.

— Eu odiei por muito tempo. Mas aí entendi que ele simplesmente é assim. Seu pai tem sérios problemas, Soojin, para se relacionar com as pessoas. Ele não sabe ser nada além do chefe. E não sabe se impor exceto pelo medo. Ele nunca sonharia com a possibilidade de que pudesse haver outras formas de conseguir o que queria de mim fora a que usou, muito menos se daria ao trabalho de tentar me conhecer para descobrir alguma outra dessas formas. De certa forma, tenho pena dele. Ele está em uma situação pior que eu.

Soojin e Steve ficaram um longo tempo calados. Soojin finalmente murmurou:

— Deve haver outro meio.

Steve pegou da mesa onde Soojin a deixara a carta que Kodora lhe escrevera. Amassou-a em uma bola novamente, e, com pesar no coração por ter que se desfazer até mesmo disso, atirou-a na lareira.

— Não, não há. — afirmou. E subiu para o seu quarto.



Soojin, pela primeira vez na sua vida, decidiu que agir de forma impetuosa não era a melhor coisa a fazer. Deixou Steve subir para o quarto sem tentar pedir mais explicações. Percebeu que já tinha as explicações, só precisava pensar sobre elas. Não telefonou para Bison (mas, agora que pensava sobre isso, não era provável que muitos outros na Shadaloo tivessem permissão de Bison para ligar-lhe na hora em que quisessem). Não foi até um dos outros para pedir conselho (Steve parecia precisar de privacidade agora, e os outros iriam certamente querer ver como ele estava). Não. Apenas ficou pensando e observando.

Mesmo depois, com os dias passando, não falou com ninguém. Não sabia se Steve mencionara Kodora a mais alguém. Mas ele agiu. Ele tinha dito que não iria atrás do líder Illuminati a menos que fosse provocado, mas a provocação tinha sido a maior de sua vida. Assim que a polícia se desinteressou do caso de Kodora, declarando a morte um suicídio, Steve mandou capturar toda a equipe responsável pela operação de prostituição naquela área. Todos os que, de alguma possível forma, poderiam ter tido acesso a um pedido de Steve por telefone. Torturou pessoalmente cada um deles, deixando os restos para o jantar de Tony, que não precisou se preocupar em caçar por mais de dois meses. Conseguiu algumas poucas pistas.

E o pior dessas pistas, é que não lhe entregavam dados o suficiente. Soojin viu Steve desabar um segundo dia, porque ele sabia que quem tinha mandado a morte de Kodora era o líder dos Illuminati, porém, com o que tinha conseguido, não poderia SABER disso. E se demonstrasse que sabia, jogaria a morte de Kodora fora. Ela morreria para não deixá-lo cair em uma armadilha. Agora, a necessidade de vingar sua morte poderia fazer com que Steve chegasse na mesma armadilha, se ele mostrasse saber demais.

Mas foi quando fez as contas e percebeu que Steve mandara matar mais pessoas nos últimos dois meses do que o fizera por todo o tempo que permanecera como líder em Miami, mesmo contando com as mortes das duas guerras que travara, que Soojin percebeu que definitivamente precisava fazer alguma coisa.

A única idéia que tinha, porém, era talvez um pouco louca demais. Mas conseguiu reunir coragem para ela, finalmente.

Então, em um sábado em que ficara sozinho em casa, depois de certificar-se que realmente não havia ninguém em casa exceto Tony que dormia profundamente no torpor diurno vampírico, telefonou para Bison.

Bison atendeu a ligação no segundo toque, apesar de ser onze horas da manhã em Miami, o que queria dizer que eram três da madrugada em Mriganka. Cumprimentou-o sem sequer mencionar o horário, como se fosse a coisa mais natural. Na verdade, apenas lhe perguntou, embora seu tom fosse o usual tom sério e suas palavras formais, chamando-o de soldado, se algo havia acontecido para que ele decidisse fazer o relatório trimestral mais cedo.

Steve estava certo, Soojin admitiu.

— Na verdade sim, pai. Preciso que você me chame para Mriganka.

A ligação ficou silenciosa por tanto tempo que Soojin se perguntou se Steve estava errado no final das contas.

— Farei um pedido formal assim que as secretárias acordarem. — Bison respondeu finalmente.

Quando o pedido chegou na mesa de Jake, um e.mail enviado por uma pobre secretária no que para ela seriam três e quarenta e cinco da manhã, Soojin teve certeza de que não, realmente Steve estava certo.

Jake, que tinha acabado de chegar em casa, chamou Soojin preocupado. Para todos os outros integrantes da Shadaloo, Soojin se deu conta, uma ordem mandando que se dirigissem a Mriganka urgentemente era má notícia. Jake espalhara a notícia, e foi como se um furacão tivesse passado. Uma reunião geral espontânea aconteceu, Ned cumprimentou-o como se fosse ir ao seu velório amanhã. Steve foi o último a chegar, mas ao contrário dos outros, não ficou surpreso. Apenas meio que deu de ombros e mandou Jake comprar as passagens necessárias.

"Ele sabe que fui chamado porque disse a Bison que sei que ele é meu pai." — pensou Soojin, tentando manter sua coragem. — "Mas ele não sabe do resto do plano. Não tem como saber. E se soubesse, ele me pararia. E ele simplesmente aceitou que estou indo para Mriganka. Está tudo bem ainda."

Quando o comissário de bordo anunciou que estavam pousando em Mriganka, Soojin percebeu que agora era inevitável. A sensação lhe trouxe energia nova. Era sempre melhor em agir que em pensar, e agora o tempo de pensar passara.

Um olhar no seu reflexo no vidro da janela o fez lembrar-se que seu pai tivera bons motivos para tirá-lo de Mriganka. Pessoas que viam Bison todos os dias fatalmente reconheceriam aquela versão mais nova dele em seu rosto. Portanto, não pisou em Mriganka com seu próprio rosto. Um uso sub-reptício de Ler Drit fazia com que todos os que olhassem para ele vissem um rosto diferente, mais oriental. Seria incapaz de enganar câmeras, mas não acreditava que houvesse nenhuma voltada para ele.

Um soldado lhe entregou ordens para apresentar-se a Bison pessoalmente, assim que chegasse. Estava esperando com um carro, para levar-lhe o mais rápido possível ao palácio do Governo. Soojin deixou-se levar. O soldado era solícito como se estivesse tratando com um morto, o que o divertia.

Não precisava de guias para os corredores do palácio, portanto dispensou o soldado, que o olhou agradecido e sumiu. Seguiu para uma das salas de audiência secundárias, a única sem monitoramento no palácio. Bison sempre usava aquela sala quando precisava de privacidade.

E realmente, era ali que ele estava. Ao vê-lo chegar, Bison ordenou que todos os atendentes presentes na sala saíssem, e disse que não queria ser perturbado. Os empregados saíram como baratas que ouvem uma chinelada.

Sozinho com Bison, Soojin deixou cair a ilusão que colocara sobre seu rosto. Duvidava que ela tivesse afetado seu pai, de qualquer forma.

— Vejo que manteve seus treinos. — Bison afirmou, mostrando que havia sido afetado e vira a ilusão. Soojin admirou-se.

— Tonto não me esquecer do que você me ensinou, sensei. — Soojin curvou-se, cumprimentando-o.

— Você... cresceu. — Bison afirmou, se abstendo de comentar sobre a semelhança óbvia. Soojin sorriu. Bison pareceu quase estremecer, por um momento, mas o seu semblante voltou ao normal severo em meros segundos.

— Então, soldado, por que requisitou essa audiência?

— Meus últimos relatórios foram... inacurados. Eu omiti alguns detalhes cruciais, porém delicados. Creio que seja melhor relatar esses detalhes pessoalmente.

— Você não deveria enviar relatórios inacurados. Mas irei perdoar essa falha. Dessa vez. Relate, então, o que tem a dizer.

Soojin explicou a seu pai o que estava acontecendo. Desde o vídeo enviado a Steve por Robert, até a intervenção de Vega, sobre Guile e como ele jogara as suspeitas dele sobre o espanhol, sobre como haviam decidido esperar, sobre o que Steve lhes contara e pedira, sobre Kodora e sua morte, sobre o como ela afetara Steve. Mencionou apenas levemente outros assuntos, com uma única frase: "No dia da morte de Kodora, Steve estava tão transtornado que me fez confissões sobre assuntos pessoais que mantivera segredo desde então."

Bison escutou atentamente. Quando Soojin terminou, perguntou:

— Você quer a cabeça de Vega?

— Posso pensar em presentes de natal melhores. — Soojin sorriu. O canto da boca de Bison estremeceu. — Não há porque matar Vega. No final, ele traiu aos Illuminati, não à Shadaloo, e creio que será mais cauteloso com as ordens que recebe daqui para frente. Além disso, ele parece estar se sentindo culpado, enviou mil soldados da Europa para a reconquista de Miami a um mero pedido de Steve. Ele vai ser punido mais eficazmente permanecendo vivo com a sua consciência, que morto.

— E, mencionando isso, quão perigosa é a situação de Steve? Ele ainda é leal?

Soojin engoliu em seco, e respondeu rápido.

— Mantê-lo vivo seria um presente de natal bem melhor. — dessa vez ele tinha certeza, o canto do lábio de Bison quase se contorceu em um sorriso. — Steve é leal à organização. Ele está abalado com os últimos acontecimentos, mas não creio que a situação seja permanente. E gostaria de sugerir um curso de ação quanto a isso.

— Diga logo, soldado.

— Eu gostaria de lhe pedir que você me fornecesse o paradeiro da irmã de Steve. Eu creio que ela seja capaz de retirá-lo do seu estado de fúria. Além disso, ela seria um óbvio próximo alvo para o líder dos Illuminati, porém eu pretendo vigiá-la pessoalmente. Dessa vez, a armadilha será para os Illuminati, não para Steve.

— A organização vale esse trabalho?

— Desmascarar esse líder vale. Ele é uma criatura perigosa, já esteve no limiar de destruir o mundo uma vez. Mesmo que o relatório da polícia tenha dito que havia apenas soro fisiológico na seringa que usaram em Kodora, mesmo que haja a possibilidade de que realmente todas as amostras do vírus tenham sido destruídas, não podemos permitir que um homem desses permaneça no poder de sua organização. Uma ameaça dessas ao mundo é também uma ameaça à Shadaloo.

— Muito bem. Você tem permissão de prosseguir com seu plano, soldado. A irmã de Steve, Mina Lee Huang é atualmente estudante no dojo de ninjutsu de Vega, na Espanha. Transporte será colocado à sua disposição.

— Obrigado. — Soojin curvou-se. — Espero que o plano A prossiga em sucesso. — disse, à guisa de despedida, para seu pai.

— Caso o plano A encontre sobressaltos, o plano B segue satisfatoriamente. — Bison respondeu, e dessa vez, suas feições tinham tomado o formato desacostumado de um sorriso.

Soojin assentiu, e deixou a sala, colocando novamente a ilusão sobre seu rosto. Bison chamou novamente seus atendentes. Ao invés de ir imediatamente para a Espanha, Soojin preferiu permanecer em Mriganka pelo fim de semana e descansar. Tinha já enfrentado vinte e quatro horas em um avião, afinal e não estava ansioso pelas próximas. Mesmo exausto, acordou no meio da noite, certo de que havia alguém no seu quarto. Quando acendeu a luz, porém, não havia ninguém, e nem janelas nem portas estavam abertas. Se alguém tivesse entrado e saído do quarto, teria que ter se teleportado para fora...



Soojin nunca estivera na Espanha antes, e se sentiu perdido por alguns minutos ao chegar no aeroporto de Pamplona. Um guia veio encontrá-lo, se apresentando como José Cuervo, com ordens de guiá-lo até a propriedade do "señor Fábio La Cerda". Antes de se lembrar que esse era o verdadeiro nome de Vega, Soojin quase recusou a ajuda.

Entretanto, algo no guia o deixou de sobreaviso. Talvez Cuervo fosse realmente um sobrenome espanhol comum, mas um guia com nome de tequila e com vestimentas tradicionais e espalhafatosas... bem, ele não podia realmente dizer que aquilo não parecia do feitio da Shadaloo, mas certamente se parecia com uma armadilha.

Soojin sabia que o dojo de Vega ficava em Larrainzar, uma cidadezinha espanhola conhecida por sua vinharia e, é por isso. Antes de sair de Mriganka, tinha conferido o caminho, acreditando que precisaria seguir sozinho. Um burocrata solícito havia lhe impresso um mapa rodoviário com o caminho, iniciando-o a partir de Pamplona. Deveria tomar a estrada N-121A, depois a NA-4230, e então a NA-4161. Essa o levaria ao centro da cidadezinha de Larrainzar, e então, deveria seguir pela Calle de San Pedro até uma rotatória, onde deveria pegar uma rua sem nome, na primeira saída, a qual o levaria por entre florestas até o dojo em que Vega ensinava, a alguns endinheirados filhos de aristocratas e alguns estudantes escolhidos a dedo, sua versão particular do ninjutsu e da tourada.

Sabendo disso, Soojin prestou atenção no caminho pelo qual o guia o levava em seu velho Picanto. Quando deixaram a rodovia principal por uma chamada Ctra de Arraitz, Soojin perguntou ao guia, e esse, rindo, lhe informou que as estradas eram conhecidas pelos nomes, não pelos números. Deixariam a Ctra de Arraitz pela Ctra de Larrainzar, ele disse. Soojin se acalmou.

O caminho parecia ser o que deveriam seguir... da estrada menor, foram para uma ainda menor, passaram pelo centro de uma vila de aspecto medieval, e, em uma rotatória, tomaram a primeira saída para se dirigirem a uma bela estrada cercada por floresta. Soojin quase deixou a guarda baixar.

Então, o carro começou a fazer um estranho barulho, e José disse que precisava estacionar para descobrir o que estava acontecendo. Soojin se colocou em guarda novamente. Tinham já andado por cerca de vinte minutos de carro pela estrada dentro da floresta, portanto, a cidade estava a pelo menos uma hora andando à pé. Provavelmente (se estavam no lugar certo) o dojo de Vega estava mais próximo.

José abriu o capô, e começou a mexer no carro. Infelizmente, Soojin nada conhecia de mecânica para saber se era verdadeira ou não a afirmação de que o carro estava com defeito. Uma garota de feições orientais, com seus longos cabelos pintados de cor de rosa, em um vestido florido e dirigindo uma bicicleta lilás com cravos vermelhos enfeitando a cesta passou por eles, vinda do outro extremo da estrada, e parou:

— Tudo bem, Cuervo? — ela perguntou, em espanhol.

— O carro quebrou de novo. — José respondeu, com trejeitos exagerados, como se fosse uma tragédia. — E logo agora que eu estava levando o visitante do señor Fábio!

— Eu peço ao Francisco para subir aqui e dar uma olhada. — a menina respondeu. Notando que Soojin a observava atentamente, ainda esperando a armadilha, ela

sorriu e acenou. Quando ele não respondeu ela tirou um dos cravos de sua cesta e o jogou para ele.

— Para não ser tão sério. — ela sorriu, e começou novamente a descer pela estrada.

Ela já estava fora de vista, quando Soojin ouviu o barulho do helicóptero. Como estava já de sobreaviso, conseguiu se teleportar para fora da área da primeira rajada. José, a cabeça debaixo do capô, não teve tanta sorte.

Um tiro que passou zunindo ao lado da sua orelha o fez perceber que não era apenas um helicóptero. Dois, quatro... seis?! Permaneciam no ar, varrendo a estrada e a floresta com tiros, se mantendo longe de seus golpes. Ou, pelo menos, longe demais para que ele os atingisse se lutasse algo comum.

Não tentou voar e se tornar um alvo fácil. Não estavam sendo esportivos, portanto ele não precisava ser esportivo. Tomou a mente de um dos pilotos, e fez seu helicóptero chocar-se com um dos outros. O esforço, porém, o fez distrair-se por um segundo, e descobriu que seus inimigos também tinham bazucas. Teleportou-se para fora da explosão, mas não conseguiu desviar-se de todo o seu efeito. Seus ouvidos zunindo tornavam difícil concentrar-se, tomar a mente de mais um piloto para fazê-lo matar-se e matar. Ainda assim, tinha quatro inimigos voando.

Subiu com um Psycho Crusher. Sabia que não era uma boa idéia, que se tornaria um alvo fácil, mas viu uma oportunidade, em um momento em que dois helicópteros ficaram alinhados. A força do golpe jogou um helicóptero contra o outro, como ele pretendia. Desviou-se da explosão teleportando-se para dentro de um dos dois helicópteros que restavam.

Com um golpe, matou o sujeito segurando a arma, enquanto pensava no que fazer com o piloto. Então o tiro atingiu-lhe as costas. Errara ao acreditar que não atirariam do outro helicóptero para dentro do helicóptero em que estava. Criou um escudo para se proteger, mas a explosão dessa vez fora perto demais.

— Ele está morto, não está? — perguntou, em inglês, um dos tripulantes do helicóptero, para o corajoso que se aproximara da explosão. — Eu sei que atingi as costas dele. Com uma bazuca. Nada humano poderia sobreviver a um tiro de bazuca pelas costas.

— Céus! Ele está respirando ainda!

— Algum dos nossos está vivo? — perguntou o piloto.

— Não. Eles eram gente. — o tripulante corajoso afirmou, cutucando Soojin com o pé. — Isto aqui, isto aqui não é gente. Não é humano. É algum tipo de monstro.

— Nós devíamos matá-lo.

— As ordens são injetarmos o conteúdo da seringa, deixarmos o recado e deixá-lo vivo. Nossos superiores nos Illuminati sabem o que estão fazendo. Eles nos mandaram em seis equipes, trazendo bazucas para uma missão de captura viva, e vocês acharam que as ordens eram malucas! E vejam só? Só sobramos nós três e o filho da puta resistiu a um tiro de bazuca a queima-roupa. Eu digo que vamos cumprir as ordens.

— E eu digo... urgh! — o piloto caiu. O tripulante corajoso ergueu a arma, já desesperado, e viu a cabeça do seu segundo companheiro cair de seu corpo... sem que nada ou ninguém tivesse parecido cortá-la. E então sentiu a força de um cesto de bicicleta batendo sem dó nem piedade em sua nuca, espalhando cravos vermelhos pelo chão.



Soojin acordou, e a primeira coisa que percebeu foi que seu corpo não doía tanto como ele esperava. Não que não doesse. Mas não estava doendo tanto assim. Na verdade, a posição em que estava é que era incômoda. Estava de costas para cima, com a cara enfiada em um travesseiro de plumas de ganso, que lhe dava vontade de espirrar.

Apesar da falta de dor, sabia que estava queimado pois sentia o cheiro de churrasco vindo de si mesmo. Decidiu, naquele mesmo instante, se tornar vegetariano.

Tentou mover pés, mãos, dedos e olhar para seus próprios braços. Seu escudo tinha funcionado, mesmo que tardiamente. Seus ferimentos não deviam ser tão graves assim, tudo se movia como deveria. Tentou virar-se, mas sentiu uma mão pousar delicadamente em seu ombro para pará-lo.

— Você não deveria ficar dançando na cama, forasteiro. — disse uma voz feminina. — Você está com queimaduras de terceiro grau. Ah, e você fraturou o cóccix. Mas considerando o que causou as queimaduras, você está bastante bem. O seu estado é bastante impressionante, considerando que você tomou um tiro de bazuca a queima-roupa.

— Eu...

— Você está no dojo de Fábio La Cerda. Não posso lhe provar isso agora, pois ele não está aqui. Quando enviaram notícias sobre a sua vinda, as ordens de Mriganka eram de que ele não seria necessário para recebê-lo, portanto podia continuar em sua missão no Uruguai. É claro que depois deste ataque ele está vindo o mais rápido possível, porém o voo demora pelo menos doze horas. Você ficou desacordado por apenas duas.

— Ah.

— Se estiver sentindo algo grudento, é a pomada que o médico utilizou. As coisas frias são compressas. Se não estiver sentindo nada, é porque parte dos nervos da sua pele foram afetados, pelo que o médico disse. Mas a coluna vertebral não foi, e apenas parte dos músculos glúteos. Segundo o médico, você deve ficar bem, e seus movimentos não vão ser afetados. Mas vai precisar usar sempre samba-canções, e nunca sungas.

Quando ela mencionou roupas, Soojin se deu conta de que estava completamente nu. Além disso, a sua posição incômoda não lhe permitia ver com quem estava falando. E até que Vega viesse, ele não poderia ter certeza de que realmente estava em seu dojo. Mas podia pelo menos descobrir uma coisa:

— Quem é você?

— Meu nome é Mina, prazer. — a garota se moveu, entrando em seu campo de visão. Era a garota da bicicleta. Ela sorriu:

— Eu sei que você deve estar detestando isso. Ninguém gosta de ser ferido, e é pior ainda ser ferido em regiões como essa, e estar nu perto de uma pessoa do sexo oposto sem ter escolhido fazer isso é sempre, no mínimo, desconcertante. Mas o médico precisou tirar as suas roupas para examiná-lo, e recomendou que por enquanto você ficasse apenas com as compressas sobre seu ferimento. Eu poderia ter pedido para um dos rapazes vir aqui e esperar você acordar, mas no momento, os únicos homens que estão no dojo são das turmas pagas, e, acredite, eles seriam bem piores do que eu. Eles já se julgam melhores do que todo o resto da terra, se vissem alguém com o bumbum queimado como você, iriam infernizá-lo com piadinhas até que você não agüentasse mais e tivesse que matá-los, e isso iria dar um trabalho danado ao sensei para explicar o que aconteceu aos pais deles.

— Mina? Qual o seu sobrenome?

— Mina Lee Huang.

— Eu vim aqui procurar por você.

— Ah. Olá, prazer então. Você me encontrou. Senhor?

— Soojin. Olha, eu não sei como dizer isso, você talvez não acredite em mim, mas o seu irmão... bem, eu sei que lhe disseram faz muito tempo que ele morreu, mas ele...

— Não está morto. Eu sei.

Soojin parou. Ele esperava que ela não acreditasse a princípio, ficasse maravilhada e emocionada depois. Um simples "eu sei" não era uma reação que...

— Oi, olha, eu sei, você provavelmente tem boa intenção, Soojin. Mas... — Mina suspirou. — Meu irmão é um criminoso. É de família, meu pai também era. Mas meu irmão era muito melhor que meu pai. Enquanto papai só conseguiu matar a si mesmo, meu irmão ficou importante o suficiente para que tentassem atacá-lo por meio de sua família. Seu próprio chefe, Bison, fez isso. Para dar uma lição de lealdade ao meu irmão, ele mandou matar minha mãe e me seqüestrar. Matar a minha mãe cruelmente, torturada de modo que ela sofresse cada minuto, cada hora de sua morte, para deixar bem claro o quanto ele podia ser mau. E me seqüestrar, porque se Bison tivesse mandado matar nós duas, bem... meu irmão então não teria motivo para ajudá-lo ou ser leal. Ele teria apenas motivos para querer vingança.

Mina sentou-se ao pé da cama, de modo que seu rosto ficasse à mesma altura dos olhos de Soojin.

— Se o plano de Bison tivesse falhado, eu teria morrido como a minha mãe. Mas ao invés disso, depois de passar algum tempo em uma cela, eu fui gentilmente escoltada para fora de Mriganka. Me deram a notícia de que meu irmão estava morto, de que um de seus velhos amigos iria me adotar. Eu sabia o que isso queria dizer. Meu irmão não morreu. Meu irmão cedeu. Ele aceitou a chantagem de Bison, e tentou fazer o melhor que podia para me manter segura. E o mais seguro a fazer, se ele tinha chego ao estágio em que as pessoas pensavam em me atacar para atingi-lo, era me manter afastada. Eu teria que ser mais burra que os estudantes pagos para não perceber isso.

— Oh. Eu achava que...

— Que eu não soubesse? Que eu tinha acreditado? Soojin, por que você acha que eu estou aqui?

— Ahmn?

— Quando seus parentes são importantes o suficiente para que as pessoas tentem prejudicar você porque você é o ponto fraco deles, existem duas coisas que se pode fazer.

— Duas?

— Sim. A primeira, é fingir que não se existe. É o que o meu irmão tentou fazer, dizendo que tinha morrido, se mantendo afastado de mim. Essa maneira funciona, mas pode falhar miseravelmente, se alguém descobrir o segredo. Além disso, essa maneira dói. Ficar afastado de todos que se ama é doloroso ao extremo. E impraticável a longo prazo. Seres humanos precisam de companhia, por isso, sempre inventam de amar mais alguém.

— É...

— A segunda maneira é muito simples: eu não vou ser uma menininha seqüestrável. Se querem me prejudicar, eu vou aprender a me defender. Sem a ajuda do papai, sem a ajuda do Kim, sem a ajuda de Huang. Se um dia tentarem me colocar numa cela novamente, se um dia tentarem me ferir, talvez até consigam, mas vão pagar uma conta de sangue antes de fazer isso.

— Por isso você escolheu o ninjutsu?

— Eu sou uma menina. Não sou especialmente forte e nunca vou ser forte como um homem, é uma questão biológica. A menos que eu quisesse tomar hormônios, mas... urgh. Também não gosto de dor, portanto, não sou fã dos estilos de luta que se baseiam em apanhar. Mas sou ágil e rápida, e é isso que preciso no ninjutsu. Além disso, sempre vale à pena aprender com um dos melhores professores, e o melhor praticante de ninjutsu hoje em dia, a pessoa que não só vence torneios como também que modificou o estilo e modernizou-o para torná-lo mais ágil e mortal, bem, é o Fábio. E eu tinha um jeito fácil de conseguir que o Fábio me ensinasse. Assim sendo...

— Jeito fácil?

— Bison mandou matar mamãe, e mandou me seqüestrar. Mas foi Fábio quem foi executar as ordens. Ele já era um amigo de Kim. Entrou pela porta da frente, como convidado e amigo. Mamãe lhe serviu jantar, sentamos para tomar chá. Ele teve a decência de esperar o final do chá para atacar, admito. E estava cumprindo ordens, e todo criminoso sabe que ordens são ordens. Mas ainda assim, foi um ataque à traição. Fábio faz toda essa pose de maluco, de assassino psicopata, mas isso é só um escudo para que as pessoas achem que ele não se importa com ninguém. Para ele mesmo acreditar que não se importa com ninguém, pois depois de ver seu pai matar a sua mãe ele nunca mais admitiu para si mesmo que podia ser humano. Só que ele se importa. E sente culpa. Então, eu fiz chantagem emocional. E ele caiu como um patinho. Enquanto os filhinhos de papai pagam fortunas para estudar com ele, eu consegui as minhas aulas e estadia aqui de graça.

— Ele matou sua mãe, seqüestrou você e... e você está satisfeita em aprender luta com ele?

— Ele é bom. — Mina deu de ombros. — E o que você queria que eu fizesse? Fosse atrás de vingança?

— Seria a atitude normal.

— Seria uma atitude idiota. Eu era uma garotinha seqüestrável. As minhas chances de conseguir vingança seriam quase nulas. Claro, eu podia procurar alguém com a minha história, talvez a Chun-li, pedir aulas a ela, tentar me preparar para matar o Bison e Vega, pegar a senha e esperar uns quinze anos na fila e... e aí? Papai era um assassino, maninho é um torturador, e eu amo os dois, e sei que não tenho exatamente o patamar moral necessário para condenar Bison e Vega por serem o que são. Consigo entender porque Vega fez o que fez, afinal, fui criada em uma família de criminosos. Provavelmente conseguiria entender até Bison, se soubesse o que se passa na cabeça dele. Poderia colocar o Kim em risco se tentasse procurar vingança, sem falar que teria boas chances de matar Huang e sua família, e prejudicar vários outros. E para quê?

— Quem é Kim? Você já falou esse nome duas vezes, mas...

— Meu irmão. Talvez você o conheça por Steve.

— Steve não se chama Steve?

— Quantos coreanos você conhece que se chamam Steve?

— Ahmn...tá, ok. Mas... tipo... o que você está conversando comigo... não deveria ser segredo?

— Claro que é. Mas você já sabia tudo isso.

— Não, eu não sabia a parte do Vega. Mas como você pode saber que eu sabia?

Mina sorriu:

— Você é filho de Bison.

Soojin fechou a cara.

— Como você pode saber disso?

— Primeiro, — Mina abriu mais o sorriso, e mostrou um dedo — você é a cara dele. Segundo, — ela mostrou o segundo dedo — você conhece Ler Drit, e Bison não costuma ensinar o estilo que ele criou, mas aposto que ensinaria o seu estilo ao seu próprio filho. E terceiro, — ela usou o terceiro dedo para dar um peteleco leve no nariz de Soojin — você acaba de me confirmar.

— Eu...

— Você realmente se parece para caramba com seu pai. Mas conhece o Kim... bem, conhece o Steve. Deve se importar com ele, para ter vindo até aqui para falar comigo e me dizer que ele não está morto.

— Eu me importo. Ele... bem, ele meio que me criou, desde que fiz onze anos. Praticamente um pai adotivo. E foi ele quem me contou que Bison era meu pai.

— Você não sabia?

— Você provavelmente vai me achar um idiota, mas não, eu não sabia.

— Eu não acho que você é um idiota. Eu acho que mentiram pra você desde muito cedo. É o que Bison teria que fazer, para manter vivo um filho. Tem gente demais que quer se vingar dele, e nem todo mundo se importaria com a ética de matar uma criança para se vingar do pai. E crianças não mantêm segredos.

— E eu consigo? Você descobriu o meu segredo em, o quê, duas horas?

— Bem, a sua cara não te ajuda. Mas não importa. Você não precisa mais manter segredo.

— Não?

— Soojin, hoje, tentaram te tornar a menininha seqüestrável. Os Illuminati mandaram seis helicópteros com soldados armados de metralhadora e bazucas para capturá-lo. Seis helicópteros militares. Com soldados armados. Metralhadoras e BAZUCAS. E eles perderam. Ah, claro, tinham sobrado três quando você caiu. Mas eram helicópteros, metralhadoras e BAZUCAS. Te deram um tiro de bazuca à queima roupa, e você ficou... queimado. E quebrou o cóccix. Você tem noção do quanto você é perigoso? Talvez seja mais fácil para os inimigos de Bison tentarem matar o Bison, porque você é capaz de comê-los no café da manhã.

— É, mas eu ainda estou aqui, na cama, com uma ferida num lugar constrangedor. E precisei ser resgatado.

— Bem, eu estava ali para matar os três que restavam, não estava? Ninguém é invulnerável. Até Aquiles tinha o seu calcanhar. As coisas não vão sempre dar certo. Mas você sempre pode dificultar as coisas para os seus inimigos, e ah como você dificultou as coisas lá na estrada.

Mina se inclinou um pouco mais perto de Soojin, quase murmurando:

— Ainda assim... bem, se você veio aqui me procurar... podemos chegar logo ao assunto? Por quê você quer que eu volte, diga ao meu irmão que sei que ele não está morto e o faça ter um colapso nervoso se preocupando comigo?

— Como você sabe que...

— Senão você não estaria aqui, duh.

— Eu... você parece muito com o seu irmão sabia?

— Obrigada. Mas por favor, me diga logo o que aconteceu com o meu irmão?

— Por quê você acha que aconteceu algo ao seu irmão?

— Porque você está aqui, veio de sabe-se lá deus onde me procurar, e não foi por causa dos meus belos olhos.

Soojin assentiu. Estava começando a gostar daquela menina:

— Você está certa. Vou lhe contar o que aconteceu. — contou-lhe tudo, começando pela carta de Robert, chegando até a morte de Kodora e como ela afetara Steve. Estava se sentindo estranho de contar tantos segredos tantas vezes, mas o ouvido atento de Mina e sua cara de preocupação o fez acreditar que estava fazendo a coisa certa. Admitiu a ela que pretendia usá-la de isca para os Illuminati, mas prometeu-lhe que guardaria as suas costas como se ela fosse a sua própria irmã. Isso a fez dar risada.

— Por que o riso? — ele se ofendeu.

— Você não percebeu? Você foi a isca para os Illuminati, Soojin. Agora entendi para quem te atacaram. Eles não queriam atingir Bison, queriam atingir Steve. Tem alguma coisa a ver com injeções, como fizeram com Kodora. E eu mantive o que parecia saber o que estava fazendo vivo, para interrogatórios.

— Mantive?

— Claro. O palhaço já citou os Illuminati, portanto sabe deles. E eu tenho certeza que meu irmão vai fazê-lo cantar como um passarinho. Mas é melhor esperar você se recuperar dos ferimentos antes de irmos para Miami.

— Você vai comigo?

— Claro. Você não precisa mais de uma isca para os Illuminati, mas você tem razão. Meu irmão precisa de alguma coisa para fazê-lo voltar ao normal, e eu posso fazer isso.



Steve estava começando a se preocupar. Uma ordem urgente para ir a Mriganka, se dirigida a Soojin, não significava nada de perigoso. Mas que depois de cinco meses Soojin não tivesse ainda dado notícias...

Além disso, o tempo, apesar de não terem sido suficiente para dissipar seu pesar, fora suficiente para diminuir sua fúria. Olhando para os últimos meses, Steve percebia o quanto se descontrolara. E quantas pessoas haviam sofrido por causa disso. Algumas tinham merecido, mas muitas não. E fora absolutamente desnecessário. Inútil.

Não descobrira nada que já não soubesse. Pior, não descobrira nada que pudesse justificar o que já sabia, sem incriminar Vega. Steve queria vingança, mas não ao ponto de arriscar um amigo por ela.

Sentia-se de mãos atadas. E para piorar, Soojin não enviava notícias, e Steve não conseguira nenhuma informação de Mriganka. Não podia perguntar a Bison diretamente o que tinha acontecido ao garoto, embora estivesse começando a cogitar essa idéia.

Embora os negócios não estivessem sofrendo com o estado de espírito de seu chefe (Steve não se descontrolara o suficiente para permitir isso. Ele sabia quanta liberdade tinha dentro da Shadaloo), seus subordinados estavam. Steve não tratava ninguém mal, mas sua equipe se importava com ele. Além disso, Steve não comentara com eles sobre Kodora, o que fazia suas ações serem ainda mais enigmáticas.

Por isso, quando Soojin telefonou para Dave, pedindo que ele o buscasse no aeroporto, mas não contasse nada a Steve por enquanto, Dave fez o que qualquer um (menos Soojin), esperaria:

— Chefe, o moleque finalmente deu notícias. Quer que eu o pegue no aeroporto às oito. Ah, mas é segredo. Você não pode ficar sabendo.

Steve sorriu, com a primeira boa notícia do ano. Então Soojin estava bem, e não dava notícias porque tinha aprontado alguma. Mas o que ele faria que...

Oh.

— Tudo bem. Traga-o direto para cá, certo? Ele e sua convidada.

— Uh... ok, chefe.

Steve deixou a fúria chegar e dissipar-se, e então foi ordenar às empregadas que arrumassem o quarto de Soojin, e um dos quartos de visitante. Olhou por alguns momentos para o quarto, e então sorriu para si mesmo. Saiu para fazer compras.

Voltou com uma caixa dos chocolates favoritos de Mina, três gigantescos arranjos de flores, um cachorro de pelúcia que era igual ao que ela tinha quando pequena e que Steve sabia que Vega destruíra, uma boneca de um modelo do qual Mina talvez não se lembrasse, mas ele jamais esqueceria e um conjunto de colar, brincos, anel e pulseira de alexandritas, uma pedra da qual Mina ouvira a história quando pequena e sobre a qual ficara incrivelmente curiosa, apesar de nunca ter visto uma, afinal, como podia uma pedra ser verde durante o dia e cor de rosa à noite?

É claro que isso seria notado, mas não havia mais como não ser notado, de qualquer forma. E Steve devia uns bons sete anos de presentes de aniversário à sua irmã.



Soojin desceu do carro cautelosamente. Mina riu:

— Você enfrenta helicópteros e bazucas, mas tem medo do Kim?

— Steve vai ficar furioso comigo. — Soojin gemeu.

— Não, não vai. — Mina desceu do carro. — Obrigada... Dave, né?

— Isso. — Dave estava rindo por dentro. Steve adivinhara que Soojin traria companhia feminina, e Dave só podia imaginar o que o moleque teria aprontado com aquele pedaço de mau caminho durante cinco meses sem dar notícias. Ainda assim, parecia que ele tinha feito algo a trabalho, pois Steve não adivinhara sobre o conteúdo do portamalas.

Soojin arrastava os passos. Agora que era inevitável contar sobre seu plano, ele estava aterrorizado. Steve iria lhe comer o fígado.

Passou a porta rezando para que ele não estivesse em casa ainda, para ter mais alguns minutos para tentar pensar em uma desculpa que não conseguira arrumar em cinco meses. Mas Steve estava na sala, tranquilamente lendo um livro. Com Mina do seu lado e nenhuma possível desculpa na língua, Soojin empacou, congelado.

Steve sorriu:

— Da próxima vez que desaparecer por meses, por favor, dê notícias. — deixou o livro do lado e levantou-se. — O jantar está na mesa. Temos bulgogi.

— Meu favorito. — Mina sorriu.

— Eu sei. — Steve respondeu, fitando a irmã. — Seu cabelo está cor de rosa.

— Você está com cara de executivo. — Mina retrucou. — Muito mais sério do que deveria. — pulou no pescoço do irmão, em um abraço apertado. — Soojin me disse que alguém precisava vir aqui impedir que você tenha um ataque cardíaco antes dos quarenta.

— Eu não... — Soojin tentou desculpar-se.

— Shhhh... — Steve sussurrou, ainda abraçando sua irmã, mas se dirigindo a Soojin. — Está tudo bem. O que está feito está feito. Mas você, — Steve olhou para Mina tentando fazer cara de sério — você sabe que está se arriscando, não sabe?

— Eu não sou mais uma menininha inocente, maninho. Treinei ninjutsu com Fábio por esses últimos sete anos. E ele diz que sou a melhor aluna que ele já teve.

— Fábio? Estou com medo dos duplos sentidos possíveis na sua frase.

— Ná. Ele é muito velho para mim. E convenhamos... puxa, maninho, sei que você não chegou a me ver adolescente, por culpa exclusiva sua, devo acrescentar, mas... olha, eu gosto de homens.

— Eu não me lembrava de você ser tão venenosa.

— Eu cresci. — Mina sorriu.

— Preparei para você o segundo quarto à direita, a partir da escada.

— Eh. Quando você descobriu o plano dele?

— Hoje.

— Lhe contaram que ele pediu carona a partir do aeroporto?

— Claro.

— Eu sabia. — Mina riu, soltando Steve e começando a subir a escada. — Vou para o meu quarto fazer coisas de menina e já volto para o jantar, então.

— Hey! — Soojin olhou bravo para Dave. Dave riu:

— Não prefere ter chego quando o chefe já estava de bom humor de novo?
— É...
— Por sinal, chefe... — Dave acrescentou. — Só para confirmar... essa é sua irmã?
— Minha irmã mais nova. — Steve sorriu.
— Eu não sabia que você tinha irmãs.
— Só essa.
Mina, descobrindo os presentes no quarto, voltou, o conjunto de alexandrita em suas mãos:
— Céus, maninho...
— Eu estava lhe devendo alguns presentes de aniversário.
— Mas... alexandritas... elas são mais caras que diamantes...
— Eu ganho bem. E você tem que ter alguma vantagem em ser parente de criminosos, não?
— Eu... você é louco. — Steve notou que apesar das jóias estarem em suas mãos, Mina tinha colocado a boneca no bolso de seu vestido.
— Claro que sou.
Mina riu, e, colocando o colar que segurava, desceu a escada pelo corrimão.
— Trouxe um presente para você também. Está no porta-malas. Mas você só vai ver depois do jantar.
— Está bem.
— Humpft! Está bem? Você não vai ficar nem curioso?
— Adianta?
— Sem graça!

O jantar correu com Mina provocando Steve, Dave usando força de vontade para tentar não dizer nenhuma das bobagens que lhe vinham à mente para a irmã do chefe e Soojin aliviado. Além de Steve não ter ficado furioso, o seu plano parecia estar funcionando. Não se lembrava da última vez que vira o chefe rir assim.

E por fim, chegou o momento de entregar a Steve o presente que haviam trazido.

— Mina diz que eu fui a garotinha seqüestrável. — brincou Soojin, abrindo o porta-malas. — Os Illuminati tentaram me atacar quando cheguei na Espanha. Matei alguns, Mina matou outros, mas guardamos este aqui para trazer para você. Ele mencionou que trabalhava para os Illuminati quando achou que tinha ganho a batalha.

— Eles atacaram você, para me atingir? — Steve franziu o cenho. Sabia que isso era possível, claro, e Soojin era o caminho óbvio que os Illuminati tinham para afetá-lo, com Kodora morta. Mas ainda assim, saber com certeza que eles tinham ousado isso o irritava.

— Pois é. Desculpa não ter dado notícias nesses cinco meses. Tive que fazer uns enxertos de pele. Me atacaram com bazucas, e não consegui segurar um dos mísseis.

— Oh. Ficou muito ferido?

— Nada que eu goste de discutir. — Soojin fez uma careta.

— Hum. — Steve não pressionou o assunto. — Bem, Mina... acho que entendi porque você queria me dar o presente só depois do jantar. Creio que vou precisar gastar algumas horas com este.

— Eu sei, maninho. — a menina sorriu. No porta malas, o soldado dos Illuminati tentou gemer, mas estava amarrado demais para conseguir.



— Bem, meus caros, eu convidei vocês para esta reunião por dois motivos.

— O primeiro, é que eu gostaria de apresentar-lhes a minha irmã, Mina. Mina era um dos meus segredos. Quando eu comecei a subir na carreira criminosa foi me mostrado, de forma um tanto perturbadora, que a minha posição colocava em risco as pessoas que eu amo. Eu tinha medo de que Mina sofresse novamente por minha causa, e, por isso, fingi que estava morto e assumi uma nova identidade. Foi com essa nova identidade que vocês me conheceram.

— Mas por mais que eu pretendesse viver de forma solitária para que ninguém soubesse com quem eu me importava e assim ninguém pudesse machucá-los, eu falhei. Vocês devem ter notado que eu estava fora de mim nesses últimos tempos. Eu tinha meus motivos. Os Illuminati atacaram novamente, tentando me atingir através de Kodora. Kodora era a mulher que eu amava e que eu mantive em segredo até de vocês, para que ela estivesse segura. Meu segredo não foi bom o suficiente, porém. Os Illuminati descobriram sobre ela, quando ela me visitou no hospital. O plano deles falhou, porque Kodora se matou para me proteger. Mas eu não consegui agüentar esse baque. Soojin se encontrou comigo no dia em que Kodora morreu, e eu acabei lhe contando vários segredos que não deveria ter contado. Como sobre Mina. Ele então decidiu que seria uma boa idéia trazê-la aqui.

— Prazer, Mina. Belo cabelo. — Sacs interrompeu.

— He. Steve odeia ele. — Mina sorriu. — Meu irmão, se deixarem vai passar uma hora fazendo discurso e não vai me contar o nome de vocês. E olha que para vocês é fácil: só precisam decorar o nome de uma garota de cabelo cor de rosa. Eu preciso decorar quatro novos nomes e não me lembro direito do seu nome também, desculpa. — ela disse para Dave.

— Me chamo Dave. Mas não se preocupe. Eu até que gosto de ter uma cara fácil de esquecer. É bom no ramo.

— Sacs. E o dentuço é o meu irmão, Tony.

— Ned. Espero não ser tão fácil de esquecer quanto esse inútil aí.

— Jake.

— Ok. Vou tentar não esquecer os nomes de vocês agora. Mas vou falhar, com certeza, por isso não me levem a mal. Maninho, qual é o segundo ponto?

— Ter você por aqui vai ser pior do que a época em que Sacs comprava briga, é isso?

— Claro. Nenhum pé de chinelo vai poder te azucrinar tanto quanto a sua irmã mais nova. — Mina sorriu. — Sem ofensas.

— Sou o Jake. Sacs é aquele ali.

— Ouch. Prometo que um dia decoro o nome de vocês. Ainda nesse século.

— Sem problemas.

Depois de um suspiro, Steve continuou:

— Bem, quanto ao segundo ponto. — Steve abriu a caixa que tinha sobre a mesa, e retirou dela dois pés.

— Ugh, nojento.

— O Illuminati não queria me dizer seus segredos... mas ele os tinha escrito em seu corpo. — Steve pegou os pés e virou a sola para que os outros vissem.

— Ele tinha almofadinhas nas patinhas. — Tony zombou, cutucando as almofadas. — Que diacho era isso, um lobisomem?

— Não. Se ele fosse um lobisomem, ou qualquer outro tipo de metamorfo, Vega não conseguiria mantê-lo preso em sua masmorra por tanto tempo. Além disso, metamorfos não tem almofadas VERDES nas patas. Isso é um fomor.

— Fomor? Como nas lendas celtas? — Sacs surpreendeu-se. — Eles deveriam estar todos mortos!

— Eu não conheço as lendas, mas sei que os fomori não são raros. Este não é o primeiro que encontro.

— Hum?

— Já me deparei com outros fomori. Um deles, ou talvez fosse melhor defini-lo como "meio-fomor", pois ele nunca chegou a passar completamente pela transformação, era meu amigo. Segundo ele, existem três deusas que mantêm a ordem do universo. Uma deusa da criação, inovação e Caos, chamada de Selvagem. Uma deusa da forma e estabilidade e da Ordem, chamada Tecelã. E uma deusa da morte, sofrimento e destruição, chamada Verme. E ao contrário da maioria dos outros deuses, essas três deusas costumam interferir no mundo com relativa frequência, travando disputas entre si. A Tecelã quer defender o mundo, mantê-lo como está. Verme quer destruí-lo. E a Selvagem quer uma coisa diferente a cada momento.

— Certo, chefe. Mas o que isso tem a ver com almofadas nas patas?

— Eu sei que a organização à qual o meu amigo pertencia, a ERSWH...

Ned e Dave se remexeram desconfortavelmente em suas cadeiras.

— ... é influenciada pela Tecelã. Depois de um comentário de uma amiga dessa organização, percebi que os Illuminati, por sua vez, são influenciados por Selvagem. Sua organização é a mais estudada e artística forma de caos que os seres humanos são capazes de criar. E eu já conhecia há muito tempo a terceira organização, a organização que segue Verme.

— E você ainda não chegou nas almofadas da patinhas.

— Os fomori são criaturas da Verme. Eles são criados quando Verme decide influenciar pessoalmente uma pessoa. Sua maldição não é como a dos vampiros, transmitida de sire a cria por desejo e ações do sire. Fomori são criados espontaneamente, sem que haja necessidade da interferência de outro fomor, quando um humano entra de tal forma sob a influência de Verme que abre seu espírito para ela. Seja de propósito ou não. Entretanto, apesar de fomori poderem ser criados a partir de qualquer ser humano, a Pentex, a organização da Verme tem o hábito de recolher esses fomori entre os seus, caçando os fomori que são criados para torná-los em seus empregados ou matá-los. Fomori que não pertencem à Pentex são criaturas muito raras. Mesmo meu amigo só conseguiu se manter fora dela por algum tempo, por se unir a outra organização de poder comparável, e, no final, foi caçado e morto pela Pentex.

— Então... se esse sujeito é fomor...

— A Pentex está influenciando os Illuminati.

— Mas se a Pentex já tem uma organização tão poderosa quanto os Illuminati, por que precisa deles?

— Bem, Soojin, ter uma organização não é tudo. A Pentex tem um objetivo bem simples. Destruir o mundo. Seus sócios apenas discordam quanto ao nível da destruição. Alguns julgam que seria conveniente destruir o mundo, mas mantendo alguns pequenos oásis não destruídos, governados por eles, é claro. Outros preferem destruição total e

irrestrita. Mas várias pessoas discordam desses objetivos. A ERSWH, por exemplo. Os metamorfos. Qualquer pessoa sã que fique sabendo dos objetivos deles.

— Faz sentido. Mesmo Bison não concordaria com esses métodos. O sensei sempre quis dominar o mundo, mas é preciso que haja um mundo para se dominá-lo.

— Pois é. E a verdade é que a Pentex, por poderosa que seja, não conseguiu destruir o mundo ainda. E embora a organização dos Illuminati deixe a desejar, cada membro dos Illuminati, por si só, é uma pessoa importante e influente. Se essas pessoas importantes e influentes puderem ser manipuladas para a direção que a Pentex quer...

— Mas se é simples assim, porque nunca fizeram isso antes?

— É possível que só agora tenham pensado nisso. Muita gente já ouviu falar dos Illuminati, mas a maioria acha que a organização é só uma lenda. Muitos dos que conhecem os Illuminati não respeitam a organização. E antigamente, quando a maior parte das comunicações era por meios que permitiam a identificação de quem os usava de forma mais fácil que os meios eletrônicos de hoje, era mais difícil controlar os Illuminati mundialmente. É provável que só agora a Pentex tenha reunido alguém com os recursos necessários e a vontade para colocar esse plano em prática.

— O que quer dizer que preciso começar meu trabalho de pesquisa. Ver quais executivos da Pentex poderiam se encaixar nesse perfil. — Jake sorriu.

— Desculpe. Estou obcecado com este assunto. — Steve abriu a pasta que também estava sobre a mesa.

— Pedi a uma amiga para conseguir tantos dados quanto ela pudesse sobre os executivos da Pentex, e passei os últimos dois dias analisando os arquivos que ela me enviou. Devido a diversos fatores pude excluir quase todos esses executivos das minhas suspeitas. Alguns nunca teriam ouvido falar dos Illuminati como uma verdadeira organização. Alguns não saberiam utilizar a tecnologia necessária para controlar os Illuminati, outros, se fossem o nosso enigmático líder já teriam dominado a organização há muito mais tempo. Alguns não saberiam quais as palavras certas a dizer para influenciar os egotistas membros dos Illuminati.

— Entretanto, uma das executivas da Pentex cuja carreira vem subindo de forma mais espetacular nos últimos anos tem também a combinação de talentos perfeita para o cargo:

— Apesar de sua ascendência ser desconhecida, sua aparência é típica das famílias nobres inglesas, com feições delicadas, mãos suaves de quem jamais teve que trabalhar em sua vida, o nariz fino e pequeno, os olhos azuis, cabelos loiros e pele pálida, como se fosse uma das princesas citadas nas crônicas de Arthur. Em boa parte das mais antigas famílias européias, a filiação aos Illuminati é herdada com o nascimento, portanto, se ela realmente pertencer a uma família nobre inglesa, como aparenta, ela saberia sobre os Illuminati, e saberia que são reais e não apenas histórias.

— Essa executiva é também uma exímia hacker. Ela tem pouco treinamento formal e conhecimentos científicos, porém tem boa intuição, e é capaz de usar magia para controlar computadores, mesmo à distância, o que, embora não suplante conhecimento real sobre o que se está fazendo, a coloca em um nível bem melhor do que o da ralé comum. Nos dias de hoje, em que a comunicação eletrônica é uma das principais, ela domina a tecnologia o suficiente para conseguir enganar a maioria dos Illuminati. Além disso, ela também tem familiaridade com os métodos mais antigos de comunicação, e a fleuma e dignidade de uma nobre inglesa ao utilizá-los.

— Ela ainda é uma telepata. Uma telepata pode descobrir o que dizer antes de falar, e isso facilita enormemente a tarefa de dizer a coisa certa na hora certa.

— Finalmente, ela é uma vampira Malkaviana. Sendo Malkaviana, seqüências ilógicas e non sequiturs lhe são uma segunda natureza, o que possivelmente lhe facilitaria o controle dos Illuminati.

— Você sabe que nem sempre aquilo que se encaixa perfeitamente é verdade, certo maninho?

— Claro. Eu posso estar completamente errado em minhas suspeitas. Mas ainda assim, minhas razões para suspeitar são fortes. E já que tenho uma suspeita, o próximo trabalho é confirmá-la ou descartá-la. E é para isso que vou precisar da ajuda de vocês.

— Qual o nome de sua suspeita, chefe?

— Persefone Tar-Anis.

— Quantos anos ela realmente tem? — perguntou Tony.

— Não foi possível à minha amiga descobrir, mas ao menos cem anos, possivelmente mais de um século.

— Certo, chefe, sua amiga já fez uma boa parte da pesquisa. Jake provavelmente consegue descobrir mais, é a especialidade dele. Porém, e o restante de nós? — Sacs perguntou.

— Bem, Persefone é vampira. Eu gostaria que Tony tentasse descobrir o que puder sobre ela no mundo vampírico. Sei que política não é a sua especialidade, mas...

— Posso fazer, chefe.

— E quanto a você, Sacs, Persefone controla uma empresa farmacêutica. Ela é diretora da Magadon, e rumores devem correr no mundo médico sobre sua empresa, e talvez sobre ela. Acredita que pode tentar descobrir alguns?

— Com certeza. — Sacs sorriu.

— E é útil que vocês saibam quem é o nosso inimigo. O ideal seria se conseguíssemos nos aproximar de alguma facção dos metamorfos, já que a maioria deles têm a Pentex como um inimigo natural, e talvez pudessem nos ajudar. Porém eles não costumam ser amistosos com estranhos, e não estou disposto a arriscar a vida de nenhum de vocês por contatos com lobisomens. Assim sendo, — Steve deu um tapinha na estátua feia de arte moderna. — por enquanto, a vida continua como usual.



Pesquisar com um objetivo era mais fácil.

Jake usou os seus contatos para tentar descobrir membros dos Illuminati, e seus talentos como hacker para entrar no sistema de Persefone. Não foi uma tarefa fácil, mas finalmente ele conseguiu interceptar mensagens de Persefone enviando ordens para membros dos Illuminati. Seria possível que Persefone tivesse superiores dentro dos próprios Illuminati, mas, se tinha, esses superiores a deixavam fazer o que quisesse, ao contrário dos seus superiores na Pentex, que mantinham um certo controle sobre suas atividades, e para quem Persefone enviava relatórios regulares... inclusive sobre o seu "Projeto Enlighted". O exame desses relatórios demonstrou que Persefone estava tentando manipular os Illuminati para os seus propósitos.

Era difícil determinar se Persefone tinha iniciado essa investida por seu próprio arbítrio ou instigada por seu superior imediato, que Jake descobriu ser um dos sócios majoritários da Pentex, Harold Zettler. De qualquer forma, ela compunha a linha de frente da Pentex nos Illuminati.

Tony, por sua vez, descobriu que Persefone era cria de Harold Zettler, e que ambos eram notórios membros do Sabbat, com caçadas de sangue decretadas sobre si em todas as cidades da América pertencentes à Camarilla. Perguntando, Tony ainda descobriu que Persefone era considerada poderosa, uma vampira anciã, e havia relatos de que ela pudesse ter até quinhentos anos, o que seria uma idade monumental para um vampiro do Sabbat.

Sacs, procurando informações sobre a Magadon, teve ganas de gritar com o FDA. Como aquela fábrica não estava fechada ainda? A medida que conversava com colegas e pesquisava papers de cientistas idôneos, que não eram pagos pela companhia farmacêutica, o que descobria se tornava pior e pior. Os medicamentos que pareciam milagrosos nos panfletos publicitários causavam resultados desastrosos a longo prazo, mesmo nas doses recomendadas em bula. Vários deles causavam dependência química, mas de alguma forma a empresa tinha conseguido que sua venda não tivesse maiores controles. E não era qualquer dependência química. Praticamente não havia um produto que a Magadon vendesse que não causasse, ao menos, aumento da agressividade. Steve, que já esperava isso, mandou-o pesquisar sobre quais exatamente eram os resultados desastrosos. Ele suspeitava que a Magadon era uma fachada para espalhar drogas que aumentassem o número de fôromi na população, e seria útil saber o que poderiam enfrentar se batessem com Penélope de frente.

E o mais importante: todos os três, como Steve bem sabia que seriam, foram incrivelmente amadores em suas pesquisas.

Sacs era simplesmente muito direto, Tony era tão discreto quanto qualquer Brujah. Jake, acostumado com esse tipo de trabalho, foi o mais discreto. Mas Steve sabia que Persefone tinha à sua disposição hackers e contatos melhores. Ela não era capaz de impedir Jake de conseguir a informação (ao contrário do lugar comum, defender-se, no mundo real, costuma ser mais difícil do que atacar). Mas era capaz de saber que Jake sabia.

E portanto, que Steve sabia.

E era esse o jogo que Steve queria jogar. Não era mais uma questão de incriminar Vega. Persefone tornara o jogo pessoal quando atacara Kodora. Steve decidiu mostrar-lhe o quanto errara.

Apenas para reforçar a lição, Steve inscreveu Soojin em tantos torneios oficiais da liga free style quanto julgou seguro para a saúde do jovem, deixando-o lutar quase todas as que ele queria.

Mina o colocou contra a parede sobre isso, mas discretamente, quando estavam sozinhos:

— O que você está fazendo, maninho?— Mina foi ao quarto dele perguntar, com um exemplar da Fighters Magazine nas mãos. A capa da revista mostrava Soojin ao final de mais uma da sua espetacular sequência de vitórias.

Fazendo cara de desentendido, Steve sorriu para ela:

— Como assim? Soojin me pediu para lutar. Eu apenas disse sim.

— Kim, Soojin é ingênuo, mas você sabe muito bem o que está fazendo. Nem todo Street Fighter é idiota. Quantos vão ser capazes de somar dois mais dois quando virem em uma revista um moleque que é a cara do Bison, e que, ainda por cima, luta Ler Drit?

— Muitos. Eu espero que uma Malkaviana perceba.

— Como assim?

— Mina, Persefone atacou Soojin.

— Então você vai torná-lo em um alvo para todos os inimigos de Bison, assim ela vai ter mais problemas para acertar da próxima vez, com o barulho do tiroteio?

— Persefone é pior do que quaisquer inimigos que Bison tenha feito. Ela controla uma indústria de comprimidos viciantes que podem tornar seres humanos em monstros sem alma. O máximo que Bison conseguiu em matéria de inimigos que se aproxime disso foram alguns cientistas que sabem como transformar humanos em monstros se tiverem alguns meses com o sujeito como cobaia. E a maioria dos inimigos de Bison, simplesmente quer matá-lo.

— O que não justifica em nada.

Steve suspirou:

— Mina, onde você quer esconder Soojin? Debaixo de sua cama? O mesmo raciocínio que todos podem ter ao ver a fotografia dele em uma revista, as pessoas também podem ter, se simplesmente passarem por ele na rua. A menos que Soojin passe o resto da vida escondido, não apenas distante de Mriganka, mas oculto de tudo e de todos, seu segredo vai ser revelado. O rosto dele já diz tudo. Para manter o segredo de Soojin, eu precisaria mantê-lo preso, e isso iria torná-lo infeliz.

— Mas...

— Além disso, ele não precisa se esconder. Se alguém tentar atacar Bison por meio dele vai ter uma surpresa desagradável. Quando ele era uma criança, ele precisava ser protegido. Mas hoje em dia...

— Ainda assim, eu...

— O que exatamente a está incomodando?

— Você não falou nada com ele. Esse segredo é uma das coisas mais importantes que ele tem, eu sei, mas você está deixando que ele o jogue fora sem sequer...

— Infelizmente, Mina, se eu revelar a Soojin que pretendo deixar que descubram sobre ele, Bison provavelmente irá mandar me matar. Ou te matar. Ele ainda é um pai super-protetor, e dificilmente terá chego à mesma conclusão que eu depois de ouvir o relato sobre o que aconteceu na Espanha. Porém se isso simplesmente acontecer porque Soojin participou dos torneios que queria participar e fez o que queria fazer, mesmo Bison irá perceber que é inevitável.

— E porque você quer que Persefone saiba que Soojin é filho de Bison?

— Para que ela não o ataque de novo. A Pentex é poderosa, mas Persefone ainda é apenas uma de suas executivas, não é sequer uma sócia e poucas pessoas no mundo têm o cacife para desafiar Bison de frente. Eu quero que Persefone saiba o que arriscou. Eu sei que a essa altura ela já sabe que eu sei sobre ela, e deve imaginar que Bison também. Você sabia que a Magadon vai fechar a última das suas distribuidoras na Ásia amanhã?

— Como assim?

— Eu informei a vocês quem estava manipulando os Illuminati. Soojin estava na reunião, e ele contata Bison com um relatório completo sobre a situação da Flórida a cada três meses ou em caso de quaisquer fatos notórios. Certamente, a informação que lhes dei na reunião era um fato notório. Soojin transmitiu essa notícia a Bison assim que pode. Bison ficou sabendo o nome de quem tentou matar seu filho com helicópteros e bazucas. E a Shadaloo tem uma força considerável na Ásia. Em outros lugares também. Se Bison soubesse onde encontrá-la, Persefone já estaria morta hoje.

— Isso não vai fazer com que ela volte suas forças para tentar destruir a Shadaloo?

— Claro que vai. É um jogo. Eu apenas elevei as apostas. Persefone agora tem a própria vida em jogo, e sabe disso.

— Você fazer com que ela tenha mais a perder... não vai piorar as coisas? Ela não vai ser mais agressiva?

— Vampiros são naturalmente covardes, Mina, especialmente vampiros com séculos de idade, que se acostumaram demais com a idéia de imortalidade para pensarem em desistir dela. Elevar as apostas vai fazê-la diminuir os ataques, pelo menos de imediato. Irá nos comprar tempo.

— E tempo é tudo o que você precisa?

— Na verdade não. Eu quero provocá-la por mais um motivo.

— Como assim?

— Apesar de ter ainda seus instintos vampíricos, Persefone, por tudo o que os rapazes conseguiram descobrir para mim, pertence à deusa da Destruição desde que foi abraçada como vampira. Ela tem as cartas, pois controla organizações mais poderosas do que todo o poder que posso reunir, e, se ela jogasse corretamente, estaríamos todos mortos agora. Mas Persefone tem uma falha letal.

— Continue.

— Ela lida com a morte e destruição há tanto tempo que está fascinada por elas. Ela deseja morrer, só nunca percebeu isso. Acontece com quem leva a vida que ela leva. Por isso, ela assume riscos. São riscos que ela não precisava assumir, riscos estúpidos. Ela não faz isso quando o problema é muito claro, o suficiente para que ela lide com ele de forma consciente, mas já fez isso repetidas vezes quando as escolhas eram menos claras.

— Como quando?

— Ela deixou Robert vivo e lhe enviou ordens e propaganda sobre seus planos. Ela é boa o suficiente para ter visto por trás das cortinas que Robert ergueu, o que torna isso em um erro estúpido. Ela enviou Vega para destruir a fita de Robert. Com milhares de assassinos à sua disposição, por que usar o único que poderia hesitar? Ela não me matou enquanto eu estava no hospital. Ela tentou me testar ao invés disso. Céus, ela enviou helicópteros, soldados e bazucas atrás de Soojin, ao invés de ME matar, só porque estava curiosa demais para saber se eu sabia ou não. E pior ainda: ela enviou contra Soojin um soldado que podia iluminar a trilha contra ela. Persefone é inteligente, Mina, mas ela também é curiosa demais para sua própria saúde, viciada em jogos e desafios a ponto de se pôr em risco, e por trás disso tudo, tem um desejo secreto de morrer.

— Ela se esconde bastante bem para alguém com um desejo secreto de morrer.
— Claro que sim, eu disse um desejo secreto, não um desejo aberto. Mas é suficiente, de qualquer maneira.

— Suficiente para quê?

— Eu a coloquei em cheque, Mina. A Shadaloo não consegue atacá-la diretamente pois não sabemos onde ela está. Mas as posses e o serviço dela estão sendo atacados, e embora Bison esteja fazendo isso, Persefone sabe que sou eu quem o manipulou. E sabe que eu sei quem ela é. Se eu estivesse no lugar dela, eu nem teria começado os jogos, simplesmente teria morto o espinho que está ameaçando entrar no meu pé. Porém, isso para ela seria inimaginável. Ela sabe que eu sei agora, mas a dúvida sobre se eu sabia antes ainda está a corroendo. Ela não vai ser capaz de entregar o jogo, desistir e simplesmente me matar. E ela sabe que agora ela não pode continuar atacando as pessoas ao meu redor. Agora, se ela quiser saber alguma coisa, vai precisar colocar suas mãos em mim.

— Agora só me parece mais perigoso.

— Se Persefone não fosse uma vampira, seria mais rápido, mas em no máximo dois anos ela vai cometer um erro só para conseguir me capturar de forma esportiva. Mas para isso, eu preciso que ela se sinta segura em continuar jogando. Se ela achar que conhece todas as minhas cartas, ela vai achar que está segura, e tomar coragem novamente rápido.

— Ainda assim, é desleal com Soojin.

— E por que você se importa tanto?

— Eu... me importo, está bem? Não é da sua conta.

— Eu sou seu irmão mais velho. Sempre vou achar que esse tipo de coisa é da minha conta. Mas Soojin pelo menos é um bom rapaz. E ele se importa com você.

— Kim... ele é realza. Eu posso me importar com ele mas...

— Mas...?

— Mas daqui a pouco, especialmente com isso... — Mina jogou a revista na cama, desgostosa. — ele vai perceber a mesma coisa que o Fábio. Ou o Balrog... ou qualquer um dos outros. Que é um lutador famoso, que tem dinheiro, e que um monte de meninhas correm atrás de homens com fama e dinheiro. E eu... droga, maninho, é difícil dizer isso...

— Mina?

— Eu não estou disposta a ser abandonada de novo. Eu... não vale à pena nem começar se... — as lágrimas começaram a escorrer pela face dela. Steve a abraçou.

— Desculpa. — ele pediu, mas as lágrimas dela só se tornaram mais fortes. — Mas, Mina, acredite em mim, tentar se fechar não é a...

— Kim, você é meu irmão e me amava e me abandonou. Eu vou ser só uma garota, eu não vou... e mesmo que... a mãe de Soojin não vivia com Bison, vivia? Eu não tenho forças para ser como você e Kodora, eu não quero ser como você e Kodora, eu cansei de ser a garota seqüestrável, eu treinei justamente para não ser isso!

— E você não precisa ser.

— Não... eu não iria nem chegar a ser isso. Eu iria ser só uma garota, mesmo. Eu vi Fábio fazendo isso mil vezes. Steve, por vezes ele nem aprendia qual o nome delas! E Soojin, ele vai aprender com os outros. Os lutadores são todos mulherengos ou ascetas, e ele não faz o tipo asceta. Que lutador você conhece, famoso, que tenha uma esposa e realmente ame ela?

— Ken.

— Ken é um mulherengo do caramba.

— Ken ERA um mulherengo do caramba. Mas ele encontrou uma mulher que o fez se apaixonar. E ele largou a gandaia para ficar com ela, casou-se, e, que eu saiba, nunca se arrependeu disso. Eles formam um casal adorável, Ken e Eliza. E Ken, se quisesse continuar na gandaia, teria todas as chances. Ele é rico, famoso e até bonito.

— Tá, mas uma exceção...

— Dhalsim também é casado, que eu me lembre.

— Aquele filhote de cruz credo não ia conseguir ser mulherengo por mais famoso que...

— Você sabe que isso não é verdade. Fama e dinheiro em quantidade suficiente podem permitir a qualquer homem ser mulherengo, não importa quão feio ele seja.

— Eu sei, mas...

— Ainda assim, isso não quer dizer que todos os homens escolham ser canalhas. Soojin talvez até escolha isso algum dia, mas você não pode ter certeza de que será assim.

— Eu... eu sei disso, mas...

— Mas você tem medo. Eu sei.

— Eu não gosto de colocar assim...

— Mina, a escolha sempre vai ser sua. Você pode preferir não se arriscar, pode preferir se isolar para não ser abandonada. Mas no final, você simplesmente vai acabar sozinha. Histórias de amor não são contos de fada, o "viveram felizes para sempre" é muito mais raro do que deveria ser, e além disso, irmãzinha, você tem só vinte anos. Ainda é cedo para você ter certeza de quem você vai querer ter ao seu lado durante toda a sua vida. Mas acredite em um tolo que tentou se isolar e manter o mundo inteiro distante. Não vale à pena.

— Mas você continua não discutindo suas decisões e...

— Eu estou discutindo minhas decisões com você, agora.

— Você mandou Sacs e Tony e Jake procurarem informações sobre Persefone... e não disse a eles que esperava que eles fossem descobertos.

— Preciso que eles dêem o seu melhor para serem discretos, mesmo que eu saiba que esse melhor não vai ser o suficiente.

— E de que adianta Persefone saber todas as suas cartas? Ela vai ter motivos para se sentir segura.

— Ela não sabe todas as minhas cartas, Mina. Eu apenas quero que ela julgue que saiba.

— E vai arriscar todos para isso?

— Mina, a mulher que eu amava morreu por mim. Um dos meus melhores amigos morreu por causa de um sujeito que eu poderia ter morto há anos atrás. Mamãe morreu torturada horivelmente, na sua frente, por minha culpa. Eu já carrego pesos demais, mortes demais. Se depender de mim, nunca mais nenhum de vocês iria se ferir, e todos iriam ser felizes para sempre. Eu não posso garantir isso mas posso fazer o meu melhor para conseguir. E eu nunca vou arriscar vocês se puder evitar isso. Você consegue acreditar em mim?

Mina olhou seu irmão nos olhos.

— Eu consigo, Kim, mas... como você pode dizer que não quer que nenhum de nós se arrisque, e me dizer para me arriscar?

— É outro tipo de risco. — Steve sorriu. — Mesmo que seja mais assustador. Tem coisas que são mais importantes do que não se machucar.



Sacs derrubou seu terceiro oponente da noite. Fora uma luta fácil. Tivera um pouco de pena do moleque, mas um híbrido de crocodilo deveria saber que não devia comprar briga com um guerreiro de gelo. Talvez valesse à pena aconselhar o moleque para trocar de empresário.

Olhando para o relógio, e se fingindo sem fôlego, pediu uma pausa de meia hora antes da próxima luta, e foi atendido. Por mais que não quisesse, estava começando a ganhar respeito e fama nos torneios. Não era qualquer lutador que, com quarenta e três anos, como ele, conseguia manter o ritmo das lutas como ele mantinha. Apesar da liga duelista ser conhecida por seus organizadores inescrupulosos, mesmo os organizadores inescrupulosos gostavam dele depois de tanto tempo.

Não se sentia nem um pouco velho, e não precisava realmente da pausa, mas isso não era um segredo dele para contar. Tinha aparências a manter.

Na verdade, preferiria continuar a luta naquele mesmo momento. O momento da luta, de enfrentar seu oponente, de trabalhar seus movimentos quase que como uma forma de arte, de trabalhar a platéia para que torcesse ao seu favor e lhe enviasse a energia da qual necessitava... precisava disso.

Uma batida seca na porta o fez achar, de início, que tinha perdido a hora, mas percebeu que ainda tinha mais de vinte minutos. Mandou quem quer que estivesse batendo entrar. Arrependeu-se na mesma hora:

— Guile. Você não é bem vindo.

— Vai chamar os seguranças de novo?

— Aqui é a liga duelista. Não temos essas boiolasgens da liga free style. Desde quando lutadores precisam de seguranças?

— Então o que você vai fazer?

— Perguntar o que diabos você está fazendo aqui. Não somos amigos para você vir me visitar entre as lutas, e eu duvido que você seja um fã que queira um autógrafo.

— Eu não quero ser inimigo de vocês. Eu errei, está bem? Mas o que você queria, o menino...

— Pois é, o menino. Você bombardeou a vila em que ele estava com napalm. Você tem noção de que isso vai contra a convenção de Genebra? Você matou todas as pessoas que ele conhecia. Agora quer ser um amigo?

— O menino é filho de Bison, não é? Estão comentando isso em todo lugar.

Sacs deu de ombros.

— E o que importa?

— Talvez não importe para você. — respondeu Guile. — Mas para mim importa.

— Tá, e você veio aqui me azucrinar só por causa disso?

— Não. Steve contatou o meu agente no exército. Ele quer uma luta entre mim e Soojin.

— E por que você não deixa seu empresário resolver isso?

— Eu estou aposentado do ringue. Como você deveria estar, por sinal.

— Aposentadoria é para velhos. Se você se julga um, então não lute.

— Mas o menino tem o direito de me pedir uma luta.

— O menino teria o direito de te arrancar a cabeça. É uma pena que ele é decente demais para fazer isso.

— Eu nunca deixei de ser um World Warrior. Se o menino conseguir me derrotar, ele vai ganhar o título.

— Bom para ele. Vou preparar o cartão de felicitação.

— Eu... olha, o menino merece isso. Eu sei que eu errei. E... só que...

— Só que o quê?

— A data que Steve pediu, para o fim do ano.

— Hum?

— Eu não posso lutar naquela data. Eu tenho um compromisso marcado.

— Compromisso? Para o fim do ano? Já? Ainda é fevereiro.

— Esse ano temos eleições. E esse famigerado Bush, que vocês tanto adoram, vai sair do poder finalmente.

— Eu não adoro Bush. Ele é incompetente, infelizmente. Mas o que têm as eleições a ver com compromissos no final do ano? As pessoas não votaram ainda, sabe? Os partidos ainda nem decidiram os candidatos.

— Eles vão decidir. E a festa que fui convidado vai ser em homenagem ao futuro presidente dos EUA. Eu não poderia faltar.

— Eh, você está apostando no cavalo cedo demais.

— Não me pareceu certo, mandar essa resposta pelo agente. — Guile insistiu.

— E não consigo entrar em contato com vocês...

— Porque não queremos falar com você. Você continua não sendo bem vindo. — Sacs rosou. Mas ao mesmo tempo que rosou, olhou para Guile com um pouco mais de cuidado.

Era simplesmente ridículo demais. Mesmo que ele realmente tivesse um compromisso, bastaria o seu empresário marcar uma nova data. Por mais atribulado que o calendário de Soojin estivesse, ele arrumaria tempo para a sua tão esperada luta com Guile. E se Guile queria falar com alguém diretamente, porque diabos se dar ao trabalho de procurá-lo?

Foi então que Sacs percebeu o que o estava incomodando, para além da presença de Guile. As sombras negras, sutis mas presentes, na aura do coronel.

Alguém se dera ao trabalho de enfeitiçar Guile, só para ele falar aquele lero-lero? Não fazia idéia do que queria dizer aquilo, mas sabia quem era a responsável. Quando venceu a quinta e última prova, ao invés de ir comemorar ou ir para casa, foi direto para o QG. Era tarde, mas precisava conversar com Steve.



— Eu concordo que seja estranho que Guile tenha se dado ao trabalho de ir vê-lo durante um torneio, Sacs, mas por que você acha que isso é uma armadilha em potencial?

— Guile deixou claro que já sabe quem será eleito no final do ano, mesmo que os candidatos ainda não tenham sido decididos. Isso é típico dos Illuminati.

— Se você for a uma convenção de qualquer um dos partidos e perguntar, eu esperaria que muitas pessoas tivessem certeza absoluta sobre quem será eleito. Mesmo que elas estejam completamente erradas. Guile é militar, sofreu bastante no governo republicano que passou, é bastante nacionalista. Não me parece difícil que ele torça para seu candidato como outras pessoas torcem para seu time de futebol. Apenas isso não quer dizer nada. A menos que você saiba de algo mais e não esteja me contando.

— Eu não...

— O que mais?

— Por que você acha que há algo mais?

— Sacs, você tem razão, e eu sei disso. É uma armadilha que eu estava esperando, inclusive, e estou contente que ela tenha sido iniciada tão cedo. Mas eu não esperava que Persefone usasse você.

— Eu estou simplesmente lhe passando o recado. Não é tão estranho assim que ela tenha me usado.

— Você acha que Guile estava nos contando sobre uma armadilha de Persefone ou você tem certeza?

— Steve, por favor. Você já me entendeu. Você sabe que eu tenho certeza.

— Pois é. Você tem certeza. Sacs?

— Ok, está bem. Ele estava enfeitado. Guile não veio falar comigo por sua própria vontade. Alguém o fez falar.

— E como você sabe disso?

— O chi dele estava alterado.

— Hum.— Steve fitou o guerreiro de gelo. Era possível a um lutador pudesse identificar mudanças sutis no chi de outro, e isso quase fazia sentido. Não fosse pelo fato de que, se Persefone pretendesse isso, ela teria usado Soojin.

Mas de qualquer forma, Sacs tinha direito aos seus segredos.

— Sacs... eu vou acreditar nisso. Você não é simplesmente meu braço direito, você é meu amigo. Então eu vou simplesmente aceitar o que você me disse.

— Obrigado. — Issacson baixou os olhos para dizer isso. Ele jamais poderia jogar pôquer. — Bem, onde isto nos deixa?

— Persefone nos anunciou que irá eleger o próximo presidente dos EUA. E o empresário de Guile ligou.

— Para cancelar a luta?

— Para tornar a luta no evento principal de uma festa particular, na noite de sexta-feira do dia sete de novembro. Sendo as eleições no dia quatro, o resultado certamente já será conhecido. Ah... e eu não tinha sequer sugerido uma data para a luta, quando fiz o contato inicial... a bem da verdade pretendia marcá-la para 25 de junho, um presente de aniversário para o garoto. — Steve suspirou. — Eu gostaria que ela pelo menos tivesse a decência de fazer uma armadilha menos óbvia.

— Então, Guile irá lutar com Soojin?

— Sim.

— Isso não faz sentido.

— É claro que faz. Persefone tem medo de Soojin agora, e quer mantê-lo ocupado.

Ela sabe que eu estarei lá para assistir a luta. Ela até mesmo fez o empresário de Guile me perguntar isso. E ela quer me ver pessoalmente, de preferência, em um momento em que ela possa esfregar a minha cara em uma vitória que ela anunciou.

— Os candidatos sequer foram definidos ainda. Quem você acha que ela apóia? A Hillary?

Steve ligou a TV. Os primeiros comerciais eleitorais, ainda para as prévias, já estavam passando insistentemente na TV.

"Você não gostaria de acreditar que o mundo que vamos deixar para nossas crianças será um pouco melhor do que o que temos hoje? Que mudanças são possíveis? Que quando nos unimos ao redor de um objetivo comum, grandes coisas são possíveis? Em mudanças nas quais podemos acreditar?"

— Não. Ela vai votar em Obama.



— Eu não gosto desse plano. — Soojin reclamou.

— Não reclame. Ao menos você vai estar lá. — Jake resmungou.

— Chefe, eu sei que você é, bem, você é meio que um especialista nisso. — Tony murmurou, cauteloso. — Mas...

Steve sorriu:

— Mas?

— É realmente necessário entrar dançando na armadilha dela?

— Claro que sim. — Steve sorriu.

— Qual o problema afinal? Quero dizer, eu sei que você quer vingança, eu também quero vingança, mas não gosto da idéia de vocês entrando em um matadouro que ela preparou. E pelo que você e Sacs contaram, ela está preparando isso desde o início do ano.

— Eu acredito que ela está preparando isso há mais tempo.

— Bem, o que importa? Ela elegeu o presidente dos EUA, fez o mundo inteiro acreditar na paz, na esperança e no coelhinho da páscoa. Lindo. Queremos vingança, ótimo. Mas não há nada em jogo.

— Soojin, sente-se.

— Eu... — um olhar de Steve fez Soojin sentar-se com presteza, engolindo em seco.

— Soojin, você me deixa decepcionado. — Steve murmurou, fazendo o garoto olhar para baixo constrangido. — Pense. Você realmente acha que Persefone elegeu Obama apenas para mostrar que era capaz?

— Ela... ela queria mostrar que podia, não queria?

— Claro que ela queria. Pelas mensagens que Jake descobriu, não só ela queria mostrar que podia como queria disputar politicamente com seus adversários dentro da própria Pentex que apoiavam Hillary e McCain. Queria mostrar que, usando os Illuminati como uma ferramenta, ela podia não apenas eleger o presidente que queria, mas o inimaginável: um presidente negro na Casa Branca. Mas, Soojin, você pode fazer melhor que isso. O que mais ela quer?

— O poder aqui nos Estados Unidos? Mandar em um país nunca é ruim.

— Vamos voltar ao básico. Persefone é uma leal empregada da Pentex. O que a Pentex quer?

— Destruir o mundo?

— Muito bem. Portanto, o que Persefone quer?

— Destruir o mundo, ok. Mas pelo que pesquisamos, a Pentex apoiou os últimos sete presidentes dos EUA para chegarem ao poder. E isso nunca fez diferença nos planos deles de destruir o mundo.

— O que eu mandei você e Tony roubarem em outubro?

— Uma das amostras de sangue dos exames que Obama fez. Mas você não pediu realmente para roubarmos. Você pediu para Tony experimentar o sangue, para descobrir... algo. E para devolvermos a amostra depois disso. Não entendi bem porquê.

— Mesmo que vocês tenham se teleportado para dentro do laboratório, se uma amostra de sangue do candidato favorito à presidência tivesse desaparecido, o FBI daria

prioridade ao caso. E prefiro não ter esse tipo de propaganda. E já que você não lembra., Soojin; Tony, o que você descobriu sobre a amostra de sangue?

— Bem, Obama não é um vampiro, como aqueles comícios durante o dia sugeriam. Mas ele tem... o sangue dele tem gosto de sangue vampírico. Como se ele tomasse sangue vampírico, ou coisa assim. Como o sangue de um carniçal.

— Ok. Se Obama for um carniçal, e Persefone, uma vampira, usou todos os recursos que tinha disponíveis para elegê-lo à Presidência dos EUA, qual vampiro é o mestre de Obama?

— Persefone?

— Ou ela, ou seu simpático sire, Harold Zettler. Portanto, precisamos matar os dois. Antes de 20 de janeiro. Por quê?

— Esse é o ponto que não faz sentido, Steve. Ok, eles têm o presidente dos Estados Unidos na manga, mas eles têm o presidente e metade do congresso na manga desde mil novecentos e bolinha e conseguiram uma ou outra lei que queriam, como todo lobista, mas mais nada. Por que agora é diferente?

— Tony, o que você fez quando estava sob o domínio da Valderie?

— Eu...

— Simplesmente fale.

— Eu traí todos os meus amigos. Eu matei a maior parte deles. Eu... bem, eu coloquei o Jake nessa cadeira de rodas, e todos os outros no cemitério. E eu poderia ter morto meu próprio irmão. Que Sacs não tenha morrido foi pura sorte. Fora... eu preciso mesmo continuar?

— Não sei. Você conseguiu entender, Soojin?

— Os vampiros tem rituais que podem enlouquecer as pessoas?

— Não. Os vampiros têm rituais que podem subjugar completamente a vontade de uma pessoa, de forma que essa pessoa trairia tudo o que é mais importante para si. São dois esses rituais. A Valderie subjuga a mente de um vampiro à de um grupo. E o Laço de Sangue subjuga a mente de uma pessoa à de um único mestre vampiro. Obama é humano, portanto, ele sofreu um laço de sangue. Creio, inclusive, que ele seja uma boa pessoa. Mas no momento, ele pertence a Persefone. Ou a Zettler. E irá fazer qualquer coisa que eles mandarem.

— Tá, ele pode colocar a economia mundial em frangalhos... puxa vida, ela já está. Talvez ele comece uma guerra... o tal do Bush que você ajudou a eleger já fez isso. O que ele realmente pode fazer de tão mal?

— Ele tem acesso ao botão vermelho de destruição do mundo. — Mina murmurou.

— Ele não pode começar uma guerra mundial do nada. Mesmo o Presidente dos EUA não tem poder para isso.

— Ele não vai começar do nada, Soojin. — Mina suspirou. — Os Illuminati não são apenas dos EUA. Há Illuminati na Rússia, também, até na China. Na Europa inteira, em Israel. Ela simplesmente vai fazê-los instigar problemas, bastaria um empurrão. E o Presidente dos EUA irá iniciar uma guerra nuclear em resposta a ataques prévios e pura auto-defesa. Eu apostaria que em algum lugar bastante próximo da Rússia. E que o tiro irá errar o alvo... como eles erraram quando bombardearam a embaixada chinesa na Sérvia no dia em que os chineses estavam fazendo uma recepção, sabe, um erro terrível. Os russos não precisam de muita trela para aceitarem o desafio, se uma bomba nuclear cair em seu território. E apesar de sucateado, o arsenal nuclear da Rússia ainda é atemorizante.

— Não tanto quanto o dos Estados Unidos. — Sacs murmurou.

— Vocês seriamente acham que isso pode acontecer?! — Soojin exclamou. — É loucura.

— Persefone é Malkaviana. — Tony suspirou. — O sangue dela a faz ser louca.

— Você concorda com o plano então, Mina? — Steve sorriu para sua irmã.

— Não. — ela sorriu de volta.

— Por que não? — Steve perguntou. Era um pouco difícil enfrentar os ataques vindos de todos os lados.

— Você vai enviar Tony e Sacs para matar Zettler. E ir apenas com Soojin, Ned e Dave para a festa de Persefone. Isso não vai dar certo.

— Por que não?

— Sacs luta Savate. Tony luta jiu-jitsu. Suas artes marciais são finamente aprimoradas para disputar torneios. Eu treinei ninjutsu por sete anos com um dos maiores mestres do mundo. Ninjutsu. A arte do assassinato. Eles são lutadores, eu sou uma assassina. Essa é a MINHA especialidade, maninho.

— Mina, eu não quero...

— É claro que não quer. Você passou a vida inteira me protegendo. Mas você precisa. Eu sou capaz de entrar no refúgio de Zettler, e matá-lo antes que ele saiba o que aconteceu. Tony e Sacs não são. Você sabe... eles não são discretos. E além disso, você vai precisar deles na festa. Você vai precisar de tantos lutadores do seu lado quanto puder reunir. — Mina estendeu uma carta, endereçada a Steve, mas já aberta, com um sorriso maroto na cara. — Ryu avisa que vai estar na festa, que Chun-li, Ken e Eliza vão com ele, e que deve ser divertido ver Soojin enfrentar Guile. Eu acho inclusive que ele acredita que foi convidado por sua causa.

— Há quanto tempo você está com isso? — Steve suspirou.

— O carteiro entregou ontem. — Mina sorriu inocentemente. — Você vai precisar de back-up, maninho. Pelo que eu entendi da carta de Ryu, Persefone preparou uma lista de convidados recheada de World Warriors. Como a festa vai ter como evento principal uma luta, e entre Guile, um antigo World Warrior e o iniciante que todos estão dizendo que é a cara do Bison...

— Como assim estão falando que sou a cara do Bison? — Soojin reclamou.

— O que você achou que ia acontecer quando sua cara começou a sair em revistas? — Mina afirmou, sem nem sequer piscar. — Mas, continuando... as pessoas estão interessadas, elas acham que comemorar a posse de Obama faz sentido e Persefone fez sua lição de casa. A nata da nata vai estar reunida nessa festa, e eu não creio que eles vejam com bons olhos a idéia de matar a anfitriã. Até porque essa Persefone parece uma menininha de dezessete, e a maioria dos nobres World Warriors está convencida de que ela é simplesmente uma rica herdeira, inofensiva como a Paris Hilton.

Steve suspirou.

— Você está certa. Eu vou precisar de Sacs e Tony comigo. E se deixarmos para matar Zettler depois de enfrentarmos Persefone, ele certamente terá mudado de refúgio.

— Então? Eu vou. Você precisa de um assassino.

— Posso chamar Vega.

Uma almofada voou para cima de Steve. Ele riu. Assim como Bison não poderia manter Soojin um segredo por toda sua vida, ele não podia manter Mina em segurança por toda sua vida.

— Está bem, você pode ir. Mas vai revisar com Jake toda a informação que conseguimos sobre Zettler. E me prometer que irá tomar cuidado.

Mina colocou os dedos em cruz e beijou-os, sorrindo.



Steve deixou que o revistassem, o que foi breve. Os seguranças se voltaram para os outros, sendo mais cautelosos. Do mesmo modo que ele sabia quem Persefone era, ela sabia quem ele era, e esperava que seus capangas estivessem armados, não ele.

Steve parou para observar. Os convidados não estavam armados, mas os seguranças estavam. E não era com simples revólveres. Nenhum deles parecia ser completamente humano. E, como ele esperava, Persefone veio recebê-lo pessoalmente. Sua curiosidade a levou a fazer esta armadilha, e ela não tinha nenhum motivo para esperar.

— Steve Mac Tyler. Eu esperava você. Ouvi falar tanto sobre você, mas nunca consegui conhecê-lo. — ela parecia ter dezessete anos, mas o tipo de dezessete anos que conduz os homens à cadeia. Seus movimentos eram elegantes e discretos, suas feições como as de Guinevere, capazes de destruir um reino. Ela sorriu, encarando Steve, que, ao invés de desviar seus olhos, olhou profundamente nos olhos dela.

— É um prazer, Persefone. — ele não beijou a mão que ela lhe estendia, mas apertou-a. Como se apertasse a mão de um homem. — Estes são os meus meninos.

— Eles parecem um tanto velhos para serem chamados de meninos. — Persefone murmurou, desviando seus olhos, como se Steve tivesse lhe dado um soco, ao invés de apertar sua mão. Ele a viu fitar um dos seguranças, e notou que o segurança dava de ombros. Ela cerrou os dentes, e tentou encarar Tony, mas Sacs se interpôs entre eles.

Esse era o ponto em que Steve modificara seus planos. Inicialmente, Steve pretendia ser a isca ele mesmo. Sabia que tinha algo que Persefone queria e desejava, afinal. Mas Sacs, conversando com ele sozinho, lhe pedira para mudar essa parte do plano, a que mais incomodava todos os seus homens. Ele garantira que seria capaz de atrair, ele mesmo, Persefone para um canto. Insistira tanto nisso, inclusive, que Steve tinha certeza de que ele faria algo sobrenatural. Se Steve pudesse desviar a atenção dos World Warriors, Sacs dissera, ele faria Persefone afastar-se da multidão da festa. E então, Ned, Dave e Tony teriam o direito a um golpe, no correr da armadilha. Três chances de conseguirem. Desde que Sacs pudesse cumprir a sua parte.

Steve não sabia exatamente o que Sacs pretendia fazer, pois ainda não descobrira a natureza exata de seu amigo, em respeito à vontade dele de mantê-la em segredo. Chegara a um passo de perguntar-lhe, pois não gostava de planejar no escuro, mas decidira-se por simplesmente confiar. Agora, naquele olhar, saberia se tinha acertado ou não.

Sacs não disse nada apenas encarou Persefone. Esta arregalou os olhos, e Steve viu-a lamber os lábios como uma gata observando um ninho de pássaros. A reação o preocupou, e ele quase modificou o plano novamente. Mas fitando os dois, percebeu que não era mais possível. Persefone tinha encontrado algo que desejava mais do que qualquer jogo com Steve. Este podia apenas confiar na capacidade de seu segundo em comando.

— Fiquem à vontade. — Persefone disse, se recompondo. — Você, — ela disse, apontando para um dos seguranças. — leve Soojin até seu camarim para que ele possa se preparar para a luta.

— Steve! — Ryu sorriu, se dirigindo para onde eles estavam. Persefone aproveitou para se afastar. Tony a seguiu, o mais discretamente que podia, mantendo uma certa distância entre eles. — Faz tempo que não o vejo. Sacs, tudo bem? E... — Ryu olhou estupefacto para Soojin. Ele não lia a Fighters Magazine, mas tinha ouvido os boatos. — Não pode ser verdade.

Soojin sorriu. Tinha pensado, e conversado com Mina sobre isso. Portanto, não hesitou em responder:

— É claro que é.

— Você é um clone? — Ryu perguntou, ainda mais espantado com a afirmação sincera de Soojin.

Soojin quase caiu na gargalhada. Ok, não estava preparado para isso.

— Não. Desculpe, achei que você estava perguntando sobre outra coisa. E eu acho que tenho que ir me preparar.

Ryu ainda o fitou por algum tempo. Steve sorriu:

— Ele é filho de Bison, mas não um clone.

— Eu não acreditaria que Bison pudesse ter tido um filho. Mas o chi deles é idêntico. Como eu não notei isso antes?

— Eu não deixei. — Steve disse.

— Eu deveria ter percebido mesmo assim.

— Você tem sua especialidade, eu tenho a minha, Ryu. Eu precisava proteger o garoto.

— Eu nunca faria mal a uma criança. — Ryu respondeu ofendido.

— Você não. Mas você é sincero demais. — Steve retrucou.

Os outros já haviam saído de perto, como era combinado. Ryu estava conduzindo Steve para a mesa onde ele estava, junto a Chun-li, Ken e Eliza. Na mesa ao lado, Steve notou Cammy, Thunderhawk, Dee Jay e Karin. Uma breve vista de olhos pelo salão o fez ver que, felizmente, apesar dos números naquelas duas mesas, já mais do que suficientes para vencê-los a todos, se os World Warriors interferissem, os lutadores convidados tinham realmente se aglomerado naquele canto, provavelmente por preferirem os rostos conhecidos. O único outro World Warrior ali era Guile, que chegara ainda depois do atraso proposital de Steve.

— Concordo. O Ryu é sincero demais. Sobre o que vocês estão falando? Oi Steve!

— Ken sorriu.

— O adversário de Guile, Soojin. — Ryu resmungou, ainda ofendido.

— Ih, por que a cara feia?

— Steve afirmou que ele realmente é filho de Bison. E que manteve isso em segredo...

— Bison tem um filho?! — Cammy, da outra mesa, exclamou indignada. Faíscas de chi brilharam ao redor de seu corpo, tantas que seus olhos pareceram ficar escuros sob o brilho.

— Como eu disse, Ryu... — Steve deu de ombros. Ignorou a lutadora em fúria, ao invés disso cumprimentando Ken, beijando a mão de Eliza e se apresentando para Chun-li.

Ryu observou Cammy, como se a reação dela fosse alienígena.

— Você tem razão. — admitiu para Steve. — Mas ainda me sinto envergonhado por ter sido enganado. Eu deveria ter notado antes.

— Como você se tornou empresário do filho de Bison? — Chun-li perguntou. Ryu já havia mencionado sobre Steve para ela, já que esperava apresentá-lo naquela festa.

— Ele é meu filho adotivo. — Steve respondeu.

— Hum... isso é bom, eu acho. Mesmo que Bison tenha tido um filho, me parece melhor pensar que ele não o criou. — Chun-li raciocinou, tentando manter a conversa educada. Apesar do que Ryu lhe tinha dito sobre o homem na sua frente, Chun-li preferia

esperar para julgar ela mesma. As histórias de Ryu e Ken eram simplesmente estranhas demais.

— Ele é empresário dele? O sujeito é o moleque que vai lutar essa noite? — Cammy se voltou, raivosa, na direção de Steve, cansada de ser ignorada. Quando o encarou, porém, titubeou. — Eu... eu conheço você? —

Steve olhou para ela. Os cachos loiros e olhos azuis até poderiam ser... mas a idade, não.

— Eu não creio.

— É estranho, eu tenho quase certeza que conheci você. Eu me lembro de uma masmorra... de uma luz forte... deveria doer, eu acho... mas aí você saltou na minha frente e...

— Aquela menina tinha no máximo onze anos, em 1999. E você já tinha deixado a Shadaloo nessa época, Cammy.

— Spooky! — Dee Jay comentou.

— Então isso aconteceu? — Cammy arregalou os olhos.

— Não aconteceu com você. — Steve ergueu uma sobrancelha.

— A luz era Bison, não era? Ele queria matá-la... Você foi honrado... — Cammy falou, como se em um transe.

— Não eu não fui. E se de alguma forma bizarra você tem memórias do que aconteceu com aquela criança, você deveria saber disso. — Steve olhou para o líquido nos copos. Estavam servindo um vinho tinto espesso, quase viscoso. Cammy tinha uma taça. — Você vem sempre em festas como essa?

— É minha primeira vez. Olhe, a luta vai começar. — Cammy virou-se como se caminhando em um sonho, procurando um melhor lugar.

— Ryu, você bebeu do vinho? — Steve murmurou.

— Não. Prefiro água.

— Ótimo. Não beba o vinho. Se puder, não beba nada.

— O que está errado, Steve? — Ken perguntou, colocando a sua taça de vinho de lado e tirando a taça de Eliza da mão dela. — O que acabou de acontecer com Cammy?

— É uma longa história. Eu não creio ter tempo de explicá-la.

— Cammy não parecia estar bem. — o índio gigantesco da outra mesa falou. — O que há de errado com o vinho?

— Eu não sei. Mas talvez esteja...

— Humpf. — Dee Jay sorriu. — Eu estou em minha SEXTA taça. E não me aconteceu nada. Cammy só não consegue agüentar bebida, é isso. Além disso, quem diabos é você?

— A luta realmente está começando. — Ryu disse. — Seria educado se assistíssemos.

Ken, Eliza e Chun-li se levantaram. Thunderhawk, depois de um bater de ombros, levantou-se também, Karin, quieta, mas sem beber mais vinho, também levantou-se, e Dee Jay, a contragosto, seguiu-os. Começaram a se dirigir para a platéia do ringue. Aqueles que não estavam prestando atenção na luta, estavam vigiando Steve. Por enquanto, as coisas estavam bem.

Sacs se isolou em uma das sacadas mais afastadas do corpo principal da festa, um lugar adorável protegido por cortinas translúcidas, que deixavam entrever o que acontecia no salão, mas barravam a vista da sacada. Era um canto preparado para os casais que sempre se formam em festas, voltado para uma esplendorosa vista do oceano, mas, no

começo da noite como estavam, ainda vazio. Não era difícil escolher aquele como o melhor lugar para a armadilha. É claro que Persefone também sabia disso, mas Sacs contava com a isca que jogara.

Ao invés de observar o mar ou o céu estrelado, Sacs encostou-se de costas para a vista, observando os convidados. Havia oito World Warriors ali, mas a escolha de Persefone quanto a eles não era tão ruim como poderia ser. A maioria dos World Warriors presentes podia ser classificada dentro do grupo que tendia a pensar mais e ser menos impulsivo. Alguns deles já conheciam Steve e eram seus amigos. Com sorte, teriam alguns segundos.

Persefone trouxera um coral infantil para cantar no salão. Havia pelo menos cinquenta crianças espalhadas, se divertindo na festa "adulta" agora que sua obrigação com o coral tinha terminado. Os seguranças... nenhum deles era humano. E havia um grande número deles. Contando as crianças, eram cerca de uma centena de convidados. E cinquenta seguranças. Persefone tinha construído a festa cautelosamente, dificultando ao máximo qualquer iniciativa violenta por parte da Shadaloo. Ela queria acesso direto a Steve, tentar ler-lhe os pensamentos, talvez enganá-lo para que, em algum momento, ele se tornasse mais uma das criaturas dela. Mas se cercara de todas as precauções possíveis para conseguir isso.

Observou Steve distraído os World Warriors. Não demorou um minuto para que ele tivesse a atenção completa deles. Bom. A luta de Soojin e Guile foi iniciada. Soojin estava sob ordens estritas de fazer com que a luta demorasse tanto tempo quanto possível, e fosse tão espetacular quanto possível, também. Quando Soojin pisou no ringue, Sacs teve a certeza de que ele conseguiria. Embora tivesse entrado na festa vestido elegantemente de fraque, Soojin trocara suas roupas para a luta.

Aparentemente, depois do primeiro choque em perceber que seu segredo não era mais um segredo, Soojin decidira se divertir.

Com um uniforme igual ao do seu pai nos mínimos detalhes, da boina à capa esvoaçante, mas em um tecido de um negro profundo, ao invés do vermelho do uniforme de Bison, Soojin entrou para o ringue encarnando tudo o que a maioria dos World Warriors daria a vida para parar. Seu chi faiscava e brilhava espetacularmente. As faíscas formavam uma hidra de três ameaçadoras cabeças às costas de Soojin, com as garras dianteiras pousadas sobre o ombro dele, perfeita até a última escama esverdeada de suas longas asas. À frente dele, Guile, vestido com seu tradicional uniforme militar americano, parecia pequeno, fraco e velho, mas ao mesmo tempo, com suas feições de GI Joe, e o fraco brilho azul de seu chi, parecia um Davi enfrentando um Golias, um humano bem intencionado, um herói enfrentando um demônio. Soojin arranjara até as sombras que caíam sobre o seu rosto para parecer demoníaco.

A reação da platéia era a esperada.

Os políticos e outros convidados "civis" que nada esperavam da luta, tirando talvez uma demonstração de boxe e violência (mesmo que nenhum dos dois lutadores fosse boxeador) estavam de queixos caídos. Alguns procuravam inocentemente por projetores ou alguma outra coisa que pudesse estar criando aqueles efeitos especiais, outros estavam apenas assistindo de olhos fixos como se desviá-los pudesse fazer aquelas maravilhas irem embora.

As crianças, fascinadas, tinham se jogado às cordas do ringue, se amontoando para conseguirem ver melhor. Era como se um desenho animado estivesse acontecendo ao vivo à sua frente, e aquelas crianças de orfanato jamais tinham visto algo tão espetacular.

Os World Warriors presentes, mesmo Ryu e Ken, deixavam escapar faíscas de chi, de tão tensos. Sua atenção estava completamente presa ao ringue, agora. Alguns deles, aparentemente, só não tinham saltado para o ringue porque algum senso de esportismo ainda os lembrava que a luta era de Guile.

Mesmo os seguranças tinham mudado suas posições para verem melhor.

Aquela cena tinha sido cuidadosamente estudada. A hidra que se debruçava sobre os ombros de Soojin era uma reprodução de imagens sagradas da Verme, algo que certamente acenderia o imaginário de todos aqueles fomori reunidos ali. O uniforme de Bison não fora uma escolha accidental, e fora feito pelo mesmo alfaiate de Bison em Mriganka, rapidamente mas com capricho. Soojin concordara em representar o papel de demônio, e estava se divertindo com ele. E o mais engraçado é que além de tudo, ele era uma das poucas pessoas que não estavam prestando plena atenção no ringue.

Persefone era telepata, mas os talentos de Soojin tinham sido polidos com mais esmero. Além da sua incrível demonstração de talento artístico com seu chi, Soojin estava protegendo as mentes do grupo, para que Persefone não pudesse lê-las e descobrir o plano com antecedência. E tinha feito os seguranças acreditarem que ninguém no grupo usava armas.

Dependendo do quanto Guile conseguisse impor-lhe dificuldades, a proteção que Soojin oferecia aos outros poderia esmaecer, mas ao ver a hidra de chi abrindo a boca, sibilando e lançando suas garras contra Guile em uníssono com os golpes e movimentos de Soojin, Sacs duvidou que Soojin estivesse se sentindo cansado.

Fechou os olhos, deixando as ondas de emoção que irradiavam da platéia, das crianças, de todos ali, o atingirem, aumentando suas próprias reservas de energia. Quando se sentiu plenamente recomposto, fez algo que não fazia há anos: usou sua magia de uma forma que não envolvia, em absoluto, gelo. Bem, na verdade, assoprou sobre seus dedos, em direção ao salão de festas, um sussurro suave, e estava tão acostumado ao gelo que desse sussurro escaparam alguns flocos de neve, antes que ele chegasse em seu alvo.

E então, uma das poucas pessoas que não estava olhando fascinada para o ringue aproximou-se dele. Sacs abriu os olhos.

Ele tinha prometido a Steve que conseguiria fazer a vampira afastar-se do burburinho da festa. Mais uma vez, Sacs não dissera como era capaz de fazer isso, e Steve não perguntara. Ele chegara a um fio de cabelo de perguntar, mas confiara nele. Parte da energia que Sacs tinha para usar agora vinha dessa confiança, e ele não pretendia atraí-la.

A menina poderia ser bonita, se alguém gostasse de cadáveres. Aos olhos de Issacson ela não conseguia esconder sua verdadeira natureza, e os olhos azuis estavam baços com a morte, a pele tinha o palor dos cadáveres, o perfume era o de carne podre e os cabelos de trigo dourado eram quebradiços e caíam em tufo. Tony era assim, mas Tony não deixara sua alma morrer, como aquela menina deixara. Sacs, confrontado com o demônio que Soojin fingia ser e o demônio que se aconchegava a ele, sabia muito bem qual era o verdadeiro.

Ela também seria capaz de ver o seu segredo, ele sabia. Ele representava tudo o que ela não era. Honra, força, emoções, vida. Todas as histórias que Sacs conhecia, e ele conhecia várias, contavam sobre como Malkavianos, ao se defrontarem com alguém como ele, de imediato desejavam tudo aquilo que não podiam ter. O encanto que lançara fora apenas para aumentar esse desejo, não para criá-lo.

Persefone começou a falar com ele, polida, delicada e curiosa, mas Sacs não se deu ao trabalho de ouvi-la. Deixou-a falar, e, quando a corrente de palavras cessou, beijou aqueles lábios frios com hálito de cadáver, estremecendo quanto à simbologia disso.

A vampira foi pega de surpresa, e então, Sacs mordeu sua própria língua, forte o suficiente para fazer correr sangue. Quando as primeiras gotas de sangue tocaram a língua de Persefone, ela enlouqueceu. Mordeu a língua de onde o sangue escorria, sugando-o com força. Quando julgou que fosse suficiente, Sacs teve que empurrá-la para longe de si, e ela quase lhe arrancou a língua.

Sacs não contara a Steve tudo o que pretendia fazer. Ele sabia exatamente o que o seu sangue podia fazer a um vampiro. Ela ficaria incapaz de pensar ou reagir, sua mente deixando seu corpo. Mesmo que Dave, Ned E Tony errassem o primeiro golpe, ela não teria tempo de pedir ajuda. Se Soojin continuasse mantendo a atenção de todos como estava, ninguém nunca notaria.

Persefone rosnou, e entre as maldições de seu sangue Malkaviano e o sangue que bebera, a inteligência deixou completamente seus olhos. Sacs sorriu. Agora seria muito mais fácil.

O salão inteiro estremeceu. Sacs deu um passo para trás. Aquilo não estava nos planos.

Algo negro, viscoso e fétido começou a escorrer de Persefone, formando uma poça aos seus pés. Issacson lembrou-se de algumas das histórias que contavam o porquê de Malkavianos desejarem o sangue faérico.

Dave e Ned estavam atentos, seguindo Sacs à distância. Sacs dissera que atrairia Persefone, e eles só teriam que esperar o momento certo, enquanto todos olhavam para o ringue e a vampira se encontrava isolada. Não confiavam totalmente na capacidade do guerreiro de gelo de atraí-la, mas Steve confiara, então, estavam esperando sua deixa. Ned riu quando viu Sacs agarrar a menina bonita, lhe tascando um bruto beijo de língua. Se arrependia de não ter se oferecido para isca, agora que via no que consistia o trabalho.

Mas, mal Sacs a empurrou para longe de si, eles acenaram um para o outro. Estavam acostumados a lutarem juntos, e cada qual teria um golpe. Os seguranças não haviam notado as facas que traziam nas mangas. As lâminas estavam afiadas como bisturis, e esse era o trabalho deles. Com Persefone distraída por Sacs, a festa distraída por Soojin, e quaisquer World Warriors desgarrados distraídos por Steve, eles precisavam apenas acertar um golpe, pelas costas. A cabeça de Persefone precisaria rolar. Vampiros decapitados morrem. A sacada era o lugar ideal para isso, pois os restos de Persefone se tornariam cinzas, seriam levados pelo vento, e as facas, eles atirariam para longe, no mar.

Eles não tiveram tempo de notar o líquido negro escorrendo de sua vítima, antes de saltar. E no meio do salto, a massa negra se insurgiu como tentáculos, agarrando os dois ainda no ar. Espalhou-se pelo corpo deles como ácido, queimando, corroendo pele, carne e ossos. Dave e Ned gritaram.

O feitiço que fazia com que todos olhassem para o ringue foi quebrado. As pessoas olharam na direção dos gritos, e seus olhos foram violentados por algo que não deveria existir.

Sua anfitriã era agora um cadáver, mas um cadáver que gritava e mostrava presas e garras, sangue pingando de suas presas. Mas a massa negra que escorria dela... a massa negra que estava dissolvendo os corpos de dois homens que gritavam como se estivessem no inferno, a massa negra que crescia na sua direção...

E então, foi uma questão de segundos.

Sacs entendeu que estragara tudo, e devia ter adivinhado isso. As histórias eram sempre claras sobre o que acontecia quando se beijava os lábios dos mortos. Ele banira a mente de Persefone, mas provocara uma maldição em troca, que, com sorte, levaria apenas a ele, mas que colocava em risco todas as vidas naquela festa. Havia uma única coisa que podia tentar, agora.

Com um urro de guerra, jogou o seu segredo fora.

A atenção de Tony Belmonte não havia se desviado de Persefone em nenhum momento em toda aquela festa. Isso não impedira que fosse surpreendido. Primeiro, pelo quão ansiosa ela parecera ir, para procurar seu irmão, assim que os outros convidados da festa deixaram de exigir sua atenção, fascinados pela luta no ringue. Depois, por seu irmão agarrá-la e beijá-la daquela forma. E então, o líquido negro começara a escorrer dela, e quando Ned e Dave atacaram como era o combinado, o líquido negro os atacara de volta.

E então, seu irmão se tornou em um gigante. Como os gigantes das histórias que sua avó por vezes contava. Um troll. Ele se jogou contra ela e segurou-a. Os tentáculos negros se jogaram contra suas pernas, e o gelo travou uma batalha com o que quer que aquilo fosse, congelando o líquido negro, que ainda assim parecia se revolver, trincando o gelo que o segurava. Sacs fitou Tony com olhos desesperados. Tony sacou a sua lâmina e saltou, gritando o grito Brujah de guerra: Força e Velocidade, Urruh!

As crianças gritaram e correram para dentro do ringue, desesperadas, correndo da massa negra pelas suas vidas. Soojin interrompeu o golpe que preparava contra Guile, tornando-o em uma defesa, antes que o Coronel atingisse uma das crianças com o seu Sonic Boom. A hidra de escamas verde enegrecidas que seu chi formava transmutou-se em um dragão prateado, cobrindo protetivamente as crianças com suas asas, enquanto Soojin tentava descobrir o que tinha acontecido. Ned e Dave estavam gritando, Sacs estava gritando, Tony estava gritando, aquilo não podia ser nada bom.

Ryu voltou-se para os gritos de agonia. A anfitriã da festa gritava, sendo agarrada por Sacs, que de alguma forma parecia maior do que ele se lembrava, e Tony estava a se aproximar dela com presas de fora e uma espada na mão. E todos, ao invés de fazerem alguma coisa, estavam gritando em pânico.

Ergueu os seus braços; ele não ficaria parado ante a uma coisa assim. O chi começou a se concentrar em suas mãos.

Steve teve apenas segundos. O plano estava a correr bem, todos estavam olhando para o ringue como devia ser, emocionalmente amarrados por toda a simbologia que tinham acumulado na cena. Sacs tinha atraído Persefone para uma das sacadas, fora da vista de todos. E então, ela se transformara.

O sangue de Steve se gelou em suas veias. Já tinha cogitado essa hipótese, mas essa era uma apenas das possibilidades, e Steve cometera o erro de não investigar o segredo que Sacs queria manter. Mas quando o sangue do guerreiro de gelo (era a única coisa que ele podia ter feito que teria um efeito tão brutal) provocou aquela mudança em Persefone, Steve soube. Apenas sangue faérico teria tal efeito em um vampiro.

A maioria dos vampiros eram envoltos por alucinações se tomavam sangue faérico. Se tornavam incapazes de reagir com o mundo exterior, e presas fáceis. Era certamente o que Sacs pretendia.

Mas quando o sangue do vampiro era poderoso, quando sua mente já não estava exatamente no mundo real, outras coisas podiam acontecer. O sangue vampírico e o sangue faérico se uniam, abrindo portais para lugares que não se deveria alcançar. E à medida que a massa negra escorria para fora da vampira, dissolvendo aquilo que tocava, queimando e corroendo, Steve soube que um dos portais tinha se aberto. A hidra que Soojin tinha copiado em seu chi não era uma representação muito acurada de Verme.

Algumas pessoas gritavam horrorizadas e corriam com medo, principalmente as crianças; os olhos de outros estavam desfocados, como se os olhos vissem mas suas mentes se recusassem a ver. Névoa se formara no salão, e Steve sabia que isso era a forma do mundo faérico de se defender. Aquelas pessoas capazes de acreditar veriam, mas os céticos, os racionais, veriam apenas o que queriam ver.

Sacs chamou a sua forma verdadeira, e segurou Persefone, atraindo a atenção da massa negra para si, mas mesmo como a formidável geleira contra a qual aquela torrente negra se chocava, ele não seria capaz de resistir por muito tempo. Tony avançou com sua velocidade Brujah e a espada nas mãos, mas Steve sabia que, agora, cortar a cabeça de Persefone não era mais suficiente.

Era necessário fogo, era necessária energia completamente inimiga à natureza daquilo que estava entrando, algo puro e bom. E em enorme quantidade. Só um sacrifício desses seria capaz de fechar o portal.

Seus olhos se voltaram para Ryu. Ele teria o poder suficiente, se agissem rápido, antes que a criatura que atravessava o portal terminasse sua travessia. O olhar vago, fixo no infinito e ainda assim inquieto, porém, demonstrava que Ryu estava envolto pelas névoas. Preparava um golpe, mas não estava completamente ali. Não havia tempo para explicações que as névoas o impediriam de ouvir. Quando portais desses se abrem, nunca é uma boa idéia esperar até que a criatura por eles está vindo termine de sair.

As possibilidades correram pela mente de Steve, mas só uma tinha chances razoáveis de sucesso.

— Ryu, eu sou o responsável por tudo isso! — Steve gritou, saltando para colocar seu corpo na direção certa... na direção exata.

Antes que Ryu conseguisse pensar, confundido pelas névoas, os seus instintos guerreiros o sobrepujaram, e o hadouken saltou de suas mãos. O fogo atravessou Steve como se ele fosse uma folha de papel, e atingiu Persefone em cheio.

Os seguranças mais rápidos e menos humanos atiraram. Tony foi trespassado pelas balas no ar, e o impacto fez seu salto cair para além da sacada. Sacs também foi atravessado pelas balas, mas como uma geleira, agüentou. O impacto da bola de fogo, porém, chegou até ele. Ouviu o grito de Persefone, como o de uma hárpia lamentando-se, e o monstro que segurava tornou-se em cinzas. Caiu de joelhos, sua resolução o deixando agora que o inimigo não estava mais ali. Sua alma faérica começou a lentamente a retornar para o Sonhar, deixando apenas seu corpo humano... o corpo que tinha sido atingido pelos tentáculos ácidos, pelas balas dos seguranças, pelo hadouken de Ryu. Isso era mais do que qualquer corpo humano seria capaz de aguentar.

A massa negra, com seu portal destruído, gritou como todos os demônios do inferno. Soojin percebeu que ela estava sendo tragada de volta para o lugar de onde viera, mas não pretendia ir sem luta. Esforçando-se ao limite de seu chi, aumentou as asas do dragão de chi que tornara em escudo, para envolver todos os que estavam ali. O último ataque da massa negra cobriu as asas do dragão, fazendo Soojin gemer de dor, abrindo

feridas no garoto mas incapaz de chegar às pessoas que ele protegia. E então a massa negra desapareceu.

O salão ficou quieto. Silencioso. Soojin deixou o dragão prateado de chi desaparecer. Tinha crianças em seu colo, assim como Guile, e o ringue estava coberto de criancinhas em pânico ainda, aterrorizadas demais para se moverem, várias delas o abraçando desesperadas por segurança. Os outros convidados, os seguranças, começavam a se recuperar.

Steve jazia no chão, cortado em dois pedaços, e a maior parte de seu corpo parecia ter sido queimada. Seu rosto, porém, estava sereno. Alguns poucos ossos com aqui e ali um pouco de tendão era tudo o que restava de Ned e Dave. O corpo de Sacs estava queimado por fogo e ácido, perfurado por mais de trinta balas. Tony tinha caído ao mar.

Soojin levantou a mão num soco, cuidadosamente controlado para não ferir nenhuma das criancinhas por perto, e fez Guile ir a nocaute. Os outros World Warriors presentes, com a exceção de Ryu, que ainda estava olhando horrorizado para o corpo de Steve, olharam para ele. Sangue escorrendo por cada pedaço de sua pele, exausto e ferido, seu uniforme da Shadaloo ainda mais parecido com o do seu pai agora, todo manchado de vermelho, Soojin acenou para eles e, reunindo suas últimas forças, se teleportou para fora dali.



O refúgio tinha tantas defesas quanto podia, e o de mais moderno em material de segurança, mas Mina deslizou por ele como uma sombra. O vampiro que ela tinha que assassinar estava acordado, pois era noite. Ele era capaz de ver, ouvir e sentir mais do que um humano, com seus sentidos sobrenaturais vampíricos. Mas ela sabia o que estava fazendo, e ele jamais a notou. Ele estava sentado lendo, e nunca percebeu o fio de prata que passou por alguns segundos à frente dos seus olhos, antes de cair até a altura do seu pescoço. Tudo o que faltava a Mina era um último puxão, e a cabeça de Harold Zettler seria cortada para fora de seu pescoço antes mesmo que ele percebesse que havia alguém ali, atrás dele, a poucos centímetros de si.

E então os olhos de Harold Zettler se arregalaram e ele gritou, desesperado:

— Perseeeeeeeefone!!!

Mina puxou os fios do garrote, com toda a sua força, cortando a cabeça fora. O corpo se tornou em um monte de cinzas. Mas os guardas tinham sido alertados. Entraram na sala antes que ela tivesse tempo de desaparecer.

Ela sorriu e levantou as mãos. Melhor ser presa que morta, era o que Fábio sempre dizia.



Steve viu um sujeito loiro, de olhos azuis e grandes asas de penas brancas à sua frente, e desejou que ele estivesse usando mais do que uma tanguinha, por mais que anjos em teoria fossem seres assexuados.

— Eu vim lhe levar. — o anjo disse.

— Eu achava que tinha um acordo com o outro lado. — Steve respondeu. — Além disso, não sou exatamente material para o andar de cima.

— Isso, ele tem um acordo conosco. Sai para lá, frangote. — uma voz disse, atrás de Steve. Ela pertencia a um sujeito vermelho, com patas de bode e chifres. Steve tentou suspirar com a obviedade, mas descobriu que almas não respiram.

— Absurdo. Você se sacrificou para impedir que uma criatura pior que o pior dos demônios pudesse ter acesso à Terra. Em um plano que tinha como objetivo impedir uma criatura corrompida de causar uma guerra nuclear, que, por sinal, realmente estava nos planos dela. Devolveu a liberdade a um guerreiro da liberdade e da esperança e...

— Eu cumpri meu acordo. — o demônio retrucou.

— Ah, mas isso não é verdade. Tanto Kodora quanto Mina eram capazes de adivinhar os pensamentos de Steve, e a palavra exata que ele usou foi "pessoa" não "homem"...

Steve fitou os dois. O anjo tinha mencionado algo extremamente importante.

— Senhor Anjo, Kodora, ela se suicidou para me proteger. Eu me pergunto se ela está nos domínios dos quais você é guardião.

— Veja bem... o suicídio é um pecado mortal, e impossível de ser perdoado porque...

— Senhor demônio, — Steve disse, virando-se de costas para o anjo — Estou honrado em cumprir o acordo que fiz com você.

O sujeito vermelho sorriu vitorioso, fazendo um gesto obsceno para o anjo.

— Ótimo. Estamos precisando de oficiais lá embaixo.





Guile preparava-se para pedir um café para sua secretária, quando ela caiu no chão. Inclinou-se para ver o que tinha acontecido, preocupado, e percebeu que ela estava... dormindo?

— Bom noite, Coronel. Não se preocupe, ela vai acordar em breve. — Soojin afirmou. Guile se voltou para ele, furioso consigo mesmo por não ter percebido o garoto antes.

— Veio terminar a nossa luta, demônio?

Soojin pegou uma maçã na fruteira que havia sobre um aparador do escritório de Guile, e mordeu-a.

— Claro que não. Lembra, eu o nocauteei. Nossa luta já terminou. — ele falou, de boca cheia. Engoliu o pedaço de maçã e continuou. — Eu vim buscar os meus amigos.

— Eu não sei do que você está falando.

— Guile, você sabe que é estúpido mentir para um telepata, certo? Vamos deixar uma coisa bem clara. Não é nem sequer o fato de Jake ter me confirmado que eles estão aqui. Eu saberia do mesmo jeito. Afinal, dezessete tiros, uma queda de sete metros e um dia passado em torpor dentro do mar não são suficientes para matar um vampiro como Tony. E Mina foi capturada na casa de Harold Zettler, não morta. Eu sei disso.

— Claro que ninguém sabia exatamente do que acusá-los, já que não é possível dizer que houve um assassinato quando não há corpo, e além disso, em que outra prisão poderiam colocar um sujeito como Tony? — Soojin continuou, mordendo mais um pedaço de maçã.

— E quando seu amigo Obama o tornou em responsável por este lugar aqui para a "operação de desmanche", eu tive certeza. Então resolvi ajudá-los.

— Eu não quero sua ajuda.

— É claro que não. Por isso é divertido ajudar. — Soojin sorriu, colocando a maçã mascada sobre os documentos de Guile. — Meu colega Raúl aceitou receber os pobres refugiados do império em seu país, enquanto não for possível arranjar-lhes transporte para casa. Para os que não quiserem permanecer em Cuba, claro. Creio que haja vários que vão preferir continuar lutando contra o Império, especialmente depois da experiência que tiveram.

— Você está libertando todos os prisioneiros? — Guile arregalou os olhos.

— Claro. Se eu soltasse apenas Tony e Mina, eu chamaria a atenção. E eu não quero chamar a atenção, meu caro coronel. Pelo contrário. Todos os guardas e funcionários deste lugar sabem muito bem que os prisioneiros só estão sendo soltos e transportados pelas suas ordens. Você assinou todos os papéis necessários, e deu todas as ordens, e embora eles não esperassem que os prisioneiros fossem transportados para Cuba... bem é uma questão de andar apenas alguns passos, então, porque não?

Soojin sorriu ainda mais.

— Claro que os prisioneiros sabem quem os está soltando... mas isso é apenas um pequeno detalhe. Sempre vale à pena, sabe, manter boas relações públicas.

— Eles já iam ser soltos de qualquer maneira.

— Eles ouviram mentiras durante todo o tempo em que estiveram aqui. Por que acha que vão acreditar em mais uma?

— Eu... você não pode fazer isso.

— É claro que posso. — Soojin sorriu. — Eu sou telepata. Aprendi com meu pai a usar os meus poderes. — Soojin, divertido pelos pensamentos de Guile, deu uma gargalhada. — E você acha que meu pai não é capaz de coisas como essas? Por duas vezes ele convenceu o mundo inteiro de que estava morto. Pessoas juram até hoje que o viram morrer. Alguns caras de grosso calibre juram de pé junto que o mataram.

Soojin olhou para Guile, o riso ainda em seus olhos.

— Eu sou o filho de Bison, Guile, e você é apenas um velho barrigudo e patético. Eu tinha medo de você quando eu era um menino, mas eu cresci. E não, não vou me dar ao trabalho de matá-lo. Para quê?

— Agora, com licença. Tenho um encontro com um amigo e com a minha futura namorada. E prometi ao Raúl que tomaria uma dose do excelente rum que eles fazem em Cuba junto com ele, antes de voltar para casa.

Soojin desapareceu. Guile olhou horrorizado para os papéis à sua frente. Todas as ordens de libertação dos prisioneiros, assinadas por ele. E não havia nenhuma maçã.